



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE DOUTORADO

VALDO VIEIRA

**SENTIDOS QUE NORTEIAM A PARTICIPAÇÃO DAS TORCEDORAS NOS
ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Rio de Janeiro
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

VALDO VIEIRA

**SENTIDOS QUE NORTEIAM A PARTICIPAÇÃO DAS TORCEDORAS NOS
ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Psicologia Social.

Orientador: Dr. Luiz Felipe Baêta Neves Flores

Rio de Janeiro
2010

Valdo Vieira

**SENTIDOS QUE NORTEIAM A PARTICIPAÇÃO DAS TORCEDORAS NOS
ESTÁDIOS DE FUTEBOL**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutorado em
Psicologia Social, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Felipe Baêta Neves Flores (Orientador)

Prof^a. Dr^a. Regina Glória Nunes de Andrade

Prof. Dr. Jeferson José Moebus Retondar

Prof^a. Dr^a. Vera Lucia de Menezes Costa

Prof. Dr. Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro

Rio de Janeiro
2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao grande professor Manuel José Gomes Tubino. Hoje ele mora lá no céu, mas a sua presença é tão marcante em minha vida, pelos seus ensinamentos e pela extraordinária e sensível pessoa que sempre foi, que o sinto presente em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Obrigado professor Luiz Felipe, sem o seu estímulo ('lá no ano de 2005'), nem teria iniciado essa marcha. Tenha certeza que guardarei um sentimento de eterna gratidão.

À professora Dr^a. Vera Lúcia de Menezes Costa, a quem tenho extrema admiração, o meu agradecimento por toda a contribuição que tem me dado ao longo dos anos.

Ao professor Dr. Mauricio Murad pelo grande aporte teórico dado em minha qualificação.

Aos professores Drs. Luiz Alberto Batista e Marcos Santos Ferreira, a quem considero amigos, e que foram grandes incentivadores no início do meu processo de desenvolvimento acadêmico.

Ao Dr. Jeferson José Moebus Retondar, excelente professor, amigo e sempre solícito e disposto a ajudar a todos.

Ao Dr. Carlos Henrique de Vasconcellos Ribeiro, pelo apoio e confiança que muito me ajudou.

A todos os professores do PPGPS, em especial às professoras Regina Glória Nunes de Andrade, Ana Maria Jacó-Vilela e Ariane Patrícia Ewald.

Aos orientandos do Dr. Luiz Felipe, Alexandre, Edimilson, José Augusto, Kalyla, Lélío, Rafael Lauer, Sandra e William, que tive a oportunidade de dividir distintas emoções durante o doutorado: de alegrias, apreensões, incertezas,... Mas sem dúvida de extremo crescimento acadêmico.

À UERJ, minha segunda casa, onde concluí dois cursos de graduação e que me concedeu a oportunidade de cursar o doutorado em Psicologia Social.

E para finalizar, à minha família: obrigado por tudo. Sem vocês, não sou ninguém.

EPÍGRAFE

A liberdade do outro amplia a minha ao infinito.
Mikhail Bakunin

SENTIDOS QUE NORTEIAM A PARTICIPAÇÃO DAS TORCEDORAS NOS ESTÁDIOS DE FUTEBOL

RESUMO

Entre as diversas manifestações esportivas, o futebol é o que apresenta maior popularidade no Brasil, sendo conhecido e reconhecido como o Esporte das Multidões. O futebol é um terreno fértil para estudos e reflexões, pois seus simbolismos permitem articulações com outras dimensões da vida social. Entre os atores sociais envolvidos no futebol, destacam-se os torcedores, essenciais para a existência do espetáculo esportivo. São os torcedores que vivenciam e partilham emoções, que percebem e internalizam toda natureza simbólica do futebol, revelando então sua própria natureza. Para os torcedores há um lugar sagrado: os estádios de futebol, verdadeiros santuários de culto a bola, que remetem o espetáculo esportivo a um rito mitificador. Os estádios de futebol estão presentes no imaginário como a 'casa dos homens'. Entretanto cresce cotidianamente o número de mulheres que comparecem regularmente a esses templos do futebol. Empregando o método bola de neve foram selecionadas sete mulheres frequentadoras de estádios de futebol que responderam a uma entrevista semi-estruturada. Com uma abordagem qualitativa, utilizou-se a análise do discurso com o intuito de compreender e analisar a produção imaginária dessas mulheres. Foram encontradas as marcas estádio (com sentido imprevisibilidade, espaço de confraternização, espaço masculino e espaço democrático), gente (com sentido de grupo), homem (com sentido de preconceito e domínio), mulher (com sentido de conquista de espaço, torcedora, companheira e insegurança) e time (com sentido de paixão e zoeira). A interpretação dos dados remete a figura de Dionísio, pelos aspectos do êxtase, do entusiasmo, do prazer, da liberdade, da autonomia, por não se deixar dominar e pela quebra de tabus.

Palavras-chave: Torcedoras. Futebol. Gênero.

ABSTRACT

Among the various sports soccer is widely recognized as being the most popular in Brazil and is even referred to as the "sport of crowds". Soccer is a fertile ground for study and reflection, it's symbolism enabling links with other dimensions of social life. Among the actors involved we highlight the fans who are essential to sporting spectacle. It's the fans who experience and share the emotions, who perceive and internalize all the symbolic nature of the game, thus revealing it's true nature. For the fans there is a sacred place: the soccer stadiums, true sanctuaries where worship of the ball and the show of a sporting rite is mythologized. These stadiums live on in the imagination as "men's houses", however the number of women attending such temples grows daily. Using the snowball method seven women who attended soccer games were selected and enrolled in a semi structured interview. A qualitative approach was used in the analysis of the discourse in order to understand and analyze the production of imagery in these women. We have found the marks stadium (with unpredictable direction, space for socializing, a male and a democracy), people (with a sense of group), man (with a sense of prejudice and field), woman (with a sense of conquest of space, fan, partner and uncertainty) and time (with a sense of passion and racket). The interpretation of the data refers to the figure of Dionysus, the aspects of ecstasy, enthusiasm, pleasure, freedom, autonomy, by not being dominated and break taboos.

Keywords: Fans. Soccer. Gender.

SUMÁRIO

	PROLEGÔMENO.....	11
1.	INTRODUÇÃO	14
2.	PROBLEMATIZAÇÃO	18
2.1	OBJETIVOS	18
2.2	RELEVÂNCIA, JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	19
3.	ESPORTE	20
4.	FUTEBOL	23
4.1	O FUTEBOL - ESPORTE DAS MULTIDÕES.	24
4.2	A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL	26
4.3	FUTEBOL COMO ESPETÁCULO E NEGÓCIO	29
4.4	FUTEBOL E AS QUESTÕES DE GÊNERO	35
4.5	FUTEBOL E DOMÍNIO MASCULINO	38
4.6	QUESTÕES SOCIAIS E GÊNERO	43
4.7	FUTEBOL, JURISDIÇÕES E TERRITÓRIOS	46
5.	A PÓS-MODERNIDADE	48
5.1	AS COMUNIDADES VIRTUAIS	50
5.2	O NEOTRIBALISMO	60
6.	FUTEBOL E RETORNO DO FEMININO	68
6.1	AS JOGADORAS	72
6.2	A CRÔNICA ESPORTIVA	76
6.3	O(A)S TORCEDORE(A)S	85
7.	AS MULHERES E SEU RETORNO AO MUNDO ESPORTIVO	91
7.1	MULHERES E IMAGINÁRIO	108
8.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	120
8.1	ENTREVISTAS (ROTEIRO E COLETA DAS INFORMAÇÕES)	121
8.2	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	123

9.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
	REFERÊNCIAS	158
	ANEXOS	163
	ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	164

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Roda de altinha	16
Figura 2- Futebol feminino na escola.....	16
Figura 3- Categoria de base do futebol feminino	17
Figura 4- Futebol feminino profissional.....	17
Figura 5- Mulheres no estádio de futebol.....	17
Figura 6- Incidente nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004)	22
Figura 7- O atleta comemorando o terceiro lugar na maratona de Atenas	22
Figura 8- Bebê-torcedor.....	24
Figura 9- Jogadora e apresentadora de programa esportivo em revista masculina .	75
Figura 10- Jogadoras francesas posam nuas para divulgar o futebol feminino	76
Figura 11- Regiani Ritter entrevistando os jogadores no vestiário após o jogo	83
Figura 12- Animadoras de torcidas.....	88
Figura 13- Iranianas em um estádio de futebol.....	93
Figura 14- Futebol feminino nos anos 1950 - Time de Araguari/MG	99
Figura 15- Capa do Jornal O Globo (07/06/2009).....	99
Figura 16- Short feminino – Flamengo.....	100
Figura 17- Camisa feminina – Internacional	101
Figura 18- Moda íntima - Vasco da Gama.....	101
Figura 19- Blusa feminina – Botafogo.....	101
Figura 20- Agasalho - São Paulo.....	101
Figura 21- Brinco – Grêmio.....	102
Figura 22- Vestido – Fluminense	102
Figura 23- Violência nos estádios.....	105
Figura 24- Reportagem sobre mulheres que pertencem a uma comunidade do orkut e vão aos estádios juntas.	108

PROLEGÔMENO

Durante o desenvolvimento dessa tese, ao fazer a leitura dos escritos pertinentes, muitas lembranças de minha vida relacionadas ao futebol vieram à tona. Percebi que o futebol sempre foi permeando a minha vida. As associações decorrentes dessas vivências e das produções científicas contribuíram sobremaneira para um melhor entendimento das questões que envolvem este estudo. Por isso, pela importância que teve na execução desse trabalho, relatarei, brevemente, algumas passagens que trago em minha memória e que veladamente mostram algumas marcas que serão exploradas nos capítulos seguintes.

Sou Fluminense! Isso mesmo, não apenas *Torço*, *Sou*! Aliás, meu irmão também torce pelo tricolor carioca e como eu, por influência do meu pai. Minha mãe é vascaína. Mas ela em nada nos influenciou, pois naquela época se acreditava que mulheres não entendiam de futebol. Meu pai sim, que era conhecedor e que nos levava aos estádios com o seu amigo, enquanto suas esposas ficavam em casa, juntas.

Lá em casa, quando o tema de discussão era futebol, o clima era tranquilo - afinal todos que entendiam de futebol torciam pelo mesmo time. Mas isso não acontecia na escola. Lá era aquela rivalidade entre os meninos. As segundas e as quintas-feiras, dias seguintes aos jogos, eram os das gozações. Ou brigas entre os meninos. Nestes dias a roda de discussão era imensa, mas não havia uma única garota participando. Mas nem todos participavam desses embates discursivos. Sempre havia um que não tinha time, e com isso era visto com desconfiança pelos outros garotos. Além disso, quem não tinha habilidade ou não gostava de jogar futebol, era banido do grupo dos meninos.

Nesses meus tempos de moleque eu era goleiro. Mas não era o Valdo Vieira. Fui Félix, fui Wendell, fui Renato. Fui todos os bons goleiros que passaram pela meta tricolor. Eu incorporava esses jogadores, a ponto de, em jogos na escola, quando fazia uma grande defesa, gritava como os grandes narradores de rádio: 'defendeeeeuuuu Renatooooo'. Tentei seguir a carreira no futebol, mas como para a maioria dos que tentam ser jogadores, não fui bem sucedido.

Na adolescência, o meu programa preferido era assistir aos jogos no 'maior estádio do mundo' e o fato de morar próximo ao estádio facilitava essas idas. Nessa época frequentava o Maracanã com os amigos tricolores da escola, ou em clássicos,

íamos em uma turma grande com torcedores dos dois times envolvidos e sentávamos em um ponto neutro da arquibancada. Mas sempre - e somente - meninos. De fato, a maioria esmagadora nos estádios era de homens. Até tínhamos como referência algumas torcedoras-símbolo de clubes, como a Dona Eliza do Corinthians e a ex-presidente da torcida organizada do Vasco, Dulce Rosalina. Inclusive credita-se a esta a *chuva* de papel picado nos estádios, que sem dúvida deu mais beleza na entrada dos times em campo.

Participei de uma torcida organizada: a *Young Flu*. Ajudava nos preparativos da 'festa', 'viajava com o time', assistia, quando possível, aos treinos. Sem dúvida que, nesse tempo, a minha paixão pelo clube ficou mais concreta, mas a violência que se alastrava pelos estádios, fez com que me afastasse. Aliás, foi nessa época (anos 80) que o futebol entrou em crise, com uma diminuição expressiva da presença de torcedores nos estádios.

O tempo passou, o esporte se profissionalizou e atraiu investidores interessados no imenso público que se mobilizava em torno dessas atividades. O futebol deixou de ser um simples jogo carregado de emoções para se tornar um verdadeiro espetáculo esportivo mundial. Isso contabilizou lucros e notoriedade para os envolvidos nesse segmento. Os principais jogadores passaram a receber vultosas quantias para jogar por um clube e com aparições diárias em todos os veículos de comunicação tornaram-se verdadeiras celebridades. Lembro, nesse período, que se destacavam na mídia as *Marias-Chuteira*, mulheres que, no imaginário popular, nada entendiam de futebol, mas que se encantavam com os dotes financeiros dos jogadores de futebol.

As mulheres começaram a jogar futebol. Nas aulas da disciplina Futebol no curso de Licenciatura em Educação Física da UERJ as aulas eram mistas e, para espanto de muitos, as alunas participavam ativamente das práticas. Na Olimpíada interna do curso havia o futebol feminino e sem dúvida era o que atraía o maior público. Ouvia-se com incredulidade a notícia que nos Estados Unidos o futebol era visto como um esporte feminino e que o número de mulheres jogadoras era superior ao de homens. Em uma época em que a internet ainda engatinhava (anos 90), os parâmetros que se tinha eram os nossos e aqui, futebol era para homem. Havia raros estímulos ao futebol feminino e as jogadoras eram vistas com olhares preconceituosos quanto à sua sexualidade, ou então, quando possuíam um bom nível de habilidade, era recorrente a frase: 'essa aí joga igual homem'.

No momento atual vislumbramos a expressiva presença das mulheres nos estádios de futebol. Em um assunto que esteve muito presente no decorrer da minha vida, que já me fez chorar (de felicidade e de tristeza), comemorar, brigar, viajar, essa constatação me chamou a atenção e fiquei interessado em aprofundar-me nessa questão, pois até então era um local frequentado quase que exclusivamente por homens.

Para iniciar o delineamento do caminho a percorrer foi feito um levantamento das publicações científicas, envolvendo estudos realizados em diferentes áreas, com abordagens distintas, com metodologias diversas, interligando o futebol com os aspectos psicológicos, sociais, políticos, econômicos e culturais do Brasil.

CAPÍTULO 1

1. INTRODUÇÃO

Pode-se considerar que o *esporte* é um dos maiores fenômenos psicossocioculturais do final do século XX e início do século XXI, expresso pelo grande e crescente número de praticantes, interesse da mídia e investimentos econômicos (FIEP, 2000). O esporte, que surgiu dos jogos populares, produzidos pelo povo, retorna a ele sob a forma de espetáculos produzidos para o povo (LEONCINI, 2001). As diversas manifestações esportivas são capazes de gerar emoções e sensações, produzindo signos, bens de consumo e bens culturais, atraindo, portanto, o indivíduo contemporâneo.

Entre as diversas manifestações esportivas existentes, o futebol é o que apresenta maior popularidade no Brasil, tendo seu espaço garantido em jornais, rádios, televisão e internet. Presente em nosso cotidiano como parte de um enorme feixe de interesses sociais, culturais, econômicos, políticos e simbólicos (FLORES, 1995), 'o esporte das multidões', como o futebol é conhecido e reconhecido, não deve ser compreendido, segundo DaMatta (1982, p.26) "somente como um esporte [...] mas também como um jogo a serviço de todo um outro conjunto de valores e relações sociais". Destarte, seguindo o pensamento de Arnt (1996), o estudo da produção imaginária que está por trás dos atos e ações envolvidos no futebol auxiliaria na compreensão dos fenômenos sociais.

O futebol mostra-se terreno fértil para estudos e reflexões. Seus simbolismos permitem articulações com outras dimensões da vida social, seja por meio de estudos totalizantes, seja por intermédio de recortes temáticos. Toledo (1996) categorizou os atores sociais¹ envolvidos no futebol, onde destacamos para este trabalho os *torcedores*. Estes são atores essenciais para a existência do espetáculo esportivo. São os torcedores que vivenciam e partilham emoções, que percebem e internalizam toda natureza simbólica do futebol, revelando então sua própria natureza.

¹ Os atores sociais categorizados por Toledo são os profissionais envolvidos diretamente na atividade (jogadores, técnicos,...), os especialistas (jornalistas, cronistas,...) e os torcedores.

Para os torcedores há um lugar sagrado: os estádios de futebol. São ‘templos’ que remetem o espetáculo esportivo a um rito mitificador. Neles, as ideologias de poder existentes e predominantes na sociedade acabam se debilitando fazendo com que o esporte (neste caso o futebol) seja capaz de surgir como um emissor/receptor de elementos ideológicos que não se caracterizam permanentemente pela interpretação unívoca. Isso quer dizer que as torcidas estão submersas em um universo ‘aberto’, onde formações ideológicas assumem valores passíveis de serem aceitos nesses determinados espaços enquanto estão se realizando os espetáculos esportivos (FLORES, 1982). Exemplificando: os ‘xingamentos’, os ‘gritos de guerra’ e os ‘gestos obscenos’ são legitimados e utilizados em suas mais diversas formas no contexto das teias simbólicas em que se desenrolam as partidas de futebol nos estádios.

Para Costa (2005), os estádios de futebol gozam de um simbolismo peculiar, se apresentando como santuários grandiosos do culto da bola. Estes locais podem ser considerados verdadeira imagem do mundo, que remetem ao espaço ‘cosmizado’ das sociedades arcaicas. Portanto, são nas profundezas de nossa memória coletiva que devemos procurar explicação dessa misteriosa atração exercida pelo futebol. O que explica a força do futebol é, de fato, a presença do mistério e do mito em seu universo.

Remetendo às torcidas, podemos salientar que estas estão presentes no imaginário como a ‘casa dos homens’, ou seja, é um ambiente de homens, para homens, que constrói a masculinidade, traçando regras de sociabilidade e fidelidade entre homens (FREITAS, 2002). Essas torcidas, como espaço viril, exclui todos aqueles que se insurgem contra a ‘virilidade triunfante’ e a feminilidade em geral.

Posto isso, evidencia-se o predomínio masculino em todas as possíveis inter-relações que ocorrem em torno desta atividade. Futebol é, no nosso imaginário, ‘pra’ homem. Futebol ‘é de’ homem para homem. Entretanto, de um modo geral, verifica-se o aumento da participação feminina no futebol. Na prática como lazer, por exemplo, presencia-se nas praias uma integração entre homens e mulheres nas rodinhas de ‘altinha’². Nas escolas aumenta-se o interesse feminino por essa prática esportiva. E em uma dimensão maior, pode-se citar o envolvimento conjunto de meninos/homens e meninas/mulheres também no futebol institucionalizado, isto é,

² Nesta atividade os participantes ficam dispostos em círculo, utilizando-se dos elementos técnicos do futebol, em que tentam manter pelo maior tempo possível uma ou mais bolas em suspensão.

nas diversas categorias que envolvem o 'esporte desempenho'. As fotografias abaixo ilustram a participação feminina nas distintas dimensões do esporte contemporâneo.



Figura 1- Roda de altinha

Fonte: http://extra.globo.com/lazer/retratosDaVida/post.asp?cod_Post=86719&a=171



Figura 2- Futebol feminino na escola

Fonte: <http://migre.me/vBDS>



Figura 3- Categoria de base do futebol feminino

Fonte: <http://www.netvasco.com.br/news/noticias14/48853.shtml>



Figura 4- Futebol feminino profissional

Fonte: <http://migre.me/vBEC>

E se começa a perceber que cresce também, notadamente, o número de mulheres que frequentam os estádios de futebol. Nos televisionamentos das partidas sempre há o destaque para a participação feminina nas cadeiras e arquibancadas dos estádios. São as mulheres adentrando em mais um espaço público que até pouco tempo era quase que exclusivo dos homens.



Figura 5- Mulheres no estádio de futebol

Fonte: <http://migre.me/vBEV>

CAPÍTULO 2

2. PROBLEMATIZAÇÃO

As teias simbólicas e o imaginário que estão instituídos em ambientes como os estádios de futebol, de total domínio masculino até então, influenciam determinadas ações que não se encerram com o final das partidas. O que significa dizer que a apropriação de sentidos durante as partidas de futebol extravasa o período em que ela se realiza, refletindo no cotidiano do brasileiro e projetando uma sociedade em que predominam os valores simbólicos presentes no imaginário de seus frequentadores. Porém começa-se a perceber que cresce significativamente o número de mulheres que frequentam os estádios de futebol. Isso nos deixa uma pergunta:

‘Quais os sentidos que norteiam a participação feminina em estádios de futebol?’

Deste modo, nessa tese procurou-se compreender e analisar a produção imaginária de mulheres que frequentam regularmente os estádios de futebol e as relações de gênero que podem ser observadas na sociedade a partir desse novo contexto, em que as mulheres estão cada vez mais em maior número presentes em um espaço público de domínio masculino.

2.1 OBJETIVOS

O objetivo geral do estudo foi compreender a produção imaginária que norteia a participação de mulheres em estádios de futebol como espectadoras, assim como analisar a consequência destes sentidos nas relações de gênero da contemporaneidade.

O desdobramento de alguns itens foi necessário para a consecução do objetivo geral. Os procedimentos adotados foram os seguintes:

- a) Identificação do material publicado e informações sobre as questões que envolvem a temática deste trabalho;
- b) Observação assistemática das torcedoras *in loco*, isto é, nos arredores e no interior do estádio do Maracanã;

- c) Elaboração do roteiro das entrevistas;
- d) Identificação e escolha das mulheres frequentadoras de estádios para participação na entrevista;
- e) Realização das entrevistas com as mulheres frequentadoras de estádios de futebol;
- f) Transcrição e análise das entrevistas realizadas por meio do procedimento da Análise de Discurso;
- g) Relação da análise dos dados da realidade com as relações de gênero da contemporaneidade.

2.2 RELEVÂNCIA, JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo mostrou-se relevante por permitir que se relacionassem os sentidos femininos atribuídos aos espetáculos de futebol (estas sendo caracterizadas como espectadoras³ regulares dos estádios) e as relações de gênero na atualidade. Ao entender e mapear os sentidos e os símbolos resultantes da produção imaginária de mulheres frequentadoras de estádios pode-se evidenciar as modificações e rupturas nas relações de gênero que estão ocorrendo na contemporaneidade como resultado desses novos redimensionamentos de valores.

Sendo o futebol um dos esportes mais populares do mundo (a *Fédération Internationale de Football Association* - FIFA - possui 208⁴ países afiliados, mais do que a Organização das Nações Unidas – ONU - que registra 192⁵ Estados membros), é evidente as diferentes inserções do futebol em cada uma das nações, então, por isso, objetivando um aprofundamento deste trabalho, este ficará delimitado a presença das mulheres nos estádios de futebol do Brasil, especificamente no Rio de Janeiro.

³ Neste estudo estaremos utilizando com o mesmo significado os termos *torcedoras* e *espectadoras*.

⁴ Informação colhida no portal da FIFA: http://es.fifa.com/mm/document/fifafacts/organisation/ip-120_01a_mas_24298.pdf

⁵ Informação colhida no site da ONU: http://www.onu-brasil.org.br/conheca_onu.php

CAPÍTULO 3

3. ESPORTE

Como este trabalho perpassa pelo esporte, consideramos importante fazer uma breve exposição sobre o que é, a sua evolução e a sua condição atual, para que se possa compreender esse fenômeno que mobiliza ativa e passivamente uma expressiva parcela da população mundial.

No século XII o termo *desport* era uma variante da palavra francesa *deport* que significava divertimento. No século XIV os ingleses utilizavam a palavra *disport* com sentido de passatempo, recreação e jogo. Nesse mesmo período, os marinheiros mediterrâneos usavam a expressão *desporter* para se referirem a diversões de confronto entre as suas habilidades físicas. Na atualidade podemos dizer que o esporte tem no jogo o seu vínculo cultural e na competição seu elemento essencial (TUBINO; TUBINO; GARRIDO, 2007).

De acordo com Tubino, Tubino e Garrido (2007) o esporte contemporâneo é identificado a partir da transição das décadas de 1970 e 1980 do século XX quando se modificaram os seus conceitos e abrangências a partir da Carta Internacional de Educação Física e Esporte da UNESCO (1978). Neste documento, o entendimento de que o esporte era exclusivamente destinado para atletas com talento e biotipos adequados foram superados. Na atualidade três perspectivas distintas são observadas: o esporte-educação, que seria um meio de formação para a cidadania e para o lazer; o esporte-lazer, em que o sentido participativo é essencial, comprometido como bem-estar social e com a saúde; e o esporte de rendimento, institucionalizado, compromissado com o desempenho humano e na busca do espetáculo (TUBINO, 1992). A partir desse período o esporte é visto como um direito de todos, tendo inclusive esse direito garantido no artigo 217 da Constituição Federal do Brasil de 1988.

Com a perspectiva ampliada do esporte, sustentada no pressuposto do direito de todos à prática esportiva e com o desenvolvimento de programas como o Esporte para Todos, que tinha por objetivo ampliar o número de praticantes de atividade física, estimulando, motivando e orientando, visando à forma física e a socialização dos praticantes, sem restrições a limitações econômicas, de sexo ou de idade

(COSTA, TAKAHASHI, 1983) que nos fins de 1978 mobilizou cerca de 10 milhões de pessoas, o esporte passou a fazer parte do cotidiano de grande parte da população.

O desenvolvimento da(s) Ciência(s) do Esporte também foi decisivo para a incorporação cultural do esporte. De fato, a ideia de que o exercício faz bem à saúde parece estar difundida na sociedade e encontra suporte nos inúmeros benefícios psico-socioculturais da atividade física relatados na literatura.

O Manifesto Mundial da Educação Física afirma que o esporte pode contribuir para a formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, tornando-se um meio dos mais eficazes para a convivência humana exercendo importante função na formação e desenvolvimento humano (FIEP, 2000).

O esporte se tornou um fenômeno social. Ferreira e Costa (2003) afirmam que o esporte veiculado na mídia possui um espaço maior do que temas como a política e a economia. Mesmo com todas as campanhas e com o imaginário relacionando a prática de esportes à boa saúde, é o esporte de rendimento que continua atraindo a atenção do público. Embora um número expressivo da população aprecie o esporte, isso ocorre como torcedor/espectador e não como praticante.

Para Ferreira e Costa (2003), o esporte de rendimento assume um valor simbólico na sociedade contemporânea, produzindo com seus espetáculos, signos e bens de consumo e culturais. Para as autoras, os espetáculos esportivos se apresentam nos moldes da pós-modernidade. São regidos por uma ordem cultural fundada na lógica do individualismo hedonista e narcisista, onde o desempenho do corpo é exaltado, onde há o envolvimento e a sedução por gestos corporais de modelos atléticos, associando essas imagens a um sentimento de sucesso e realização, gerando então, fortes emoções.

As imagens no esporte marcam. Na maratona dos Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 um manifestante invadiu a pista e impediu por alguns momentos a continuidade da corrida do brasileiro Vanderlei Cordeiro, que até então liderava a competição (Figura 6). Mesmo perdendo preciosos 40 segundos o brasileiro chegou em terceiro lugar, recebendo a medalha de bronze. Na reta de chegada na pista de atletismo do lendário Panathinaiko, local do primeiro Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896, quando todos pensavam que o atleta estaria furioso, ele chega

com os braços abertos, mandando beijos para o público e desenhando no ar um coração. Comemorou como se tivesse chegado em primeiro lugar, correndo pelo estádio com a bandeira do Brasil nas mãos (Figura 7). Subiu ao pódio, símbolo da ascensão, da glória e da vitória. Virou um herói nacional. Um herói dos tempos modernos, como salientam Ferreira e Costa (2003). Mas um herói passageiro, um olimpiano segundo Morin (2000), pois em breve será superado e consequentemente substituído por um outro herói, por uma outra imagem que promova emoções, pois é esta que alimenta as subjetividades nas interações sociais.



Figura 6- Incidente nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004)

Fonte: <http://migre.me/vBFfe>



Figura 7- O atleta comemorando o terceiro lugar na maratona de Atenas

Fonte: <http://www.cbat.org.br/atletas/imagens/vanderlei.jpg>

CAPÍTULO 4

4. FUTEBOL

Segundo a FIFA (2005) os 64 jogos da Copa do Mundo de Futebol de 2002, realizada no Japão e na Coréia, foram assistidos pela televisão por cerca de 28,8 bilhões de pessoas de 213 países, e ainda, houve mais de 2 bilhões de acesso na internet ao portal do evento. Isso é uma pequena prova da inserção do espetáculo futebol no mundo. Mas no nosso país é algo mais. Alguns jargões são recorrentes no linguajar do brasileiro, como ‘o Brasil é o país do futebol’, ‘futebol é o ópio do povo’ (parodiando Marx: *die religion [...] sie ist das opium des volkes*) e principalmente em época de uma grande competição como a Copa do Mundo, em que há uma mobilização nacional, ‘a pátria de chuteiras’. Algumas frases pertencentes ao ‘mundo’ do futebol também são utilizadas no cotidiano, como ‘você está embolando o meio de campo’ e ‘cuidado para não levar bola nas costas’. Esses são alguns indicativos que sugerem o enraizamento cultural do fenômeno futebol no Brasil.

Percebi isso cedo, com 7 anos de idade. Precisamente na Copa do Mundo de 1974, que ocorreu na Alemanha. Era um dia de semana e meu pai chegou cedo em casa. Não entendi nada. Foi despedido? Milagre? Nada disso, era jogo do Brasil e os funcionários da sua empresa foram liberados mais cedo. No entanto o meu pai trabalhava em um banco, um dos símbolos do capitalismo *selvagem*. Porém, no país do futebol, não tem jeito: o capitalismo teve (e tem) que se render. Pelo menos nesta condição específica. Nesta nação, do ‘todos juntos vamos, pra frente Brasil, salve a seleção [...] parece que todo o país deu a mão [...] todos ligados na mesma emoção’⁶, como apregoa Vogel (1982, p. 77), recebemos “do berço, o nome, a religião e o clube de futebol” (Figura 8).

⁶ Trecho da música muito difundida na Copa do Mundo de futebol realizada em 1970.



Figura 8- Bebê-torcedor.

Fonte: álbum pessoal

Como diz Murad (2007, p.15) “o futebol é o esporte mais popular do planeta, [...] sendo vivenciado com fervor por diferentes sociedades, épocas históricas, regimes políticos, classes sociais, ideologias, grupos culturais, faixas etárias, tipos físicos e relações de gênero”.

De acordo com o autor, após citar a afirmação de Tubino (1993) - que a história do esporte é íntima da cultura humana por ser um meio de compreender épocas e povos, já que a essência de cada povo nele se reflete - estudar as atividades esportivas como o futebol, com profundos impactos coletivos, é um auxílio importante para compreender a sociedade humana.

O futebol é uma metáfora possível de estruturas existenciais básicas, uma representação da vida social. “É um dos rituais de maior substância da chamada cultura popular ou, como prefiro e assim denomino, cultura das multidões.” (MURAD, 2007, p.17).

4.1 O FUTEBOL - ESPORTE DAS MULTIDÕES⁷.

O futebol atrai milhões de aficionados pelo mundo, atraindo semanalmente milhares de torcedores aos estádios. Sua estética simples, baseada em 17 regras⁸, pode ser captada como língua comum, transformando-se em esporte apaixonante, capaz de galvanizar e comover diferentes grupos de indivíduos.

⁷ Futebol é conhecido nos Estados Unidos como ‘soccer’, palavra construída a partir da contração *association player* referente a *football association player*, conforme Murad (2007, p. 39).

⁸ Embora se dissemine a informação que o Futebol é de fácil entendimento por possuir apenas 17 regras, o manual da FIFA (<http://www.fifa.com/worldfootball/lawsofthegame.html>) com as 17 regras possui 140 páginas.

O futebol é o esporte das multidões, porém, e também em um primeiro momento de análise, não representa 'negócio de Estado', porque até a estrutura da FIFA, supranacional e de orientação privada, procura não interferir nos assuntos internos dos Estados-nação que albergam suas federações e confederações, mesmo regulando o esporte, em escala mundial. Essa aparente disjunção de congregar governos, mas não interferir na política de seus povos, torna a entidade um modelo de organização pós-moderna, em que estão presentes as dificuldades de denominação dos conceitos de povo, massa e, finalmente, multidão. E isso é tão marcante que o simples acrescentamento do plural, nos três termos, pode eivá-los de novos e importantes significados.

Hardt e Negri (2001, p.120), souberam aperfeiçoar essas distinções, assinalando que “apesar de o povo ser proposto como base originária da nação, o conceito moderno de povo é, na verdade, produto do Estado-nação, o povo *manda* em todos os governos, pois é o rei dos governos”, complementando:

[...] enquanto a multidão é uma multiplicidade, um plano de singularidades, um conjunto aberto de relações, que nem é homogênea nem idêntica a si mesma. [...] Enquanto a multidão é uma relação constituinte inconclusiva, o povo é uma síntese constituída e preparada para a soberania. [...] Toda nação precisa fazer da multidão um povo.

É preciso lembrar, contudo, que estamos vivendo tempos de dificuldade conceitual - polissêmicos mesmo - em que o observador começa a extrair novos olhares, saberes e insígnias de uma realidade pulsante e poliédrica. Os conceitos de povo, massa e multidão devem ser utilizados com imenso cuidado, até porque foram relativizados pela intensidade ocorrida, a partir dos anos 1990, quando o mundo foi varrido pela globalização que, ao contrário de reuni-los entre si, permitiu que eles construíssem órbitas de convivência novas, não mais obedecendo a uma socialidade orgânica, mas criando-lhes possibilidades novas de reorganização tribal.

É necessário, também, assinalar que os estudos sobre o futebol tem desenvolvimento recente, vez que muitos intelectuais não consideravam o esporte como relevante para estudos científicos mais aprofundados, principalmente os que se consideram de origem ou tradição marxistas.

A despeito do que se possa dizer sobre a influência do futebol sobre as classes operárias, oprimidas ou do *lupen* da Europa ocidental e da América latina,

não se pode afirmar que ele tenha representado algo de fundamental na conquista de seus direitos sociais.

No entanto, com certeza, é permitido aludir que o futebol fez parte de um ambiente de melhoria das condições de lazer e da vida sofrida de milhares de operários das fábricas de Londres e de outros cantões industriais europeus, bem como, em meados do século XX, passou a significar, no Brasil, um instrumento verbalizador de libertação das classes mais desfavorecidas dos campos e das periferias de nossas cidades, traduzindo-se, inclusive, como esperança de elevação social para esses segmentos. O que ocorreu, em verdade, conforme aludiu Giulianotti (2002, p.52-54) é que o interesse das classes baixas pelo futebol se multiplicou, surgindo “times da classe operária”, posteriormente desestruturados pela desindustrialização, que na pós-modernidade as desvinculou dos times de subúrbio, embora isso não signifique que a pós-modernidade esmague as tradições de nacionalidade das culturas futebolísticas. Não obstante, afirma o sociólogo, hoje vemos que “as lealdades diárias de torcedores e jogadores tendem a ser concedidas a clubes individuais muito mais do que a nações”.

Comenta, ainda, o mesmo autor, que a identificação entre jogador e espectador faz sentido, em termos de classe e masculinidade, embora seja isso mais um reducionismo que se deva evitar, porque existe uma heterogeneidade social nos códigos estéticos do futebol. A estrutura dos campos de futebol, dos estádios, é constituída de tal maneira que parece desejar que lá se acomodem torcedores de origem homogênea, mais burguesa, e que as questões ligadas à segurança da multidão predominam. Como subproduto dessa identificação profunda entre torcedores e seus mitos, sempre exibidos em espaços grandiosos, circenses e, às vezes, instigantes e luxuosos, com a violência ostensiva ou velada das torcidas como uma espécie de tempero de civilização.

4.2 A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Outro truísmo seria que o futebol é jogado com os pés e assistido com os olhos! Qual um balé de esforços assimétricos, o coração passa para a ponta do pé e, de acordo com Murad (1994, p.30): “[...] os pés são mais instintivos do que as mãos, que é sobre eles que as mãos se erguem, mais racionais que são, para com o trabalho transformar a natureza e criar os mundos da cultura.” No entanto, há uma

diferença fulcral entre os pés (jogadores) e olhos (a assistência ou o público). A multidão que vê o jogo é submetida a um condicionamento newtoniano, ou seja, tridimensional, em que se submete à percepção de comprimento, largura e altura. Há algo que ela persegue com os olhos, ou seja, o caminho da bola rumo a seu objetivo inelutável, que é a entrada no gol adversário. Muitas vezes é espremida, desde a fase inicial de compra de ingressos, entrada no estado, sob cantorias e gritos de torcedores inflamados, como se estivessem em guerra. As bandeiras são desfraldadas e os lugares ocupados. Os cigarros se acendem, a angústia, a ansiedade, os palavrões – tudo representa esforço meramente típico de uma psicologia linear, cuja metáfora é perdoada apenas pela transformação do cidadão em torcedor e do torcedor em multidão.

Enquanto os jogadores são *quânticos*, isto é, estão em constante movimento de vai e vem, sem lugares fixos (excetuando os goleiros), efetuando passes com os pés na bola em pura velocidade, em geral calculando mentalmente onde estará o companheiro, em uma incerteza que lembra, ao longe, o princípio de *Heisenberg* sobre o comportamento dos elétrons. Tal metáfora pode ser comprovada, inclusive, pelas dificuldades dos árbitros de futebol em acompanhar as trajetórias da bola e suas equações mirabolantes, confrontadas com regras antigas e quase irremovíveis. A velocidade dos deslocamentos e passes, que não são os da matéria em seu pulsar, mesmo assim foge à percepção de quem *julga* os acontecimentos para os espectadores exigentes, que torcem cada um para um lado. É nesse condicionamento binário inicial que se instaura a possibilidade de violência, porque, em ambiente tenso, as duas facções esperam o estabelecimento de uma superioridade psicossocial ou o restabelecimento de uma falsa noção de justiça, que só se faz completa ao final da partida, considerada por muitos como embate, pugna ou luta renhida.

Por sua vez, temos que entender que o público que comparece aos jogos, transformado em multidão manipulável e aparentemente orgânica, dilui a identidade de seus membros em facções (torcidas organizadas), modificando seus olhares e saberes, antes incógnitos ou anônimos, uma visão licenciosa e maliciosa que, formulada em grupo, pode se tornar cruel no julgamento.

É interessante notar a massificação da figura do 'torcedor', na medida em que avançamos no grau de desenvolvimento econômico e social das nações-sede dos estádios em que se realizam os jogos. Recursos tecnológicos são utilizados, com

câmaras de lentes poderosíssimas, para localizar desordeiros nas platéias, indivíduos anônimos e violentos, tencionando retirá-los do convívio da multidão ‘comportada’ que assiste às partidas. Em contrapartida, na atmosfera carnavalizada dos países latinos, principalmente no Brasil, as multidões estão absolutamente soltas na heterogeneidade das identidades dissolvidas, em uma recombinação de socialidades instantâneas, em que pessoas de diversas comunidades, tribos e classes ora se confraternizam, ora se combatem – livres das habituais coações e coerções sociais, típicas das sociedades civis, essas sim, muito mais violentas fora dos estádios.

Evidentemente o futebol não incorpora, como já vimos, o conceito de povo ou de nação, mesmo que já tenham dito, certa feita no Brasil, que ‘o país era a pátria de chuteiras’. Entretanto, é preciso aceitar a evidência de que durante anos o futebol foi confundido com um ideal de masculinidade e força, deslocado do *telos* grego de nobreza, heroísmo e beleza e, mais modernamente, do espírito de *fairplay* britânico. Há, também, uma espécie de necessidade de restauração de anomia, de restaurar a alienação natural de convivência na multidão engajada no espetáculo, principalmente ao término de cada espetáculo. É quando se evacuam os estádios (em geral entre 18 a 30 minutos, dependendo do país), sob o pretexto de transformar rapidamente o perigoso torcedor hipnotizado por poucas horas no cidadão comum, à mercê do poder público e das autoridades constituídas.

Por certo, não há como discordar de Murad (2007, p.170-171) quando afirma que a mídia se encarrega de divulgar, difundir e multiplicar os quadros de violência no futebol, mas que os conflitos que ela mostra não podem ser considerados a “substância primária” do jogo, mas sim um aspecto pontual, que pode ser coibido por medidas práticas e objetivas de contenção social.

Entretanto, estabelecendo uma útil interface com Foer (2005, p.55), que faz longas digressões sobre as relações entre o futebol, as torcidas organizadas, as seitas e os *gangsters*, é possível estudar-se a violência no futebol sob outros prismas, lembrando uma frase instigante do autor: “é fácil estabelecer uma ligação entre a predileção por um time de futebol e a religiosidade.”

4.3 FUTEBOL COMO ESPETÁCULO E NEGÓCIO

O futebol precisou ser capaz de atrair multidões para atrair o interesse da intelectualidade. Há, neste contexto, um movimento a ser observado: enquanto o futebol era esporte das elites, tal como o *rugby* ou o críquete em outros países, não recebeu reflexões teóricas de vulto. Consta apenas a opinião antológica do filósofo e historiador *Friedrich von Schiller* (1759-1805) de que as diferentes modalidades de esporte ajudariam a explicar os povos, as culturas como fatos sociais (em uma livre expressão durkheimiana), como articuladoras do entendimento do *ethos* de um povo (MURAD, 1996, p.58). Na medida em que o futebol foi se popularizando, porém, descendo, por assim dizer, ao gosto das classes populares, os eruditos passaram a notá-lo como categoria de conhecimento, merecedor de importância.

Essa indiferença também se manifestou no Brasil entre a alta intelectualidade ao tempo da ditadura militar (1964-1985), pois vários intelectuais menosprezavam esse esporte ‘de massas’, porque naqueles tempos (juntamente com as novelas televisivas) parecia-lhes instrumento de alienação das multidões. O rompimento desse preconceito, em nosso meio, deu-se pelo antropólogo Roberto Damatta que ousou, nos anos 1980, incluir as atividades futebolísticas como objeto de ciência antropológica e interdisciplinar.

Pode-se dizer que foi a força do futebol, impondo-se como uma manifestação espetacularizada capaz de atrair multidões que mostrou ao meio científico ser uma área fecunda para estudos, atraindo o meio científico. Como diz Foer (2005), muitos fatos do mundo contemporâneo podem ser interpretados através do futebol.

DaMatta (1982) procura distinguir o fenômeno das chamadas ‘sociologias oficiais’ que abordavam o futebol como ópio do povo e um caso de mistificação e alienação social, vez que considera acertadamente que são as elites é que não gostam de jogo, porque não pretende se submeter a regras que valham para todos. Para o antropólogo, o futebol é uma ‘fala’, algo que equivale ao carnaval, à umbanda, ao jogo do bicho e à cachaça – fontes de nossa própria identidade social específica, que nos diferencia de outros povos europeus e anglo-saxões, que baseiam as suas formações nacionais em leis, na Constituição e no sistema universitário de seus países. Pelo contrário: a formação brasileira é devida a bens intangíveis, próprios do que hoje, contemporaneamente, chamamos ‘imaginário

social', "a música, o relacionamento com os santos e os espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval e o futebol."

A especificidade do pensamento social pressupõe a ultrapassagem de preconceitos ideológicos, que podem, inclusive, esquecer (ou falsear) dados relevantes que ressaltam da realidade. A própria realidade do futebol, que se impõe como relevante, pode ser posta em segundo plano, gerando atrasos na constituição da antropologia e da sociologia do esporte. Por outro lado, a visão de épocas passadas que considerava o futebol como 'ópio do povo' trouxe problemas para a compreensão genuína da inserção social do futebol na formação do comportamento do povo brasileiro.

O futebol é fenômeno de socialidade que ganhou maturidade e dignidade de pesquisa por causa de sua potencialidade de espetacularização e de se transformar em *show* popular, com todos os elementos relevantes de grandiosidade e pirotecnia. O esporte que conseguiu arrastar multidões acabou por, forçosamente, arrastar também estudiosos, que hoje se articulam, de forma interdisciplinar, para compreender sua magnitude e seu protagonismo.

Compreender o mundo através do futebol – já o dissemos – pode ser um exagero, mas passou a ser um ideal de pós-modernidade. No entanto, a elevação do *status* do futebol à categoria de espetáculo de massas só realmente ocorreu a partir de meados do século XX, através de complexa e múltipla rede de fatores, que se identifica, sem dúvida, com a própria evolução do industrialismo e da urbanização do século passado, constituído pelo trabalho estafante do proletariado urbano das cidades grandes e médias. A necessidade de gozo e de lazer, modelada na liberação entusiástica das emoções do futebol, permitiram a liberação de energias negativas hauridas na alienação do trabalho, tornando o futebol cada vez mais vivo e necessário.

A ânsia das classes oprimidas por lazer, plasmada a princípio timidamente no futebol, não foi percebida de maneira sistemática pelas classes dominantes, que não se apropriaram do jogo, a não ser em sua origem e de forma amadora. O que era diversão, apenas, para os ricos e os brancos, de início, tornou-se indício de afirmação social cada vez mais evidente nas classes do operariado urbano e das classes médias baixas das periferias das cidades, movimento esse que se vê, varrendo os países europeus e chegando, posteriormente, à América Latina.

Muitos pensadores não conseguiram absorver o futebol como acontecimento social importante (GIULIANOTTI, 2002, p.32). De fato, o ato mesmo de problematizar o tema futebol como objeto de estudo passou por diversas fases e por paradoxal que pareça, a ciência social punha a primeira dificuldade na conceituação do próprio termo: 'o que é futebol?', como bem assinalou Flores (1982, p.45):

A principal deficiência conceitual com que nos deparamos diz respeito à noção mesma de futebol, extremamente vaga e imprecisa. Da mesma forma, a sociologia - ou a antropologia - do esporte apenas começa a se constituir, não nos dando ainda uma conceituação mais sistemática da articulação do esporte (outro conceito a definir) com as demais instâncias do todo social. Mas esta deficiência é contrabalançada pelo desenvolvimento já alcançado na análise dos sistemas ideológicos e das práticas rituais pela antropologia.

Essa discussão, que parece apenas preocupação com o rigor epistemológico no quadro de qualquer ciência, esconde certa necessidade de se adiar o essencial, que é conhecer realmente o objeto. Lembra-nos a antiga distinção de Descartes entre ideias inconcussas (que não precisam de definição) e as concussas (que precisam ser definidas da forma aristotélica que conhecemos). Noções como *ponto*, em geometria, ou *conjunto*, em matemática, não necessitam de definições precisas, mas suas existências geram as teorias posteriores que fundamentam as ciências respectivas. Assim também o futebol. O que é o futebol? Poder-se-ia dizer, utilizando uma tautologia: "ora, futebol é futebol!"⁹. Passamos ao fato de que é um esporte que atrai multidões, jogado com os pés, que chutam uma bola com o objetivo de colocá-la em um dos arcos que ficam em campos opostos, divididos ao meio, com onze jogadores de cada lado - e pronto! Tal reducionismo não prejudicará de modo algum a sofisticação de qualquer análise científica. Muito ao converso. O que nos interessa aqui, por exemplo, é analisar os resultados grandiosos acumulados por esse esporte, em termos de espetáculo e transformação de sua atividade em *show* para as multidões. Essas avaliações abrirão, com certeza, melhores caminhos de argumentação para o desenvolvimento de uma sociologia do futebol que, como vimos, tem pouco mais de trinta anos.

⁹ Quanto a este tema, Flores (1995, p.16) assim opina: "O futebol não é tautológico 'sinônimo de si': é uma relação (com a violência e com inúmeros outros fenômenos, nem todos conhecidos por nossa douda Teoria...) ou, melhor, um feixe de relações mais ou menos importantes. Tanto já se falou entre nós de 'carnavalização', porque não observarmos (constituirmos) as formas de 'futebolização' da cultura brasileira. Poderia ser maneira fértil de restituirmos ao futebol aquilo que o distingue: o jogo, a movência, o sentimento que, infinitamente, disputam os títulos com o código, a regra e a razão..."

Quando vamos pesquisar os números grandiosos que movimentam o futebol como esporte e parte da indústria do entretenimento as dificuldades são imensas. O portal da internet da FIFA¹⁰ divulga muito pouco sobre o tema, em virtude de ela ser uma instituição supranacional privada, que congrega ligas, associações, federações e confederações de direito privado que não devem satisfações aos poderes públicos. Os próprios números da movimentação contábil de uma Copa do Mundo, por exemplo, são ocultos por uma teia enorme de contratos intermediários, que diluem os empenhos e suas origens. Giulianotti (2002, p.116), por exemplo, anota que o ex-presidente da FIFA, João Havelange vangloriou-se, em 1994, de que o futebol gerava 225 bilhões de dólares por ano e que seu sucessor herdou contratos no valor de 4 bilhões de dólares, em 1998. Já a indústria européia do futebol, em 1997, remontaria a 10 bilhões de dólares.

Segundo dados da FIFA, nos últimos 25 anos, atuaram no mundo mais de 200 milhões de jogadores, transformando o futebol em uma das maiores indústrias de lazer, em termos de empregos diretos. Com 208 associações nacionais filiadas, a FIFA estima que 260 milhões de pessoas, entre jogadores, treinadores e administradores, são ligadas ativamente ao jogo e que, partindo-se do princípio de que esse contingente detém em média três ou quatro dependentes, o número de pessoas envolvidas indiretamente no esporte pode alcançar a um bilhão de pessoas! Para a Copa de 2010, na África do Sul, são esperados mais de 450 mil visitantes, sendo cobertos pelo evento mais de 1 milhão de quilômetros quadrados¹¹.

Giulianotti (2002, p.137) identifica que, em todas as nações, o desenvolvimento dos negócios no futebol passou pelas fases tradicional, moderna e pós-moderna. No Reino Unido, por exemplo, os clubes se transformaram em empresas. Já no Brasil adota-se um sistema tradicional em que os clubes continuam sendo entidades amadoras, sem fins lucrativos, embora paguem seus jogadores. Essa noção preconceituosa de amadorismo atravessou a atividade esportiva desde o seu início e se mantém na mentalidade dos dirigentes, cujas contas não estão

¹⁰ <http://pt.fifa.com/?language=pt>. Segundo dados da FIFA após o relançamento do portal na internet em junho de 2007, em 30 meses houve 2,25 bilhões de visualizações às suas páginas e mais de um milhão de torcedores se associaram ao Clube FIFA.

¹¹ O portal da FIFA na internet diz que cada clube que ceder jogadores para a Copa do Mundo, na África do Sul, receberá 120 mil reais por jogador. Se são 32 seleções, com 22 jogadores, chega-se à fabulosa quantia de quase 85 milhões de reais, apenas no quesito aluguel de tempo de jogadores profissionais para o certame, sem contar prêmios, pagamento de pessoal de apoio e suporte que não foram divulgados.

sujeitas à fiscalização pública e muitos deles não mantêm uma contabilidade legal. Conforme Foer (2005, p.106):

Em suma, suas diretorias constituem o refúgio perfeito para pessoas mal-intencionadas. Estas se tornaram de tal forma integradas ao futebol brasileiro que todos as chamam pelo apelido: cartolas. Como parte da estrutura amadora do esporte, os cartolas geralmente não recebem salários. Supostamente trabalham por seu cavalheiresco amor ao clube. Na prática, contudo, eles muitas vezes *retiram* do patrimônio do time a recompensa por seus esforços voluntários.

Se tal estrutura tradicional se mantém no Brasil é porque produz rentabilidade para a burguesia proprietária dos clubes de futebol, que atrai a torcida dos bairros proletários e da classe média sem qualquer problema. Mesmo assim, em uma estrutura híbrida, os clubes brasileiros começaram, a partir dos anos 1970, a se adaptarem aos ganhos fora de campo que compõem a 'fase moderna' do estilo de gestão do esporte. Além da arrecadação pura e simples das bilheterias dos jogos, bem como da renda obtida do quadro social dos clubes e da venda dos direitos federativos dos jogadores (receitas primárias), começaram a surgir estratégias de *marketing* dinâmicas, como a venda dos direitos de imagem para as TVs e das marcas dos clubes tencionando criar fidelização (receitas secundárias). Valorizou-se, também, a figura do empresário do jogador de futebol, agenciando os seus interesses, às vezes desde a adolescência, profissão informal que passou a ser popular nos anos 1970 e 1980 (GIULIANOTTI, 2002, p. 136). Tanto no Brasil, quanto na Europa, o mercado de transferência de jogadores é abstruso, tanto quanto os números globais de arrecadação do esporte, sendo os acordos e transferências feitos sob sigilo e na calada da noite, parecendo que o objetivo seja o de fugir à atenção do fisco.

Embora a maioria dos grandes clubes europeus tenha se transformado em empresas, tal estrutura não se implantará rapidamente no Brasil, em virtude da mentalidade patrimonialista dos dirigentes dos clubes brasileiros, que desejam manter o poder nos clubes e estendê-lo como ponte para expandir seus negócios privados e até alcançar influência política.

A globalização do capital no futebol criou uma mentalidade completamente profissional nos clubes europeus que não mantêm 'cartolas', mas executivos e importam jogadores de centros menos desenvolvidos como mão-de-obra barata a fim de obter grandes lucros. Reversivamente, essas transferências são realizadas

porque para esses atletas tendem a aceitar contratos irrecusáveis, que não poderiam contrair em seus países de origem.

A fase pós-moderna é caracterizada pela “mercantilização da herança cultural do futebol” (Giulianotti, 2002, p.138-139) em que os craques ganham mais, os diretores e acionistas lucram e as emissoras da mídia criam novos mercados. Nesse quadro, começa um processo de exclusão do torcedor genuíno, que é expulso dos estádios e passa a se circunscrever à TV.

Essa ‘mediatização’ do futebol pela TV, antes de afastar os torcedores, aumenta o poder de fascinação do público em relação ao esporte, porque aproveita o magnetismo do veículo para multiplicar o gozo do indivíduo (o prazer visual e o estar junto com os seus iguais que compartilham dos mesmos ‘ideais’) a assistirem às partidas. Esse incentivo à tribalização, traduzida pelos índices de audiência, são cuidadosamente calculados por especialistas em mídia, demonstrando que o olhar do torcedor deve ser conquistado e que para o ‘media’, torcedor é telespectador e deve apenas ser dividido entre os que assistem às TVs abertas - público em geral - e às TVs a cabo ou por assinatura PPV (pague para ver) - público especial. Essa segmentação poderia, em princípio, soar como elitização para o esporte, mas tal não acontece, porque o público conquistado para o esporte não perde o interesse de comparecer aos estádios porque deseja ver, na verdade, os seus ídolos ao vivo. Por isso, é que as televisões negociam os direitos de imagem como meio complementar e sinérgico da expansão dos negócios dos clubes.

Repetindo a estrutura social existente no país, em que a elite patrimonialista domina um povo oprimido que procura sobreviver a qualquer custo, o lazer proporcionado pelo futebol é uma válvula de escape consentida, porque é didático em relação ao comportamento a ser adotado pelo que deseja o *stablishment*: tem regras claras, definidas e pretende o ideal de manter hordas incompatíveis e contrárias (as torcidas) em uma espécie de *pax armada* provisória, mesmo que dentro dos estádios surjam graves explosões de ira. O domínio pós-colonial e patrimonialista dos clubes pelos cartolas parecem não importar para as torcidas, que só desejam o bom resultado para o clube de seus corações.

A própria existência das torcidas organizadas, antes de ser um indício de perigo ou ameaça à ordem burguesa, comprova dialeticamente a ânsia por espetáculo e lazer das classes emergentes, sequiosas por preferir determinado estilo de ócio. Tal desejo de gozo é mediatizado pelo grupo a que cada comunidade

(torcida) pertence, dissolvendo seus medos e frustrações individuais pela dedicação ao objeto amado, o time escolhido, por meio de uma profunda dedicação de fidelidade.

A torcida organizada é o solo vivo, palpável, de submissão da individualidade na transferência de sua dor, na vida real, em direção a um túnel de sonho, em que por algumas horas ela assume nova identidade colorida e nova função social. No entanto, a torcida organizada, que é motivo de gozo e vida, pode transformar-se em um disfarçado desejo pulsional de morte, quando as paixões primitivas – uma espécie de ‘id futebolístico’ – se manifeste de forma frenética com o objetivo de afrontar costumes, quebrar tabus e desafiar as autoridades constituídas.

4.4 FUTEBOL E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Se o futebol não explica toda a vida ou pode ser considerado problema menor para alguns cientistas sociais, com certeza traz muita luz sobre as questões de gênero, aliás, das mais intrincadas e complexas em suas diversas ramificações e interdisciplinaridades.

Moura (2005, p.131) em seu artigo sobre o futebol como área reservada masculina traz uma observação de Soihet em que esta afirma que “o gênero sublinha o aspecto relacional entre homens e mulheres, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado”. Já Bourdieu (1999), chama atenção para o fato de que os termos *gênero*, *classe* e *raça* e outras distinções sociais são todos construídos socialmente e o maior construtor dessas disjunções é o Estado, o construtor dos construtores, o grande construtor oculto de agentes, pela mediação de identidades legítimas: “a ordem masculina está, portanto, inscrita tanto nas instituições quanto nos agentes, tanto nas posições quanto nas disposições, nas coisas (e palavras), por um lado, e nos corpos, por outro”.

Singelamente, DaMatta (1982, p.27), afirma que “política” e “futebol” não eram assuntos que pudessem ser apreciados por mulheres de maneira significativa, porque “no Brasil *fala-se* de dinheiro e de mulheres, mas se *discute* futebol e política.” Ao mesmo tempo, sabe-se que na esteira de uma antiga mentalidade, construída social e historicamente, desde crianças nos acostumamos a ouvir que *futebol é coisa pra homem*.

É tão cristalina a percepção de que a questão de gênero é uma construção social que, no aspecto esportivo, vemos que, ao contrário do Brasil, nos Estados Unidos, considera-se o *soccer*, o nosso futebol considerado tão masculino, como ‘coisa de mulher’ e ensinado nas universidades, despertando, inclusive, atenção na mídia americana (MOURA, 2005, p.142). Para os norte-americanos, porém, ‘coisa de homem’ é o conhecido ‘futebol americano, a ponto de ser recomendado como esporte agressivo capaz de aumentar o espírito, a camaradagem e a supremacia masculina, desde o século XIX, pelo então presidente Theodore Roosevelt (KNIJNIK, 2003, p.50).

Knijnik (2003, p.66), repara que, historicamente, no Brasil se procurou estabelecer bases ideológicas, naturalmente falsas, para afastar as mulheres do esporte, separando-se drasticamente a mulher-sujeito de sua ação, procurando-se controlar o corpo feminino esportista “retirando-lhe os atributos atléticos”.

Bourdieu (1999, p.18-21), por seu turno, ainda é mais radical, afirmando, simplesmente, que “a ordem masculina está tão profundamente arraigada que não precisa de justificação”, impondo-se como verdade evidente e universal, o que ele denominou “experiência dóxica da dominação masculina”, enumerando seus traços mais relevantes: a circuncisão, o intumescimento fálico, a submissão da mulher no ato sexual (homem por cima, mulher por baixo) e a diferença entre a virilização dos meninos e a feminização das meninas (como se dissesse: homem brinca com bola e mulher, com boneca).

Essa internalização de um capital simbólico masculino que gera, por sua vez, um imaginário social, que se cristaliza como preconceito, chegou a tal ponto no Brasil, que o papel da mulher se tornou completamente secundário em relação ao futebol, em décadas passadas, tendo o papel coadjuvante de auxiliar dos futuros jogadores: a mãe que lava e passa os uniformes; a irmã que limpa as chuteiras, a namorada que prepara e serve as bebidas, a ponto de Souza (1996, p.137) assinalar:

Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. A mulher geralmente acompanha o futebol em função de que os homens próximos (marido, pai, irmão, amante, namorado, primo, etc.) o fazem. Essa é a posição desejável para o feminino [...]

Para Moura (2005, p.139) o simbolismo da bola para os meninos e da boneca, para as meninas, surge, sem dúvida, como estereótipo de socialização, que se reforça e se solidifica como estereótipo sexual a partir da adolescência, durante o contato social, em que os conceitos de feminilidade e de sociabilização por meio do esporte se tornam confusos e, na verdade, 'não sabemos onde cada processo começa e termina no corpo e na alma da mulher'.

Apesar dessas confusões, que determinam em muitas mulheres o abandono das práticas esportivas, elas foram se afirmando, ao longo do século XX em diversas modalidades, enfrentando inclusive o estigma de 'masculinização', lançado como repto invejoso pelos seus desempenhos corporais, que, obviamente, são diferentes dos desempenhos e marcas obtidos pelos homens.

Podemos, ainda, observar que na própria formação da cultura ocidental, houve valorização compulsiva do papel masculino, inclusive predominando sobre a direção das sociedades políticas e justificada por patriarcas religiosos e pelo direito da primogenitura. Às mulheres e a seu útero sobravam tarefas específicas de procriação, mas não um papel civilizatório, resumindo-se a sua missão a uma fatalidade biológica de destinação corporal. As religiões monoteístas dividiram bem os papéis masculinos e femininos, destinando aos homens o controle social e às mulheres a guarda, a manutenção e a educação dos filhos. Tornaram-se, assim, o 'típico', o modelo de mulher que viveria o lar como um templo fechado, deixando ao homem a *tarefa ingrata* de enfrentar o mundo. Na fala mitológica, parece que do matriarcado inicial, em que surgiu a humanidade, a força do macho toma o poder e inventa um deus-macho que 'cria o mundo sozinho'. Evidentemente, esse "criacionismo masculino" hierarquiza os sexos e os torna desiguais, impedindo que a mulher tenha acesso às chaves do Universo e da sociedade, em virtude de sua inferioridade e submissão. Enfim, uma figura reflexa, destinada a ser controlada pelo poder masculino.

Todo esse processo, introjetado em termos de valores de civilização, convida as mulheres a priorizarem o amor, a esfera emocional e a vida doméstica, compreendendo aí as tarefas já nomeadas como normais pelo mundo patriarcal. Em compensação, enquanto detinham esses ofícios, os homens lutavam pela vida no exterior, nas aquisições de poder, econômicas e políticas. Na verdade, a maternidade conduz, muitas vezes, as mulheres a um vazio angustiante, porque veem seus homens livres e suas necessidades psíquicas femininas não ficam

plenamente satisfeitas. De fato, em nome de uma doação irrestrita à maternidade, a mulher pode se sentir perdendo a autoestima. Para evitar esse processo, os estereótipos da cultura ocidental conduzem à crença de que o amor maternal seria o esteio da família, definindo as imagens ideais dos papéis familiares tradicionais. Ou seja, a cultura convida as mulheres a serem mães ideais e não construírem carreiras individuais de sucesso.

Knijnik (2003, p.27-35) explica que os estereótipos sexuais que cercam as mulheres influenciam nas modalidades esportivas que poderiam escolher, em virtude de que se esperam delas as virtudes do ‘belo sexo’ e a “glorificação hiperbólica de seus atributos físicos e espirituais”, muito mais do que seu desempenho atlético. Vê-se, assim, que o corpo tem um valor preponderante, oscilando entre parâmetros de beleza e feiúra que ficam padronizados e mercantilizados, inclusive pelas expectativas da mídia. Seria uma espécie de ‘discurso da beleza’ que inclusive irá influenciar na performance da atleta.

Consideramos que essas afirmações nos levam a entender que não existem inclinações inatas para ambos os sexos e que os papéis masculinos e femininos que assumimos são fruto de aprendizado ou, como já afirmou Bourdieu, socialmente escolhidos.

4.5 FUTEBOL E DOMÍNIO MASCULINO

Mira Y Lopez (1975, p.14) resume a visão conservadora sobre a diferença entre homens e mulheres nos esportes: à mulher corresponderia o cultivo da graça, da delicadeza, da suave agilidade dos movimentos; ao homem, caberia o desenvolvimento da força, energia, eficiência e coragem. Os esportes femininos incentivariam o narcisismo, a atratividade e a coqueteria. Os masculinos, por sua vez, seriam estruturados com o objetivo de expandir a agressividade, combatividade e serenidade frente ao perigo e a autoconfiança. Segundo o autor, existem esportes que feminizam e outros, que masculinizam: “o erro máximo seria dedicar homens aos primeiros e mulheres aos segundos” e arremata:

Quanto mais um esporte permite o ‘estrelato’, ou seja, o cultivo da fama individual, tanto mais favorece o narcisismo e converte a quem o pratica em uma espécie de pavão real. Quanto mais um esporte fomenta a solidariedade e o anonimato, exige o esforço em colaboração e atuação em equipe, tanto mais virilidade desenvolve.

Outra opinião significativa desta mentalidade seria a frase célebre do Barão de Coubertin: “as mulheres possuem uma única tarefa, ou seja, o papel de coroar o vencedor com coroa de flores como era o seu papel na Grécia Antiga” (MOURA, 2005, p. 131).

O próprio jornalista e técnico da seleção brasileira João Saldanha afirmava que as mulheres não eram dotadas de ‘condições biológicas compatíveis’ com o exercício do futebol, pois é um esporte que exhibe características marcantes de oposição à feminilidade – estigmatizando a reprodução do futebol feminino e insinuando o caráter de esporte sagrado dos homens brasileiros (SALLES; SILVA; COSTA, 1996).

Tal mentalidade, sem dúvida, predominou no Brasil até meados dos anos 1980, embora o movimento feminista na Europa e nos Estados Unidos já houvesse levantado questões de gênero desde a década de 1960 do século passado¹². Faria Júnior (1995, p.17-18), assevera, inclusive, que no início dos anos 1980 o modelo de desenvolvimento da educação física no Brasil era extremamente injusto, excluindo vários segmentos de nossa população, incluindo aí as mulheres, desdenhando nosso multiculturalismo e pluralismo cultural, sobejamente evidentes.

De fato, as questões de gênero¹³ foram misturadas a um arcabouço anterior de ideias retrógradas sobre a posição da mulher nos esportes, enquanto a sociedade ocidental se ocupava de discutir a oposição entre masculino e feminino e o futebol se ressentia por ser considerado um ‘clube privê’ dos homens, lembrando aquela fase pré-adolescente masculina, em que os meninos não querem de nenhum modo a companhia das meninas.

Bourdieu (1999, p.20-61), na mesma linha de Ferenczi, ao considerar que a virilidade para o homem é uma questão de honra, sobretudo pelas provas que tem de dar de potência sexual, comenta que os próprios homens não se apercebem de que são vítimas da representação dominante, que os obriga a ser ativos, fortes e apresentar resultados superiores aos das mulheres. Parece que os esquemas de percepção adotados socialmente encaminham-se para escolher um ‘caminho

¹² O feminismo foi estigmatizado durante muito tempo pelos homens, a ponto de acusarem as mulheres que professavam ideias feministas de serem malamadas, ressentidas, masculinizadas e feias.

¹³ De um modo geral encontra-se na literatura a distinção entre os termos sexo e gênero, em que sexo seria a condição biológica de ser fêmea ou macho e gênero como os processos sociais, culturais e psicológicos através dos quais feminilidade e masculinidade são construídos e reproduzidos.

natural' de divisão entre os sexos, sendo que "a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção" e que, por conseguinte, dispensaria qualquer verificação de ordem científica ou cultural.

Quando se imagina a figura de 'um torcedor', por exemplo, vem-nos naturalmente à mente um homem com a camisa de seu clube estampada a gritar palavras de ordem a favor de seu clube, em um estádio cheio, assim como, ao imaginarmos um presidiário, o que nos vem à cabeça é um homem vestido de uniforme listrado cumprindo pena em uma cela. Esses estereótipos dão uma pálida ideia de como a nossa mente reage aos diversos convites que recebemos para elevar o princípio masculino como medida de todas as coisas. "O próprio ato sexual" - lembra Bourdieu - "é pensado em função do primado da masculinidade." A "libido *dominandi*", a relação de dominação do masculino (ativo) sobre o feminino (passivo) é socialmente construída, com o homem sendo instado a manter uma postura ereta, disciplinada e olhando para a frente, enquanto a mulher é coagida a inclinar-se, baixar os olhos e a submeter-se.

Surge uma divisão social do trabalho, a partir dessa mentalidade socialmente constituída, com os homens reservando para si as tarefas mais espetaculares, exteriores e públicas, enquanto às mulheres ficaram reservados os trabalhos domésticos, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, os mais sujos, monótonos e mais humildes. Surgiu um 'capital simbólico' de dominação masculina, em que as mulheres eram chamadas à resignação e à discrição, para que o poder do homem pudesse obter as condições de pleno exercício. Enfim, uma violência quase doce, porquanto invisível, que convalidava uma imagem desvalorizada da mulher.

Na área esportiva tal mentalidade ficou muito bem ressaltada durante o período de ditadura militar, quando o Conselho Nacional de Desportos – CND¹⁴ deliberou proibir às mulheres a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, polo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*, embora em recomendação posterior, já fora do período ditatorial¹⁵, reconhecesse a necessidade de "estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país" (FARIA JUNIOR, 1995, p.23).

¹⁴ BRASIL. CND. Deliberação 7/1965.

¹⁵ BRASIL. CND. Recomendação 02/1986.

Bourdieu (1999, p.50-64), argumenta que existe uma força simbólica, renitente e invisível, que se exerce diretamente na zona mais profunda dos corpos e desencadeia nos dominados, ou seja, as mulheres, um ambiente de concordância tácita com a dominação, como uma espécie de magia. Constrói-se, aí, sutilmente, “o princípio da inferioridade e exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio da divisão de todo o universo” e contribui “para a perpetuação ou o aumento do capital simbólico em poder dos homens. Este poder, porém, é ilusório, porque os homens também se tornam vítimas da representação dominante, obrigados, desde meninos, a provar a própria virilidade e tornando os seus privilégios uma verdadeira cilada, pela necessidade de provar capacidade e potência em diversos julgamentos coletivos, desde a escola até o matrimônio. Além disso, malgrado a mulher tenha que provar suas virtudes de virgindade e fidelidade, correndo o risco de perder “a honra”, o homem “verdadeiramente homem” é obrigado a enaltecer sua honra, buscando a glória e a distinção na esfera pública.

Como consequência dessa dominação masculina, Mourão e Morel (2005) muito bem assinalam:

A construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina.

Já Faria Júnior (1995, p.25-26) esclarece que, no Brasil, através de todos esses anos, um dos principais *argumentos científicos* para excluir as mulheres dos esportes em geral e do futebol em particular seria o esforço e a tensão das competições, que poderiam por em risco os órgãos reprodutores da mulher. Exemplifica com a opinião de Humberto Ballariny (1940) da Escola de Medicina, que argumentava que “o futebol poderia provocar congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos.” Outros argumentos impeditivos, citados pelo autor, seria o de que a prática do futebol feminino poderia causar lesões nas glândulas mamárias femininas, um desenvolvimento desproporcional dos membros inferiores, pernas grossas, joelhos deformados, tornozelos rechonchudos e, por fim, exacerbar aspectos psicológicos incompatíveis com o caráter e o temperamento feminino, como o espírito combativo e a agressividade.

Bourdieu (1999, p.82) enfatiza o permanente estado de insegurança corporal a que são submetidas as mulheres, em uma espécie de violência simbólica, a custa da dominação masculina e esclarece:

[...] elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam 'femininas', isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa 'feminilidade' muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a ser constitutiva de seu ser.

Para o autor, o monopólio da violência simbólica não se legitima apenas por meio da potência sexual, mas dentro da família, que exerce ação psicossomática e a somatização da lei. Também a escola, já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos de representação patriarcal, por intermédio de suas estruturas hierárquicas, especialidades, aptidões e inclinações 'sexualmente conotadas'.

O 'mito da feminilidade' contribuiu, durante muito tempo, para levar o futebol a ser menos apreciado pelas mulheres do que outros esportes, que acentuariam as 'virtudes esperadas' dos papéis femininos, o que resultaria em um círculo vicioso: "mulheres devem praticar jogos femininos, que são rotulados como femininos porque tradicionalmente as mulheres os têm praticado" (FARIA JUNIOR, 1995, p.28-29).

Quanto ao futebol propriamente dito, a globalização levou de roldão essa pletora de argumentos conservadores, expostos aqui, de tal sorte que várias transformações importantes estão ocorrendo, eliminando-se velhos estigmas sociais que foram significativos no Brasil e pareciam incrustados de forma definitiva em nossa cultura. Conforme Rubio e Simões (1999/2, p.51): "e mais uma vez temos o esporte como uma tela onde se projetam os valores culturais de cada sociedade na qual ele é praticado, reproduzindo seus sistemas hierárquicos e também suas peculiaridades sociais."

4.6 QUESTÕES SOCIAIS E GÊNERO

O século XX, dentre outras clivagens, foi marcado pela revisão do relacionamento homem-mulher, que buscou novas acomodações e recortes. Ao consultar alguns teóricos sobre tal relacionamento, encontra-se material para reflexão sobre os preconceitos que cercaram, como sempre, as questões de gênero. Issaev (1971, p.8), por exemplo, citando Hamill (1956) observa, nitidamente refletindo tal mentalidade: “os casos de acesso feminino à direção de grandes empresas comerciais e repartições estatais não são, todavia, tão abundantes como para provocar o pânico nas fileiras masculinas.”

Nesse mesmo sentido, Bourdieu (1999, p.112-116) também constata que os homens continuam dominando os espaços públicos, as áreas de poder externas, enquanto as mulheres se especializaram na reprodução doméstica dos espaços privados, “em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos”, serviços sociais, hospitalares, educativos ou, ainda, “aos universos da produção simbólica: “áreas literárias e artística, jornalismo etc.”. Essa tendência de “ser excluída das coisas sérias, dos assuntos públicos” conduziu as mulheres secularmente ao cuidado da família, como um ser “destinado a celebrar ritualmente os laços de parentesco”, assegurando, com isso, “a projeção social da família”.

Enquanto Bourdieu considera que o mercado de bens simbólicos reduz a mulher ao corpo e ao físico, Issaev (1971, p.49) opina que a independência feminina decorre e é reforçada por sua aproximação com a natureza, em virtude da gravidez, dos partos, da amamentação, representando a maternidade uma sublimação, “em que o narcisismo feminino encontra uma satisfação biológica, na projeção corporal de seu eu em seus filhos”. Ao contrário dessa visão, diga-se, ‘conservadora’ desse autor, Bourdieu (1999, p. 123-126) assevera, recordando Foucault, que a sexualidade (assim como a maternidade) é uma invenção histórica, desde que se entendam as relações entre os sexos como um esforço de desejo entre sujeitos ajuntando que “a sociologia genética do inconsciente sexual encontra seu prolongamento lógico na análise das estruturas dos universos sociais em que este inconsciente se enraíza [...]”.

Bourdieu (1999, p.126) considera que a dominação masculina, na prática, se manifesta quando se observam mulheres que atingiram altas funções públicas ou externas pagarem um preço alto por seu sucesso profissional, que se sobrepõe à realização na ordem doméstica, com ocorrências de divórcios, casamentos tardios, celibatos, dificuldades ou fracasso no trato com os filhos. Reversivamente, o

sucesso na órbita doméstica pressupõe uma renúncia parcial ou total de sucesso profissional e no relacionamento com a economia de bens simbólicos.

Obviamente, na área dos esportes, a mulher foi constantemente acusada de invadir os espaços masculinos sagrados e privativos, como se, sem qualquer justificativa, os homens merecessem no setor uma hegemonia ideológica, principalmente em se tratando dos esportes coletivos, vez que ao praticá-los elas abertamente desafiavam a velha estrutura patriarcal. O impacto dessas transformações teve que ser 'digerido' pelo universo masculino, que, como já visto, ergueu toda sorte de argumentos falsamente científicos e biológicos, eventualmente desmontados pelas análises sociológicas e antropológicas, no sentido de justificar um falso domínio, só explicado pelas antigas e ultrapassadas relações de poder. Nesse contexto, Chagas (1991) afirma que "a dualidade dos sexos, traduzidas por um conflito histórico leva-nos a refletir onde tudo começou, porque o homem venceu, porque a mulher é o Outro numa relação em que os dois são necessários" (RUBIO, SIMÕES, 1999/2, p.50-53).

Na verdade, as energias femininas, como explicita Mourão (2003, p.125), "não estão mais concentradas exclusivamente na reprodução, muito embora a casa e a família continuem a ser os pontos principais de referência das mulheres" e cita as hipóteses de Castells (1999) para explicar as razões das transformações da trajetória das mulheres no século XX, combinando quatro elementos: a transformação da economia do mercado de trabalho associada à abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação; as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina; o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista e, finalmente, a rápida difusão de ideias em uma cultura globalizada.

Mourão (2003, p.126-128) considera que não se quer advogar para o feminino uma construção equivalente do machismo reinante, mas a participação feminina na história dos Jogos Olímpicos modernos quebrou o mito do sexo frágil, historicamente construído e sem justificção, como já se percebeu. Além disso, o fator demográfico, além de todas as transformações, é determinante, vez que as mulheres passaram a constituir praticamente metade da população ativa em nível mundial, o que resulta, na prática, em ocupação de espaços da economia simbólica.

Mesmo assim, a autora constata ser rara a participação de mulheres na ocupação de posições de liderança e tomada de decisões no esporte brasileiro,

embora tenha participado realmente de atividades físicas e esportivas em clubes, desde 1920. Foi difícil para as mulheres, progressivamente, se envolverem em competições de alto nível e alta performance, com essa participação repetindo a luta feminista de um século atrás. Há uma disparidade entre o assumir posições de liderança em diversos ramos de atividade e o esporte, que ficou como monopólio do gênero masculino durante quase um século. Além disso, as mulheres de classes mais altas no país têm tido maiores oportunidades de praticar atividades esportivas, enquanto as representantes das classes sociais mais baixas veem sonegadas as oportunidades para exercer suas atividades esportivas, em virtude de que, no Brasil, são poucos os projetos escolares e sociais direcionados para a absorção desses segmentos.

Embora assinala que o jogo de poder não represente uma verdadeira luta entre os sexos, Mourão (2003, p.152) afirma que as mulheres conseguiram, por meio de seus esforços individuais, construir uma trajetória de sucesso nas modalidades esportivas, o que, sem dúvida, contribui para aumentar a importância do esporte como fenômeno social e de integração humana. Da mesma maneira, como uma instância que pode medir a saúde física e mental de parcelas da população, o esporte não pode ser confundido com uma tentativa velada de 'masculinização das mulheres', principalmente quando nos reportamos às modalidades de alta performance e de resultados. Nesse sentido, observam, com muita propriedade Simões, Conceição e Nery (2004, p.69):

O fato de se falar das mulheres no esporte em termos de mulher macho, mulher máscula e/ou lésbica suscita o problema de uma equipotência de discursos, que motiva em grande parte a ironia presente no senso comum em relação à imagem da mulher como atleta de alto nível. Assim, as mulheres que levam o esporte de competição a sério e que investem quantias consideráveis de tempo, energia e treinamento são tidas como atletas vencedoras.

Parece que não haverá o desaparecimento da dominação masculina, pelo menos em um tempo historicamente perceptível estendido ao futuro, mas, sem dúvida, os sinais de que as mulheres, a partir do movimento feminista e da conquista progressiva de espaços sociais, estão conquistando espaços significativos, embora as lutas quanto às questões de gênero possam ser relacionadas, conforme já alertou Bourdieu (1999, p.138-139), a problemas ligados às estruturas do inconsciente, que perpetuam relações de dominação entre os sexos.

4.7 FUTEBOL, JURISDIÇÕES E TERRITÓRIOS

Dentre os múltiplos efeitos da globalização, tem-se o fenômeno paradoxal do protagonismo das cidades, que se tornou firme tendência ao final do século XX. Evoluímos de um conceito puramente urbano de 'polis', que lembrava a mansidão do mundo feudal, para um patamar de sociedade politicamente organizada. Embora a noção de cidadania tenha sido haurida na Paidéia grega e no ius romano, é muito importante assinalar que as cidades modernas puderam demonstrar na prática esse desenvolvimento pela distinção fundamental, caracterizada a partir do século XVIII, entre o público e o privado. O lugar comum de convivência a que se chama 'civilização' passa pelo contorno das cidades e vislumbra o próprio desenvolvimento através de sua diversidade. Nesse sentido, podemos falar das cidades-estado gregas, de Roma como metrópole administrativa de um grande império e das cidades brasileiras. Para o homem, que constrói a cidade a partir da projeção de sua própria casa (*oikós*), surgem várias ciências dignas de estudo, como a economia e a sociologia, que começam e terminam na vasta noção de casa, como envoltória permanente capaz de permitir que o homem possa 'ser', além mesmo do meramente 'existir'.

A afirmação civilizacional contextualiza-se, pois, na evolução do conceito de casa para o fenômeno de sua repetição continuada, em novas subdivisões, como bairros, avenidas, zonas de moradia e de concentração de atividades econômicas, sociais e culturais. Uma cidade é o retrato dessa diversidade de funções, como se ela cumprisse um *modus vivendi*, uma maneira específica de estar no mundo e compor a geografia humana. Caracterizados como seres gregários, é a cidade o nosso paradigma básico de civilização. Assim, qualquer reflexão sobre a cidade e seus delineamentos geográficos, territoriais, arquitetônicos, populacionais e culturais serão bem-vindos para a compreensão da evolução social de homens e grupos na importante tarefa de construir e defender a civilização humana. Queremos dizer que é essa a intencionalidade precípua na edificação das cidades: afirmar a nossa humanidade sobre a natureza e o tempo.

As cidades vêm ganhando grande importância política, mesmo em tempos de globalização, fenômeno que pode ser considerado paradoxal, em uma época em que o pensamento global, único ou internacional poderia parecer superior às motivações regionais e locais.

O futebol é, em última análise, praticado nas cidades e megalópoles, circunstanciado pelo espírito das tribos e pela segmentação dos times, que exibem diversos estados de opinião e grupalização. É um esporte que se integrou à plasticidade das jurisdições e territórios, fabricados, por reflexo, pela pós-modernidade. Embora mantenha regras claras e simples, o esporte não é um racionalismo, o que serve as massas em seu espírito de decantação e confusão. A paixão futebolística serve, pois, para justificar emoções e sentimentos adormecidos em grupos e subgrupos, que se congregam e desagregam de acordo com o estabelecido nas competições, organizadas pela sociedade conservadora. Eis aí o paradoxo do futebol: de origem e organização burguesas, que se estabelecem em clubes e franquias, empolga as massas e seus grupos, que se sentem pertencendo a algo, indefinível e simbólico, representado pelas cores do time do coração, que galvaniza opiniões, comparecimento aos estádios e uma fidelidade típicos.

CAPÍTULO 5

5. A PÓS-MODERNIDADE

O dinamismo e o escopo globalizante das instituições modernas explicam, conforme Giddens (1991, p.25-27), a natureza das descontinuidades em relação às culturas tradicionais. Nelas, espaço e tempo coincidem, de forma que as dimensões espaciais da vida social são dominadas pela 'presença' – por atividades localizadas. Com o advento da modernidade, a interação face a face não é tão necessária, com “o lugar se tornando cada vez mais fantasmagórico”, isto é, “os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles”. O que estrutura o local não é o que está presente na cena; na verdade, “a ‘forma visível’ do local oculta relações distanciadas que determinam sua natureza”.

Nas culturas tradicionais, segundo Giddens (1991, p.43-44), “o passado é honrado e os símbolos, valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações”. A tradição é uma forma de unificar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Quando todos mantêm-se em contato com as bases do que fazem, como parte integrante do fazer, isso, produz um contraste em relação à modernidade.

Maffesoli (2006, p.31-48), por sua vez, denuncia “o vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento de microgrupos (tribos).” O autor considera que a massa, ou o povo, não se apóiam em uma “lógica de identidade, nem no conceito de ‘história em marcha’”. As tribos que se cristalizam dentro da massa estão em processo de agitação permanente e de desindividualização, onde a comunidade “esgota sua energia na sua própria criação”

A reflexividade da vida social moderna consistiria no fato de que as práticas sociais são frequentemente analisadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim seu caráter. Com o advento da modernidade, a reflexividade adquiriria um caráter distinto. Ela seria introduzida na própria base da reprodução do sistema, de modo que o pensamento e a ação estivessem refratados entre si. A rotinização da vida cotidiana não possui nenhum

atrelamento intrínseco com o passado, salvo se, o que ‘foi feito antes’, coincida com o que pode ser defendido à luz do conhecimento renovado (GIDDENS, 1991, p.45).

O que é constitutivo da modernidade não é o novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada, que inclui “a reflexão sobre a natureza da própria reflexão”. Na modernidade nenhum conhecimento se dá no sentido em que conhecer é estar certo. Nas ciências sociais “tem-se que acrescentar ao caráter inconstante de todo conhecimento baseado empiricamente a ‘subversão’ que vem da reentrada do discurso científico social nos contextos que ele analisa”. Nesse sentido, as ciências sociais participam de uma relação reflexiva em que a sociologia tem um lugar especialmente central. A posição de pivô da sociologia na reflexividade da modernidade vem de seu papel como o mais generalizado tipo de reflexão sobre a vida social moderna (p.45-49). Guardando um diferencial simbólico aparentemente ‘não permitido’, com uma riqueza de sentido que é preciso compreender, do mesmo modo como Giddens (1991, p.51-53) ousou definir pós-modernidade:

Pós-modernismo, se é que significa alguma coisa, é mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos no interior da literatura, artes plásticas e arquitetura, como uma reflexão estética sobre a natureza da modernidade. A pós-modernidade se refere a algo diferente, a uma trajetória do desenvolvimento social que nos retira das instituições da modernidade rumo a um novo e diferente tipo de ordem social. Estabelece-se uma atmosfera em que nada pode ser conhecido com alguma certeza, a história fica destituída de finalidade e conseqüentemente nenhuma versão de ‘progresso’ pode ser plausivelmente defendida. Surge uma nova agenda de orientação ecológica, mas dificilmente uma plataforma de transição entre capitalismo e socialismo. Falar da pós-modernidade como suplantando a modernidade parece invocar aquilo mesmo que é (agora) declarado impossível: dar alguma coerência à história e situar nosso lugar nela.

De fato, mesmo que compreendamos a urbes como consequência da pós-modernidade, é necessário reconhecer que a economia está tão mudada quanto o capital e o trabalho, em nossa era ‘informacional-global’. De acordo com Castells (1999), mesmo que a norma continue sendo a produção pelo lucro e para a apropriação privada dos lucros com base nos direitos de propriedade – o que constitui a essência do capitalismo - os mercados financeiros e suas redes de gerenciamento são o verdadeiro capitalista coletivo. Isso não quer dizer que o capital financeiro domine o capital industrial, dicotomia esta que não condiz com a atual realidade econômica. As fronteiras entre a sobrevivência cotidiana e a exclusão

social estão cada vez mais indistintas para ampla camada de pessoas, após perder boa parte da rede de segurança, sobretudo para aqueles que não conseguem acompanhar a constante e necessária atualização profissional¹⁶.

Nesse sentido, chama atenção Maffesoli (2006, p.51-52), para a metáfora do tribalismo, com as suas modulações de ideais circunscritos (o localismo), encontrados em diversas experiências sociais. Existiriam religiões, modos de vida, comunidades e sexualidades tribais, em um período de gestação, em que alguma coisa é aperfeiçoada, provada experimentada, “antes de decolar para uma expansão maior.”

O futebol também conseguiu, de certa forma, acessar a pós-modernidade, em um processo que ainda está em curso, porque com a FIFA e a institucionalização da Copa do Mundo parecia que o esporte viria a ser um sucedâneo do conflito entre estados-nação, mas tal não ocorreu, embora a nacionalização das seleções, confundindo-se com seus estados-membros, conseguisse fazer supor que havia nações em disputa. No entanto, com a constante profissionalização do esporte, a importação e exportação de jogadores, principalmente após os anos 1990, as estruturas do futebol evoluíram para a desnacionalização e o supranacionalismo, que são paradigmas reflexos da pós-modernidade.

5.1 AS COMUNIDADES VIRTUAIS

A fragmentação da força de trabalho, a exclusão social de um significativo segmento da sociedade e a separação entre a lógica de mercado das redes globais de fluxos de capital e a experiência humana de vida dos trabalhadores são as divisões sociais da Era da Informação. (CASTELLS, 1999, p.506).

O capital circulante, o poder que impera e a comunicação eletrônica rodopiam pelos fluxos de intercâmbios enquanto a experiência fragmentada permanece. A

¹⁶ Castells (1999, p.202) define o conceito de ‘rede’ como um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação. A nova economia é, decerto neste momento, uma economia capitalista. De fato, pela primeira vez na história, todo planeta é capitalista ou dependente de sua ligação às redes capitalistas globais. Mas é um novo tipo de capitalismo, tecnológica, organizacional e institucionalmente distinto do capitalismo clássico (*laissez-faire*) e do capitalismo *keynesiano*”.

tecnologia encurta o tempo a instantes aleatórios e, assim, desarticula a sequência da sociedade e o desenvolvimento da história. Ao encerrar o “poder no espaço de fluxos, permitir que o capital escape do tempo e dissolva a história na cultura do efêmero, a sociedade em rede desincorpora as relações sociais e introduz a cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p.500).

Maffesoli (2006, p.62), nesse contexto, observa que a multiplicação dos meios de comunicação de massa, em um primeiro momento, ameaçaram a cultura burguesa, baseada na universalidade e no privilégio, mas, em instante posterior, ampliados e banalizados, tais meios conseguiram se aproximar da ‘vida comum’. No paradigma informacional surge uma nova cultura: a virtualidade real. Pela superação dos lugares e pelo tempo intemporal os símbolos abarcam a experiência real, não são apenas metáforas. Essa nova estrutura social da Era da Informação constrói a cultura da virtualidade nos fluxos globais, e que, por sua vez, transcendem o tempo e o espaço¹⁷.

A irregularidade territorial da produção constrói uma geografia de realização de valor diferencial, mostrando imensos contrastes em todos os cantos do planeta. Há, segundo Castells (1999), reação contra a exclusão social e a não-pertinência econômica que desempenha papel basilar: “a exclusão dos que excluem pelos excluídos”. Como o mundo está conectado nas estruturas básicas da vida sob a lógica da sociedade em rede, a não-adesão de países pode significar que os Estados-nação sobreviverão, mas não sua soberania. “Eles se unirão em redes multilaterais com geometria variável de compromissos, responsabilidades, alianças e subordinações”. Por sua vez, Maffesoli (2006, p.66) assinala que existe uma tendência dionisíaca na fúria consumista da multidão, ocupada em um frenesi constante nas lojas e reuniões esportivas, que submeteria a todos, provocando uma “perturbadora ambiguidade.”

Diante dos imperativos globalizantes da sociedade em rede surge uma tentativa de valorizar “o diferenciado”, a sociedade local, o *lócus vivendi*, poderíamos dizer, no que se reporta à convivência eminentemente humana, face a face, nas comunidades.

A cidade, por conseguinte, torna-se terreno privilegiado de ajustes da ação pública, produzindo regras do jogo que haverão de permear o comportamento dos

¹⁷ Conforme Castells (1999, p.50) “o espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos.”

protagonistas do espaço social urbano e enfatizar a tendência de que os recursos fundamentais para ação estão na mão de atores privados, múltiplos (GUERRA, 2003, p.343). A sensação de descontinuidade entre o pensar e o fazer, em meio à superação das dicotomias sociais existentes no século passado, que dividiam o local e o global, o econômico e o social, o objetivo e o subjetivo, sugere mudança de perspectiva, no entender de Guerra (2003, p.344):

A emergência do desenvolvimento 'local' arrasta consigo o global exatamente pela integração das várias instâncias e dimensões do desenvolvimento. Essa globalidade induz particularmente o problema da participação dos atores econômicos e sociais, isto é, das 'forças vivas'. O conceito de globalidade questiona as dicotomias tradicionais em nome da territorialização (o endógeno e o exógeno; os agentes locais e os agentes centrais do Estado etc.) e induz levar em consideração a complementaridade de todos os parâmetros do desenvolvimento na organização territorial.

E continua a autora:

Por isso, um novo contexto mais ampliado, sistêmico e integrado constitui hoje o terreno das políticas públicas – desenvolvimento local, luta contra a segregação e a exclusão, promoção de identidade, garantia de patrimônios de identidade, etc. As autoridades locais ampliam o seu campo de ação e desenvolvem novas iniciativas nas áreas de urbanismo, organização urbana, políticas sociais, cultura, ação econômica etc. Este aumento das responsabilidades locais é resultado quer de transferências institucionais de competências, quer ainda da difusão de novas práticas acionadas pelos novos problemas, procedimentos por vezes experimentais de início, mas progressivamente estabilizados.

Se eram, em seu surgimento, um conjunto organizado de seres humanos tendo em vista objetivos de abastecimento, hoje, inclusive mediante o auxílio das tecnologias, as cidades desfrutam do poder de escolher as próprias vocações: industrial, de turismo, de serviços ou de lazer, por exemplo, em um processo que, conforme Maffesoli (2006, p.71) desloca-se “da economia onipresente para a ecologia generalizada.” Em suma, as cidades estendem-se no reino do concreto, enquanto governos e mercados singram o mar revolto das abstrações e parecem escapar das propostas eminentemente humanas de interferência. Por isso, delas surgem atores concretos, consumidores com possibilidade de escolha e exercício de racionalidade, capazes de eleger objetivos coletivamente definidos, embora ainda esteja profundamente arraigada a mentalidade de que as relações sociais são

relações de poder e que, nesse sentido, toda negociação seria “realizada em uma base de interações desiguais entre dominados e dominantes” (GUERRA, 2003, p.349).

Essa ‘emergência local’ constitui um novo modelo de representação mais ágil e pragmático que permeia a sociedade civil. No território especializado de uma metrópole, a subdivisão entre bairros e regiões consegue demonstrar a diversidade de condutas urbanas que, por seu turno, irão promover a escolha de um conjunto de instituições precursoras a serem desenvolvidas. Assim, temos em uma cidade, bairros e regiões ‘para isso e para aquilo’, sem nenhum demérito para os respectivos atores sociais. O que existe são diferentes ‘leituras’ de ação pública, compromissos recíprocos e capacidades de ação coletiva, “através da interação prática e do sucesso – ou do fracasso – das ações realizadas em conjunto” (GUERRA, 2003, p.350).

As cidades reconstroem a experiência do vivido, a sua concretude, o sentimento e as paixões dos diversos agregados sociais. Tal densidade exprime-se mediante delegações (assembléias gerais, conselhos, democracias diretas, parlamentos em seus inícios, entre outros) com suporte eminentemente popular (MAFFESOLI, 2006, p.75). O protagonismo das cidades, em sua complexidade, trouxe, como em uma espécie de imagem invertida, a diversidade de suas microrregiões, muitas vezes apartadas umas das outras em termos de finalidade de existência, espaço geográfico e constructo social. O *apartheid* intra-urbano também é uma realidade, que não difere da questão sociológica mais antiga de integrar os excluídos e dar um tratamento desigual aos desiguais. Existem mecanismos psicológicos de integração e rejeição que impelem homens e mulheres a se cingir mais ou menos ao mesmo espaço social, envolvendo em torno dele as suas expectativas pessoais e emocionais. Os que ficam, tornam-se incluídos; aqueles que percebem uma diferença profunda entre as aspirações e o ambiente – tornam-se francamente ‘outsiders’.

Elias e Scotson (2000, p.40) refletiram muito bem sobre os impactos da “opinião pública interna” em sua repercussão sobre aldeias e vizinhanças, aludindo a uma espécie de cordão elástico e flexível, ligando a comunidade:

Quando o diferencial de poder é suficientemente grande, um membro de um grupo estabelecido pode ser indiferente ao que os *outsiders* pensam dele, mas raramente ou nunca é indiferente à opinião dos

seus pares [*insiders*] – daqueles que têm acesso aos instrumentos de poder de cujo controle monopolista ele participa ou procura participar e com quem compartilha, no grupo, um mesmo orgulho, um carisma coletivo comum.

Assim como o sentimento de Pátria, já comentado, o sentido de aproximação em uma comunidade revela um substrato de participação no poder e um senso de consentimento entre pessoas. Corresponde, de acordo com Elias e Scotson (2000), a um vínculo mesmo de sanidade, em que indivíduos autônomos colocam a sua liberdade à mercê da vocação grupal, assim como se preservam, intimamente, de uma eventual tentativa, por parte do ambiente externo, de constituir uma ‘sociedade de robôs’.

Ocorre que o senso de participação também se estratifica por meio da aceitação mútua de objetivos que podem ser plasmadas em ações de ordem econômica, política, social e cultural. Neste ponto, não se pode esquecer a compreensão de Bourdieu (1997, p.163-164) e sua noção de espaço social, que, para ele “é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica”. Os que detêm o capital social podem usufruir dos bens espaciais e sociais que mantêm à distância dos que não os possuem, provocando nesses uma “imobilidade espacial”. Assim, “as disputas para a apropriação do espaço podem tomar uma forma individual: a mobilidade espacial, intra ou intergeracional”. E Bourdieu (1997, p.165-166) continua:

De fato, certos espaços, e em particular os mais fechados, os mais ‘seletos’, exigem não somente capital econômico e capital cultural, como também capital social. Eles proporcionam capital social e capital simbólico, pelo efeito de clube que resulta na associação durável (nos bairros chiques ou nas residências de luxo) de pessoas e de coisas que, sendo diferentes da grande maioria, têm em comum não serem comuns, isto é, na medida em que elas excluem, em direito (por uma forma de *em umerus clausus* ou de fato o intruso está fadado a provar um sentimento de exclusão capaz de privá-lo de certas regalias associadas à pertença), todos os que não apresentam todas as propriedades desejadas ou que apresentam uma (pelo menos) das propriedades indesejáveis. O bairro chique, como um clube baseado na exclusão ativa de pessoas indesejáveis, consagra simbolicamente cada um de seus habitantes, permitindo-lhe participar do capital acumulado pelo conjunto dos residentes: ao contrário, o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam e que, em troca, o degradam simbolicamente, porquanto, estando privados de todos os trunfos necessários para participar dos diferentes jogos sociais, eles não têm em comum senão sua comum excomunhão.

Com a expansão da sociedade do conhecimento, o paradigma da especialidade é substituído pelo da generalidade. A antiga estrutura vertical/funcional, paradigma da sociedade industrial até fins da década de 1980 do século passado, vem sendo superada em organizações empresariais e institucionais cada vez mais centradas na qualidade de produtos, no *marketing* e na ótica voltada para os clientes. Conforme Kuhn, *paradigma* é um ‘modelo de pensamento’, uma estrutura capaz de explicar certos aspectos da realidade em diversos campos do conhecimento. Quando surge ‘uma mudança de paradigma’, ocorre o afloramento de um modo de pensar diferente, uma nova perspectiva mais ampla, que transformaria o conhecimento tradicional, a partir de novas e insistentes observações, reconciliando suas aparentes contradições.

Para Viana (2000) os usuários da Internet, por exemplo, veem o computador como extensão de suas vidas. Desejam respostas imediatas, são extremamente curiosos e valorizam muito a individualidade e a privacidade, formando assim uma espécie de tribo. Uma tribo que sociabiliza, pode-se assim dizer, a sua solidão. A frente do computador, dentro de suas casas, viajam pelo mundo, visitam museus, entram nos *chats* e batem papo com ‘desconhecidos’. Em suma, ganham uma nova identidade. Escondem-se por *nicksnames* (apelidos) e, sem ter o desafio de estar frente a frente com os seus interlocutores, os internautas podem se transformar. Podem passar a imagem de serem mais gordos ou mais magros, podem ser simpáticos, espirituosos e até deixar a timidez de lado. Podem assumir distintas identidades, pois têm a chance de virarem atores comunicantes. É importante notar que, embora pareça que com a utilização do universo da informática, baseado na abertura de ‘janelas’ virtuais, levando o indivíduo a zapear pelos *sites* e pelos canais de comunicação com outras pessoas, lançasse o ser humano em uma atmosfera de igualdade e homogeneidade social, nos parece que a informática ‘aplicada’ segmenta o público muito mais do que as atividades institucionais e políticas.

Assim, temos diversas ‘comunidades virtuais’ em rede (Orkut, Facebook) que se especializam em estratificar os gostos das torcidas em relação ao futebol, chamando atenção para horários dos jogos, pontos de encontro e festas e comemorações em torno das partidas, além de comentários sobre jogos e outras solenidades. Tais comunidades são fechadas (trabalhando em segredo digital) ou abertas às comunidades para que novos membros que com elas se identificam possam participar. É difícil para as autoridades de Estado controlar esse processo

de reidentificação dos grupos, de acordo com paixões clubísticas, porque o cimento dessa dedicação é simbólico e depende de variáveis não previstas pelas leis gerais e costumes. São desmembramentos do desejo de pertencer a algo novo, que prescinde dos foros da cidadania regulada (baseada em documentos, diplomas e concursos).

MAFFESOLI (2006, p.83-85) argumenta que a causalidade e o utilitarismo não podem, por si só, explicar a propensão a se associar, o que supera egoísmos e interesses particulares. É preciso buscar essa força em um sentimento compartilhado, onde a mundialização dos costumes é superada pela ênfase a valores particulares, como se desenvolvesse uma 'fibra pagã' que resistisse às uniformizações sugeridas pelas mídias. Nesse sentido, as cidades transformaram-se em campos de experimentação, onde os bairros, guetos e paróquias substituíram as aldeias, lugarejos e comunas de antigamente. E o autor enfatiza: "o santo patrono venerado e celebrado será substituído pelo guru, pela celebridade local, pela equipe de futebol ou pela seita de modestas dimensões."

Maffesoli crê, ainda que a transformação urbana corresponde a uma descristianização galopante, favorecendo ao sincretismo religioso praticado pelas classes populares e assinala o paradoxo de que a desumanização real da vida urbana converge para a formação de agrupamentos específicos "com a finalidade de compartilhar a paixão e os sentimentos", em uma partilha de emoções que constituem o verdadeiro 'cimento societal'.

Viana (2000, p.2) expõe que o isolamento social desenvolvido pelo indivíduo, quando em contato com as possibilidades que a internet oferece, é um dos aspectos que está mobilizando vários debates em torno dessa mídia. Para a autora, realmente há alienação e desumanização pela falta de contatos físicos entre as pessoas. Porém, os defensores da *web* afirmam que ela não pode ser considerada a culpada por preencher um vazio já existente nos indivíduos, em virtude da complexidade da vida urbana. O que se pode afirmar é que não existe um meio de recuar, pois a Internet já foi incorporada ao dia-a-dia da classe média brasileira, proporcionando comodidade nunca antes vista, ao disponibilizar serviços diretamente do seu computador, como, por exemplo, em bancos, livrarias e bibliotecas, além de permitir uma fuga das pressões cotidianas, como o trânsito e a violência das grandes cidades.

Segundo o IBGE (2008)¹⁸, em três anos, o percentual de brasileiros com mais de dez anos que acessaram ao menos uma vez a Internet pelo computador aumentou 75,3%, passando de 20,9% para 34,8% das pessoas nessa faixa etária, o que significa 56 milhões de usuários, em 2008. Nesse mesmo período, a proporção dos que tinham telefone celular para uso particular passou de 36,6% para 53,8% da população com mais de dez anos, sendo que, para 44,7% (38,6 milhões de pessoas), o celular era o único telefone que possuíam para uso pessoal. Os jovens e os mais escolarizados são os que mais acessam a rede mundial de computadores, embora, entre 2005 e 2008, o acesso entre aqueles com menos anos de estudo tenha apresentado um crescimento significativo. As diferenças regionais na utilização da Internet permaneceram, sendo o percentual de usuários menor no Norte (27,5%) e Nordeste (25,1%) e maior no Sudeste (40,3%), Centro-Oeste (39,4%) e Sul (38,7%). O local em que mais se acessava a Internet continuou sendo, em 2008, a residência, mas agora seguido das *lan houses* (centros públicos de acesso pago) que superaram o local de trabalho. Também houve alteração no principal motivo das pessoas a usarem a Internet: 83,2% acessaram a internet em 2008 para se comunicar com outras pessoas – em 2005, o principal fator motivador era educação ou aprendizado, que foi para o terceiro lugar em 2008. Nesses três anos, duplicou o acesso à Internet por conexão de banda larga, entretanto, em 2008, 32,8% dos que não acessaram a internet ainda diziam que não queriam ou não achavam necessário usá-la. Entre as unidades da federação, Distrito Federal (56,1%), São Paulo (43,9%) e Rio de Janeiro (40,9%) tinham os maiores percentuais de pessoas que acessaram a Internet; enquanto Alagoas (17,8%), Piauí (20,2%) e Maranhão (20,2%) apresentaram os menores percentuais.

Segundo Viana (2000) a mídia digital tem promovido mudanças significativas na rotina do homem moderno. Muitos relatos apontam para o fato de que o universo virtual, especialmente a Internet, tem contribuído para que haja extremos patológicos nos indivíduos, contudo, para grande parte das pessoas, ela parece ter trazido melhoras e ampliado o universo de relações. Seu êxito é oriundo de um mecanismo entre estímulo e resposta. O que leva os indivíduos a ficarem conectados a um mundo virtual é a compulsividade e interatividade de estar *online* e de obter

¹⁸ Suplemento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2008 sobre Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal. Informações disponibilizadas em <http://convergenciadigital.uol.com.br>

respostas imediatas. Outro fenômeno digno de observação é a nova linguagem, denominada de 'virtual', onde se observa o uso disseminado de expressões e jargões típicos da informática, uma comunicação resumida e um descaso com as regras gramaticais das línguas respectivas. A mistura de vários elementos, o dialeto das salas de bate-papo, os erros ortográficos, às vezes propositais seria, em princípio, um reflexo da proposta da própria Internet: "uma rede democrática que se governa por si mesma". A alteração da grafia tem similaridades com a linguagem dos telégrafos ou dos radioamadores, dificilmente compreendidas, quando foram criadas.

Segundo Maffesoli (2006, p.88-91), "é no segredo, no próximo, no insignificante (naquilo que escapa à finalidade macroscópica) que se exerce o domínio da socialidade, [...] o conservatório de energias que, na ordem do político, tinham tendência a se expandir no domínio público." A maioria silenciosa contraria as ideias universalistas burguesas, conformando-se em um "conglomerado de redes e grupos", o proletariado definido como agente de uma sociedade futura, espécie de "populacho débil e/ou infantil que é necessário conduzir ou proteger. Apoiando-se no pluralismo, tal maioria representa a 'não-domesticação' das massas, a muralha mais sólida diante das diversas dominações."

Na rede mundial de computadores configuram-se novas oportunidades de produzir fraturas no poder da comunicação de massa a partir da veiculação descentralizada de informações sobre as quais o sistema não tem controle; o desenvolvimento de uma tecnologia digital mais barata e a difusão de informações por cabo e satélite tornaram a produção e veiculação de textos, imagens e sons acessível a um número infinitamente maior de pessoas e grupos sociais que passaram a expressar e difundir suas idéias em âmbito regional ou mundial.

O mesmo avanço tecnológico que viabilizou uma comunicação de massas que dá sustentação à globalização também permitiu a implantação de rádios, tevês e jornais comunitários e corporativos, que difundem ideias e opiniões contrárias à globalização; setores historicamente silenciados ou, no mínimo, ignorados pelas mídias fazem uso dessas mesmas mídias para se integrarem ao cenário das lutas pelo poder; movimentos sociais urbanos pressionam governos e agências reguladoras em torno da necessidade de democratização da comunicação enquanto fazem uso dos meios em suas lutas.

Da noção de povo, tomada no sentido social mais simples, passa-se a observar a versatilidade das massas, com sua capacidade específica de insolência, que se transforma em um escudo contra o poder: “o povo como massa tem como responsabilidade essencial triunfar sobre a morte de todos os dias”. Tal tarefa consome muito de sua energia e representa, sem dúvida, a sua nobreza. A massa é uma modulação do “estar-junto”, ela não se politiza e basta-se a si mesma. O indivíduo é livre, contrata e se inscreve em relações igualitárias; a pessoa é tributária dos outros, inscrevendo-se em um conjunto inorgânico; o indivíduo tem uma função, a pessoa, um papel. A massa tem relação com a natureza, com um caldo de cultura que lembra o caos e o não civilizado: o ‘nós’ do povo, da massa, é “um intermediário entre o mundo natural e o mundo social. E o autor arremata: “não há mais separação entre o cosmos e o social, nem tampouco no interior do todo social. Pelo contrário, estamos na presença do que se pode chamar a culturalização da natureza, e a naturalização da cultura” (MAFFESOLI, 2006, p.119).

As tribos passam a ter expressão por meio das ‘comunidades virtuais’, que se servem das mesmas para manter contato e difundir uma espécie de ‘memória coletiva’, “a preeminência do grupo, da tribo, que não se projeta na distância, ou no futuro, mas vive no concreto mais extremo que é o presente, uma verdadeira ‘família ampliada’”. Nesse sentido, “as redes que pontuam nossas megalópoles, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, comensalidade, de sustentação profissional e, às vezes, até mesmo de ritos culturais [...]” (MAFFESOLI, 2006, p.124).

Tais comunidades virtuais, ou grupos secundários, “verdadeiras metástases dentro do corpo social, ainda que signifiquem, com sua presença, o fim de uma modernidade civilizada, esboçam, com pertinência a forma societal que está nascendo” (MAFFESOLI, 2006, p.125).

Essa cultura pode ser encarada como uma fonte de inspiração para novos projetos no ciberespaço, assim como um novo campo etnográfico a ser explorado em busca de um melhor entendimento da cultura contemporânea.

O acesso às tecnologias digitais e o crescimento da Internet vêm permitido a um público cada vez mais numeroso passar da posição de “meros consumidores” a produtores e/ou disseminadores de bens simbólicos os mais variados: filmes, música, textos, filmes de animação, arte visual, games, esportes, etc. Pela facilidade de manipulação dos novos meios e por intermédio da partilha de conhecimentos

técnicos, dispostos em sites e blogs, este público se distribui pela web por meio de comunidades que cultivam, trocam e se alimentam de produtos e expressões culturais comuns.

Conforme Pereira (2006), talvez pela avidez com que se apropriam dos meios de produção ou por estratégia de diferenciação em relação aos produtos da cultura massiva, este público vem propondo, por meio dos bens simbólicos gerados, padrões estéticos que valorizam acabamentos toscos, excessos, imperfeições e ruídos, vistos ainda por boa parte da cultura contemporânea como lixo cultural digital - ou *digital trash*, como denominado pelo próprio público em questão.

5.2 O NEOTRIBALISMO

As práticas sociais, consteladas em um relativismo do viver, na grandeza e tragédia do cotidiano, bem ou mal assumido, caracteriza o “nós” que sustenta todo o conjunto - conforme sustenta Maffesoli (2006). A socialidade constitui-se na materialidade do ‘estar-junto’, a preponderância (simbólica) do imaginário materializado em um corpo social. Um modelo comunitário, progressivamente reprimido pela burguesia, mas que justifica “o aspecto progressista e liberador da modernidade. Nesse contexto, para Maffesoli (2006, p.132) o neotribalismo não tem projeto político, “não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão ser a preocupação com um presente vivido coletivamente [...] ao contrário da instabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão”.

Assim podem ser definidas pela fluidez e paixão o império das torcidas organizadas. Observa muito bem Toledo (1996), que quando os torcedores se encontram sozinhos a caminho dos estádios, não exibem o estado de ânimo alterado, mas quando entram em grupo a agressividade é canalizada, expressando o jogo social desigual nas sociedades e o desejo de superação em relação aos adversários. “Uma superação técnica, que também exige esforço físico; e, por parte das torcidas, tal superação é dada por aquela que xingar, cantar e incentivar mais o seu time”.

A socialidade, a partir de forte envolvimento emocional, conduz os indivíduos a oscilarem entre vários papéis e máscaras (*persona*), não só em sua atividade profissional, como também nas várias tribos a que pertença. Tais papéis mudam de

acordo com os gostos assumidos (sexuais, religiosos, culturais, esportivos, de amizade, etc.) no teatro do mundo (MAFFESOLI, 2006, p.133). O tempo do consumo, na pós-modernidade, é o tempo do efêmero e da descartabilidade. Não é a necessidade que nos move, mas, o ser desejante se notabiliza por ser 'consumidor'. E o indivíduo não foge ao modelo: antes de ser cidadão, de ver saciadas as suas necessidades fundamentais, ele se torna um consumidor descartável. Existem, talvez em uma perspectiva de otimismo, algumas mediações de proteção, diante da onipresença do mercado global, como mecanismo triturador.

A tendência à teatralidade e ao espetáculo, que influencia diretamente o amor pelo futebol, é apontada por Maffesoli (2006, p.134) como cimento para o culto do corpo e os jogos de aparências. Forma-se uma dimensão sensível e tátil da existência social, misturados aos prazeres da multidão ou do grupo, que passam a viver "uma estranha compulsão de amontoarem-se", a uma lógica de tocar-se entre si, o que também lembra, segundo Da Matta, o paroxismo do carnaval. É essa proximidade tátil que rege as nossas tribos contemporâneas.

Diz o autor que existe uma propensão ao reagrupamento, uma vasta rede que liga os indivíduos entre si. Mesmo que o indivíduo teime em existir isolado, a cultura religa-o a vários níveis gregários na comunidade e aos fatos da vida cotidiana, como se a vida fosse uma obra de arte coletiva. A tecnologia da imagem cria uma hiperestimulação que leva a uma perda do senso de realidade e se manifesta na vivência crescente da imediatez, da fragmentação e da intensidade das experiências fugazes do cotidiano. Além do que, a ênfase nas imagens cria uma tensão entre o real e o imaginário - o figurado, que aparece como característica geral da cultura do consumo - com a preponderância do imaginário sobre o real. Não há dúvida, também, que a indústria cultural, desde seu início, tem se encarregado de construir um simulacro formado de recortes de formas simbólicas locais e regionais. Na verdade, a juventude fez um julgamento pragmático em seus atos da queda do Muro de Berlim, em 1989, e da falência do socialismo de Estado, em figurino europeu. Ao raciocinar que vivemos em um mundo em que 'tudo é capitalismo', a única maneira de 'se opor' é criando um mundo à parte, ilusionista, mas não ilusório. As culturas de periferia (tribais) exigem, por conseguinte, que os jovens prefiram a periferia, que, como o nome já diz, é uma fuga dos modelos centrais, padronizados pela sociedade atual, ultra-capitalista. De um lado, fica a sociedade que exige recursos humanos treinados e 'educados' e, do outro, os marginais sociais e culturais, que, não

conseguindo ser absorvidos, criam a própria cultura, cumprindo notar que a cidadania está direta e proporcionalmente ligada à possibilidade de desenvolver sujeitos autônomos, jovens capazes de ler e decifrar a publicidade e não deixar que tenham seus cérebros manipulados pela moda e criem filtros críticos para julgar o que acontece ao seu redor.

O estar-junto é um dado fundamental, mesmo que seja ‘à toa’, e é a partir de “um imaginário vivido em comum que se inauguram as histórias humanas”, em uma espécie de integração à “religião da cidade” (MAFFESOLI, 2006, p.141). Isso implica em constatações simples, como a de não se permitir que se implemente uma ‘cultura de repetição’, em que os eventos são dispostos em uma cronologia anual de manipulação, com eventos cativos e necessariamente observados pela maioria, em um processo de estímulo-resposta similar aos experimentos behavioristas aplicados a cães e macacos no começo do século. Assim, as tecnologias adquiridas são formas de distinção social entre famílias e grupos nas cidades, estigmatizados por comportamento antissocial registrado, por exemplo, em *gangs*, torcidas organizadas ou grupos neofascistas ou neonazistas de protesto, que deformam por si mesmos até os níveis ‘saúdáveis de conflito’ permitidos na competição entre classes. Assim, podemos ter, em uma mesma comunidade, *hackers*, *punks*, cabeças-raspadas, fã-clubes de artistas alternativos ou de desenhos animados, góticos, *funkeiros* ou turmas distintas por tatuagens e *piercings*, convivendo em um mesmo lugar geométrico social, mas separados de *per si* dos padrões socialmente aceitos e observados pelo edifício legal. Essa convivência mal-explicada e forçada desses diversos grupos na urbes é chamada por muitos de ‘pós-modernidade’ o que é por si mesma uma deformação do próprio termo.

Maffesoli (2006) exemplifica na formação de seitas, nos pequenos grupos, um campo fértil de eficácia simbólica. Uma comunidade local que tem necessidade de uma organização institucional visível, azeitada por uma comunhão invisível de crentes, onde os assuntos da seita são de todos. A proximidade dos membros gera, ao mesmo tempo, senso de responsabilidade e conformismo, em que o localismo prevalece sobre o saber racional e a resistência sectária prevalece sobre a ordem do Estado. Como assinala o autor, esse “modelo religioso se revela pertinente para a descrição do fenômeno das redes”, que incorpora uma forma estética de viver e exprimir a sensação coletiva, sem qualquer centralidade ou racionalidade.

A socialidade suscita o desenvolvimento de uma lógica de rede, com restrição do político, valorização da vida cotidiana e do relacionismo. De cunho intimista, as relações intergrupais praticam “a convivialidade, a solidariedade, a ajuda mútua jurídica, além de outras formas de expressão culturais ou cultuais”. O estar-junto tem um lugar que não pode ser subestimado, porque, embora não tenham um ideal ou uma consciência do que deve ser a sociedade em termos absolutos, as massas incorporam a pós-modernidade, nas megalópoles contemporâneas, interiorizando nos grupos o aprofundamento de suas relações (MAFFESOLI, 2006, p.148-153).

O processo de desterritorialização entre as culturas, em paralelo ao mal-estar na cultura que caracteriza o posicionamento dos jovens, que não buscam mais seus nichos nas culturas legitimadas, forma o pano de fundo dos mapas mentais escolhidos e as práticas locais. Surge uma nova sensibilidade cognitiva, em que os adolescentes se tornam suscetíveis à sedução das tecnologias da informática, formando redes nas quais, por meio de relatos, imagens, fragmentações, sonoridades e velocidades, vão se formando novos idiomas e ritmos. Estamos diante de universos culturais diversos amalgamando-se em identidades e temporalidades menos largas, porquanto precárias, flexíveis e sujeitas a outras mudanças. As maiores cidades também se parecem entre si, por causa dos monumentos de caráter histórico e turístico, desenvolvimento industrial, arquitetura transnacional pós-industrial e redes informatizadas supranacionais. A noção de vizinhança e contiguidade é enriquecida para além das idiossincrasias urbanas tradicionais, com um cerceamento duplo, às vezes muito violento, entre o moderno e o arcaico. Mesmo as diferenças multiétnicas não interferem na reciprocidade de interação entre elementos sócio-espaciais, publicitários e televisivos. Assim, as manufaturas e equipamentos eletrônicos de alta especialização podem ser fabricados tanto nas cidades globais de Primeiro Mundo, quanto, por exemplo, no Brasil, no México e no sudeste asiático (GIDDENS, 1991, p.45).

A vida urbana torna-se, por conseguinte, estressante, mediante a convivência com muros e guetos, não mais erguidos por motivos ideológicos, mas com o objetivo de segregação econômico-cultural. Mais importantes, porém, que os muros físicos são os muros simbólicos, que reforçam os padrões segregacionistas de caráter físico. Os meios eletrônicos de comunicação reforçaram a reclusão proposital em casa, visto que os cidadãos se sentem ameaçados com acontecimentos de cunho violento e de exclusão que fogem a seu controle. Aparentemente, na medida em que

se democratizam os governos, menos eles são considerados representativos pelos cidadãos que não têm para onde ir ou reclamar, promovendo-se uma atmosfera de risco em relação à governabilidade e a possibilidade de aumento dos graus de autoritarismo e repressão policial, visando à contenção dos cidadãos. Ao perderem a capacidade de mobilização do povo, os Estados-nação fazem ressurgir novas reações de cidadania por meio das cidades, lançando as pessoas na perspectiva do concreto, muito além das representações simbólicas que pertencem ao passado, como consentimento nacional e patriotismo.

O cidadão, por seu turno, tem que se adaptar à uma cidade desenraizada, falida em seus propósitos ao não responder a seus propósitos de melhoria e invadida pelo campo, com o êxodo rural sendo constatação das péssimas condições de vida 'nas periferias das periferias'. As cidades não são apenas espaços geográfico-espaciais ou resultado do desenvolvimento industrial e de concentração capitalista, porque estariam ausentes dessa caracterização os aspectos culturais e cotidianos de habitação. Ficam de fora, também, a densidade de interação e a aceleração do intercâmbio de mensagens. Nesse sentido, a cidade seria o fruto de uma tensão entre racionalização espacial e expressividade. Aliás, a industrialização da própria cultura tem evidenciado a dimensão semântica e comunicacional do habitar e as definições sobre cidades ficam todas incompletas e insatisfatórias diante da dimensão e do destino das megacidades. As megalópoles impressionam por seu desaforado crescimento e por sua completa multiculturalidade, que desenharam seu sentido histórico e contribuem para pôr em crise a definição com que se pretende abarcá-las. Há apenas meio século as megalópoles eram exceções. Em 1950, somente Nova Iorque e Londres superavam oito milhões de habitantes. Em 1970, já havia onze de tais urbes, cinco delas no chamado Terceiro Mundo, três na América Latina e duas, na Ásia. Para o ano de 2015, prevê-se, de acordo com dados das Nações Unidas, 33 megacidades, 21 das quais estariam na Ásia.

Megacidades seriam grandes concentrações urbanas que abarcariam as cidades próximas, formando uma rede de relacionamentos interconectados. Mediante conexão com as experiências macrourbanas, por meio das redes de comunicação massivas, a megalópole produz um 'padrão' que é recopiado por cidades médias e pequenas, em que é oferecida ampla conexão de oferta televisiva. Não obstante, cidades que se desestruturaram a partir da própria expansão territorial e transformação estratégica em redes mundiais, multiplicam os enlaces midiáticos,

com uma completa e disseminada oferta cultural própria das grandes cidades (GIDDENS, 1991).

Inaugurando um processo de 'sistema de fluxos', por intermédio de redes invisíveis, o caráter dual, urbano-espacial, tais conexões produzem novos diagramas e usos socioculturais urbanos, gerados pelas indústrias de comunicação. Só é possível, por conseguinte, captar a complexidade do urbano caso sejam compreendidas as experiências comunitárias, de tribos e bairros, como parte das estruturas e redes que organizam o conjunto de cada cidade. Diante da diversidade de informes e opiniões veiculadas, é difícil pressentir quando é o indivíduo que fala, sua tribo ou grupo social familiar, tornando uma missão difícil distinguir-se a linha do real e do imaginário. Podemos distinguir como os grupos constroem perfis peculiares em distintas sociedades nacionais e, nessa perspectiva, a distinção entre o outro e os outros, onde "o outro" não é um cidadão longínquo ou alheio, porém faz parte da multiculturalidade constitutiva da cidade em que habitamos. (GIDDENS, 1991).

Apesar de manter o ritmo lento do amplo território fixo, a megalópole deve nos permitir interpretar a velocidade globalizada dos fluxos e do ecossistema comunicacional, que gera o paradoxo de, apesar da aparente maior comunicação e racionalidade da globalização, são sensivelmente aumentados os índices de criminalidade e exclusão. As reações fundamentalistas, que hoje exasperam muitas cidades, ao lado da necessidade de sedimentação de costumes locais e arraigados, podem coexistir sem hierarquias discriminatórias em um regime de multiculturalidade democrática.

O mercado como tal é conservador, não engendra a verdadeira cidadania. Muito ao contrário, é contrário a ela. A mistura entre culturas, a interculturalidade, em face desse viés de conduta, é apresentada, de forma organizada, como reconciliação e equalização, em uma tendência de encobrir conflitos e não de elaborá-los. Quando se antevê a possibilidade de lucro, sucedem-se eventos que pretensamente irmanam os povos em torno de marcas multinacionais, eventos pirotécnicos olímpicos e esportivos, além de emissões televisivas, que oferecem de modo ilusório versões sensíveis do diverso e do múltiplo, em uma espécie de *zapping* que nos permitiria um vínculo com canais de trinta países. Cria-se a ilusão de que o repertório do mundo está a nossa disposição em uma interconexão apaziguada e compreensível (GIDDENS, 1991).

O multiculturalismo cria um quadro dionisiaco, cujo paroxismo é a confusão, em que “as massas efervescentes (promiscuidades sexuais, festivas, esportivas) ou massas cotidianas (multidões banais, consumidoras, imitadoras...) ultrapassam as características do princípio de individualização. (...) Eis aí o que nos lembra a lógica das redes que está se impondo nas massas contemporâneas” (MAFFESOLI, 2006, p.153-154).

Abordando as teorias de hibridização há um processo de construção e desconstrução contínuas e dialéticas enriquecendo os caminhos entre emissores e receptores, que interagem continuamente. Além disso, vemos que a pós-modernidade estrutura de tal modo os meios de expressão que eles não incidem como comandos hegemônicos de *per si*, a não ser por meio de sugestões estéticas, de imagem e vídeo, multiplicando a possibilidade de respostas e reações. A mundialização da cultura é um processo em curso, não concluído ainda, na qual as formas culturais nacionais ou locais entram em contato rapidamente. A globalização permite vislumbrar o cenário de um mundo polifacético e multicultural. Mas sugere que qualquer inserção pró-ativa no seu universo depende basicamente do capital simbólico acumulado nas mega, macro ou micro-regiões, potencialmente convertíveis em imagens e sons capazes de sensibilizar a aldeia global. Vale dizer, ancorados em dimensão universalizante. Em outras palavras, enraizados na cultura popular, mas traduzidos para a linguagem da cultura de massa (MELO, 2005).

A sociedade contemporânea aponta para a diferença na maneira com que o público experimenta e consome a si mesmo. Uma polarização significativa marca a experiência nessas duas diversificadas mídias na atualidade. Se no cerne do mundo em que a disciplina era o diagrama de poder o indivíduo normalizado - o homem médio - era o tipo padrão; o fim do exame disciplinar provoca o paulatino apagamento do indivíduo e de sua história (ANTOUN, 2006).

Maffesoli (2006, p.160-162) comenta que o povo tem como objetivo essencial assegurar a sobrevivência da espécie, dos modos de vida, assegurando a ‘proxemia’, ou seja, laços concretos de ‘conservação do grupo solidariedade-proximidade’, como se pudesse constituir uma “família ampliada. Ela serviria como muralha para proteger os grupos contra o exterior, mantendo redes de solidariedade também contra os imperativos do Estado. A ajuda mútua é sempre a mesma, no seio dos grandes conjuntos políticos, administrativos, econômicos e sindicais, recriando nichos protetores e territórios particulares. Certa moral de clã, forjada para

si mesmos, onde valem os 'ilegalismos', os 'jeitinhos' para justificar comportamentos, onde tribalismo e massificação andam lado a lado.

As máscaras associam-se ao clamor comunitário e a socialidade se fundamenta “na ambiguidade básica da estruturação simbólica”. A autonomia, que não é mais individual, desloca-se para a tribo, em uma desregulamentação clientelista, rompendo as relações com o poder central ou seus representantes locais. Não importa a finalidade, mas a energia que a tribo despende para manter a própria coesão em si. Assim, “a constituição em rede dos microgrupos contemporâneos é a expressão mais acabada da criatividade das massas.” (MAFFESOLI, 2006, p.165)

A crise contemporânea constitui-se no fim das grandes estruturas econômicas, políticas ou ideológicas, substituídas por solidariedades cotidianas, descentralizações e outras autonomias minúsculas, fragmentação dos saberes das entidades e pela pertinência do *paradigma tribal*. Os grupos passam a ser compreendidos pelo interior de seu conjunto e essa organicidade é outra maneira de falar da massa e de seu equilíbrio. Novas relações simbólicas estruturam os bairros, as famílias e os sistemas de parentesco, que voltam a ser tribais, impregnando cada vez mais os modos de vida. Os ritos de massa contemporâneos resultam de microgrupos bem diferenciados, que ultrapassam a identidade puramente individual. Tais ritos de massa e ritos tribais podem ser traduzidos por fúrias consumistas (ou esportivas) que fazem parecer que os componentes dos grupos pertencem a uma espécie comum. As funções diversificadas e complementares devem-se à divisão dos territórios¹⁹. Existe assim um vaivém interminável entre massa e tribos, uma teatralização das funções e dos papéis, manifestando uma cultura plural e contraditória. E Maffesoli (2006, p.170) conclui:

Linda lucidez essa, que, para além do julgamento moral, pode ver a sólida organicidade de um conjunto! Poderíamos dizer, por nossa vez, que a Modernidade viveu um outro paradoxo: o de unir, apagando a diferença, e a divisão que esta induz.

¹⁹ Maffesoli faz menção explícita aqui aos postos de vigilância em que são divididas muitas praias brasileiras, a que comparecem diferentes tribos de acordo com a sua localização, fato que ocorre principalmente no Rio de Janeiro.

CAPÍTULO 6

6. FUTEBOL E RETORNO DO FEMININO

O futebol, nesse sistema de fluxos e contrafluxos em rede, instaura-se na heterogeneidade das cidades, segmentando vontades e esperanças. Segundo Toledo (1996, p.42):

Descrever os usos dos espaços públicos pelos torcedores consiste em revelar também a cidade na sua diversidade e heterogeneidade. As percepções da esfera pública por parte destes, que afluem semanalmente aos estádios, devem ser entendidas através das diferentes representações e apropriações que fazem deste domínio. [...] Então, as discontinuidades observadas neste contexto são produzidas tanto pelos usos diferenciados na apropriação desses espaços públicos, quanto por uma segregação preestabelecida política e socialmente.

O espaço público é de todos, porém, quando comparado às interdições sociais que lhe conferem alteridade, é percebido pelos que querem se libertar de normas coercitivas como ‘espaço de ninguém’, em que o indivíduo só se sente dominante quando submerge em um grupo, que, por sua vez, enfrentará o todo social e indefinível. O autor relaciona o futebol, como entretenimento e lazer, a um sistema de trocas, conflitos e contaminações, onde agrupamentos de torcedores heterogêneos fruem o espaço social segmentados por expectativas, faixas etárias e níveis econômicos diferentes.

O futebol propaga aquela ideologia do estar-junto, estudada por Maffesoli ao falar da socialidade, e promove a “proximidade corporal” como carimbo significativo de sua singularidade. Toledo (1996, p.87) afirma, nesse sentido que “esse comportamento de massa tende a alterar certos valores, expectativas, sentimentos e o sentido das ações individuais.”

Por sua vez, Giulianotti (2002, p.195), citando Guttman (1991), faz menção a um fato desconcertante: o de que no século XII as mulheres jogavam futebol, em uma gigantesca turbulência lúdica, da mesma maneira e ousadia dos homens. Posteriormente, quando foram criadas associações de futebol, por volta de 1890, as mulheres foram excluídas das partidas britânicas, com diversas exigências em termos de taxas de admissão. Parece, no entender do autor, que a proletarização do

esporte conduziu, também, a um abandono das mulheres elegantes das arquibancadas, em busca de acomodações melhores nos estádios, o que já ocorria por volta de 1910. Tais tendências britânicas eram mescladas com outros comportamentos na América do Sul, onde as barreiras de gênero eram mitigadas pela admiração que os jovens jogadores despertavam nas mulheres, refletida em bailes e festas. No entanto, o cerne da discriminação parece ser o impedimento, na Inglaterra, da apropriação pelas mulheres do futebol comercial e profissional, que foi monopolizado pelos homens, não cedendo qualquer espaço a elas. Um decreto de 1921, nesse sentido, impediu inclusive o desenvolvimento do futebol feminino na Inglaterra por muitos anos.

O autor assinala ainda que as questões de classe são de fundamental importância para a compreensão dos conflitos contemporâneos (não fugindo a uma interpretação materialista da história), no que tange à política cultural do jogo e enfatiza que os torcedores da classe trabalhadora são os mais racistas e chauvinistas, a ponto de manter preconceitos nas questões de gênero e impedir que grupos sociais “com menos poderes” pudessem se envolver com o futebol.

Na medida em que se procurava afastar as mulheres do exercício do jogo, havia certa desconfiança de que a presença das mulheres nos estádios suavizaria a natural agressividade das torcidas na tentativa de se defrontarem durante as partidas. Havia o temor de “feminização” da assistência, com a consequente descaracterização do esporte. No entanto, a indústria do futebol procurava contrabalançar essa exclusão, sem aceitar, no entanto argumentos pró-feministas, enfrentando o declínio das bilheterias, em torno de 1960, com o acréscimo de um “exército de reserva de lazer” representado pelas mulheres (GIULIANOTTI, 2002, p.196).

Desde a Grécia antiga, passando pela cultura cretense (3.500 A.C.) e pelas amazonas e a participação das mulheres no futebol medieval, nota-se que houve períodos da história em que as mulheres cultivavam atividades esportivas, seguidas de épocas de recolhimento e interdição, o que configura que “a cultura esportiva sofreu avanços e retrocessos no decorrer da história”, cumprindo notar que o processo de inclusão esportiva da mulher não pode ser visto sob perspectiva linear, mas interagindo com complexos elementos culturais, sociais orgânicos e psicológicos em sua totalidade (SIMÕES, 2004, p.26-27).

Tais condicionalidades lembram o conceito de Nietzsche sobre o 'eterno retorno', em que a história é caracterizada por um processo de repetição entre criação e destruição de padrões e elementos culturais, que se desdobrariam em um *continuum*, em um jogo só. O futuro repetiria o passado, não de maneira igual, mas sujeito a variações. Segundo o filósofo, para suportar a idéia aterradora do Eterno Retorno, é preciso compreender sob novos primas os dilemas da moralidade, colocar em nova perspectiva a dor e o prazer, a alegria e a tristeza, abolindo ideias antigas e metafísicas. Tais repetições não dependeriam do tempo ou da noção de temporalidade, nem de abdicar da própria majestade da vida. O mundo não é feito de pólos irreconciliáveis, mas de dimensões complementares, eternamente alternadas. Se a realidade tivesse um objetivo, ele seria constantemente alcançado. Por conseguinte, os fatos retornam indefinidamente entre os seres que se desenvolvem em situações finitas. Tal noção de eterno retorno combate duramente o conceito histórico cristão de duração linear, entre passado, presente e futuro, apelando para um pensamento circular em que o tempo infinito delineia o desenrolar de acontecimentos finitos que se repetem indefinidamente. O filósofo garante, então, que o mundo das aparências, em que temos a impressão de inícios, meios e fins (históricos), é substituído por nova dinâmica, onde os estágios finais dão ensejo ao aparecimento de novos ciclos. O retorno é produzido no momento imortal, portador da salvação, sem hipocrisias. A vida não acaba com o tempo; nós é que findamos com ele. A continuidade dos ciclos, justificadora da vida, é que é capaz de fazer repetir os fatos, as tendências, fazendo com que não sintamos a vida como uma continuidade monótona ou um jogo vazio de sentido. Um dos aforismos mais famosos de Nietzsche e que sintetiza a sua ruptura pessoal com a metafísica ocidental afirma que "o cristianismo foi, até o momento, a maior desgraça da humanidade, por ter desprezado o Corpo."

Não deixa de ser característico para a inclusão feminina nos esforços esportivos essa retomada do corpo, como o escape de uma interdição de fundo religioso e pseudocientífico. Para além das desculpas meramente biológicas, justificadoras da hegemonia masculina, a mulher buscou trilhar um novo paradigma em matéria de esportes de competição e desempenho. Simões (2004, p.32), faz menção a uma personalidade andrógina, assumida pelas mulheres, reflexo de um novo modelo de realidade competitiva, onde o condicionamento físico passa a ser

parte de sua vida, capaz de suportar a dureza dos treinamentos sem se abaterem e assinala:

Nessa perspectiva, as mulheres acabam assumindo condutas que levantam a questão da universalidade do másculo/masculinidade e até do lésbico. É uma conduta que se situa no coração da mulher como desportista e atleta de elite e que consegue imprimir seu próprio estilo e identidade ao que faz, com competência.

Há uma contradição básica imposta pela ditadura da beleza, que se instaura com o deslumbramento dos homens pelas curvas femininas: “nessas circunstâncias, as mulheres desportistas estão sempre se empenhando para alcançar a beleza física com a competência atlética.” (SIMÕES, 2004, p.33). Essa contradição é típica da Era Contemporânea, em que a mulher abandona as atividades domésticas para assumir novos desafios na esfera pública, na educação, economia, política, esportes e em todos os segmentos sociais. Na verdade, a mulher é colocada em sua missão de ser um dos agentes transformadores da cultura, mas não tem força completa para combater o sexismo da cultura, em que as mulheres atletas “são retratadas ou até mesmo ignoradas pelos veículos de comunicação, onde a beleza física realça a sexualidade das atletas.”

Existe uma construção histórica, arraigada como estigma, de que os homens atletas são mais fortes e mais competitivos que as mulheres, ideia incentivada inclusive como onipotência pelos veículos de comunicação de massa, a ponto de justificar o estereótipo da ‘masculinização da mulher’ no mundo dos esportes individuais e coletivos. Sem dúvida, as conquistas masculinas no esporte são mais valorizadas, em tempos de condutas voltadas para o desempenho, em que as mulheres são obrigadas a assumir certas normas que nem sempre as conduzem ao sucesso. As mulheres assumem também várias faces, a saber, múltiplas profissões, múltiplo gestual e múltiplo corporal, incorporados como estereótipos sociais em todos os segmentos, a ponto de na superação de limites e marcas, a conduta feminina no esporte possa ser falsamente confundida com a construção separada e inoportuna de um ‘reduto de lésbicas’ (SIMÕES, 2004, p.38-42).

Assim, os direitos a serem adquiridos pelo exercício do esporte, essa ludicidade que se estende da recreação e das atividades físicas de movimento e ginástica até os esportes de alta performance e rendimento, ao contrário da

participação da mulher em diversos outros campos de atuação, não recebe a compreensão social devida, embora tenham elas detonado nas últimas décadas a muralha de preconceitos, crenças e tabus em torno delas. Quando o vencer é o que importa, outras realidades tornam-se envolvidas, confundindo os perfis da mulher, entre o profissional, o pessoal e o desportista:

As dificuldades, os preconceitos e estigmas e as próprias dificuldades do universo esportivo, principalmente de alto rendimento, levam a mulher a ser uma lutadora para conquistar um espaço que também é seu por direito e que infelizmente não depende somente dela para conquistá-lo (SIMÕES, 2004, p.45).

6.1 AS JOGADORAS

Os campeonatos de futebol feminino finalmente passaram a existir no Brasil, neste século XXI, dando a impressão de terem se tornado corriqueiros. Passa-se a sensação de que ‘as coisas vão mudar’ e que o ranço de amadorismo que ronda nossas atletas será posto a termo e será evocado um merecido profissionalismo a partir dos organismos oficiais (federações e confederações de futebol). No entanto, ainda hoje, poucas são as iniciativas concretas, seja devido à falta de estrutura ou de patrocínio.

Entretanto já é digerível que as jogadoras tenham fãs, embora não haja esquemas publicitários legítimos para o seu desenvolvimento. Não há um plano de desenvolvimento do futebol feminino, mas mesmo assim os campeonatos femininos estão se multiplicando em todas as partes do país e revelando boas jogadoras. A mulher brasileira, acompanhando esse enlevo civilizacional, vai perdendo o preconceito de ‘bater uma bolinha’ nas escolas e nas praias, evocando, nesse mister, o jeitinho brasileiro, que é envolvido em amadorismo, desorganização e completa ausência de tirocínio empresarial. Parece haver um cuidado excessivo dos dirigentes (masculinos) do futebol brasileiro em não evocar qualquer sombra comercial sobre o desempenho do futebol masculino, ao contrário do que ocorre -no *soccer* norte americano, em que as bases alimenta o futuro empresarial do futebol feminino.

Estamos quase trinta anos distantes da epopéia pioneira do futebol feminino do Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, que organizou uma equipe feminina, em 1980, para jogar futebol. De lá para cá, em termos práticos de desenvolvimento do

esporte, pouco se evoluiu da mentalidade de Herbert Spencer, que, no século XIX, referia-se ao perigo da prática de esportes mais extenuantes por parte das mulheres por ‘incapacidade menstrual’ (KNIJNIK; SOUZA, 2004). Retirando-se essa incapacidade pseudocientífica, sobraria talento para as nossas meninas desenvolverem-se em um esporte coletivo tão popular no país. Todavia, em uma época em que nenhuma atividade humana pode se sustentar somente por idealismo (nem mesmo as instituições religiosas sobrevivem assim), somente em 2009 a Comissão de Turismo e Desporto voltou seus olhos para a realidade inarredável do nosso futebol feminino. Há reconhecidamente uma desproporção entre a aceitação do nosso futebol feminino no exterior e a maneira amadora com que é tratado dentro de nossas fronteiras. Paradoxalmente, também não se vê muita mobilização por parte das mulheres torcedoras no sentido de valorizar esse segmento do futebol.

No exterior, parece que a FIFA acordou para o problema, confirmando-se o primeiro Campeonato Mundial Interclubes de Futebol Feminino para a cidade de Santos, em 2010, com a presença confirmada de vários continentes. Além do time feminino da cidade estar confirmado, tal promessa haverá de alavancar mais organização para a sobrevivência e manutenção de nossas melhores jogadoras.

Na verdade, “a mulher foi considerada uma usurpadora de um espaço consagrado ao usufruto masculino.” (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p.198), utilizando-se do esporte como um discurso de contestação, “assumindo um mundo de valores hegemônicos masculinizados”. Mesmo possuindo a melhor jogadora do mundo, a administração do esporte brasileiro ainda não está convencida, na prática, que o futebol feminino tem valor em si, como também possibilidades idôneas de desenvolvimento comercial e mercadológico. Fica patente que o que deve mudar é a mentalidade cultural arraigada e profundamente machista.

Nesse sentido, percebe-se que os meios de comunicação poderiam fazer uma ponte entre a consciência social e o exercício da cidadania e manutenção dos direitos em relação ao protagonismo do esporte. No entanto, parecem predominar questões profundas de gênero, em que parecem predominar “expectativas tradicionais de feminilidade”, exibindo-se uma estranha divisão em esportes permitidos para a mulher (ginástica olímpica, nado sincronizado) e para homens (esportes coletivos, levantamento de peso), etc. Haveria, por conseguinte, uma injustificável representação social, no sentido de se considerar em certos setores esportivos pouco valiosa a contribuição da mulher (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p.199).

Não é por acaso, inclusive, que o futebol feminino tem se desenvolvido mais em São Paulo, o estado mais desenvolvido da federação e com estruturas mais prósperas e descentralizadas em matéria de clubes famosos. São bons exemplos o Santos, o Corinthians na capital e diversos times do interior estão formando, ainda que timidamente, suas equipes. Ocorre que as jogadoras não têm garantias contratuais e temem ficar sem garantias trabalhistas, como se o exercício de sua atividade fosse apenas informal e sem importância econômica.

Além disso, há sempre a contradição na qual a mulher é surpreendida por ter que cuidar da forma atlética e ser posta sob suspeita ou estigmatizada por estar formando musculatura masculina e perdendo a feminilidade. Muitas mulheres jogadoras ou esportistas nessas condições são vistas como mulheres não apropriadas. Sem contar com a situação específica do público brasileiro, que viu a seleção brasileira feminina voltar das Olimpíadas de Pequim (2008) com o segundo lugar (posto acima da seleção masculina que só obteve a medalha de bronze) e percebe as suas heroínas saírem do país para jogar futebol porque aqui o campo de trabalho é exíguo. Essa atmosfera confirma o amadorismo com que é tocado o cotidiano do futebol feminino brasileiro, na esteira da hegemonia masculina.

Há um temor subreptício de que as mulheres que aparentam ser fortes, ágeis e em boa forma física não sejam aceitas sem objeções, porque mulher muito forte não pode ser normal, é 'mulher-macho'. "Um corpo forte e musculoso está diretamente associado à imagem masculina e na descrição de uma atleta com essas características normalmente aparece esta comparação" (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p.201).

Considerado 'esporte profissional no Brasil' é, porém, vivido como prática amadora, assim como o tratamento patrocinador dado a atletas de outras modalidades. Não adianta ter apenas Marta como "rainha das nossas jogadoras" se outras atletas ficam à míngua, sob descaso de nossas autoridades esportivas. As histórias de sofrimento pelo começo difícil e todos os obstáculos a ser enfrentados, colocam essas atletas, quando não conhecidas na condição de párias ou masculinizadas. O esporte exercido pelos homens é considerado *normal*, como paradigma, e artificial e anormal quando praticado pelas mulheres. A mídia exige a heterossexualidade das mulheres como espécie de ideal de compensação para o público, acostumado a ver as mulheres em funções específicas, aceitas pela cultura,

enquanto os homens são exaltados pelo valor, poder, pela independência e dominação.

A falta de apoio ao futebol feminino já se tornou proverbial e até aceita como fato normal pelas maiores redes de televisão. Para os anunciantes é vital ter jogadoras de boa aparência e bonitas, o que significa que o estereótipo da sexualização do papel feminino desempenhado pelas atletas tem de estar presente: cabelos compridos, pernas bonitas e 'pés pequenos'. Elas devem aceitar ser objetos de desejo heterossexual, manter a atratividade e certo menosprezo pela própria condição atlética (que deveria ficar em posição inferior à feminilidade). A boa aparência seria responsável pela atração do público e da publicidade e se tornarem *sex symbols* garantiria para a mídia a perpetuação de características apropriadas de feminilidade (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p.207).



Figura 9- Jogadora e apresentadora de programa esportivo em revista masculina
Fonte: <http://migre.me/vBGy>

A cobrança por mais investimentos nos esportes femininos é quase unânime na mídia, mas só quando mulheres recebem medalha ou ganham grandes torneios internacionais. No entanto, enquanto a mídia investe mais na veiculação dos jogos masculinos, por meio da multiplicação de câmeras, repetição de lances e edições visuais sofisticadas, as transmissões dos jogos das mulheres comumente procuram mostrar as atletas em posturas glamorosas, submissas, em que as imagens jamais mostrem neutralidade, o que denota que as mulheres parecem não ser tão importantes quanto os homens-atletas, em uma reminiscência tipicamente vitoriana introjetada no *ethos* da mídia em nosso tempo. Se o corpo masculino é apresentado

como poderoso, heróico, bravo e corajoso, a mulher é vista para o desfrute sexual, ficando à mercê de regras hegemônicas masculinas que produzem, por sua vez, ditames estéticos e corporais. Nesse contexto, “urge que o discurso sexista da mídia dê lugar a uma visão mais igualitária.” (KNIJNIK; SOUZA, 2004, p.210)



Figura 10- Jogadoras francesas posam nuas para divulgar o futebol feminino

Fonte: <http://migre.me/vBGX>

6.2 A CRÔNICA ESPORTIVA

O jornalismo esportivo sempre foi estigmatizado nas redações, tanto das mídias impressa e televisiva, em virtude da possibilidade de serem os seus desenvolvedores vítimas da parcialidade apaixonada por times e atletas. Essa possibilidade de falta de equidistância em relação aos fatos vividos por meio das entidades esportivas gerou diversas discriminações, colocando a atividade como apêndice ou ramo anexo das empresas jornalísticas. Na verdade, sempre houve uma desconfiança sobre a promiscuidade entre quem recolhe as notícias e as suas fontes (dirigentes de clubes, comissões técnicas e treinadores, jogadores e torcedores) em um balé interminável de despistamentos sobre o que é aleatório ou objeto de ocultamento no futebol (contratos, salários e táticas), o que fabrica a espécie particular do cronista esportivo, ora é jornalista, ora é mero torcedor, descomprometido com a verdade e objeto de desconfiança pública. A credibilidade assumida por figuras luminares da atividade, como Nelson Rodrigues e João Saldanha já vai longe. Eles eram verdadeiros heróis da atividade da crônica esportiva, em plena ditadura militar brasileira, em que o único assunto que se podia discutir livremente, sem medo de desconfianças, denúncias ou censura, era mesmo o futebol, considerada uma intocável paixão do brasileiro. Com a redemocratização, a repressão geral foi substituída pelo gosto de discutir outros temas, inclusive a

política nacional. Com a liberdade de opinião a crônica esportiva foi proscrita para um canto das redações e para espaços rigidamente especializados nas televisões. Toledo (2002, p.160) procura definir os contornos sociológicos da crônica esportiva:

[...] é uma instância de intermediação material, tecnológica e simbólica entre *torcedores* e *profissionais*, construída a partir de arranjos sociológicos passíveis de maior sistematização e tipologização, o que ocorre em menor escala no universo dos jogadores, técnicos, dirigentes, etc. e, sobretudo no domínio amplo dos torcedores, embora também aí se verifique a formação de certos arranjos institucionais e formalizações particulares do torcer [...] Embora não configure, obviamente, um grupo homogêneo, apresenta-se como portadora de um conjunto articulado de representações, fixadas em discursos, saberes e práticas diferenciados, contrapostas às dos *torcedores* e *profissionais* - jogadores e técnicos, sobretudo.

O autor considera que a 'fala especialista' pode ser subdividida, por sua vez, em três perspectivas:

- "a que legitima por um discurso mais identificado e afinado com o domínio torcedor, incorporando a imponderabilidade e a emoção, comumente atribuídas, por esses próprios especialistas, aos torcedores";
- "a que abriga em numerosos ex-jogadores, ex-treinadores ou ex-técnicos, que após as carreiras 'dentro do campo' se tornaram comentaristas esportivos, dedica-se, na maior parte de sua prática, às polêmicas estritamente técnicas, considerando um discurso cujo tom prima por uma análise desapassionada e distanciada, mais tecnicista portanto"; e, finalmente,
- "a que enfatiza os aspectos políticos do futebol profissional, mais atenta e engajada às mudanças institucionais, dialogando diretamente com as elites dirigentes do esporte".

Essas dimensões expressam 'saberes' e conferem à prática dos cronistas esportivos "uma visibilidade e prestígio ante o imaginário torcedor", equiparando-se essas carreiras especializadas às conquistadas pelos próprios jogadores famosos. Tais especialistas, postando-se em posições conflitantes, revelam projetos diferenciados em relação à popularização do esporte no Brasil, definindo também o papel e a posição dessa imprensa tipicamente especializada (TOLEDO, 2002, p.161).

No entanto, é forçoso anotar que a ocupação de espaços nas grades dos veículos de comunicação, com excessivo número de programas esportivos, com reportagens e debates, gerou uma necessidade de *glamour* e sedução da audiência como nos *shows* da programação das emissoras. Uma espécie de exagero de liberdade, após o período de compressão ditatorial, em que os programas esportivos serviam como válvula de escape, e agora passavam a ser caricaturas de um livre-debate, diante de temas mais excitantes exigidos pelo público telespectador. O próprio espaço para o esporte nos jornais impressos denota isso, embora com espaço próprio e divulgação diária, suas reportagens são deslocadas sempre para as últimas páginas, após as seções de política, notícias nacionais, internacionais e do cotidiano das cidades em que circula o veículo. Tal procedimento demonstra, cabalmente, que a crônica esportiva sempre foi considerada um tema menor nos jornais importantes.

De início, a crônica esportiva no país assumia um caráter pedagógico, procurando discutir aspectos relevantes do esporte amador, que caminhava celeremente para tornar-se profissional. Seus precursores foram Mário Rodrigues Filho e Max Valentim, que presumiam que o esporte não poderia ficar entregue apenas à opinião aleatória de torcedores, embora a família Rodrigues, proprietária de jornal, deliberadamente misturasse “a postura torcedora com especialista, emoção com objetividade, no registro dos fatos esportivos.” As crônicas dos irmãos Rodrigues (Mário e Nélon), “comprometidas com a narrativa menos tecnicista, imortalizaram frases e expressões populares”, nas quais as derrotas e as vitórias excediam “as explicações de natureza racional ou técnicas” (TOLEDO, 2002, p.163). Essa perspectiva de ver a crônica esportiva como meio de educação foi logo superada por necessidades comerciais e de *marketing*, típicas do profissionalismo, com todas as implicações ligadas às transações de jogadores envolvidos em mudanças de clubes e na difícil construção das administrações dos clubes, formação de ligas, entidades e federações. No final dos anos 1930, apesar da precária estrutura profissional, os especialistas em futebol criavam cizânias, cientes de sua posição de “guardiães do futebol profissional recém-instaurado”, exibindo-se, como observa Toledo (2002, p.166):

A querela entre um discurso que reivindicava uma dada especificidade e legitimidade à prática do jornalismo esportivo em confronto com um

outro, censurado pelo seu teor passional, típico da conduta de torcedores, e, portanto, supostamente 'amador'.

A partir dos anos 1950, surge a voz de Armando Nogueira, um cronista que toma visibilidade nacional, adotando uma narrativa mais confessional e autobiográfica, misturando esportes com refinada literatura. O cronista aproxima-se, em um primeiro momento, do universo do torcedor, para, em um segundo instante, afastar-se em uma postura equidistante de 'especialista' entre profissionais e torcedores, firmando um comportamento que se tornou hegemônico daí por diante nesse tipo de imprensa. Os temas instigantes da preparação física dos jogadores, os dilemas da Lei do Passe e o incremento de parcerias com empresas tornaram-se imperativas nos anos 1960, enviesando o futebol para uma postura mais tecnicista e menos encantada a respeito do esporte. No entanto, enquanto Armando Nogueira representava a compatibilidade entre paixão e juízo de realidade, convivíamos com radialistas como Ari Barroso, torcedor explícito do Flamengo, que se negava a narrar os gols dos adversários e o aparecimento do corintiano Juca Kfourie e do santista e atleticano Milton Neves, que, por sua vez, afirmavam que conseguiram como jornalistas 'domesticar a paixão'. Essas diferenças não deixam de chamar atenção para o perigo que corre o especialista da crônica esportiva em se aproximar das apaixonadas condutas torcedoras.

Toledo (2002) assinala, ainda, que o envolvimento com os dirigentes esportivos (os cartolas) é o principal desafio do jornalismo esportivo, com seus corolários: o clubismo, o bairrismo e o envolvimento com interesses particulares. Tal conduta é refletida nas reportagens 'dirigidas' e no sensacionalismo exibido em programas de rádio e televisão, em que ao defender certas ideias o profissional não mais exhibe independência, ou afastamento do objeto focalizado, para assumir polêmicas artificiais ou que exibam um viés pouco profissional. O perigo das paixões eivadas de interesses particulares foi denunciado por Vital Bataglia, nos anos 1960, como um marco divisor da ética nas editorias esportivas.

Começa a surgir (e ser duramente criticada nas redações) a relação simbiótica entre jornalistas e jogadores de futebol, em um envolvimento espúrio em que uma analogia se formava entre os subterrâneos impúblicáveis dos salários milionários e dos contratos de determinados jogadores misturavam-se aos salários diretos e indiretos que recebiam alguns jornalistas, encostados misteriosamente em

interesses menores dos clubes, dirigentes e jogadores. E foi Juca Kfoury um dos primeiros a denunciar, nos anos 1990 a relação simbiótica e perversa estabelecida não somente entre jornalistas e dirigentes, mas também entre jornalistas e jogadores de futebol.

Tais relações promíscuas são profundamente lamentáveis porque fora essa mesma imprensa, antes amordaçada e agora engajada que protestava contra os limites impostos à livre informação durante o período de ditadura militar. Quer dizer, o escape para a liberdade, em certos casos alumbrou o mundo da corrupção! A velha mediação entre especialistas, torcedores e jogadores cedeu lugar a um sistema de ‘comunidades morais’, em um jogo ininterrupto e intrincado de versões e fofocas, mobilizadoras da crônica como exercessem verdadeiramente o viés profissional. Surgiu um jornalismo burocrático, cujas dissensões passariam a ser filtradas pelas editorias de esporte e pelo lápis vermelho e censor dos chefes de redação. Toledo (2002, p.174) fala-nos, inclusive, que existem “itinerários da posição pendular concebida e vivida pelos especialistas entre uma ética torcedora e outra profissional”, é claro, puro eufemismo para não ser usada a palavra *corrupção*.

Tal comportamento pendular, no entanto, teve um lado positivo: o de atrair mais estudantes para a análise do futebol, porque todos podem ser torcedores de início, mas se perguntam, depois, porque não podem ser estudados o fenômeno do futebol com alguma objetividade e seriedade, vez que os eventos são empolgantes e envolvem segmentos significativos da população. Essa tendência cuidou de criar em muitos a veleidade de se tornarem comentaristas e especialistas na imprensa esportiva. No entanto, como caráter negativo, temos o excessivo convívio e comprometimento entre profissionais e especialistas, cuja aproximação estreita foi sendo construída historicamente “em concomitância ao desenvolvimento tanto do jornalismo esportivo no Brasil quanto da própria modalidade em questão.”

Com tantos públicos interagindo, hoje, com o futebol, difusos *blogs* e portais na Internet com todos os objetivos possíveis, misturam-se, ex-jogadores, ex-técnicos, ex-dirigentes comentando futebol, ao mesmo tempo em que se movimentam torcedores autorizados somente por pertencerem a torcidas organizadas – a quantidade empobrece a qualidade, com uma pletora de opiniões empobrecendo os cadernos de esportes e tornando cansativos os programas de debates nas rádios e televisões, como se a cobertura realizada fosse um *happening*

e nem fosse plenamente jornalística. Toledo (2002, p.178), revela que essa comunidade de interesses emula-se e se mobiliza em torno do futebol:

O futebol é o único esporte no Brasil que transcende, nessas proporções, os limites espaciais e temporais do ritual esportivo, as partidas em si, tornando-se um 'fato da sociedade', estabelecendo uma complexa trama entre as dimensões rituais e cotidianas, entre o representado e o vivido, muitas vezes concebidos como instâncias dicotomizadas nas análises.

A pletera de interesses envolvidos evoca como fontes de informação segmentos diversos, tais como: dirigentes, torcedores, administradores, técnicos e jogadores, restringindo e limitando o trabalho da imprensa por causa do espalhamento de opiniões e conflito entre as origens das pretensas 'notícias'. Muitos dramas cotidianos são misturados com a falta de ética e má-fé de repórteres, envolvidos em esquemas consensuais ou não que se desenvolvem no subsolo do cotidiano dos clubes. Nada é esquecido: a vida privada dos jogadores, os atrasos nos treinos, as bebedeiras, a vida noturna e sexual dos atletas, a resistência às intermináveis concentrações - tudo pode ser citado no jogo sujo da busca dos furos e das notícias especiais. Há, inclusive, o acesso direto de ex-jogadores e ex-técnicos ao teatro das ocorrências, pelo acesso direto aos atores envolvidos, o que descaracteriza a imprensa esportiva, cindindo-a entre os jornalistas do ramo e os que entram de carona por terem sido ex-jogadores, ex-técnicos e ex-dirigentes. Na verdade, tal promiscuidade jamais é comentada no próprio âmbito da imprensa que se resguarda da crítica, enquanto critica acerbamente o meio que cobre e do qual procura extrair acontecimentos bombásticos. Aqui não existe mais aquela atmosfera romântica, até os anos 1980, em que os redatores de notícias esportivas 'consertavam o português dos atletas' para traduzir na língua culta o que comentavam junto aos repórteres setoristas dos clubes o cotidiano de seus treinos e os acertos e erros em suas carreiras. Agora, existem repórteres entrevistando jogadores que não são mais egressos das classes baixas, mas são representantes das classes médias, que optaram por jogar futebol e se tornaram até políglotas ao atuarem em clubes do exterior.

Os repórteres setoristas (ligados a clubes específicos) são relações públicas de seus veículos, procurando bom relacionamento com jogadores, dirigentes e funcionários dos clubes. O grau de envolvimento com 'essas fontes' poderá lhes

garantir 'furos' e prestígio maior em relação a seus colegas e a competição nessas áreas são palpáveis. Como cada veículo guarda as suas particularidades, a velocidade com que as notícias chegam aos leitores, ouvintes e telespectadores dependerá da credibilidade do meio e do tipo de mídia envolvida (TOLEDO, 2002, p.183).

Há muita gente sem o devido preparo escrevendo e comentando os fatos esportivos na mídia nacional. Permitiu-se que ex-jogadores, só por causa da experiência nos campos, fossem elevados à condição de doutores do futebol. Tudo lhes é perdoado, em virtude de que estiveram nos gramados e, como se pode aquilatar, não puderam ter outra formação profissional. Raros são os casos de jogadores que se graduam no ensino superior e tem a possibilidade de ter outra atuação profissional após a curta carreira de um esportista. A maioria contratada pelos canais televisivos conta com a própria experiência para desfilar sobre os temas, como se a complexidade que envolve o futebol não merecesse qualquer nova especialização. Outra invenção extemporânea da crônica nacional é o cargo de comentarista de arbitragem, geralmente preenchido por um árbitro de futebol aposentado, que se arvora a comentar os lances, repetidos por meios eletrônicos e suscitando comentários sobre a idoneidade da ação dos juízes de futebol em atividades nas partidas. No fundo, as transmissões não parecem ser profissionais e que envolvem (ou deveriam envolver) diversas responsabilidades. Nesse contexto, o aparecimento das televisões a cabo suavizou um pouco esse selvagem processo, tornando mais profissionais as transmissões futebolísticas ao vivo (TOLEDO, 2002, p.184).

Parece haver no jornalismo esportivo a ideia de que o público só deseja opinião e não informação. Mas é exatamente o contrário. No recanto de suas casas, mesmo os torcedores mais apaixonados tornam-se cidadãos críticos que observam os atores da crônica esportiva, atribuindo-lhes qualidades muitas vezes negativas. Principalmente quando de forma sistemática exibam preconceitos na mídia televisiva que, muitas vezes, é nacional e agora recebe a contestação imediata da interatividade e da crítica por *e-mails*. O espectador (ou o ouvinte) está interessado em tomar conhecimento dos furos, das informações desconcertantes, mas não mentiras e falsos debates. Têm-se a impressão de que a crônica esportiva ainda está se aclimatando aos mecanismos replicantes da Internet que os podem expor rapidamente ao escárnio e à desmoralização públicos, apesar de se imaginarem

blindados só pelo fato de representarem determinado canal de comunicação. As falas tecnicistas dos especialistas, tentando manter-se equidistantes de julgamentos emotivos, não constroem automaticamente uma performance a favor da realidade objetiva. A sua legitimação simbólica, mesmo com a ajuda de recursos performáticos ao vivo, não convencem diretamente o espectador ou o ouvinte, que é exigente e deseja muito mais. Alguns profissionais acreditam, inclusive, que tais recursos retóricos, excessivamente usados nas coberturas, somam muito pouco para a divulgação do futebol. Não se pode tratar o futebol como fenômeno 'sério', lançando mão de expedientes pouco racionais. O que é necessário é informar de modo isento, imparcial e responsável (TOLEDO, 2002, p.194-195).

Existe, inclusive, uma hierarquia entre repórteres setoristas, que cobrem o cotidiano das equipes nos treinos e se transformam em repórteres de campo em dias de jogos, e comentaristas e narradores, que não acompanham diretamente o cotidiano das equipes e só atuam em dias de jogos, excetuando as temporadas especiais de torneios internacionais, como as Copas do Mundo. As precursoras nesse ramo, que podemos considerar essencialmente machista, foram as jornalistas Regiani Ritter e Syanne Neno, que conseguiram o reconhecimento e respeito dos demais profissionais, abrindo caminho para outras profissionais. No entanto, o sexismo masculino hegemônico continua prevalecendo na crônica: as jornalistas mais bonitas costumam ser deslocadas para o papel de apresentadoras ou âncoras de programas esportivos ou fazem o contraponto, junto a um âncora masculino, em programas que desejam aproveitar a beleza física dessas profissionais para a garantia de audiência. Tal situação dessas mulheres-apresentadoras na crônica esportiva é muito semelhante à discriminação da mulher negra nas telenovelas, obrigadas a desempenhar papéis subalternos e pouco importantes, o que está mudando muito lentamente na mentalidade da mídia nacional.



Figura 11- Regiani Ritter entrevistando os jogadores no vestiário após o jogo

Fonte: <http://migre.me/vBHp>

Tanto é assim discriminatória a crônica esportiva que não temos nas tradicionais mesas-redondas de debates a presença do elemento feminino como comentarista. Tal função parece ser aos olhos de diretores e patrocinadores como importantes demais para ser entregues *também* a mulheres. Toledo (2002, p.199) observa que nas transmissões ao vivo os especialistas que mais se destacam “são os locutores e comentaristas, figuras centrais que tentam decodificar as dimensões do jogo e da competição para o conjunto dos torcedores”. A presença física nas partidas é fundamental para que as transmissões ganhem vida e emoção e, no caso da TV, as imagens se prestam a seguir o percurso da bola, cabendo ao narrador acrescentar emoção ao que se está assistindo. E observa o autor:

Só o rádio realiza de maneira ampla essa cobertura antes e após as partidas, o que torna imprescindível a presença da parte das equipes esportivas nos estádios, *in loco*, observando a movimentação dos torcedores, a chegada ou saída dos times, os problemas e fatos variados que acontecem no entorno, aspectos que igualmente fazem parte do espetáculo. Teme-se que o rádio não consiga mais fazer esse tipo de cobertura, o que sentenciaria uma espécie de morte social do meio. (p.200)

As funções são padronizadas no cenário da crônica esportiva nacional, com o narrador sendo obrigado a aumentar os níveis de emoção da transmissão dos jogos, manter ou aumentar a audiência dos torcedores; o comentarista explica tecnicamente o que de forma aparente o torcedor-espectador não percebe pelas imagens; o repórter de campo entra em ação para relatar detalhes não captados pelas câmeras e o comentarista de arbitragem comenta o comportamento idôneo ou não do árbitro durante a partida. Nesse roteiro, não há espaço para as mulheres, que ficam proscritas, a não ser que a emissora permita que ela funcione como repórter de campo ou como uma entrevistadora e comentarista de costumes nas arquibancadas²⁰.

Mas nos parece que a crônica esportiva pode ser um fator fundamental para incentivar a participação das torcedoras. O próprio vínculo com os dirigentes pode ser positivo, ao anunciar algumas medidas para o retorno das famílias aos estádios, como as tomadas pela Superintendência de Desportos do Rio de Janeiro (SUDERJ)

²⁰ Lugar hoje desempenhado na rádio Globo pela personagem ‘Maria Chuteira’.

e pela Polícia Militar para evitar a violência, a preocupação com a limpeza dos banheiros, as facilidades de acesso, entre outras.

6.3 O(A)S TORCEDORE(A)S

Trata-se de analisar a categoria *torcedoras* pode ser aparentemente discriminatório, embora em países como Brasil o reaparecimento das torcedoras nos estádios de futebol venha corroborando um conjunto de mudanças bastante reconhecido, mas até o presente, pouco estudado por especialistas.

Há quem discuta a etimologia da palavra 'torcedor', em português, encontrando uma curiosa similitude com o universo feminino. Conta-se que, por volta dos anos 1940, as mulheres compareciam aos estádios, ficando nos melhores lugares, com roupas muito finas da moda e com luvas que lhes cobriam o antebraço. Ao longo das partidas, em geral sob calor intenso elas retiravam esses acessórios pesados e, inconscientemente, 'os torciam nas mãos', ficando a imagem de 'torcedoras' assim prefixada e que foi incorporada no léxico para nomear também os segmentos dos torcedores homens, que não portavam luvas, mas, em compensação, *distorciam* a realidade do espetáculo, geralmente a favor dos interesses de seus clubes de coração (RAMOS; VALENTE, 2009).

Tais observações também chamam atenção para o fato de que, no Brasil, as mulheres frequentaram, em meados do século XX, os estádios de futebol e foram deles desaparecendo. Esse fenômeno de deserção das torcedoras deveu-se a vários motivos, que culminaram no clima de violência, censura e decoro demasiado durante o período de ditadura militar (1964-1985). E isto porque todo o desenvolvimento dos movimentos feministas e de libertação, ocorridos na Europa e nos Estados Unidos, a partir dos anos 1960, refletiram aqui de modo caricatural, enfrentados por cruel repressão e contenção dos costumes por parte dos governos militares.

A figura da mulher como um elemento arquetípico de 'amor ao futebol' seria uma transgressão, assim como não deixa de ser um conjunto de violências e preconceitos organizados o monopólio do gosto pelo futebol exigido por longo tempo pelos torcedores masculinos. Assim seriam, pois, as torcedoras uma espécie de

‘transgressão das transgressões’ vividas no policulturalismo das megalópoles brasileiras, segmentadas por regimes tribais que foram se constituindo à revelia do racionalismo e do disciplinamento institucional exigido pelas autoridades.

Toledo (1996, p.12-31) explica-nos que a urbanização e o desejo de coesão fundamentaram a paisagem própria para o surgimento, também nos anos 1930-1940, das torcidas organizadas e uniformizadas masculinas, congregando contingentes de trabalhadores, egressos de vilas e bairros operários de grandes cidades, como São Paulo. Nesses tempos, futebol era ‘coisa de homens’, discutido em bares e assunto familiar nas refeições. Os clubes recepcionavam as famílias e promoviam, aos poucos, uma integração interétnica. Estes torcedores eram símbolos de seus clubes e detinham prestígio na imprensa, constituindo uma história do imaginário popular em torno do esporte. Os anos 1970, em pleno cerne do regime militar, por seu turno, marcaram um período de fixação do prestígio do futebol como mania nacional, em que ‘todos juntos vamos’ e ‘ninguém segura este país’ - eram os *leitmotifs* culturais jogados na mídia pela propaganda do regime militar. Foram construídos, entre 1972 e 1975, conforme assinala o mesmo autor, 30 estádios de médio e grande porte em inúmeros estados do país. Foi nesse cenário que surgiram, com fisionomia própria, as torcidas organizadas ‘masculinas’, com organogramas complexos e cargos, constituindo-se, em alguns casos, braços armados de dirigentes de futebol, que incentivavam a criação de torcedores-símbolos que representariam as coletividades mais autônomas, impessoais e independentes de torcedores. Nos anos 1970, tais torcidas personificaram a organização de verdadeiras ‘falanges’, não estando associadas a um bairro ou a uma região.

Essa pretensa organização interpessoal, convivendo paradoxalmente com um empobrecimento completo da conscientização política, é percebido também por Maffesoli (2006, p.171) que afirma ser característica da modernidade a obnubilação da política, enquanto na pós-modernidade é o clã que pode ser obnubilado, porque no caso da tribo somos confrontados com uma solidariedade orgânica, na lógica dionisiaca da socialidade. Se havia um desejo de racionalismo e de unidade, desde os começos da modernidade, as novas realidades diferenciadas começam a prevalecer, diante dos modelos homogêneos de nações unificadas, sujeitos históricos (o proletariado) e o progresso linear, que não resistem aos novos tempos.

A heterogeneidade do final do século XX esboça a socialidade na fruição do presente e na incoerência passional. E “essas formas de associações em vias de extensão que são as redes (o neotribalismo contemporâneo) se apóiam na integração e na recusa afetiva.” Maffesoli (2006, p.174-186) acrescenta que “uma civilização se encerra e uma cultura está nascendo”, a partir das potências populares e da legitimidade de seu saber. Está-se assistindo a um povoamento heterogêneo (por segmentos e tribos) e por um politeísmo de valores. Os monoteísmos intransigentes, no plano da religião e da política, vão cedendo a um pluralismo irreduzível, ao império do heterogêneo ultrapassando a ordem da política. “O pluriculturalismo, as redes afetivas ocupam cada vez mais espaço na complexidade das megalópoles contemporâneas” e as agregações sociais se apóiam, igualmente, na atração e na rejeição afetivas, porque todo mundo sabe que gostamos daqueles que são parecidos conosco, que pensam e sentem como nós.

Em tempos anteriores ao final do século XX, o primado da política em agonia refletia-se no plano das torcidas organizadas, como um *modus vivendi* intermediário, que toldava a alienação de seus membros, excluídos das decisões macropolíticas, que procuravam ser notados por meio da violência e da baderna. Segundo Toledo (1996, p.33-35), seu arremedo de participação limitava-se à tentativa de escolher e demitir jogadores e dirigentes, sendo os integrantes dessas torcidas responsabilizados por atos de vandalismo e incidentes graves. Em pesquisa realizada em 1992, pelo Instituto Gallup, constatou-se que dos 54,4% dos habitantes de São Paulo que gostavam de futebol, 73% eram do sexo masculino, mas em sua maioria repudiavam a má qualidade dos espetáculos, a violência nos estádios e a pobreza, que os afastavam dos estádios, além do interesse por outras modalidades esportivas. Essas torcidas procuravam erguer sedes como espaços exclusivos de sociabilidade, onde poderiam se discutir os jogos e outros temas em torno do futebol, além de exaltar os valores próprios de valentia, certa dose de selvageria, astúcia e malícia, aliadas a uma incrível assiduidade e devoção ao time. O autor (1996, p.57) sublinha essa especificidade:

As maiores motivações em participar de uma Torcida são armazenadas nestes símbolos e marcas, que ordenam determinadas experiências [...] A camisa relaciona-se a certa conduta e estética; assumir-se enquanto membro de uma Torcida organizada é, sobretudo, assumir seus símbolos e marcas. [...] A camisa Torcida Organizada expressa o pertencimento ao grupo.

Enquanto a torcida organizada é símbolo de um mundo em decadência, pela violência e o primarismo de seus membros chauvinistas, outro mundo vai se adensando, na nebulosa da socialidade. Nele, a paixão prevalece sobre a razão e bem sabemos que a paixão é feminina, por excelência. Paixão sem violência, expressando suavidade e a recusa a favor do primado da afetividade²¹. Maffesoli (2006, p.194-197) refere-se ao estar-junto, à proxemia, como forma estruturante social do imaginário da vida banal de todos os dias, da vida dos bairros, do clã, do grupo, do respeito ao politeísmo das crenças onde seremos todos idênticos e diferentes.



Figura 12- Animadoras de torcidas

Fonte: <http://migre.me/vBHK>

Não há, entretanto, modelo mais decidido de libertação arquetípica das torcedoras no futebol do que o representado pelas mulheres iranianas. Segundo Foer (2005), o maior estádio de Teerã, o Azadi (que significa liberdade), com capacidade para 120 mil lugares, é interditado às mulheres, desde a Revolução Islâmica de 1979. Antes, durante o governo dos Xás, as mulheres não eram obrigadas a se cobrir com burkas negras, podiam exercer livremente as profissões liberais e públicas, além de lhes ser permitidas acompanhar o esporte. Hoje, no entanto, arriscando-se a punições severas, as mulheres de Teerã não conseguiram se afastar do Azadi: vestem-se como homens, com roupas largas, disfarçando o sexo, ouvindo os xingamentos e a linguagem suja dos homens, evidentemente

²¹ No final do Campeonato Brasileiro de 2009, no Estádio Couto Pereira, em Curitiba, assistiram-se cenas de vandalismo e violência no gramado, por ocasião da eliminação para a segunda divisão do time local. As agressões, filmadas e fotografadas, correram o mundo, mas não havia no gramado, paradoxal ou propositalmente, nenhuma mulher, a não ser na força policial, que procurava conter os ânimos exaltados e o comportamento selvagem de torcedores.

interditada às mulheres pelos ensinamentos do Corão. Em 1987, houve um afrouxamento das proibições, apenas permitindo que as mulheres pudessem assistir aos jogos pela TV, o que evidentemente contrariava as torcedoras que *amavam* o futebol. No entanto, o heroísmo da seleção iraniana, em 1997, provocou nova liberalização. As jovens dos bairros abastados, muitas delas filhas de líderes religiosos do país, juntaram-se às multidões, sem cobrir a cabeça, festejando a participação do selecionado do país para a Copa do Mundo de 1998. Sob um frio de três graus negativos, três mil mulheres aglomeraram-se em torno do Azadi, rompendo as barreiras policiais, em uma revolução de costumes que só o futebol poderia proporcionar dentro do Oriente Médio. De acordo com Foer (2005, p.194): “a revolução do futebol mostra que o melhor antídoto ao islamismo talvez não seja algo novo, mas um retorno ao nacionalismo secular”.

De fato, o futebol é jogado nas metrópoles, envolve clãs distintos, tribos que se enfrentam em tempos de globalização, em uma espécie de patriotismo local que sempre é ampliado no Ocidente ao gosto das autoridades públicas. Em regimes teocráticos, porém, cuja lista de proibições e interdições é quase infinita, qualquer manifestação popular não-oficial põe em risco a sobrevivência desses regimes. No Irã, durante o regime anterior, pró-ocidental, incentivava-se a educação física e movimentação corporal das mulheres. A elite iraniana aprendeu a jogar futebol com missionários estrangeiros e os iranianos jogavam com uniformes ingleses, apesar do protesto dos clérigos, que eram reprimidos em suas intenções conservadoras. Após a Revolução de 1979, foram esquecidas essas expressões modernizadoras e costumes persas seculares foram erradicados e alterados no curso de uma geração marcada por transformações febris, mas os mulás logo perceberam que eliminar o futebol não valia o enorme preço político. Procuraram utilizá-lo como propaganda a favor do regime, tal como no Brasil a ditadura militar usou o futebol como arma política, mas a estratégia não deu certo, sendo necessário a concessão de não misturar o esporte tão querido com as razões de Estado islâmicas.

A ideia de futebol internacional é associada pelos iranianos à modernidade ocidental, capitalista, próspero e não-islâmico. Não deixam de notar, durante as transmissões da Copa do Mundo, as propagandas em torno dos gramados de produtos que espelham um modo de vida que absolutamente não podem ter. Além do que os jogadores iranianos jogam no Ocidente e estão muito distantes do ideal de masculinidade exigido pelos clérigos e mulás conservadores. A vibrante

juventude iraniana tem nostalgia de um tempo que não viveu, a época dos xás, ocidentalizada, em que poderiam usar gravatas e tênis Nike. Bem ilustrativo, porém, foi o episódio da invasão pelas mulheres do estádio Azadi. Quando a polícia tentou impedir a sua passagem elas começaram a gritar: “não somos parte dessa nação? Também queremos comemorar, não somos formigas.” (FOER, 2005, p.192)

Essa noção da mulher como pertencendo a uma tribo exclusiva, até porque compelida a isso pelo mundo masculino hegemônico, implica também a um respeito próprio que a impõe como categoria a parte. A torcedora arquetípica quer um lugar ao sol, mas, sem dúvida, assim como as mulheres iranianas, não querem ser comparadas a ‘formigas’.

CAPÍTULO 7

7. AS MULHERES E SEU RETORNO AO MUNDO ESPORTIVO

Essa imagem pueril da torcedora iraniana, que não deseja ‘ser formiga’, ou coisa menor diante da magnitude e do protagonismo do mundo masculino opressor pode ser ponto de partida de diversas novas análises sobre o retorno do feminino aos estádios de futebol. Já se observou que o tema não pode ser objeto de uma análise linear de um pretenso ‘progresso histórico’, mas de uma tentativa de conceber o problema de maneira cíclica, na perspectiva *nietzscheana* do eterno retorno, ou seja, um dia as mulheres estiveram nos estádios de futebol ou jogaram o esporte sem medo; noutro dia foram impedidas de praticar o esporte e até de assisti-lo, sob argumentações injustificáveis e preconceituosas, que procuramos entender.

O rompimento dos grilhões desse tipo de ‘escravidão branca’ foi obtido à custa de muita luta e afirmação, na esteira dos movimentos feministas que começaram a se desenvolver, com mais intensidade, a partir dos anos 1920. Esse afã libertário no Ocidente nada tem a ver com o ‘eterno retorno’ da Revolução Iraniana de 1979, que pretende um retorno progressivo da cultura aos objetivos medievais do Islã, instaurados no século VII. Contra os apelos entusiásticos das torcedoras iranianas, as autoridades iranianas contrapõem o argumento conservador de que querem protegê-las contra os outros torcedores (os homens) e também porque não desejam que elas arrastem as crianças aos estádios. Chegou-se a brandir a formulação de que, com esse cuidado, não extensivo às estrangeiras que podem apoiar os clubes que estiverem jogando contra times locais, protege-se a ‘virgindade’ das iranianas, obrigadas também a praticar esportes em recintos fechados, longe do assédio masculino, e somente a ver o futebol pela televisão, o que, para elas, pode significar destruir toda a emoção envolvida no esporte. Na verdade, essas interdições também colocam na outra extremidade, como animais, os homens que jamais merecem confiança dos religiosos defensores do Corão e de seus severos ensinamentos.

Conforme Santos, Simões e Conceição (2004) a religião muçulmana condiciona a mulher e sua crença por meio da vestimenta, que é o seu sinal visível e público. Na prática, porém, os fundamentalistas costumam punir as mulheres que

assumem posturas típicas do Ocidente desde as penas brandas de isolamento social, passando por surras com 74 chibatadas, até a morte por apedrejamento público. O Islã vê a mulher como espécie de ‘perfume que valoriza o homem’, não subestimando a sua humanidade, mas perseverando em que existem diferenças orgânicas, de essência e substância, que convidam os homens a distingui-las com carinho, proteção e cuidado. A ‘função’ da mulher seria construir família, dirigir a casa e morar com seus entes queridos em uma atmosfera relaxada e confortável e exercer trabalhos que não violem a natureza de seu caráter nem o êxito de suas habilidades. Homens e mulheres devem vestir-se modestamente e de maneira digna e as vestes femininas, observadas em países muçulmanos, são expressões dos costumes locais. Assim o objetivo do Islã é a proteção da figura feminina, incentivando o comportamento discreto das mulheres quando estão em presença de estranhos, até para não serem molestadas, vez que o Islã condena a expressão corporal das mulheres frente a pessoas que não sejam da família. Os homens estão autorizados, desde que tenham ganhos adequados, a se casarem até quatro vezes e tais costumes são incompreendidos pelos ocidentais, que costumam atribuir às mulheres muçulmanas a ideia de submissão e não-erotismo. Estabelece-se aí uma disjunção entre o erótico e o profano, onde o corpo ‘cristão ocidental’ é pecador e profano, sugerindo que a mulher que deseje uma atmosfera de encantamento e respeito deva abrir mão de seus vínculos desejantes. O Islã, porém não vê as mulheres como castradas: para ele a mulher “tudo pode, desde que seja com seu marido”. No entanto, tornam-se inviáveis a formação de corpos atléticos porque o esporte, para os muçulmanos, possui os mesmos apelos, social e psicológico, das concepções de culturas não-muçulmanas, excetuando-se as práticas de esportes não-competitivos. Exemplo disso são as partidas de futebol na Arábia Saudita, “onde apenas os homens têm acesso aos jogos e aos espetáculos esportivos” (SANTOS; SIMÕES; CONCEIÇÃO, 2004, p.164-167).

As mulheres muçulmanas são constantemente preservadas dos curiosos e atentos olhares masculinos, praticando atividades aquáticas e hidroginástica em espaços físicos e horários específicos, para não ferir os preceitos religiosos das alunas. Beneficia-se a postura e a consciência corporal, embora as esportistas muçulmanas jamais atinjam o nível de desempenho das ocidentais, porque se contentam com movimentos considerados básicos de deslocamento e respiração. Os preceitos religiosos estão acima desses imperativos físicos e os esportes

caminham paralelamente à necessidade de harmonizar seus relacionamentos matrimoniais.

A socialização por meio de atividades físicas não é proibida pelo Corão, mas os valores sociais, culturais e religiosos podem atuar como forças limitadoras, como afirmam os autores:

[...] as mulheres muçulmanas ficam restritas às atividades em que possam manter suas tradições no que diz respeito às suas vestimentas, em locais públicos. Não participam de práticas sociais esportivas nem competitivas exatamente por ser proibidas de usar calções, camisetas e maiôs em locais públicos, e de poder assistir aos jogos na presença de homens com exposição de suas pernas. (p.170)

Nesse sentido, “o contato com mulheres de outras culturas poderia ser considerado desastroso para as muçulmanas”, embora esteja havendo certa distensão, a partir do governo de Mahmoud Ahmadinejad no sentido de suspender parcialmente as proibições acumuladas desde a Revolução Islâmica de 1979. Paradoxalmente, o presidente considera que a castidade das iranianas poderá ser preservada, com a oportunidade de as mulheres poderem assistir aos jogos nos estádios, desde que para elas sejam destinados os melhores assentos e que utilizem rigorosas vestimentas islâmicas. Afinal, as providências sobre não evidenciar o corpo é a forma islâmica de preservá-las da ‘sempre animalesca’ curiosidade masculina.



Figura 13- Iranianas em um estádio de futebol
Fonte: <http://www.parastood.com/archives/002036.php>

Na verdade, todas as questões de gênero referentes à mulher estão circunstanciadas ao corpo, ao seu significado profano, às suas dimensões histórico-sociais de acordo com o ritmo das culturas. Começamos por tratar do significado do corpo entre as mulheres muçulmanas, mas o que dizer das torcedoras ocidentais?

Além dos argumentos pseudocientíficos, que cercaram sempre a prática de esportes pelas mulheres, Cortez, Cortez e Simões (2003), fundamentando-se em Weineck (1991) balizaram algumas diferenças reais sobre fatores constitucionais, anatômicos e fisiológicos que dividem as características femininas e masculinas:

- as mulheres são 10 a 15 centímetros menores que os homens, em decorrência da maturação mais rápida do esqueleto e ao fechamento mais precoce dos discos de crescimento. Também a ossatura feminina é 25% mais leve que a masculina;

- as mulheres dispõem de menor densidade corporal e como a força está estreitamente relacionada à seção transversal do músculo, o sexo feminino, em virtude de menor massa, também demonstra menor força;

- a mulher tem uma absorção máxima de oxigênio menor que a do homem;

- nos dois sexos, a máxima tolerância ao calor é igual, mas as mulheres atingem seus limites em menor temperatura ambiental, porque dispõem de menor quantidade de glândulas sudoríparas e, sob a mesma carga, mostram menor taxa de transpiração;

- o excesso de exercícios acarreta distúrbios menstruais, sobretudo durante o ciclo menstrual, com a ocorrência de amenorréia entre corredoras e bailarinas; o treinamento intenso também pode afetar a concentração sérica de vários hormônios, o que pode afetar a retroalimentação do hipotálamo, liberando hormônios reprodutores e modificando o ciclo menstrual;

- o aumento de estresse psicológico, em razão da prática de esportes de alta performance, pode acarretar a interrupção do ciclo menstrual pela elevação dos níveis séricos das catecolaminas ou dos opiáceos endógenos, que revelam papel importante na regulação do sistema reprodutor;

- é consenso entre os médicos que não há nada que impeça o treinamento e a competição de mulheres durante o período menstrual; mesmo a dor da dismenorréia não causa preocupação, porque ela ocorre em atletas e não-atletas de maneira não discriminatória, o que descarta a antiga suspeita de esse sintoma ser

reflexo do treinamento; embora as mulheres com esse problema continuem treinando, a atividade física pode aumentar o desconforto.

Knijnik (2003, p.64-66) assinalou, por sua vez, que os corpos femininos parecem ser tratados como “máquinas de fazer filhos e [...] estátuas para se admirar”, e são repelidas qualquer atividade que tire essas características.

Historicamente, procurou-se, de todas as formas, afastar a mulher do esporte, sendo dito e frisado que o corpo dela não podia, não devia, não cabia. Separou-se drasticamente a mulher sujeito de sua ação. Atualmente, dada a emancipação e o desenvolvimento feminino também nessa área, as proibições e restrições ficam difíceis de ser sustentadas. Assim, procura-se controlar o corpo feminino esportista retirando-lhe os atributos atléticos, negando importância aos fatos esportivos propriamente ditos, priorizando outras qualidades no corpo da atleta.

Para Kolnes (1995) tais ‘outras qualidades’ obrigam a mulher a permanecer na mídia para obter resultados e patrocinadores, conformando-se com ideologias patriarcais somados a modelos estereotipados de feminilidade. Separada de seu corpo, a mulher-atleta busca desempenho, resultados performance, mas, ao mesmo tempo, o seu corpo deve parecer o que não é: feminino e renascentista, belo, frágil e puro (KNIJNIK, 2003, p.66-67). A presença feminina no esporte sofreu tamanha interferência de padrões sociais de gênero que a mulher-atleta vê-se obrigada a adaptar a própria imagem corporal a modelos estereotipados e patriarcais de feminilidade, incentivados pela mídia, cultivando “padrões do belo sexo” que ainda permanecem em vigor:

Assim, as relações homem/mulher/esporte permaneceriam imutáveis: as mulheres continuariam sendo focadas por suas qualidades e habilidades esportivas, mas principalmente por seus conceitos imagéticos e ‘femininos’ (beleza, charme, etc.); o público apesar de querer performances esportivas talentosas, rápidas (as quais exigem mais força e destreza), identificaria as mulheres que as obtêm como ‘não-femininas’, forçando essas atletas a realçar seus aspectos femininos antes, durante e depois da competição, deixando de lado muitas vezes os tópicos esportivos propriamente ditos, frustrando e desanimando as atletas que não querem ou que não conseguem atingir padrões de ‘feminilidade’ exigidos pelo público e pela mídia. (KNIJNIK, 2003, p.81).

Existem várias circunstâncias históricas que *incentivaram* as mulheres, principalmente no Brasil, a *não participar* do esporte, muitas delas observadas pela

sociologia. Bourdieu alude à construção social dos corpos, que determina o masculino como medida de todas as coisas e a própria ordem social como imensa máquina simbólica “que ratifica a dominação masculina na divisão social do trabalho e na divisão do trabalho sexual, na estruturação do espaço, do tempo e do corpo.” Apesar de a categoria de dominação sempre se renovar através da história, as energias femininas não estão mais concentradas exclusivamente na reprodução, muito embora a casa e a família continuem a ser os pontos principais de referências das mulheres, mas nem por isso ganhou mais velocidade a inclusão das mulheres no Brasil em diversas modalidades esportivas ou que, simplesmente, a atividade física sejam adjudicadas como valor em seu cotidiano. Em comparação com o início do século XX, verifica-se hoje uma presença promissora da mulher em atividades esportivas, embora menos visível que em outros campos de trabalho (MOURÃO, 2003, p.123-149).

A competição esportiva reproduz simbolicamente ideologias culturais e políticas que sobreviveram mesmo com as mulheres invadindo redutos antes privilégio dos homens. Até os anos 1960, as mulheres assumiam algumas profissões permitidas e tomadas como ‘modelo de feminilidade’. Eram garantidas como professoras, enfermeiras, obstetras ou qualquer profissão em que pudessem receber menores salários e apresentassem bem as tais ‘características femininas’ de mulheres belas e vaidosas, esposas e mães. Hoje, no século XXI, elas desempenham diversificadas funções: são advogadas, magistradas, médicas, engenheiras, tornando-se líderes e competentes em suas profissões. E também, no âmbito esportivo, caminham para se livrar dos preconceitos para serem jogadoras²², árbitras e torcedoras, alcançando vitórias na luta feminina por maior espaço na sociedade. Longo caminho, porém, ainda deve ser percorrido, porque, além dos espaços conquistados nas grandes empresas, nos partidos políticos e em posições de chefia e liderança, devem equacionar em suas vidas os problemas domésticos relacionados com a dupla jornada (trabalho, casa, serviços domésticos e cuidado dos filhos), tentando novos acordos de convivência, com esposos ou companheiros²³.

²² Parece que frases como a de João Saldanha, que o namoro de um rapaz com *uma zagueiro* de futebol jamais daria em casamento, tendem a ser cada vez mais diminutas.

²³ Em pesquisa do IBGE de 2001, apontando o número de pessoas economicamente ativas no Brasil, chegou-se aos seguintes resultados: 83.243.239 ativas, sendo 48.390.475 homens e 34.852.764 mulheres. Apesar dos significativos indicativos da população feminina (comparando com alguns anos

Embora as mulheres hoje detenham grande parcela de poder e saber científicos, e sobrevivam em igualdade de condições em alguns redutos masculinos (assim declarados), a participação feminina em esportes de alto rendimento é questionada e analisada por meio de valores masculinos predominantemente inseridos na sociedade. O sistema dominante reflete os valores de passividade dos quais a mulher não conseguiu se libertar totalmente. Assim, “uma das características do corpo atlético feminino é, sem dúvida, a maneira como o ‘mundo’ dos esportes observa e interpreta seus corpos” (KNIJNIK, 2003, p.83-84). O autor admite que as atletas realizam um movimento dialético: ao formar opiniões a respeito da própria imagem corporal, concomitantemente sua auto-imagem é formada pelos emissores dessas opiniões, isto é, “as mulheres passam a ser julgadas não só pelos seus talentos esportivos, mas também pelo seu estado civil, sexualidade, moralidade e atributos físicos” (p.85). Assim, “as atletas precisam pensar em seu corpo e em sua aparência, para construir, inclusive, sua imagem corporal e seu autoconceito” (p.100). Assim, arremata o autor:

[...] o esporte feminino tornou-se uma espécie de ‘amálgama’, no qual conceitos de corpo, beleza, esportividade, sexualidade, enfim, uma série de questões fica misturada, fazendo que o objetivo final, a competitividade, permaneça, muitas vezes, relegado a planos secundários e terciários. (p.123)

Não há, por conseguinte, justificativas para que as mulheres não pratiquem os mais variados esportes, porque a força despendida não prejudica seus órgãos reprodutores, como se insinuou no passado. Quando lembramos, no entanto, que na Grécia antiga nem os jogos elas podiam assistir, sem dúvida um longo caminho já foi percorrido. Hoje, esportes antes desqualificados, como o salto triplo, o salto com vara, o boxe, o vale-tudo e outros estão integrados ao cotidiano atlético das mulheres. No entanto, são muitos os obstáculos a serem transpostos para o exercício pleno dessas atividades esportivas, principalmente no Brasil. Por que ainda existe tanto preconceito? É possível que a resposta esteja sendo dada no

atrás), ainda existem diferenças entre os gêneros quanto ao piso salarial, jornada de trabalho e as funções desempenhadas.

presente, na postura afirmativa das mulheres, que resolveram ir a luta pelos seus direitos.

Além do velho discurso médico, surgem em nosso meio obstáculos para as mulheres de classes baixas, que sofrem preconceito ao praticarem esportes nos subúrbios ou não são protegidas com projetos sociais de incentivo ao esporte em áreas carentes. De acordo com o processo educacional em que estão inseridas, os homens comentam que elas se masculinizam, ao adotarem posturas agressivas nos esportes coletivos, sobretudo o futebol, não parecendo mulheres, segundo os estereótipos tradicionais no desempenho brasileiro dessas atividades. Assim, planta-se a suspeita de que as mulheres se diferenciam dos homens, mas também se diferenciam no comportamento adotado entre si, dependendo da própria classe social, menos refinada entre as mulheres pobres e adotando um comportamento social mais 'adequado' nas classes sociais mais altas. Apesar de tudo, independentemente de classes sociais, o que as mulheres desejam é o seu direito de praticar esporte, que a partir dos anos 1990 começou explicitamente a se extravasar.

Tais constatações servem para mostrar que o futebol feminino teve dificuldade em emplacar como hábito social relevante. Desde 1950, quando surgiu em São Paulo, pela primeira vez, um 'jogo de futebol para moças', longo caminho foi percorrido. A partir de 1981, quando foram formadas várias equipes femininas em clubes do Estado de São Paulo, até o século XXI, quando presumimos que a profissionalização feminina no futebol tenha recebido melhor compreensão e aceitação. O antigo 'futebol das moças', todavia, conseguiu grande desenvolvimento na Europa por causa das guerras mundiais, quando os homens foram obrigados a deixar o futebol para assumir funções nos campos de batalha. As mulheres, então, foram obrigadas a substituir os donos do jogo, descendo das arquibancadas para conquistar os lugares nos campos. No caso brasileiro, porém, predominaram o machismo e uma preocupação com o bem-estar de nossas mulheres, que deveriam retornar 'às suas funções naturais', parando de invadir o espaço que os homens consideravam o seu direito. Desde o Estado Novo, o futebol feminino tornou-se uma espécie de 'desvio de conduta' feminino, banindo as mulheres dos gramados e transferindo-as para pequenos guetos nas torcidas.



Figura 14- Futebol feminino nos anos 1950 - Time de Araguari/MG
 Fonte: <http://www.flickr.com/photos/lzabo/4050998001/>

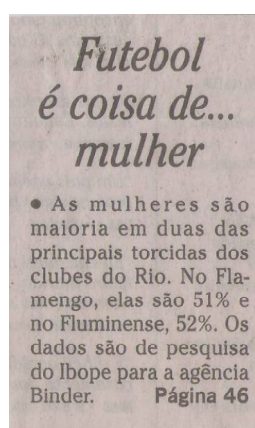


Figura 15- Capa do Jornal O Globo (07/06/2009)²⁴
 Fonte: Jornal O Globo (2009)

Assim, encarar com naturalidade a presença feminina nos estádios seria um degrau a mais para a própria aceitação do futebol feminino. Seria uma evolução simultânea do processo, porque os dois lados precisam de organização e aceitação, já que não há motivos para que as mulheres não possam comparecer normalmente aos estádios e 'compreender o futebol'. No entanto, parece que ainda hoje permanecem alguns preconceitos, como os relatado por uma torcedora²⁵, criadora da comunidade no *orkut* 'mulheres que amam o Santa Cruz' sobre a presença

²⁴ As mulheres são maioria em duas das principais torcidas dos clubes do Rio. No Flamengo, elas são 51% e no Fluminense, 52%. Os dados são de pesquisa do Ibope para a agência Binder, conforme reportagem de Fábio Juppá "O amor incondicional sob a frieza dos números", publicada no Jornal O Globo, 7 de junho de 2009, p. 46.

²⁵ <http://www.blogdosantinha.com/artigos/lugar-de-mulher-e-no-estadio/>

feminina nos estádios. Segundo ela a visão que parece se ter é que são três os grupos que frequentam os estádios de futebol: as homossexuais, as maria-chuteira e as que vão ao estádio pela grande concentração masculina. Mas, indaga a torcedora, por que mulheres não podem entender e debater futebol? Para ela as mulheres vão aos estádios com intuito de assistir aos jogos, por que gostam de futebol e não por que tem algum interesse obscuro.

A receita dos clubes também vem sendo positivamente influenciada pela presença feminina. Clubes do sul do país, como o Grêmio e o Internacional, vem incentivando as mulheres a participar da vida clubística, organizando festas, jantares e o comparecimento aos estádios em dias de jogos. Na edição *online* do jornal Zero Hora²⁶, do Rio Grande do Sul, relata que o Núcleo de Mulheres Gremistas, com 80 integrantes, organiza excursões para assistir os jogos no Interior do Estado e na vizinha Santa Catarina e que as vezes faltam vagas nos ônibus. Ainda nessa reportagem, intitulada 'mulheres de todas as idades conquistam seu espaço nos estádios da dupla Gre-Nal: invasão feminina reflete nos caixas dos clubes' relata ainda que no terceiro piso do ginásio de esportes Gigantinho (pertencente ao Sport Clube Internacional) está instalado o Espaço Mulher Colorada, contando com 40 voluntárias fixas. Esse interesse se reflete no *marketing* e as lojas dos clubes oferecem atualmente modelos femininos do uniforme (antes só havia a possibilidade de comprar a camiseta de tamanho infantil da linha masculina) e uma infinidade de outras peças, como *baby-looks*, regatas e shortinhos nas cores do time do coração. Os produtos de futebol específicos para as mulheres é uma amostra do interesse e aumento da participação feminina no futebol, pois as ofertas de vestimentas e acessórios dedicados ao público feminino indicam a demanda neste mercado.



Figura 16- Short feminino – Flamengo

Fonte: <http://www.flaboutique.com.br>



Figura 17- Camisa feminina – Internacional

Fonte: <http://www.lojadointer.com.br>



Figura 18- Moda íntima - Vasco da Gama

Fonte: http://www.vascoboutique.com.br/loja/popup_image.php?plD=979



Figura 19- Blusa feminina – Botafogo

Fonte: <http://migre.me/vBJz>



Figura 20- Agasalho - São Paulo

Fonte: <http://www.saopaulomania.com.br>



Figura 21- Brinco – Grêmio

Fonte: <http://migre.me/vBJX>



Figura 22- Vestido – Fluminense

Fonte: <http://migre.me/vBKc>

Em várias páginas na internet encontram-se diversificadas informações sobre a participação feminina no futebol. Um dos aspectos explorados é justamente o de consumo. Parece que os dirigentes dos clubes detectaram que as torcedoras podem ser um grande filão a explorar e, por isso, utilizam vários artifícios para incentivar a participação desse público. Em um dos portais²⁷ encontramos a informação de que as consumidoras do Grêmio e do Internacional representam entre 30% e 40% do faturamento nas lojas oficiais desses clubes e que o maior movimento ocorre próximo aos horários dos jogos, indicando que as compradoras saem direto da loja para assistir o jogo. Outros *sites* relatam as estratégias para atrair mais mulheres aos estádios, como o Figueirense, de Santa Catarina, que oferece um desconto exclusivo para atrair mais mulheres, tendo uma média entre 25% a 30% de ocupação feminina no seu estádio²⁸. No Dia Internacional da Mulher, em 2009, a Portuguesa fez uma promoção em que a torcedora que comparecesse ao seu estádio vestindo a camisa do clube para assistir o jogo contra a Ponte Preta, teria

²⁷ www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=Esportes&newsID=a1791359.xml

²⁸ www.clicrbs.com.br/especial/rs/donna/19,0,2442217,Mulheres-invadem-estadios-de-futebol.html

acesso gratuito e 20% desconto na linha feminina de produtos em sua loja²⁹. Em Pernambuco as sócias e as esposas ou filhas dos sócios do Santa Cruz com a mensalidade em dia também tiveram acesso gratuito ao estádio do Arruda. Verificamos que esse fenômeno ocorre em vários estados do Brasil, como em Minas Gerais onde 60% a 70% dos clientes são mulheres na loja oficial do Atlético Mineiro, ou ainda em Pernambuco, em que 30% dos produtos do Sport são para as mulheres³⁰.

Por todo o Brasil, os estádios recebem cada vez mais mulheres, que têm mais liberdade de se expressar como torcedoras e são cada vez menos questionadas nos estádios de futebol. Mães, filhas e amigas são vistas torcendo juntas, inclusive sem a presença de pais, namorados ou responsáveis. Para Leda da Costa, em entrevista ao portal Globo.com³¹ não existe apenas um fator que possa determinar esse incremento do público feminino, mas a pesquisadora atribui o sucesso recente da jogadora Marta para que a mulher não seja mais uma estranha no ninho: “Se elas sabem jogar, elas também sabem torcer, elas também entendem de futebol”.

Os portais na internet contrastam as diferenças entre o público masculino e as novas protagonistas dos estádios:

Os estádios do sul do país estão mais bonitos. O motivo não é nenhuma reforma, troca de cadeiras ou pintura, mas a presença feminina na torcida pelos times do Estado. Cada vez mais atuantes nos jogos, elas dão um toque de beleza e mudam, aos poucos, o cenário historicamente masculino. Dividindo espaço com os sujeitos de camisas na cabeça e os senhores atentos aos radinhos de pilha, as torcedoras não dispensam a vaidade na hora de apoiar seus times. O ambiente esportivo não é motivo para caprichar menos na produção. Elas acompanham a bola rolando no gramado com rímel, batom e, às vezes, até *blush* colorindo o rosto, cabelo bem cuidado e baby *look* do clube do coração marcando o corpo - lugar de camiseta largo é no corpo dos homens. A vaidade das torcedoras repercute também no mercado das confecções esportivas. A procura das mulheres por produtos licenciados dos clubes fortalece esse nicho e, conseqüentemente, a variedade de artigos disponíveis nas prateleiras.

No mundo da espetacularização dos esportes, do esporte-negócio, do futebol voltado para o lucro, parece, nesse momento, que a participação das mulheres nos

²⁹ <http://justicadesportiva.uol.com.br/noticia.asp?id=8178>

³⁰ <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL999925-10406,00-MULHERES+MARCAM+PRESENCA+NOS+ESTADIOS+DE+FUTEBOL.html>

³¹ <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL999925-10406,00-MULHERES+MARCAM+PRESENCA+NOS+ESTADIOS+DE+FUTEBOL.html>

estádios é de extremo interesse por ser este um excelente nicho de mercado. Mas não se pode afirmar que a participação efetiva das torcedoras nos estádios de futebol contribua para a quebra de preconceitos contra a mulher.

Em *blogs* encontramos também algumas referências sobre a participação das torcedoras nos estádios, como o escrito por Pamela da Costa, no Blog do Torcedor, na Globo.com³²:

[...] por muito tempo as mulheres viam o futebol como um campo masculino. A roda de conversa masculina no casamento falava sobre futebol. Enquanto as mulheres, supostamente, falavam sobre outras mulheres. O futebol foi, por muito tempo, odiado pelas namoradas que muitas vezes se sentiam ‘trocadas’ pelo namorado, porque ele escolhia ver o seu time jogar no domingo ao invés de ficar com ela. O mundo futebolístico parecia algo como o mundo dos *karts*, com meninos sujos de graxa. Muito masculino para unhas pintadas e saltos altos. [...] A participação feminina no futebol hoje é muito mais presente. Na torcida mesmo. As namoradas que antes reclamavam, hoje vão aos jogos torcendo e vibrando junto com os namorados, e deixando o estádio com aquele ar de graça feminina. Atualmente, nós opinamos e somos ouvidas. Mostramos que entendemos também, e que sabemos sim senhor o que é um impedimento.

Nos espaços virtuais as mulheres não apenas reafirmam essa mudança cultural, mas também reivindicam reconhecimento: “Alguns infelizmente ainda parecem achar que a participação da mulher no futebol deveria ser resumida a fotos sensuais. Uma pena. Uma mulher que entende de futebol não gosta de ser reconhecida somente pela sua beleza”.

Outra questão encontrada também é sobre a violência nos estádios, um limitador para a presença feminina. Giulianotti (2002, p.196) assinalou que havia uma similitude entre o aumento da violência das torcidas brasileiras, nos anos 1980, e o decréscimo do comparecimento das mulheres nos estádios.

O futebol tem que ter paz, antes de tudo. É legal ganhar, provocar então melhor ainda. Mas violência? Não, por favor. [...] que a paz seja semeada, porque é uma delícia assistir a um bom jogo, onde não há atentado contra a vida de ninguém, e como consequência disso, a presença feminina aumenta maravilhosamente³³.

³²<http://colunas.globoesporte.com/luizcarlos/2009/07/21/opinioao-o-%E2%80%99Csalto-alto%E2%80%99D-no-futebol/>

³³<http://colunas.globoesporte.com/luizcarlos/2009/07/21/opinioao-o-%E2%80%99Csalto-alto%E2%80%99D-no-futebol/>



Figura 23- Violência nos estádios

Fonte: <http://www.area51-blog.com>

É mister lembrar que a sociologia absteve por muito tempo de investigar a figura feminina no mundo das torcidas. A esse respeito, Giulianotti (2002, p.199) faz a seguinte observação:

A investigação crítica sobre a masculinidade faz lento progresso na sociologia. Através da virada pós-feminista, surgiu um novo campo nos últimos anos à medida que os acadêmicos do sexo masculino passaram a refletir sobre as consequências críticas e epistemológicas do feminismo sobre o seu gênero.

Um importante campo que se pode vislumbrar em que há um encontro de mulheres que se reúnem em torno de futebol é na internet, mais precisamente o portal de relacionamentos Orkut. Nessa rede encontramos diversos grupos identitários formados por mulheres (ou que se identifiquem como mulheres - já que nesse espaço virtual é possível criar perfis falsos) ou mistos, que se reúnem tendo como núcleo central o futebol.

1) Mulher também gosta de futebol - Com 30.697 membros.

Descrição da comunidade:

- Esta comunidade é para mulheres que também tem paixão por futebol e para homens que admiram essas mulheres!!!
- Aqui rola discussão sobre times, jogadores, campeonatos, etc.
- A única condição para ingressar nesta comunidade é que não aceitamos brigas ou ofensas por torcer por times diferentes ou opiniões adversas.
- FORA HOMENS MACHISTAS, O FUTEBOL AGORA É DAS MULHERES!!!
- Vamos torcer, vibrar, cantar, chorar, gritar, rir pelo nosso time pois esse é o verdadeiro espírito esportivo e não com brigas, violência nos estádios.

2) Mulheres que amam futebol - Com 208.670 membros.

Descrição da comunidade:

- Essa comunidade foi feita para as ♥♥♥ Mulheres que amam futebol ♥♥♥
- Aquelas que:
 - ♥ Amam assistir os jogos;
 - ♥ Amam jogar;
 - ♥ Amam ir ao estádio;
 - ♥ Amam seu time;
 - ♥ Amam tudo isso ao mesmo tempo;
- Estão cansadas de serem vítimas de preconceitos em relação aos homens por amarem futebol.
- Entrem e fiquem à vontade, expressem seu amor pelo seu time, sua experiência com algum homem preconceituoso, primeira vez no estádio (é inesquecível), micos, o que acham da situação dos campeonatos, etc...
- *** É aberta também aos homens que admiram mulheres que entendem e muito de futebol. Sejam bem vindos!

3) Sou mulher e amo futebol!!! - Com 29.279 membros.

Descrição da comunidade:

- vc ama futebol?? assistir jogo pela tv, compacto,vt....
- assistir jogo no estadio... ooh coisa boa!!! o clima do estadio... a torcida...
- vc tb acha um saco mulher q fica brigando com o namorado por causa de futebol???
- nda melhor dque ir ao estadio com o namorado naum eh!?! eheh
- vc entende mais d futebol doq mto homem por ai? xinga o juiz.. eehehe seja mto bem vinda!
- se vc eh homem e gosta de mulheres q amam futebol seja bem vindo tb!!!

4) Meninas também vão ao estádio! Com 413 membros.

Descrição da comunidade:

- Não importa pra que time vc torce...se você ama ver jogos de futebol nos estádios e ficar rouca de tanto gritar pelo seu time, entre pra nossa comunidade!

5) Lugar de mulher é no estádio!! Com 10.922 membros.

Descrição da comunidade:

- Se seu namorado, irmão, pai, tio, ou qualquer pessoa do sexo masculino acha que mulher não pode ir no estádio pq é perigoso, só vai maloqueiro ou pq futebol é coisa de homem...

- É hora de mostrar em que mundo eles vivem, pq já foi a era dos homens mandarem!!!

- Chega das mulheres ficarem em casa assistindo novelinha...lugar de mulher é no estádio apoiando seu time do coração!!!

- E os homens que não se encaixam no perfil acima, mas pelo contrário, apóia nossa iniciativa pois afinal, as torcidas com nosso toque feminino ficam muito mais lindas e charmosas....sejam muito bem-vindos!!

6) Sim, mulher entende de futebol - Com 590 membros.

Descrição da comunidade:

- Se você está cansada(o) de ouvir das pessoas que futebol é coisa de homem!

- Se você não concorda com estes pensamentos machistas, que não vem apenas do sexo masculino, mas também do feminino, este é o seu lugar!

- Aqui só entra mulheres e homens que entendem, admiram ou concordam que futebol não é coisa só para meninos.

- Junte-se a nós e diga..

SiM, MuLHeR eNTeNDe De FuTeBoL!

7) Comando Feminino do Futebol - 20.191 membros

Descrição da comunidade:

- Essa comunidade foi feita para as apaixonadas por futebol que: Amam assistir os jogos; Amam jogar; Amam ir ao estádio; Amam seu time do coração. Homens são bem-vindos desde que não sejam preconceituosos.



Figura 24 - Reportagem sobre mulheres que pertencem a uma comunidade do orkut e vão aos estádios juntas.

Fonte: Jornal O Globo

Embora na fase de desenvolvimento do projeto dessa tese tenhamos planejado fazer a análise das informações encontradas nessas comunidades, a possibilidade de haver perfis falsos³⁴, tendo como consequência informações não fidedignas, nos fez mudar de ideia, utilizando esses dados apenas para exemplificar que novas socialidades ocorrem em torno da presença feminina nos estádios, reforçando laços sociais e gerando novas práticas culturais.

7.1 MULHERES E IMAGINÁRIO

Segundo Maffesoli (1993, p.5-13), vem do antropólogo Gilbert Durand a introdução do termo 'imaginal', "como mistura de grandes ajuntamentos de tudo que se refere a imagens, aos imaginários, à imaginação e ao simbólico na vida social", acrescentando que "não há nenhum campo da vida social que não esteja contaminado pelo mundo imaginal". Na tradição cartesiana e racionalista do século XIX não havia espaço para a introdução dessa idéia-motriz, porque a epistemologia necessitava explicar o mundo através de grandes sistemas. E assim se objetava que tudo o que se relacionasse com o imaginário contrariava o bom funcionamento do espírito humano e não podia integrar o que não era de ordem racional. Aponta o autor que no campo da sociologia, apenas timidamente Pareto e Weber fizeram menção ao não-racional como um elemento que escapava às racionalizações necessárias à explicação do mundo. Assim, a *episteme* racional pertenceria à

³⁴ Algumas comunidades sociais na internet possuem um sistema de verificação de autenticidade dos seus membros, o que não ocorre no Orkut.

modernidade e a *episteme* irracional à pós-modernidade, com a sua imantação febril no imaginário, categoria nova que cumpre compreender em toda a sua inteireza. A ‘rebelião do imaginário’ toca as esferas públicas e privadas, inclusive pelo viés da televisão (e diria-se hoje, da Internet), nada havendo que escape à sua influência, o que se pode chamar de uma inflação dos sentimentos sobre as modas e ideologias. Surge, então, uma teatralidade geral em que executamos diversos papéis de aparência e representação, que pode ser chamado ‘mundo imaginal’ e que pode ser remontado à adoração do *totem* nas tribos primitivas, passando pelo seguir ideologias que tomem conta da vida dos indivíduos de ponta a ponta, até se chegar à exaltação dos chamados ícones religiosos, políticos e da música popular no mundo contemporâneo. O imaginário ‘contamina’ as representações individuais e coletivas, em uma viscosidade que lembra a confusão e o absurdo, sepultando os egos transcendentais e solitários na pós-modernidade, em um processo de fusão em que são ressaltadas as funções imitativas, emblemáticas e efervescentes nos agrupamentos musicais, esportivos, festivos e consumatórios, em uma nebulosa afetiva que atualmente atravessa todos os campos da vida social.

De acordo com Augras (1995, p.153-156), “o imaginário é cotidiano e o cotidiano é imaginário. Ambos são dimensões da existência humana, e dimensões complementares”. Do pensamento científico a simples percepção do mundo, o imaginário está no âmago de todas as criações do homem, embora a cultura tecnológica contemporânea tenda a desprezar o imaginário individual para aceitar apenas a parte da atividade imaginativa que alimenta a criação científica. Admitir a livre atuação desse ‘fantasma real’ não significa ter de mergulhar no puro irracionalismo, pois o racional e o irracional são complementares e necessários ao equilíbrio. A dificuldade em aceitar essa dualidade talvez seja devido ao “problema da integração das contradições do ser no mundo”.

Ferreira e Costa (2003) expõem que foi principalmente a partir das teorias de Bachelard que autores como Castoriadis, Morin, Balandier, Durand, Lefèbvre e Barthes trouxeram, com diferenciados enfoques e concepções, para a arena das discussões a importância dos estudos do imaginário social.

Segundo as autoras,

Um dos objetos que assume valor simbólico na sociedade contemporânea é o esporte. [...] O esporte-negócio hoje vai permeando a vida do homem moderno, produzindo, com seus

espetáculos, signos e bens de consumo e culturais. Trata-se da produção de um espetáculo esportivo, que hoje se apresenta nos moldes da pós-modernidade, [...], onde o homem se entrega ao presente e ao prazer, ao consumo e ao individualismo. Sendo também uma época de imagens, a pós-modernidade dá preferência à imagem, ao objeto, ao gesto esportivo espetacular, [...] suscitando emoções impactantes. O homem atual se vê seduzido pelo fascínio do hiperreal dos gestos esportivos produzidos pelos espetáculos. (p.28-29)

Conforme Arnt (1996, p.29), “o jogo reproduz em micro-escala o fundamento da civilização, que é a convenção e o respeito à convenção, sem a qual haveria um retorno à barbárie”, o que lembra que a ortodoxia do jogo, ao invés de cercear o futebol, pelo contrário é o seu ponto de partida, em termos de consentimento e legitimidade social, embora se saiba que as regras sempre puxem o seu sentido para a modernidade, que sempre procura preservar a sobrevivência dos sistemas. A pós-modernidade instaura-se quando as tribos e neotribos apossam-se dele para formar plataformas de amor, paixão e angústia, com toda a ‘força imaginal’ que isso significa e que é lembrada academicamente por Maffesoli. Arnt, Maffesoli recordam que os aspectos imateriais, e a paixão é um deles, têm um papel fundamental na vida social e a Copa do Mundo é um exercício de ‘paixão coletiva’, onde a identidade nacional se forma a partir de um sistema imaginário formado por atos e ações de grupos sociais. Tal força imaginal envolve-se na formação do carisma dos políticos, que administram os símbolos em benefício próprio, cujo apogeu encontra-se nos sistemas de poder carismáticos que se exprimem na racionalidade e no funcionamento das burocracias.

“No espaço do jogo, o homem tem a oportunidade de lidar com a experiência concreta do aleatório, do acaso, do não lógico da existência humana” - afirma Arnt (1996, p.34), e é sem dúvida uma manifestação da cultura em que o ser humano pode fazer uma experiência positiva do arbitrário puro, dentro do prazer e do lúdico. E arremata:

Na verdade, se o arbitrário não pudesse ser confrontado e assumido como tal, só duas alternativas restariam à sociedade: a saída religiosa que fornece o conteúdo transcendente que nega o aleatório na ilusão de um antes e um depois da existência humana, ou em uma regressão à barbárie, que é a ausência de qualquer convenção (p.35).

Almeida (2001), por sua vez, chama atenção para as diferenciações normalmente reproduzidas pela cultura entre indivíduos de sexos diferentes,

cabendo de início ao homem a independência e à mulher, a ideia de subordinação. À mulher, cabe o privado e ao homem, o público. Por meio da educação, produzem-se meninos mais ativos e meninas contemplativas e frágeis. Assim, eles vão percebendo, desde cedo, que pertencem a mundos diferentes, o que vai se transformando, no desdobramento da temporalidade, em traço cultural. Além de determinar as atividades mais recomendáveis para o sexo frágil, forma-se uma noção de hierarquia, definindo-se, a partir do berço, as brincadeiras típicas e um tipo de socialização, afeito à hegemonia futura do tipo masculino. E aduz a autora, citando Faria Junior (1995):

Na história da humanidade, a participação desportiva das mulheres tem se mostrado pequena e pouco estimulada, tanto na prática quanto na assistência dos esportes. Tal conduta reflete padrões sociais que diferenciam-se e distinguem-se entre homens e mulheres, cristalizando condutas caracterizadas como femininas ou masculinas.

Ao lado do processo de conquista de espaços sociais pelas mulheres, vê-se a transição da modernidade para a pós-modernidade, a partir dos anos 1990, promovendo uma imensa fragmentação social e dos esquemas mentais que orientavam a episteme burguesa, com os seus sistemas de valores completos e que explicavam tudo. De uma epopéia racionalista e materialista, passou-se a conviver com os paradoxos, com o invisível (basta lembrar das aquisições da física teórica, baseadas na física quântica e pós-quântica), com as representações simbólicas e o surgimento de tribos e neotribos, em uma floração de alternativas que nos recorda a Idade Média e as noções históricas nietzscheanas de ‘Eterno Retorno’. Preparamo-nos, também, para nos acostumar com as advertências de Bourdieu e Foucault sobre a relevância do discurso histórico sobre os desdobramentos de situações que considerávamos antes como cláusulas pétreas, tais como a dominação masculina, patriarcal e usurpadora.

Maffesoli (2006) cunhou o termo ‘proxemia’ para identificar a trama comunitária, a vivência do concreto e o homem em uma relação interindividual, em que vale menos do que no grupo comunitário em que se inscreve. O território, a cidade, passa a formar “um nós”, uma linhagem espiritual que nos faz sentir em casa, encantados em torno de mitos comuns, que nos asseguram ‘a perdurância’. É interessante notar que quando se fala de imaginário e representação simbólica os termos da velha sociologia têm de ser reinventados, porque vamos perdendo, pouco

a pouco, o cosmopolitismo e o aspecto 'território-mito' organizador da cidade, bem como a experiência do vivido em comum, que fundamenta a grandeza da cidade.

O futebol não deixa de ser um politeísmo de valores, porque ele não é uma entidade unívoca, como uma ideologia ou uma entidade macrossociológica, mas um conjunto de facções, comunidades, clubes, ligas, federações, confederações e torcidas, que convivem e brigam em torno de territórios delimitados, que não necessariamente obedecem a fronteiras políticas, ligadas aos velhos conceitos positivistas de estado-nação. O autor considera que essas fraternizações originárias da proximidade - bairros e corporações - representam a 'potência', a sociabilidade da base das cidades. Assim, "a comunidade de destino é uma acomodação ao meio ambiente natural e social e, assim sendo, deve confrontar-se com a heterogeneidade sob suas diversas formas".

A proxemia não é uma unanimidade, não supera o contraditório e tenta superar a habitual atitude de suspeita para apreciar os intensos investimentos pessoais e interpessoais que se exprimem no trágico cotidiano. Enquanto as aldeias urbanas podem mostrar relações, ao mesmo tempo densas e cruéis, as megalópoles contemporâneas suscitam "multiplicidade de pequenos encraves fundamentados em uma interdependência absoluta". Sendo a massa o polo englobante e a tribo, o polo de cristalização particular, "toda a vida social se organiza em torno desses dois polos em um movimento sem fim, [...] em uma ética do instante" (MAFFESOLI, 2006, p.203-205).

Maffesoli (2006) distingue os grandes conjuntos civilizacionais como representantes do passado, conglomerados reacionários e conservadores que carregam as tradições e uma inscrição espacial, enquanto as agregações sociais se reportam aos conjuntos progressistas, que procuram contraditoriamente a glória do instantâneo, do presente, enquanto procuram conquistar os tempos vindouros, em uma corrida para o futuro. A dialética 'massa-tribo' exprime essa concorrência, em um processo sem fim que vai da culturalização da natureza à naturalização da cultura. O modelo puramente racional e progressista do Ocidente, que se mundializou, vai cedendo, pouco a pouco, a uma orientalização, com diversas manifestações de cultura alternativa, dentre elas 'medicinas paralelas e terapias de grupo', atenuando a velha dicotomia corpo/alma, típica das velhas ideias. Surge uma espécie de solidariedade orgânica e comunitária, em que o lugar é vivido em conjunto com outros, induzindo a um comportamento comunitário sem centro ou

periferia. Tal efervescência é tipicamente dionisíaca, baseada no movimento, nos prazeres e experimentações cotidianas, ao contrário da visão apolínea do racional e da virtude, consideravelmente espalhadas por todo o Ocidente e que formou nossa cultura. Agora, temos indivíduos que vivem coletivamente, sob arquiteturas espaciais relevantes, mas em uma confusão de afetos que tem as megalópoles como pano de fundo para o seu renascimento.

A socialidade, conforme o autor, seria uma centralidade subterrânea, um sentimento coletivo que se conforma em um espaço, uma 'municipalização' que religa um conjunto indefinido em um sistema harmônico, o altar doméstico de uma religião civil. Muda a noção de lar, do localismo, cada vez mais parecido com as reuniões de comunidades no cristianismo primitivo, em que o lugar se torna um laço comunicante, em que a religião é o lugar, uma realidade. A proximidade física interliga-se à realidade cotidiana e confunde o divino ao horizonte mental do cotidiano do homem, em uma mistura do imaginário coletivo com o seu suporte espacial. Há religiões, como o candomblé, por exemplo, que confundem a harmonia simbólica com o 'terreiro', o sítio em que as obrigações gestuais e os rituais são vividos em uma multiplicidade de práticas. Em um perpétuo recomeço o espaço assegura a socialidade, tornando-se um dado social de efervescência e burburinho que não é uma entidade abstrata, mas corporifica o 'gênio do lugar', malicioso, mas que confere e permite "a estabilidade do conjunto para além e por meio da multiplicidade das variações e detalhes". Nesse contexto, a arquitetura das cidades pode ser, ao mesmo tempo, a aplicação de um desenvolvimento tecnológico preciso e, no mesmo movimento, a expressão de um estar-junto sensível, o imaginário coletivo misturado à vida cotidiana, o abrigo e o refúgio como realidade subterrânea. A *potência* da socialidade responde, sem necessariamente se lhe opor, ao *poder* da estrutura econômico-social, uma responsabilidade bem mais concreta, que é a do espaço vivido, do território comum (p.212-215).

A valorização da proxemia e o ressurgimento tribal fundamenta-se na responsabilidade comum, mesmo que simbólica, sobre um território, uma forte carga de heteronomia com a qual é preciso negociar. O autor exemplifica a relação complexa e ambígua dos judeus com a terra, o sentido mítico da diáspora, em que mesmo que a comunidade seja dispersada, manter-se-á organicamente solidária. Assim, pode-se ver surgir a noção de 'gueto', em que pequenos grupos prevalecem em seu interior, inserindo-se no grande conjunto da cidade e que permite que sejam

explicados em numerosos reagrupamentos contemporâneos. Surgem, então, misturados, o espaço, o símbolo, a atividade comunicacional, a base territorial, a vizinhança material e uma divisão social do trabalho, em que toda sociedade se apóia em uma espécie de contrato entre os vivos, os mortos e os que virão. O racionalismo pretendia aniquilar a proxemia, pela excessiva valorização das estruturas e da história sociais. Pretende extirpar os cultos locais, porque todos são, de alguma forma, perigosos para o controle de um governo central. No entanto, revalorizando os conjuntos mais restritos, grupos e tribos, “a proxemia simbólica e espacial privilegia o cuidado de deixar seus rastros, quer dizer, de testemunhar sua perenidade”. Ao conseguir expressar-se, cada grupo delimita o seu território e confirma a sua existência. A cristalização dos sentimentos de grupos locais baliza uma nova cultura, em que o ícone, familiar e próximo, se inscreve no cotidiano e é o centro de uma ordem simbólica, complexa e concreta, que interfere na solidão do meio urbano (p.217-222).

O ícone tem uma ‘função imaginal’ e é facilmente enredado e multiplicado por variados emblemas locais. Facilmente podemos associá-lo aos ídolos do futebol, que satisfazem por si só várias torcidas particulares, com suas amáveis predileções, preconceitos quase irremovíveis e atos particulares que inscrevem ou não a adoração a determinadas personalidades. As torcidas são, assim espaços de delimitação para ícones e responsáveis pela sua adoração ou completa destruição. A fertilidade da imagem emblemática pode ser dilatada pelo desenvolvimento tecnológico e pela imagem publicitária ou televisual segmentada pela mídia, que aumenta a popularidade de certos personagens por meio de sua presença no vídeo, transformando-os em ícones, isto é, força imaginal de emblemas locais. O ícone dirige-se a públicos-alvo, às tribos, que se reconhecem pela maneira como se demonstram ou pelo que representam, em diversos campos identitários, como na imaginação, na produção e consumo de bens e nos serviços oferecidos a esses grupos, quer sejam segmentados por idade, bairros, regiões, ou mesmo cidades. O ícone familiar aparecerá nas megalópoles, por sua vez, inscrevendo a própria imagem televisual em uma relação tátil, emocional e afetual, que surge de baixo para cima e diz respeito a novas manifestações do estar-junto. E assinala:

Nesse sentido, a valorização do espaço, pelo viés da imagem, do corpo, do território, seria, simplesmente, a causa e o efeito da superação do indivíduo em um conjunto mais amplo. Uma sociedade

fundamentada nessa dinâmica arrisca-se a ver seus valores essenciais invertidos. E talvez seja este o desafio lançado por todas as experiências e por todas as situações sociais que se fundamentam na proxemia. (p.223)

A proxemia remete à consolidação de laços, ao surgimento de uma sucessão de 'nós', que constituem a substância da socialidade, na constituição de microgrupos e tribos, que se utilizam de uma ética específica e de uma rede de comunicação. Surge uma 'multidão de aldeias' que se entrecruzam, se opõem, se entreadjudam. Os territórios são os lugares em que as pessoas se enraízam ou se retraem, onde buscam abrigo e segurança, mas que podem ser simbólicos, mas nem por isso menos reais. A nova aldeia global, com sua galáxia eletrônica, permite o surgimento de estruturas arcaicas de tribos, em que até os solitários e celibatários se juntam, escolhendo as diversas formas de socialidade disponíveis, em uma participação diferenciada e aberta. Distinguem-se pela aceitação de certos rituais iniciáticos, como o uso de determinadas senhas, a frequência a locais determinados e outros significados rituais de identidade que os mantêm em uma dinâmica própria no oceano das megalópoles. Percebe-se a propriedade que tem cada tribo de enfatizar aquilo que está próximo (pessoas e lugares), o que, ao mesmo tempo, promove uma espécie de fechamento sobre si própria. O universal abstrato cede lugar à concretude do particular, e pode-se ver no interior dos bairros a existência de uma série de clubes e reagrupamentos de amigos, segundo perímetros bem precisos e limitados a um número circunscrito de ruas.

A delimitação territorial (física ou simbólica) é estruturalmente fundadora de múltiplas socialidades, que não dependem da vontade dos protagonistas sociais, mas do efeito estrutural de atração e repulsa. Os espaços públicos são compartilhados por clientelas e os bairros frequentados por esse ou aquele grupo, que lembram os resquícios de casta ou máfia, em um sistema de alianças ou partilha de territórios. As linhas de tensão e dissenso estão presentes na cidade, habitada por esses personagens que se redividem em grupos e tribos, que querem ser elas mesmas em sua efervescência particular. As regras são as heterogeneidades, o pluriculturalismo, como resultado de um ajustamento afetual e não-racional. Isso configura o surgimento de novas delimitações territoriais, onde grupos sobrevivem de maneira flexível, em um romantismo tribal que foge às tradicionais categorias sociológicas. Conforme Maffesoli, "a descrição daquilo que

escapa à racionalização do mundo está em perfeita congruência com o não racional que mobiliza em profundidade as tribos urbanas.”

Reparar que o não-racional não é o irracional, assim como o não-lógico não é o ilógico é fundamental para reconhecer que a busca de experiências compartilhadas, em múltiplas localidades, corresponde a uma nova racionalidade proxêmica, intensiva, que se organiza em torno de um eixo que ao mesmo tempo liga as pessoas e as deixa livres: o coeficiente de pertença não é absoluto, cada um pode participar de uma infinidade de grupos. Os grupos sociais dão forma a seus territórios e a suas ideologias, em um mosaico urbano, em que obedecem a regras de segregação, tolerância, repulsa e atração. As coisas, as pessoas e as representações se propagam por um mecanismo de proximidade, em uma metáfora dionisíaca. Participando de uma multiplicidade de tribos, os indivíduos compõem uma morfologia de rede, onde estão presentes a flexibilidade, a mobilidade, a experiência e o vivido emocional. De acordo com Maffesoli:

[...] a socialidade pós-moderna estaria recuperando alguns valores no mínimo arcaicos. Se nos referirmos à monumentalidade burguesa, às suas expressões institucionais e à sua preocupação projetiva, trata-se de valores ‘inatuais’. E nem por isso são menos reais, nem deixam de se difundir, pouco a pouco, no conjunto societal em sua totalidade. O paradigma da rede pode, então, ser compreendido como a reatualização do antigo mito da comunidade. Mito, no sentido de que alguma coisa que, talvez jamais tenha existido, age, com eficácia, no imaginário do momento. Daí a existência dessas pequenas tribos, efêmeras, mas que nem por isso deixam de criar um estado de espírito que parece destinado a durar (p.239).

De fato, o futebol é um relicário especial de tribos efêmeras, que se reúnem através de uma sinalização identitária (os clubes, os adversários, as cores das torcidas), criando uma significação comunitária durante os jogos nos estádios. Quando essas comunidades refluem para bairros, para sedes de torcidas organizadas ou festas nos clubes assumem novos papéis de proxemia ou de estar-junto, em que a vontade de se entender entre os semelhantes, de se presumir tocando o próximo que lhe deseja o bem se transforma realmente em metáfora dionisíaca (ligada mais ao prazer do que ao dever). No entanto, como visto, as gramáticas de produção que sustentam o discurso futebolístico provêm majoritariamente do universo masculino (BINELLO et al, 2000). E as mulheres, que em épocas pré-modernas jogavam, junto com crianças e adultos, em uma espécie

de esporte recreativo, ficaram definitivamente de fora. Com a modernidade, a prática do esporte e sua representação ficaram sob domínio masculino. A mulher ficou como *estrangeira*, um ser disposto simbolicamente fora da representação, tornando-se um outro que seria necessário definir novamente. Parecia haver no tema inclusive uma ausência de conflito de gêneros, porque o *ethos* masculino prevalecia sem a menor discussão. Os atributos masculinos para o exercício do esporte eram considerados, sem discussão, o contrário da feminilidade e ponto final.

No entanto, nos últimos anos, produziu-se um incremento de práticas femininas que interromperam a predominância masculina e construíram novas descontinuidades, já percebidas e incorporadas pela mídia, que expandiu seu público-alvo de interesse pelo futebol. A 'súbita aparição' das mulheres constituiu-se em fato da maior importância, modificando as fórmulas consagradas de identidade feminina. Na medida em que o futebol se tornou um megaespetáculo, também incorporou um olhar de razão/paixão que passou a permitir a inclusão da intersubjetividade feminina.

Do ponto de vista da mídia, as mulheres abrilhantam a espetacularização do futebol, sendo a sua presença apreciada pelos mercados. Os veículos, necessitados cada vez mais de incorporar audiência, tentam valorizá-las como jogadoras, como objeto de consumo e como torcedora. A mulher 'normal' no imaginário masculino (esposa e mãe) desloca-se para a identidade sensual de partícipe dos jogos, mas reproduzindo ainda a ordem dominante. Produz-se uma espécie de carnavalização da ordem futebolística, trazendo a mulher para a cena. As mulheres transitam, então entre a desejabilidade e o exótico para satisfazer as veladas necessidades masculinas imperantes.

Se os fãs assíduos do futebol permanecem sendo, em sua maioria, do gênero masculino, mantém-se uma demarcação simbólica compulsória, confrontados com outros membros das respectivas comunidades (mulheres, crianças e homossexuais). Tais modelos simbólicos de emoções e sentimentos contribuem para realçar intensos significados sociais, que operam no nível da exclusão intergrupar, operando a demarcação de gênero em três dimensões definidas: a carnavalização, a paixão e a violência. O discurso masculino designa a identidade feminina pelo negativo, resistindo à incorporação do outro, como se fosse um estrangeiro àquela seara e incomodasse os códigos culturais tradicionais. Tal atmosfera de negação, por vias opacas, desvaloriza a sensibilidade feminina a respeito do futebol, como se a mulher

estivesse condenada ao 'não-saber' e tivesse, como os cristãos primitivos, ter que consultar os maridos sobre questões que não entendessem na 'doutrina'. No máximo, ser-lhes-ia permitido assistir ao futebol, como prática compensatória para quem deseja, inadvertidamente, se intrometer em um mundo tipicamente masculino (BINELLO et al, 2000).

Ainda segundo os autores, é considerado 'normal' a mulher ser excluída da paixão futebolística, enquanto lhe é permitida, e com desenvoltura, apaixonar-se por telenovelas, por exemplo, mais afeitas, segundo os homens, à sua natureza limitada, que não pode abarcar com perfeição o discurso futebolístico, propriamente adaptado à natureza masculina, como querem os homens. Quando eles se deparam com uma mulher fanática por um clube ou pelo jogo em si, consideram-na simulada ou uma pessoa que perdeu parte de suas características femininas. Privadas da paixão, estariam condenadas a ser torcedoras, acompanhando maridos e namorados nos estádios, analisando os jogos à distância, sem padecimentos. Ser-lhes-iam vedadas as emoções profundas da vitória ou da derrota, do gozo tradicional das partidas, bem como dos rituais de festejos. Sugere-se que a mulher possui uma carga melodramática no torcer, que descaracteriza o bom torcedor e a capacidade do torcedor masculino cujos modos devem ser aceitos como os oficiais e legítimos. No máximo, permitir que as mulheres assistam ao futebol dentro de casa para que sobre elas não se exerçam quaisquer violências simbólicas, tão comuns nas ruas. Em outras palavras, o estádio é um lugar público, onde os homens podem exercitar livremente o *ethos* legitimamente, cujas regras de autocontrole caso infringidas não são absolutamente censuradas.

Não há dúvida de que o reaparecimento das mulheres nos estádios tem proporcionado uma revisão do discurso masculino sobre futebol, mas ainda não é capaz de demover as antigas retóricas e narrativas futebolísticas. Na verdade, as iniciativas femininas são contra-hegemônicas, contrariando a lógica de dominação masculina, com descreveu Bourdieu. No entanto, a gramática masculina presente no futebol, embora hegemônica, não parece uma situação imutável em termos de pós-modernidade, vez que se notabiliza por ser um processo cultural, sujeito a modificações históricas que se podem até prever.

Pelo que se viu, o homem e o domínio masculino representam o social, o normativo e a modernidade, no que ela representou historicamente para o futebol até os anos 1990. E a mulher, a submissão feminina, demarcada nos anos da

modernidade e a sua constante busca de espaço, tanto no Ocidente como no Oriente, representam um esforço de socialidade que projeta as comunidades para o tribalismo da pós-modernidade. E, no meio desse processo, ainda não completamente detectável pelas ciências, temos o imaginário simbólico trazendo novas clivagens entre os sexos, que os projetam a novos tipos de convivência.

Giulianotti (2002, p.191-192), por sua vez, tentando antecipar-se à nova vaga cultural produzida pelo futebol, focaliza a figura do 'pós-torcedor', que seria um personagem híbrido, tanto masculino quanto feminino, que prezaria o futebol com profundo senso crítico, condicionando a sua participação nos estádios à ironia e reflexão. Romperiam, epistemologicamente, com a imagem antiga dos velhos torcedores e revelariam uma face inédita, demonstrando que percebem a natureza construída da reputação dos torcedores e torcidas organizadas e interpretando as relações de poder em torno dos jogadores e clubes. Os pós-torcedores teriam capacidade de analisar politicamente o futebol nacional e internacional, reconhecendo que ainda são muito pouco influentes na gestão de seus clubes, que ainda não assumiram modelos pós-industriais. No entender de Giulianotti, essa tendência ocorre por reflexo da ascensão das classes médias e dos ricos, a partir dos anos 1990, no interesse pelo futebol, que não satisfaz apenas aos vínculos desejantes das classes baixas e proletárias da Europa e da América Latina. Para ele, influenciando a postura da mídia, "as dimensões críticas e reflexivas mais duradouras da 'pós-torcida' estão cada vez mais associadas à nova classe média."

CAPÍTULO 8

8. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é um processo formal e sistemático em que o objetivo principal é descobrir respostas mediante a utilização de procedimentos científicos, obtendo assim novos conhecimentos no campo da realidade social (GIL, 1999). No extenso leque de opções metodológicas para o desenvolvimento de uma pesquisa, entendeu-se que a melhor alternativa para este estudo seria por meio de uma abordagem qualitativa.

Segundo Chizzotti (2000) esta abordagem considera que existe um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e as subjetividades do sujeito, sendo a essência da pesquisa qualitativa a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados. O que coaduna com a proposta desse trabalho.

Na elaboração do projeto desta tese estimou-se selecionar 15 mulheres para participar do estudo. Porém, no processo envolvendo a audição, transcrição e análise das respostas, percebeu-se após a sétima entrevista que os discursos oriundos dos sujeitos da pesquisa já eram recursos suficientes para discutir a temática deste trabalho.

Para a escolha das entrevistadas utilizou-se uma amostragem não probabilística tipo bola de neve (onde os participantes indicam outras pessoas que se enquadrem no *perfil* desejado e que estariam dispostos a participar da pesquisa), sendo que a primeira selecionada já era identificada como frequentadora de estádios de futebol. Com o intuito de apurar distintos interesses e opiniões, um dos critérios de seleção das participantes da pesquisa - cujas idades variaram entre 18 e 36 anos - foi que elas jamais tivessem ido juntas aos estádios.

A entrevista foi o instrumento de coleta de dados escolhido, pois possibilita uma interação mais dinâmica com o respondente. Gil (1999) afirma que a entrevista, por sua flexibilidade, é adotada por diversos campos de investigação e que se deve a aplicação deste instrumento o desenvolvimento das ciências sociais nas últimas décadas.

As vantagens elencadas por Gil (1999) é que a entrevista possibilita a obtenção de informações aprofundadas sobre os diversos aspectos da vida social; o

sujeito não precisa saber ler ou escrever; há a possibilidade do entrevistado esclarecer o significado das perguntas, bem como captar a expressão corporal, tonalidades de voz e de ênfase nas respostas. O autor alerta para algumas limitações deste instrumento, como a falta de motivação do entrevistado e o fornecimento de informações falsas, mas observa que todas são contornáveis, sendo essencial um adequado planejamento da pesquisa e um bom nível de relação pessoal entre as partes.

Em relação ao nível de estruturação da entrevista, elas tiveram um roteiro, mas flexível, isto é, a condução assumiu diferentes caminhos com o intuito de atender aos objetivos do estudo, para explorar mais profundamente algumas questões ou ainda para dar continuidade a um assunto iniciado pelo entrevistado. Algumas perguntas que integram esse roteiro semi-estruturado foram sugeridas pela banca de qualificação e exploraram temas fundamentais para análise, relacionadas ao time, estádio, mulheres e homens.

8.1 ENTREVISTAS (ROTEIRO E COLETA DAS INFORMAÇÕES)

- 1) Nome;
- 2) Idade;
- 3) Mora em qual bairro;
- 4) Torce por algum time de futebol;
- 5) Sabe o hino do clube;
- 6) Sabe as músicas; músicas com palavrão você canta também? No dia-a-dia você fala palavrão;
- 7) Nome dos jogadores, técnico, presidente;
- 8) Como define a sua relação com o time;
- 9) Já foi a estádio de futebol? Quais,
- 10) Com que idade foi pela primeira vez? Com quem?
- 11) Com que frequência vai ao estádio;
- 12) Que tipo de jogo (contra pequenos, grandes, finais, jogos sem muito público);
- 13) Vai acompanhada de quem;
- 14) Aonde encontra essas pessoas antes de ir ao estádio;
- 15) Antes do jogo pára em algum lugar;
- 16) Fica em qual lugar do estádio (arquibancada, cadeiras, torcida do time, organizada, ponto neutro); no estádio prefere ficar perto de outras mulheres;

- 17)O que acha das torcidas organizadas;
- 18)Há torcida organizada feminina; o que acha da idéia;
- 19)Evita algum tipo de roupa;
- 20)No estádio, o que te desagrada;
- 21)No estádio há algo que a deixa constrangida;
- 22)Já passou por alguma situação constrangedora;
- 23)Alguma sugestão para o estádio;
- 24)O que a motiva a ir ao estádio;
- 25)O que te marca quando vai ao estádio;
- 26)Você xinga os jogadores, o técnico o árbitro?
- 27)Como você vê os homens no estádio;
- 28)Como você vê as outras mulheres no estádio;
- 29)Como você se vê nesse espaço;
- 30)Como você acha que os homens a vê nos estádios;
- 31)Como você acha que os homens a vê quando você diz que frequenta estádios?
- 32)Como você acha que as mulheres a vê nos estádios;
- 33)Como você acha que as mulheres que não frequentam estádios quando sabem que você frequenta;
- 34)Você conversa com desconhecidos? Sobre o que?
- 35)Se o seu time ganha você *zomba* dos que torcem por outros times;
- 36)Como você age quando *zombam* de seu time quando perde;
- 37)E depois do jogo, quando você vai ao estádio, o que faz;
- 38)Participando de uma cultura que é eminentemente masculina (ir ao estádio de futebol), sendo torcedora de um time como você se sente;
- 39)O que acha de homens que dizem que mulher não deve ir aos estádios, por se um lugar masculino?
- 40)O que acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

As entrevistas foram gravadas em meio digital através do modelo RR-US450 da Panasonic, que suporta, segundo o fabricante, aproximadamente 60 horas de gravação; possuindo visor de cristal líquido o que permitiu nomear e identificar facilmente os arquivos; indicador de bateria, o que reduziu a possibilidade de imprevistos (embora tenha utilizado também, para prevenir, o gravador do aparelho celular POMP M8); conexão com o computador; e sistema de buscas. Como acrescenta Thompson (1992, p.146), “a gravação é um registro muito mais fidedigno

e preciso” [...] pois “as palavras empregadas estão ali exatamente como foram faladas”; somando-se “às nuances da incerteza, do humor ou do fingimento”. A gravação nesse aparelho foi essencial, pois o programa que acompanha o aparelho (*Voice Editing*) facilitou os intermináveis retrocessos nas falas para a correta transcrição das entrevistas (cada uma levou cerca de 12 horas).

8.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A etapa seguinte versou sobre a análise do material coletado realizada mediante o procedimento da Análise de Discurso, utilizando a metodologia de Orlandi, onde se identificou as marcas linguísticas e os respectivos sentidos encontrados. As informações foram interpretadas à luz dos referenciais teóricos expostos no desenvolvimento deste trabalho.

Orlandi (2005) entende que discurso é um ritual da palavra marcado pelo movimento dos sentidos, de unidade e de diversidade, de incerteza, de ancoragem e de vestígios, de errância dos sujeitos. Diante de fatos, de objetos simbólicos, somos instados a interpretar. E através dos procedimentos e princípios da análise do discurso podemos, através da linguagem, nos situar melhor com os sujeitos, com os sentidos e com a história. A “análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (ORLANDI, 2005, p. 15).

Orlandi (2005) nos explica que a análise do discurso não trata da língua ou da gramática. Trata do *discurso*, sendo este a palavra em movimento. Com o estudo do discurso observamos o homem falando e há a procura por compreender a língua enquanto trabalho simbólico (sendo este a base da produção da existência humana), constitutivo do homem e da sua história.

Segundo Orlandi (2005) a contribuição da análise de discurso é que nos coloca em estado de reflexão, pois não há neutralidade na linguagem. Para a autora não temos como não interpretar, pois a entrada do simbólico é irremediável e permanente na linguagem. Citando Pêcheux (1975) afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia e conseqüentemente o discurso é aonde se pode observar e compreender como a língua produz sentidos para os sujeitos.

Desde o início procurei compreender e elaborar a relação inconclusa, tensa e indistinta entre paráfrase (o mesmo) e polissemia (o diferente); a incompletude do sujeito; a identidade como movimento na história; a língua sujeita à falha e a inscrição da língua na história produzindo o equívoco; o gesto de interpretação fazendo-se na relação da estrutura com o acontecimento, jogo da contradição; a passagem do irrealizado ao que faz sentido (discursos fundadores), distinguindo entre o não-sentido (*non sens*) e o sem-sentido (o que já significou).

[...] também é relevante a maneira como introduzo a noção de silêncio, dando-lhe um estatuto teórico que alarga a própria noção de discurso, teorizando a relação entre dizer/não dizer e deslocando o que se diz sobre o implícito (ORLANDI, 2003).

A estrutura metodológica apresentada pela autora e os dispositivos de análise asseguraram ser o caminho ideal para explorar os discursos das torcedoras que ainda vivenciam um contexto histórico de dominação masculina em muitas áreas. Isso foi de capital importância para compreender os sentidos de sua presença no território sagrado que são os estádios de futebol e identificar as possíveis mudanças nas relações de gênero.

Na análise dos dados foram encontradas as marcas:

- 1) Estádio - com sentido de imprevisibilidade, espaço de confraternização, espaço de confusão e espaço democrático;
- 2) Gente - com sentido de grupo;
- 3) Homem - com sentido de preconceito e domínio;
- 4) Mulher - com sentido de conquista de espaço, torcedora, companheira e insegurança; e
- 5) Time - com sentido de paixão e zoeira.

Para a melhor leitura e entendimento das marcas e sentidos encontrados, exporemos algumas das frases (tal como foi dito, sem correções gramaticais) encontradas nos discursos das entrevistadas.

1- MARCA ESTÁDIO

Saber que o estádio de futebol não é lugar só de homens, que a mulher pode chegar, que pode assistir. [Entrevista 1]

Aí quando tiver faltando uns 5 minutos para começar o jogo a gente começa ir para o estádio. [Entrevista 2]

Eu acho que nem todas (torcidas organizadas) que vão aos estádios de futebol vão no intuito de arrumar confusão. [Entrevista 2]

Cada vez que eu vou ao estádio é uma coisa diferente, é um momento de alegria diferente, então são coisas assim que... a cada estádio vamos dizer que é uma caixinha de surpresa, é uma novidade, entendeu? [Entrevista 2]

Você é maluca de ir no estádio futebol! Credo! Coisa chata... vê um monte de homens correndo atrás da bola (dizem as mulheres q não frequentam estádios). [Entrevista 2]

Tá todo mundo junto e sai do estádio e vai todo mundo pro mesmo bar ainda, comemorar, brincar. (risos) [Entrevista 2]

Tá mudando né, embora até pouco tempo atrás fosse uma cultura masculina ir a estádio de futebol. [Entrevista 2]

Tudo bem que tem várias outras formas de se divertir, não só no estádio, mas tem mulheres que gostam do futebol. [Entrevista 2]

Todas as mulheres têm o direito de assistir sim o jogo no estádio. [Entrevista 2]

Foi com o meu tio (a primeira vez a ir ao estádio) que é também flamenguista, foi me levar no estádio pra assistir e aí virou desde os 13, essa loucura que eu tenho. [Entrevista 7]

As mulheres têm um pouco mais medo de ir ao estádio de futebol. [Entrevista 7]

Tem muita gente que passa por muitas coisas pra entrar no maracanã ou em outros estádios, é gás de pimenta, é cavalo em cima de você, é empurra empurra, é roubo, isso aí é a verdade do... que não é mostrado em si na televisão. [Entrevista 71]

Com esse negocio de alguns metros do estádio não poder beber, eles sempre bebem um pouquinho antes pra não ter que levar nada. [Entrevista 7]

Tem mães que levam crianças que querem prestigiar o estádio. [Entrevista 7]

Ah...apaixonada (risos) me vejo muito feliz, uma adrenalina única, que só quem tá dentro de um estádio mesmo com mais de 100 mil pessoas torcendo pelo mesmo...mesmo incentivo, a mesma vontade, acho que isso. [Entrevista 7]

Quando homem vê mulher no estádio, acha aquilo meio estranho, né? [Entrevista 7]

Eu vejo que tem muitas (mulheres) indo sem homens mesmo ao maracanã ou a outros estádios. [Entrevista 7]

Uma idiotice, uma burrice, porque não existe mais isso hoje em dia, o estádio tá aí, tanto pra homem quanto pra mulher. [Entrevista 7]

Eu acho que aquilo ali não é torcedor, eu acho que aquilo ali são vândalos, são pessoas que infelizmente não teriam nem que entrar dentro dos estádios. [Entrevista 7]

Elas (mulheres que não frequentam estádios) vêem fotos minha, que eu tenho fotos no orkut, dos...dos estádios, elas falam... "Olha...você é maluca...você vai pra esse negocio, onde tem briga e tal. [Entrevista 7]

As mulheres falam tanto que querem... ah que querem também agora tá frequentando os estádios junto com os homens, então pra que uma torcida só de mulheres, tem que ser mista. [Entrevista 6]

Antes do estádio geralmente eles bebem. [Entrevista 6]

Desde o momento que você vai para o estádio, você sabe que vai ouvir gritaria, vai ouvir palavrão entendeu, então se você não quer você não sai nem de casa, entendeu? [Entrevista 6]

A gente até ver crianças nos estádios né, mas tem muita gente que não vai, porque acha perigoso, que vai sair uma briga... [Entrevista 6]

Mesmo fora do estádio, fora você sempre vai encontrar uma pessoa do time que perdeu contra o seu, sempre vai jogar uma gracinha, vai zombar, vai brincar, normal... [Entrevista 6]

Hoje em dia as mulheres estão mais frequentando mais os estádios, estão se interessando mais por futebol. [Entrevista 6]

Já fui muito mais fanática, de torcida, de ficar correndo atrás em volta do estádio antes do jogo começar, de brigar...de chorar quando meu time perdia. [Entrevista 3]

Acho que é a torcida que anima, a torcida organizada que anima e puxa a torcida dentro do estádio, acho que é fundamental. [Entrevista 3]

Pelo que eu percebo no estádio acho, é o lugar que eles estão mais envolvidos realmente no futebol, acho que ali a atenção é toda no que ta acontecendo no jogo. [Entrevista 3]

Vai mesmo pelo time, pelo jogo, pelo que eu percebo das vezes que eu fui, sempre que estive no estádio. [Entrevista 3]

Ah! Depende da cabeça do homem né, tem homem que acha que mulher...lugar de estádio de futebol não é lugar de mulher né, mas...sinceramente o quê eles pensam... [Entrevista 3]

Eu já era tricolor mas só de falar, mas quando eu comecei a ir para o estádio eu comecei a empolgar, gostar. [Entrevista 4]

As vezes a gente vai... ta um pouco atrasado vai direto pro jogo, para o estádio e as vezes a gente pára antes, aí bebe um refrigerante, fica conversando antes de entrar. [Entrevista 4]

Elas indo para o estádio não é mais como estarem indo para azarar alguém, vão pra realmente torcer, não fica mais retraída mediante a um comentário, das coisas que podem falar, isso é normal, se tornou normal. [Entrevista 4]

O maracanã é mais perto da minha casa, é mais tranquilo, me sinto mais segura, mas... nada contra aos outros estádios, mas é por isso mesmo. [Entrevista 5]

A confusão, o tumulto pra entrar no estádio, sempre essa confusão. [Entrevista 5]

As mulheres tão conquistando um pouquinho mais, mais um espaço né, tão masculino quanto os estádios. [Entrevista 5]

SENTIDOS:

1.1- IMPREVISIBILIDADE

“Cada vez que eu vou ao estádio é uma coisa diferente, é um momento de alegria”. [Entrevista 2]

“Cada estádio vamos dizer que é uma caixinha de surpresa, é uma novidade, entendeu?!” [Entrevista 2]

A marca Estádio se refere a um campo de jogos esportivos, isto é, local no qual se praticam esportes, no caso, o futebol. Ora, o jogo é uma atividade eminentemente imprevisível, que garante ao espetáculo esportivo a qualidade de ser imponderável. O interesse pelo e no jogo está, segundo Caillois (1994), intrinsecamente ligado à incerteza, que garante pela dúvida diante do acaso a emoção de um final incerto e talvez inesperado. Um desfecho conhecido de antemão, sem possibilidade de erro nem surpresa, que conduza claramente a um resultado inelutável, é incompatível com a natureza do jogo. Faz-se necessária uma renovação constante e imprevisível da situação, tal como a que se produz a cada ataque ou a cada contra-ataque em esgrima ou em futebol.

É nesse sentido que Huizinga (1980) destaca o elemento da tensão, isto é, da incerteza e do acaso, como não menos importante no jogo. Enquanto decorre o jogo, tudo é movimento, mudança, alternância, sucessão, associação, separação.

Nada é estável ou presumível, estando o jogo sempre aberto aos ‘golpes’ de sorte ou de azar. E quanto mais competitivo for o jogo mais apaixonante se torna, chegando a extremos nos jogos de azar e competições esportivas.

O jogo, diz Retondar (2004), é antes de tudo um símbolo de luta contra a morte, contra o perecível, contra a imobilidade. O acaso no jogo simboliza o conflito entre a morte e a vida, entre a esperança e a desesperança. Enquanto há jogo, há espaço para o aleatório, para o imponderável se manifestar. O jogo, seja por meio do combate, da sorte, do simulacro ou da vertigem, detona um movimento entregue a aventura e ao risco que o jogador tenta controlar e acredita que realmente pode controlá-lo. O que garante ao jogo seu poder de atração e envolvimento, uma vez que através dele o jogador aciona a crença de que é possível dialogar com o mistério da vida a seu favor.

Assim, o estádio, enquanto palco dos jogos de futebol, não poderia deixar de ser um espaço de imprevisibilidade. A cada novo jogo de futebol, uma nova partida, novos lances, novos acontecimentos, sempre impregnados do diferente, do imprevisível. Uma grande virada, uma bola na trave, uma grande jogada, uma ‘furada’, um ‘frango’, enfim, uma ‘caixinha de surpresas’. Tudo isso garante ao espetáculo esportivo o seu tempero mais importante, aquele que é capaz de estimular as emoções, as expectativas, os medos e as esperanças diante de um final incerto e muitas vezes inesperado, o imprevisível.

1.2- ESPAÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

Quando eu comecei a ir para o estádio eu comecei a empolgar, gostar. [Entrevista 4]
Ah...apaixonada (risos) me vejo muito feliz, uma adrenalina única, que só quem tá dentro de um estádio mesmo com mais de 100 mil pessoas torcendo pelo mesmo... mesmo incentivo, a mesma vontade. [Entrevista 7]

Já fui muito mais fanática, de torcida, de ficar correndo atrás em volta do estádio antes do jogo começar, de brigar... [Entrevista 3]

Segundo Huizinga (1980), o jogo não é nem vida “corrente” nem vida “real”. Trata-se, ao contrário, de uma evasão da vida “real” para uma esfera temporária de atividade com orientação própria. O jogo participa da esfera do ‘faz de conta’. Sem, entretanto, que esta consciência de ‘fazer de conta’ impeça de algum modo que o jogo se processe sob a maior seriedade. Motivo pelo qual o autor afirma ser

impossível se dizer que ‘o jogo não é sério’, porém perfeitamente possível se dizer que ‘o jogo é a não-seriedade’.

O jogo não pertence à vida ‘comum’, diz Huizinga (1980), ele se situa à parte do mecanismo de satisfação imediata das necessidades e dos desejos. É, em sua qualidade de distensão, um *intervalo* na vida cotidiana que, no entanto, não deixa de ser parte integrante da vida em geral. O jogo se distingue da vida ‘comum’ tanto pelo lugar quanto pela duração que ocupa. Para que o jogo ocorra, diz o autor, é preciso que haja certo isolamento e certa limitação de tempo e de espaço.

Todo jogo se processa e existe no interior de um campo previamente delimitado, de maneira material ou imaginária, deliberada ou espontânea. Tal como não há diferença formal entre o jogo e o culto, do mesmo modo o “lugar sagrado” não pode ser formalmente distinguido do terreno do jogo. A arena, a mesa de jogo, o círculo mágico, o templo, o palco, a tela, o campo de tênis, o tribunal etc., têm todos a forma e a função de terrenos de jogo, isto é, lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial (HUIZINGA, 1980, p. 13).

O jogo possui um caminho e um sentido próprios, tem início e fim. Porém esta limitação não impede que, mesmo depois de chegar ao fim, o jogo permaneça como uma criação nova do espírito, um “tesouro a ser preservado pela memória” (HUIZINGA, 1980, p. 13). A sensação de estar “separadamente junto” numa situação excepcional, de partilhar algo importante, de se afastar do resto do mundo numa recusa das normas habituais, conserva sua magia para além da duração de cada jogo.

Nietzsche (2007, p.51) destaca, a respeito da tragédia grega, que o coro satírico poderia ser visto como “uma muralha viva que a tragédia estende à sua volta a fim de isolar-se do mundo real e de salvaguardar para si o seu chão ideal e a sua liberdade poética”. Nesse sentido, poderíamos dizer que a torcida, essa grande muralha viva ao redor do estádio, isola o campo em que se dá a encenação da tragédia esportiva de modo a isolá-la do mundo real, com suas preocupações e mesquinhas, e assim mantém protegido o espetáculo esportivo, garantindo a este um “chão ideal” para a manifestação de sua “liberdade poética”.

Os torcedores não são simplesmente meros espectadores que deixam o mundo da cena atuar sobre eles de forma passiva, mas sim, como nas palavras de Boal (1998), *espect-atores*, isto é, ao mesmo tempo espectadores e atores do

fenômeno esportivo. Como se diz no mundo do futebol: 'a torcida é o décimo segundo jogador'. Mais do que simples observadores, os torcedores influenciam o espetáculo esportivo. Com seus tambores, gritos de guerra e cânticos, o coro de *espect-atores* faz vibrar as estruturas dos estádios, enervando e motivando aos atores do ato esportivo. Não se pode negar o poder de uma torcida.

O 'mando de campo', que garante a um time jogar em seu estádio, próximo a seus torcedores, está previsto nas regras da quase totalidade dos campeonatos de futebol. Um estádio lotado de torcedores cantando em uníssono o hino do seu time de coração faz tremer ao mais experiente adversário. Uma grande e poderosa torcida 'empurra' um time para a vitória; é mesmo capaz de mudar a postura de um time e o resultado de uma partida. Assim também, suas vaias ou seus gritos de 'olé' humilham ao oponente ou ao próprio time mandante quando este não corresponde com as expectativas de seus torcedores.

Se imaginarmos que sob os ombros de um jogador muitas vezes pesa a responsabilidade de agradar a mais de cem mil torcedores em um estádio, que esperam deste uma atuação sempre exemplar (ou no mínimo regular), então seremos minimamente capazes de dimensionar o poder de uma torcida. Um passe errado, uma bola perdida, uma oportunidade perdida na 'cara do gol', um 'frango', diante de uma apaixonada torcida pode ser um desastre, quando esta última não perdoa o(s) autor(es) do erro e passa a persegui-lo(s), ou mesmo uma afirmação, quando esta mesma torcida apoia seu(s) jogador(es) e lhe(s) dá prova de sua confiança, ainda que naquele momento ele(s) tenha(m) falhado.

Acontece que a reação de uma torcida apaixonada é quase sempre imprevisível, pois o espetáculo esportivo não é vivenciado por esta de modo racional, mas corpóreo, de maneira que cada torcedor participa e sente em si mesmo, em 'carne e osso', e não só intelectual e visualmente. E, como todos sabemos, somos extremamente precários em controlar nossos *nervos*. Quando se trata de sentimentos e emoções, a incerteza e a desordem são quase sempre a regra. A raiva sentida pelo erro do outro, o jogador, é sentida ao mesmo tempo como erro dele e nosso, como falha que não podemos cometer diante de nosso adversário, uma vez que isto expõe nossa incompetência e nossa fragilidade no combate. Se não podemos perdoá-lo é porque não nos perdoamos, não nos permitimos este tipo de falha em um momento decisivo. Já se o apoiamos é porque

temos plena confiança em suas capacidades da honrar nossa paixão e fazer valer nossa força diante do adversário.

Assim, parece que os estádios de futebol, enquanto locais onde se desenrolam confrontos trágicos na esfera lúdica do jogo, são espaços de fruição e de prazer, no qual o distanciamento dos problemas, das vicissitudes e das arbitrariedades da vida cotidiana permite a seus participantes, seus *espect-atores*, vivenciarem momentos únicos de liberdade, fruição e prazer, embalados pelo êxtase e pelo entusiasmo dionisíaco. O que faz dos estádios de futebol uns dos grandes atrativos da contemporaneidade.

1.3- ESPAÇO DE CONFUSÃO

Tem muita gente que passa por muitas coisas pra entrar no maracanã ou em outros estádios, é gás de pimenta, é cavalo em cima de você, é empurra-empurra, é roubo... [Entrevista 7]

(o que desagrada no estádio?) A confusão, o tumulto pra entrar no estádio , sempre essa confusão. [Entrevista 5]

A gente sabe que tem muita confusão (nos estádios). [Entrevista 1]

Medo... de briga, de confusão. [Entrevista 1]

Os estádios são ambientes dionisíacos por excelência, que comportam grande parcela de desordem e de confusão, como o ‘empurra-empurra’, a gritaria, o palavrão, comportamentos que, em nossa sociedade, eram e ainda são, em grande medida, associados às atividades exclusivamente masculinas. Nesta perspectiva, os homens não apenas são vistos como mais brutos, mais fortes, mais viris, como também devem provar estas mesmas qualidades em enfrentamentos, disputas e jogos de todos os tipos, pondo a prova sua masculinidade. A eles é dado o direito de, quando se sentirem ofendidos ou quando em um duelo ou confronto, xingar, partir para agressão, dar socos e pontapés, enfim, usar de sua virilidade para defenderem sua honra e impor sua força. Já as mulheres são consideradas mais frágeis, delicadas, comportadas, inocentes, pudicas, polidas. Delas se espera que assim se comportem, como damas que não devem se enfrentar fisicamente, corporalmente, mas apenas através de jogos de cartas ou de tabuleiros, que não exigem força, destreza ou resistência física, e sim astúcia e inteligência.

Assim, os estádios, com seu tumulto e confusão dionisiacos, não eram, e por muitos ainda não são, considerados como um espaço feminino. Mulheres seriam delicadas demais para penetrarem neste antro de selvageria. No entanto, ao contrário, cada vez mais as mulheres sentem prazer em frequentar os estádios. E ainda que muitas não gostem das dificuldades pelo qual devem passar para adentrar nos estádios, isto não é motivo suficiente para impedi-las de participar do espetáculo esportivo.

Vale notar que, de acordo com o discurso analisado, não são as condições físicas dos estádios (para receberem de maneira mais cordial e confortável outros públicos que não o masculino) que melhoraram, mas sim o comportamento feminino que passou por uma grande mudança. As mulheres que desejam penetrar no universo dos estádios esportivos de futebol devem em geral admitir, aceitar e se adequar as muitas vezes difíceis e desgastantes condições de acesso e permanência nos estádios. E ainda que busquem e reivindiquem melhores condições, elas próprias reconhecem que 'faz parte' dos estádios e, portanto, do espetáculo esportivo, a desordem e a confusão.

"Desde o momento que você vai para o estádio, você sabe que vai ouvir gritaria, vai ouvir palavrão entendeu, então se você não quer você não sai nem de casa entendeu." [Entrevista 6]

Se antes o culto esportivo-dionisiaco dos estádios era quase que limitado ao público masculino, a quem era moralmente bem visto e aceito, ele agora se torna mais aberto ao público feminino, ainda que com certo resquício de estranhamento por parte da sociedade.

"Tem homem que acha que mulher... lugar de estádio de futebol não é lugar de mulher, né?" [Entrevista 3]

"Quando homem vê mulher no estádio, acha aquilo meio estranho, né?" [Entrevista 7]

O fato observado, entretanto, é que cada vez mais as mulheres passam a frequentar e a gostar de frequentar os estádios de futebol. E este espaço, antes quase que exclusivamente masculino, vem se abrindo a presença feminina.

Mulheres que, mesmo diante de certas dificuldades e contratempos, acreditam que há algo nos estádios de futebol do qual vale a pena participar.

1.4- ESPAÇO DEMOCRÁTICO

Todas as mulheres têm o direito de assistir sim o jogo no estádio..[Entrevista 2]

O estádio tá aí, tanto pra homem quanto pra mulher. [Entrevista 7]

As mulheres falam tanto que querem ... ah que querem também agora tá frequentando os estádios junto com os homens. [Entrevista 6]

Hoje em dia as mulheres estão mais frequentando mais os estádios. [Entrevista 6]

O estádio de futebol não é lugar só de homens [...] a mulher pode chegar, [...] pode assistir, que isso é uma paixão nacional. [Entrevista 1]

As mulheres tão conquistando um pouquinho mais, mais um espaço né, tão masculino quanto os estádios. [Entrevista 5]

“Tem mães que levam crianças que querem prestigiar o estádio. [Entrevista 7]

Eu vejo que tem muitas (mulheres) indo sem homens mesmo ao maracanã ou a outros estádios. [Entrevista 7]

A democratização dos estádios de futebol não nos parece ser fruto exclusivo de medidas tomadas para a segurança e o bem estar dos espectadores. Porém não se pode deixar de notar a importância destas medidas para o bom andamento do espetáculo esportivo. A proibição da venda de bebidas alcoólicas dentro e próximo aos estádios de futebol, a separação das torcidas, o reviste de pessoas na busca de possíveis objetos perigosos como armas e bombas, a diminuição do número total de espectadores nos estádios, são providências necessárias e indispensáveis ao bom andamento de uma partida de futebol.

Tais atitudes preventivas remetem as palavras de Nietzsche (2007, p.30), quando este caracteriza a ação de Apolo diante da impossibilidade de resistir aos impulsos dionisíacos do polvo: “agora a ação do deus délfico restringiu-se a tirar das mãos de seu poderoso oponente as armas destruidoras, mediante uma reconciliação concluída no devido tempo”. Se não é possível, e talvez nem mesmo desejável, impedir as manifestações dionisíacas como as que se dão nos estádios de futebol, o melhor a se fazer é se prevenir contra as possíveis consequências maléficas que podem advir daí. A violência, as brigas, os xingamentos, o ‘empurra-

empurra', o escárnio, são atitudes dionisíacas por excelência e, portanto, são também parte integrante do ato apaixonado de torcer por um time de futebol. Ainda que medidas sejam tomadas a fim de evitar tais intempéries, o que elas conseguem efetivamente é evitar maiores prejuízos aos participantes.

É bem verdade que em alguns países os estádios são mais organizados e os torcedores mais disciplinados, porém nestes o ato de torcer se dá de forma significativamente diferente. Não encontramos o mesmo ardor por parte dos torcedores. Quando mais apaixonados pelo time, mais fervorosos são os torcedores. Estes vão ao estádio como quem vai a uma guerra; e não estão dispostos a perder. Lutam e gritam por seus times do início ao fim; se entregam de corpo e alma ao confronto esportivo. As consequências destes confrontos são sempre imprevisíveis: podem continuar apenas no plano simbólico e verbal ou podem descambar para a violência física.

Os discursos analisados mostram que as mulheres entrevistadas têm plena consciência disso, mas ainda assim se propõem a encarar tais intempéries de bom grado. Elas defendem possuir o direito de frequentarem estes espaços tanto quanto os homens. Colocam-se, neste sentido, em igualdade com os homens. Ou seja, afirmam que os espaços de manifestações dionisíacas não são exclusivos para homens. As mulheres que desejarem não apenas podem, como devem frequentar os estádios. Afinal, elas também são livres para prestar suas homenagens ao deus Baco, para se deixarem tomar pela *loucura* dionisíaca. E que atitude poderia melhor representar a afirmação da liberdade feminina que a adoração de Dionísio, o deus da libertação, da supressão das proibições e dos tabus, das catarses, dos excessos e da exuberância.

A experiência da manifestação dionisíaca não é mais para uns poucos, e sim para todos: homens, mulheres, crianças. A democratização dos estádios é também a democratização de um espaço reservado ao êxtase, a alegria, a euforia, a baderna, a gritaria, a zombaria, enfim, ao deus dos excessos e da libertação das forças do inconsciente.

Como diz Boyancé, "o propósito da purificação dionisíaca é levar ao paroxismo aquilo de que se quer livrar da alma" (CHEVALIER; GHEERBRANT 2008, p. 340).

2- MARCA GENTE

Geralmente a gente se encontra na localidade onde a gente mora. [Entrevista 2]

A gente sai de casa uma 3 horas antes, aí quando chegar antes do maracanã a gente sempre para num barzinho, aí quando tiver faltando uns 5 minutos para começar o jogo a gente começa ir para o estádio. [Entrevista 2]

Geralmente a gente vai mais para as cadeiras para ficar todo mundo junto e não ficar em torcidas separadas a gente geralmente fica na cadeira. [Entrevista 2]

A gente fica na cadeira, agora quando tá tranquilo aí a gente vai para arquibancada. [Entrevista 2]

A gente não opta muito pela torcida organizada. [Entrevista 2]

Geralmente a gente quer pular. [Entrevista 2]

Na saída do Maracanã, a gente sai assim e às vezes tá briga de torcida assim a gente ter que sair rápido. [Entrevista 2]

Daqui a pouco a gente vai ver, tá todo mundo junto. [Entrevista 2]

A gente tá vivenciando ali no momento. [Entrevista 2]

A gente, como eu falei... que a gente vai pro bar. [Entrevista 2]

Na maioria das vezes a gente sai pra outros lugares. [Entrevista 2]

A gente vem como na maioria das vezes vai de carro, a gente vai sempre lá por Copacabana, aí a gente fica por lá mesmo a noite. [Entrevista 2]

A gente vem e vem e fica aqui por Campo Grande mesmo. [Entrevista 2]

A gente pode dar uma procurada. [Entrevista 2]

A gente acaba cantando. [Entrevista 7]

A gente foi hexacampeão. [Entrevista 7]

Encontro com o pessoal no bar da torcida que é um pouquinho antes do Maracanã, a gente se reúne... [Entrevista 7]

Gente se reúne em frente do Maracanã e entra todo mundo junto. [Entrevista 7]

A única vez que a gente, única oportunidade que a gente tem pra sentar é no intervalo de um tempo pro outro. [Entrevista 7]

A gente passou por circunstâncias assim...meias... constrangedoras. [Entrevista 7]

A gente vai pro barzinho. [Entrevista 7]

A gente tem uma paixão pelo time de futebol, não sabe explicar como, mas é um...a gente gosta muito. [Entrevista 6]

A gente já entra logo, não fica ali fora. [Entrevista 6]

Quando a gente vai, geralmente a gente fica lá no meio da torcida organizada. [Entrevista 6]

Depois que a gente senta é que eu olho pra ver como é que tá. [Entrevista 6]

Apesar da gente falar que ta lá no meio, a gente acaba falando alguma coisa. [Entrevista 6]

A gente vai pra casa direto para evitar confusão até mesmo na rua entendeu. [Entrevista 6]

A gente vai mesmo pra assistir. [Entrevista 6]

A gente sai de casa e vamos juntos. [Entrevista 3]

A gente acaba na hora do gol falar com quem ta ao lado a gente nem conhece. [Entrevista 3]

A gente vai embora e pára num local. [Entrevista 3]

A gente faz é sair dali, sair do local. [Entrevista 3]

A gente xinga, a gente briga, é o esporte, o time, a paixão. [Entrevista 3]

A gente vai... ta um pouco atrasado vai direto pro jogo, para o estádio e as vezes a gente pára antes. [Entrevista 4]

Se ganha a gente comemora, se não a gente nem fala porque perdeu o time. [Entrevista 4]

A gente encontra com outras pessoas. [Entrevista 5]

A gente faz uma esquentinha ali no [bar do] Chicos. [Entrevista 5]

A gente sempre marca nesse bar que é perto do Maracanã. [Entrevista 5]

A gente não fica na torcida organizada. [Entrevista 5]

A gente ganha. [Entrevista 5]

SENTIDOS:

2.1- GRUPO

A marca *Gente* se refere às pessoas que falam, remetendo ao sentido de grupo, de tribo, de maneira que todas as decisões são tomadas pelo grupo: a gente faz, a gente vai, a gente saí, a gente ganha, a gente perde. A individualidade é negada em função de um todo maior, em que cada um só existe na própria relação com o outro.

Tal sentido remete a uma distinção desenvolvida por Maffesoli (2006) que fala a respeito da diferença entre o indivíduo, que age e se relaciona como 'um', e a pessoa, que age e se relaciona enquanto parte de um todo maior. Segundo este autor, em nosso atual contexto, por ele denominado pós-moderno, a identidade se afirma em seu aspecto mutável e caótico, se assumindo enquanto verdade conforme suas fronteiras temporais ou espaciais. De modo que a identidade não diz mais respeito só ao indivíduo, mas também ao agrupamento no qual ele se situa. De acordo com as situações e a ênfase dada em tal ou tal valor, as relações estabelecidas consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente, ela pode ser modificada. O indivíduo, portanto, não tem mais a substancialidade que, de modo geral, lhe haviam atribuído a partir do iluminismo. É preciso se desfazer da ilusão de um indivíduo senhor de si mesmo e de sua história e reconhecer a ideia de *persona*, isto é, de máscara mutável capaz de se integrar numa variedade de cenas e situações que só adquirem valor quando representadas em conjunto.

Enquanto o indivíduo é um alguém livre, que contrata e se inscreve em relações igualitárias, a pessoa é tributária dos outros, é alguém que aceita um dado social e se inscreve em conjunto orgânico. O indivíduo possui uma função; a pessoa um papel. Nas palavras do autor:

[...] o indivíduo é causa e efeito da lógica da identidade. Senhor de sua história, capaz, com outros indivíduos autônomos, de fazer a história do mundo, ele é educado para exercer uma função nas instituições programadas pela sociedade. A pessoa, em contrapartida, tem identificações múltiplas, suas máscaras (*persona*). Estruturalmente dependente dos outros (heteronomia), ela se limita a desempenhar papéis nesses conjuntos de afetos que são as tribos (MAFFESOLI, 2006, p. 95).

O indivíduo pode se estabelecer no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável, e assim assume uma função na sociedade. A pessoa representa papéis, tanto em sua atividade profissional quanto nas diversas tribos que participa. Ela pode, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos), mudar seu figurino e assim assumir os mais variados lugares (papéis), a cada dia, nas peças do *theatrum mundi*. A pessoa é assim apenas uma condensação em perpétuo desequilíbrio. Ela se inscreve em um grupo, do qual é apenas uma parte, e só tem valor enquanto pertence a este grupo. Sua teatralidade instaura e reafirma a comunidade. Não mais um pertencimento conforme uma equivalência racional de ordem política, mas um pertencimento orgânico, que transcende o indivíduo.

É a essa estética do 'sentir em comum' a que se refere Maffesoli quando expõe que um *ethos* é constituído a partir das emoções compartilhadas e vividas em comum. Assim, é no vibrar em comum, no sentir em comum e no experimentar coletivamente a tudo, que cada um se permite, movido pelo ideal comunitário, sentir-se em casa nesse mundo. Vivência está que se dá, em grande medida, sob uma forma de jogo teatral: o jogo do mundo, o mundo como jogo.

3- MARCA HOMEM

A questão de conhecimento não está ligado ao sexo, ao sexo da pessoa, se homem, se mulher. [Entrevista 1]

Tem um tempo já, que um homem me revistou entendeu, eu fiquei meia coagida. [Entrevista 2]

Eu acho o homem muito machista. [Entrevista 2]

Muito preconceituoso em relação as mulheres, vai dizer que só os homens têm direito de se divertir também! [Entrevista 2]

Os homens eles tem que deixar de ser preconceituosos. [Entrevista 2]

Mais homens, mais homens, as mulheres tem um pouco mais medo de ri ao estádio de futebol. [Entrevista 2]

90% é homem. [Entrevista 2]

Um lugar onde a maioria é... são do sexo masculino, os homens né... [Entrevista 6]

Num ambiente que sabe que só vai ter...vários homens. [Entrevista 6]

O homem fala assim... “você não ta entendendo, não entende”. [Entrevista 6]

Ali é um lugar que tem muito homem. [Entrevista 3]

Naquele momento ali eu encarno homem também (risos) porque a gente xinga, a gente briga, é o esporte, o time, a paixão. [Entrevista 3]

Um pouco cautelosa por serem homens né, tem um jeitinho meio agressivo às vezes. [Entrevista 42]

No Maracanã, por exemplo, os homens eles levam muito feixe de luz né, muita bomba. [Entrevista 5]

Ah porque 90% é homem, né? [Entrevista 5]

Fissurados, fissurados, tem homem que nem pisca. [Entrevista 5]

A grande maioria dos homens está certo quando eles dizem que as mulheres não entendem muito de futebol. [Entrevista 5]

SENTIDOS:

3.1- PRECONCEITO

Eu acho o homem muito machista. [Entrevista 2]

Vai dizer que só os homens têm direito de se divertir também! [Entrevista 2]

Os homens eles tem que deixar de ser preconceituosos. [Entrevista 2]

O homem fala assim: ‘você não ta entendendo, não entende’. [Entrevista 6]

O chamado preconceito masculino parece se fazer compreensível quando constatamos que, em um espaço até pouco tempo quase que exclusivamente masculino, a presença de mulheres é sentida como a presença de estrangeiros, isto é, de desconhecidos com o qual os homens se vêem obrigados a conviverem dentro de seu território. Tal presença pode ser sentida como uma ameaça por parte de alguns, o que pode levar ao chamado preconceito em questão. Quando um homem pergunta a uma mulher se ela conhece o hino, a história ou a escalação do seu time, as regras do jogo ou qualquer outro tipo de informação futebolística ele está na verdade testando-a. Uma resposta certa indica que a mulher em questão já é uma ‘iniciada’ no universo do futebol. Caso contrário, ela será vista como alguém que, por

mais que esteja ali, dentro do 'templo do futebol', ainda não faz parte dos 'adoradores' do futebol.

A postura diante de um estrangeiro pode variar da hospitalidade até a rejeição; por se tratar de um espaço, como já foi dito, dionisíaco, todos os presentes precisam se sentir à vontade para se manifestarem com espontaneidade, para se libertarem da 'etiqueta', dos 'bons modos', da 'boca limpa', enfim, de todas aquelas regras de boa conduta social. A presença de estrangeiros, no caso as mulheres, no recinto pode inibir as ações e atitudes de alguns homens, o que pode levar a estes últimos a agirem com reservas com relação a participação feminina neste território tido por 'masculino'.

3.2- DOMÍNIO

Um lugar onde a maioria é... são do sexo masculino, os homens, né? [Entrevista 6]

Num ambiente que sabe que só vai ter...vários homens. [Entrevista 6]

Ali é um lugar que tem muito homem. [Entrevista 3]

Ah porque 90% é homem, né? [Entrevista 5]

A percepção dos estádios de futebol como espaços masculinos está presente nos discursos analisados. A primeira vista tal constatação aponta para o fato de que, quantitativamente, a maioria dos participantes é, sem dúvida, homem. Os estádios, enquanto espaços de confronto, de baderna e de confusão, eram e ainda são locais frequentados majoritariamente por homens. Isto porque, culturalmente, estes espaços não eram considerados adequados às mulheres, o que as mantinham afastadas e garantia a maioria esmagadora de homens nos estádios. Tais fatos acabaram fazendo com que os estádios de futebol recebessem uma maioria esmagadora de homens em seus recintos. O que legou aos estádios de futebol uma herança cultural e histórica que ainda hoje permanece.

De acordo com o discurso analisado, as mulheres concordam (e é evidente, pelo menos numericamente) que os estádios são espaços predominantemente masculinos. Concordam também que o comportamento habitual de um torcedor é culturalmente associado ao comportamento masculino. No entanto, ao contrário do que tal reconhecimento poderia supor, estas mulheres não se intimidam diante da maioria masculina. Ou seja, elas não se deixam desanimar pela presença esmagadora de homens e perseveram firmes no desejo de vivenciar as emoções do espetáculo esportivo.

4- MARCA MULHER

Um monte de mulher torcendo junto, cantando, brincando. [Entrevista 1]

(COM QUEM VAI AO ESTÁDIO?)

Amigos, homens e mulheres. [Entrevista 2]

Na faixa de uns 10 a 12, entre homens e mulheres. [Entrevista 2]

Tem muitas mulheres, tem! (NOS BARES PERTO DOS ESTÁDIOS) [Entrevista 2]

Nas torcidas organizadas é permitida a entrada de mulheres, tudo bem as mulheres podem entrar. [Entrevista 2]

Homem tem aquele preconceito: “ah! Mulher só serve hoje em dia para ficar na beira do fogão”. [Entrevista 2]

Verdade não é isso que tá acontecendo, essas mulheres estão invadindo o mercado de trabalho, tão invadindo tudo, elas estão se sentindo livres para fazer o que der vontade, então para mostrar para os homens também que as mulheres não tão pra traz, entendeu... elas podem ficar também. [Entrevista 2]

Na entrada nós somos revistadas por mulheres também. [Entrevista 2]

Como eu vejo as outras mulheres??? Ah! do mesmo jeito que eu, assim... tão lá para se divertir, zuar, pra torcer pelo time, legal. [Entrevista 2]

Eu poderia ir sim, com outras mulheres (E SEM HOMENS), poderia sim (IR AO ESTÁDIO), tranquilo, mas sozinha... Não! [Entrevista 2]

Pô aquela garota lá é maneira, ela gosta, ela se interessa, é... eu acho, hoje em dia não... assim... tem a parte do preconceito, mas eles até acostumaram, já até acostumaram já de ver as mulheres (NOS ESTÁDIOS). [Entrevista 2]

“Você é maluca de ir no estádio futebol! Credo! Coisa chata... vê um monte de homens correndo atrás da bola” Geralmente elas (MULHERES Q Ñ FREQUENTAM ESTÁDIOS) falam meio assim. [Entrevista 2]

Eu acho o homem muito machista, assim... muito preconceituoso em relação as mulheres, vai dizer que só os homens têm direito de se divertir também! [Entrevista 2]

Tem mulheres que gostam do futebol. [Entrevista 2]

Tem mulheres que entendem muito de futebol, que tá mais por dentro de que muitos homens. [Entrevista 2]

Eu acho que eles (homens q dizem q mulher ã entende de futebol) estão super errados, é uma forma de se defender entendeu... vê que as mulheres tão entrando,

então eles nunca querem perder a moral, tá sempre em cima, então eles jogam isso como artifício que as mulheres só vão porque querem se intrometer no meio dos homens, entendeu... nunca admitem que as mulheres tão chegando com tudo. [Entrevista 2]

Queria dizer que os homens eles tem que deixar de ser preconceituosos e que todas as mulheres têm o direito de assistir sim o jogo no estádio. [Entrevista 2]

As mulheres têm um pouco mais medo de ir ao estádio de futebol. [Entrevista 7]

Não me ligo em relação a esse negocio se tem mais mulher ou... eu vou mesmo e nem penso na... nessas coisinhas. [Entrevista 7]

Uma entrada de repente é... de mulheres, de mães com crianças, que tem mães que levam crianças que querem prestigiar o estádio, querem prestigiar o time, enfim... [Entrevista 7]

Quando homem vê mulher no estádio, acha aquilo meio estranho né, hoje em dia tá até melhor. [Entrevista 7]

Hoje em dia a mulherada quer participar junto, até mesmo pra ficar mais perto dos homens, ou dos seus maridos ou namorados. [Entrevista 7]

Acho que a mulher busca muito a sua independência, agora... eu vejo que tem muitas (MULHERES) indo sem homens mesmo ao maracanã ou a outros estádios. [Entrevista 7]

Uma idiotice, uma burrice (DIZER Q MULHER NÃO DEVE IR AOS ESTÁDIOS), porque não existe mais isso hoje em dia, o estádio tá aí, tanto pra homem quanto pra mulher. [Entrevista 7]

Nós somos no meu trabalho, um grupo de 10 mulheres onde todas queriam ir e ninguém vai. [Entrevista 7]

Tem muitos homens que por incrível que pareça não gostam de futebol, aí a mulher acaba também não indo muito. [Entrevista 7]

Não costumo olhar se tem mulher perto não, entendeu? [Entrevista 6]

Geralmente eu olho pra ver como é que tá o ambiente em volta (risos) entendeu, mas procurar onde mulher, não. [Entrevista 6]

Ah...eu acho meio excludente, assim...eu não acho legal (uma torcida só de mulheres), porque as mulheres falam tanto que querem... ah que querem também agora tá frequentando os estádios junto com os homens, então pra que uma torcida só de mulheres, tem que ser mista. [Entrevista 6]

Acho que a mulher tem de se preservar num ambiente que sabe que só vai ter... vários homens. [Entrevista 6]

Eles (os homens) não tão nem aí se tiver mulher do lado, atrás, na frente, eles vão xingar mesmo...que ali é como se fosse um ambiente deles, agora que as mulheres estão começando a participarem mais, então lá eles acham que é ambiente deles, então eles vão falar mesmo e não tem nenhum tipo de respeito nesse sentido. [Entrevista 6]

Lugar de mulher é no campo de futebol sim! [Entrevista 3]

Trabalho também não era coisa de mulher e cozinha não é lugar de homem e as coisas foram mudando. [Entrevista 4]

As mulheres tão conquistando um pouquinho mais, mais um espaço né, tão masculino quanto os estádios. [Entrevista 5]

SENTIDOS

4.1- CONQUISTA DE ESPAÇO

Me sinto privilegiada, né, pelas mulheres de terem conquistado este espaço. [Entrevista 1]

Essas mulheres estão invadindo o mercado de trabalho, tão invadindo tudo. [Entrevista 2]

As mulheres não tão pra trás. [Entrevista 2]

Nas torcidas organizadas é permitida a entrada de mulheres, tudo bem as mulheres podem entrar. [Entrevista 2]

Acho que a mulher busca muito a sua independência. [Entrevista 5]

As mulheres estão começando a participarem mais. [Entrevista 6]

As mulheres tão chegando com tudo. [Entrevista 2]

Todas as mulheres têm o direito de assistir sim o jogo no estádio. [Entrevista 2]

Trabalho também não era coisa de mulher e cozinha não é lugar de homem e as coisas foram mudando. [Entrevista 4]

As mulheres tão conquistando um pouquinho mais, mais um espaço né, tão masculino quanto os estádios. [Entrevista 5]

A marca Mulher remete ao sentido de pessoa do sexo feminino, que, no presente caso, remete também ao sujeito do discurso. A mulher aqui é aquela que fala por si, mulher, e ao mesmo tempo por outras, mulheres. Seu discurso é revelador do imaginário feminino a partir de uma perspectiva íntima. Aquela que fala

representa o gênero feminino a partir da sua posição de mulher. Sua condição é a de porta voz, não apenas de si mesma, mas de todas aquelas por quem fala. O que quer dizer que seu discurso, enquanto discurso de uma entre outras frequentadoras dos estádios de futebol, ainda que não possa ser indiscriminadamente generalizado, se faz significativo uma vez que revelador do imaginário feminino.

Ao dizer que '(es)tão entrando' o discurso destas mulheres marca uma separação entre um espaço de exclusão, no qual as mulheres se viam e em certa medida ainda se vêem relegadas, e outro de inclusão, que até pouco tempo era reservado exclusivamente a presença masculina. Tal herança cultural advinda de uma lógica separatista segundo a qual as mulheres deveriam ser dependentes dos e obedientes aos homens, indivíduos autônomos que deveriam comandar a família e a sociedade, se faz sentir na medida em que as mulheres ainda sentem a necessidade de 'entrar', 'chegar' e até mesmo 'invadir' (o que expressa uma resistência à entrada) esta zona.

O discurso que afirma que 'as mulheres não *tão pra trás*', por mais que deixe explícito que as mulheres não devem em nada aos homens em capacidade e competência, também deixa implícito a persistência de uma resistência ao movimento de emancipação feminina que exige destas uma frequente reafirmação de seus potenciais para se manterem 'à frente', lugar antes ocupado apenas por homens. Não é de se estranhar, portanto, que elas '*tão chegando com tudo*', numa maneira de não deixarem dúvidas quanto aos 'dotes' femininos, que, muito diferentes do que antes se convencionou chamar aos 'bens e terras' oferecidos pelos pais aos futuros maridos de suas filhas, se caracterizam pelas potencialidades e habilidades femininas.

A 'invasão' feminina nos estádios de futebol pode ser vista como mais um passo no movimento de busca da igualdade e da liberdade da mulher. Um passo bastante significativo que caracteriza um desejo superação de suas fragilidades, num movimento que quer mostrar que as mulheres são tão ou mais capazes que os homens em todos os âmbitos da vida, pondo abaixo alguns dos antigos preconceitos contra elas direcionados. Longe de aceitarem o estigma de 'sexo frágil', no sentido de serem inferiores ao 'sexo forte' masculino, as mulheres não se dão por conformadas e cada vez mais compartilham com os homens espaços de destaque e liderança.

Assim, o discurso em questão supõe que, por mais que as diferenças de gênero pareçam cada vez menos expressivas no correr das últimas décadas, isto não implica em dizer que as tensões provenientes dos conflitos de poder entre gêneros não exijam mais das mulheres permanecerem em estado de alerta, como se tivessem sempre que se justificarem de algo que ainda que tenham conquistado de direito não tenham conquistado plenamente, ou definitivamente.

4.2- TORCEDORA

Como eu vejo as outras mulheres??? Ah! do mesmo jeito que eu, assim... tão lá para se divertir, zuar, pra torcer pelo time. [Entrevista 2]

Tem aquelas (MULHERES) completamente fanáticas [...] que cantam juntas, [...] que quase enfartam também junto com os homens. [Entrevista 6]

Tem aquela mulher ... que vai [...] tem aquela paixão...assim louca. [Entrevista 6]

O discurso analisado indica que, dentro dos estádios de futebol, as mulheres se percebem eminentemente como torcedoras, que frequentam o espetáculo esportivo com a intenção de vivenciarem a emoção coletiva de torcer por um time, por uma paixão. Nesse sentido, essas mulheres não se vêem diferentes dos homens.

“a gente (mulher) xinga, a gente briga, é o esporte, o time, a paixão.” [Entrevista 3]

Todos ali comungam em prol de um mesmo objetivo, de um mesmo amor. Todos querem se divertir, gritar, xingar, pular, dançar, cantar em uníssono. Esta é a magia de torcer. No interior de uma torcida se rompem as rígidas e hostis delimitações estabelecidas pela necessidade e pela arbitrariedade. Ali não existem homens ou mulheres, escravos ou senhores, ricos ou pobres, belos ou feios, todos são torcedores, homens livres, unidos por uma paixão em comum numa esfera de harmonia universal, na qual cada um se sente unificado, conciliado, fundido com o seu próximo. Como diz Nietzsche:

Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. (...) ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonhos os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza (...) revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez. (NIETZSCHE, 2007, p. 28).

O que se revela aqui para nós é que um torcedor, ao adentrar em um estádio de futebol, nega sua condição de indivíduo e assume a condição de torcedor. Deixando fora do estádio sua posição social de médico, de professor, de gari, de pai, de mãe, de filho, ou de qualquer outro tipo, funde-se emocional e imaginariamente ao outro (torcedor) através de um centro (o time) e se deixa guiar por um ideal comum (o da vitória).

Como diz Nietzsche (2007), o verdadeiro sofrimento dionisíaco se caracteriza pelo estado de individuação resultante do despedaçamento do deus pelos Titãs quando ainda era criança. Neste estado, em si mesmo rejeitável, a esperança se volta para a possibilidade de vivenciar o renascimento de Dionísio, isto é, o reestabelecimento de sua unidade e o fim da individuação. Nesse sentido, pode-se dizer que, ao penetrarem num estádio de futebol homens e mulheres se esquecem de suas diferenças e se fazem um:

“ali (no estádio) eu (MULHER) encarno homem também. [Entrevista 3]

Ao dizer ‘eu encarno homem’, o discurso feminino parece expressar um desejo de androginia, de superação das diferenças entre o masculino e o feminino, de vivenciar um estado de plenitude que nos remete a unidade primeira. Este desejo se projeta na figura masculina, que no presente caso nos remete a figura de Dionísio, o deus da baderna, do desvair, dos excessos do comportamento amoral, aquele que, vale mais uma vez lembrar, através do êxtase dionisíaco, evoca sua solução comunal, expressa naquilo que Maffesoli (2005) chamou por “orgiasmo social”³⁵.

Assim, homens e mulheres vivem através do êxtase dionisíaco um estado de comunhão que ultrapassa as oposições de sexo, de gênero ou de qualquer outra espécie. Uma vez dentro de um estádio de futebol a separação dos sexos se anula; cada um é ao mesmo tempo homem e mulher. Todos se transmutam em torcedores: iguais perante o ‘deus do futebol’.

³⁵ Segundo Maffesoli (2005, p.66): “a orgia não pode ser reduzida à atividade sexual ou, mais precisamente, esta última é apenas a expressão privilegiada do desejo coletivo. O Eros solidifica e estrutura a socialidade; leva o indivíduo a transcender e a se perder num conjunto mais vasto. É nesse sentido que a sociologia é, antes de qualquer coisa, o estudo da sexualidade”.

4.3- COMPANHEIRA

As mulheres têm aquelas que... as que como eu que vai assim acompanhar, né? [Entrevista 6]

Com o meu namorado, que eu passei a torcer. [Entrevista 1]

Hoje em dia a mulherada quer participar junto, até mesmo pra ficar mais perto dos homens, ou dos seus maridos ou namorados. [Entrevista 7]

Tem mulher que vai para acompanhar o namorado, o marido. [Entrevista 3]

Tem muita gente que vai ao maracanã, muita mulher como eu te disse, que acompanha namorado e às vezes pra agradar. [Entrevista 5]

Sabidamente, até pouco tempo não era comum a presença de mulheres em estádios de futebol. Estes espaços eram antros de rituais eminentemente masculinos, reservados a paroxismos dionisiacos imaginariamente associados à figura masculina. Quando estes locais começam a se abrir a outros públicos, como o feminino, não é de se estranhar que uma das principais portas de entrada sejam os próprios homens, que resolvem levar suas companheiras para participarem com eles. É, portanto, normal que as mulheres, não acostumadas aos estádios de futebol, não se sintam muito à vontade em frequentarem estes espaços sozinhas, isto é, sem um guia que conheça bem os estádios e que saiba como se comportar diante das situações inerentes as condições ali impostas. Logo, os homens se apresentam como uma porta de entrada para as mulheres nos estádios.

4.4- INSEGURANÇA

As mulheres tem um pouco mais medo de ir ao estádio de futebol. [Entrevista 7]

Medo ... de briga, de confusão, como a gente vê o tempo todo ai na televisão [Entrevista 1].

Somos no meu trabalho, um grupo de 10 mulheres onde todas queriam ir e ninguém vai. [Entrevista 7]

Acho que a mulher tem de se preservar num ambiente que sabe que só vai ter...vários homens. [Entrevista 6]

Policiamento para que as mulheres se sentissem mais seguras. [Entrevista 6]

Torcer é vivenciar um sentimento coletivo em sua plenitude, se entregando aos riscos inerentes a um poder que, por tamanha força e intensidade, é incontrolável. Sabidamente, a manifestação dionisiaca muitas vezes descamba para a violência e a barbárie. Como conta a tragédia de Eurípedes, *As Bacantes*, Penteu foi despedaçado por sua própria mãe, Agave, e pelas bacantes, que, possuídas pelo deus Baco, viam-no como se ele fosse um leão da montanha. O que se pode tirar daqui é que, aquele que está possuído pela loucura dionisiaca não poupa a ninguém, nem mesmo a seu filho. Quando Dionísio impõe sobre o homem o seu jugo este fica cego à realidade e surdo aos apelos da razão ou da compaixão.

As manifestações de descomedimento e violência são flagrantes nos estádios de futebol. O desfecho destas situações é sempre imprevisível e pode acabar ‘sobrando’ mesmo para quem não tem nada a ver com o conflito. A possibilidade de ser vítima inocente da fúria dos torcedores é, sem dúvida, algo capaz de provocar o medo, principalmente entre aqueles que não estão acostumados a frequentar os estádios, como muitas mulheres. Se somarmos a isso a consciência das mulheres de serem, em geral, menos fortes e hábeis do que os homens no que diz respeito ao confronto físico. Não parece ser muito difícil compreender o medo feminino.

5- MARCA TIME

Mas assim...é paixão pelo time. [Entrevista 1]

O melhor é um shortinho e a camisa do time. (ROUPA PARA IR AO ESTÁDIO) [Entrevista 2]

A torcida é animada, bota o time pra cima. [Entrevista 2]

(AS MULHERES) tão lá para se divertir, zuar, pra torcer pelo time, legal. [Entrevista 2]

Ah! Eu invento uma desculpa que meu time perdeu por causa daquilo (risos). [Entrevista 2]

Fez um gol contra .. ou então “o seu time não tem capacidade de fazer um gol em cima do botafogo, foi o meu jogador que fez” entendeu... [Entrevista 2]

Não evito blusa do time, vou com a minha blusa mesmo. [Entrevista 7]

A gente ta indo ali pra torcer pelo nosso time. [Entrevista 7]

Querem prestigiar o time. [Entrevista 7]

O amor pelo meu time (risos) (MOTIVA A IR AO ESTÁDIO). [Entrevista 7]

Pessoas (OS HOMENS NO ESTÁDIO) mais apaixonadas pelo time mesmo. [Entrevista 7]

Igual a mim... eu sei assim...doidas pelo time e...tem que ter, tem que ter muito amor ao time, para poder passar por isso tudo que eu te falei, antes de entrar no maracanã, acho que só quem tem amor realmente ao time hoje em dia. [Entrevista 7]

Se o meu time perde, ela (A MÃE) sabe que não pode comentar nada, porque eu fico muito irritada. [Entrevista 7]

Tu és time de tradição, força, raça e paixão, ô meu mengo. [Entrevista 6]

A gente tem uma paixão pelo time de futebol. [Entrevista 6]

Tem que favorecer o time deles entendeu. [Entrevista 6]

Normal as pessoas assim do mesmo time, que ta do seu lado é como se fosse assim parente. [Entrevista 6]

Você sempre vai encontrar uma pessoa do time que perdeu contra o seu, sempre vai jogar uma gracinha, vai zombar, vai brincar, normal... [Entrevista 6]

Ninguém gosta de escutar zombaria do seu time, ninguém gosta... [Entrevista 6]

Até a questão de assistir jogos de outros times que eu não assistia, hoje em dia eu já assisto. [Entrevista 6]

SENTIDOS:

5.1 - PAIXÃO

Mas assim...é paixão pelo time. [Entrevista 1]

Eu sabia nome do time inteiro, foi a época do Juninho, Felipe, sabia o time completo. [Entrevista 3]

Gosto, adoro meu time, defendo com unhas e dentes. [Entrevista 3]

Chorar quando meu time perdia. [Entrevista 3]

Hoje eu sou vascaína de coração, amo, tenho camisa, várias coisas do meu time. [Entrevista 3]

Acho que a torcida organizada é fundamental, assim...pela dedicação deles ao time. [Entrevista 3]

Torcer pelo meu time, ver o jogo, eu gosto de futebol em si, gosto muito, então torcer pelo meu time em si...é...o quê mais me motiva. [Entrevista 3]

Principalmente quando o time não tá indo bem das pernas... “É seu filha da puta...tira esse cara daí...” [Entrevista 3]

Esse não é fundamento deles (HOMENS), vai mesmo pelo time, pelo jogo. [Entrevista 3]

Naquele momento ali eu encarno homem também (risos) porque a gente xinga, a gente briga, é o esporte, o time, a paixão. [Entrevista 3]

“Sou tricolor do coração, sou do time tantas vezes campeão” [Entrevista 4]

...se ganha a gente comemora, se não a gente nem fala porque perdeu o time. [Entrevista 4]

(O QUE MOTIVA A IR AO ESTÁDIO) Ah! O time... gostar do time, por ele, é legal! [Entrevista 4]

(AS OUTRAS MULHERES) Também tão ali para torcer para o time. [Entrevista 4]

(O Q MOTIVA IR AO ESTÁDIO?) Ver o meu time ser campeão (risos). [Entrevista 5]

Eu acho que é paixão pelo time (Q DEIXA OS HOMENS FISSURADOS) [Entrevista 5]

A marca time remete a um conjunto de pessoas associadas em uma ação comum e com vista a um determinado fim. No presente caso, a ação comum é a de torcer por um clube de futebol; o fim é o próprio de prazer de torcer por um time. Em geral, não há nesta ação nenhum objetivo externo ao gozo proporcionado pelo ato de torcer. Não existe nenhum tipo de retorno financeiro ou econômico. O desejo de ser campeão é a mola impulsionadora dos torcedores. Diferentemente dos jogadores, que são profissionais e recebem de acordo com o desempenho, os torcedores são simplesmente amantes, pessoas apaixonadas que se doam de coração a um clube. Gastam dinheiro com suas entradas, com seu transporte para o estádio, com os uniformes do time, com o pagamento de televisões a cabo, enfim, movem o mercado futebolístico e em troca não pedem nada que não a dedicação de seu time a sua paixão, o futebol.

O amor é, nesse sentido, o grande mobilizador do espetáculo esportivo. Se não houvesse paixão por parte dos torcedores, o futebol logo deixaria de dar frutos, secaria e por fim morreria. Como diz Chevalier e Gheerbrant (2008), o amor é a

pulsão fundamental do ser, que mobiliza toda a existência a se realizar na ação. Mas essa passagem ao ato não se dá senão através do contato com o outro. O amor é união, e não só aproximação. Vencendo os antagonismos e assimilando forças diferentes de modo a integrá-las em uma mesma unidade, o amor garante a coesão interna do cosmos. Assim, é essa poderosa força que une pessoas tão diferentes e até mesmo opostas. Perante a magia do amor não existem raças, culturas ou classes sociais; existe apenas um time, uma paixão pelo qual devemos nos unir e lutar. O amor é o mais belo dentre os deuses imortais, é aquele que doma no peito de todo o homem o coração e a vontade prudente.

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2008), o deus do amor, Eros, possui uma natureza dupla: pode ser filho da Afrodite Pândemia, a deusa do desejo brutal; ou da Afrodite Urânia, deusa dos amores etéreos. O amor por um time de futebol caminha entre esses dois extremos. Nos estádios de futebol, no entanto, o amor brutal se sobrepõe ao amor etéreo, o que se evidencia nas enérgicas e apaixonadas manifestações dos torcedores. Um amor que se anuncia em gritos de guerra, em música e em dança vertiginosa, que se expõem ao extremo limite da violência: amor dionisíaco. Não um amor introspectivo e tranquilo, de sonhos e devaneios, e sim um amor extravagante e embriagante, que se manifesta no êxtase coletivo, nos pulos desordenados, na gritaria, nos xingamentos e até nas brigas e agressões.

O time é um símbolo de identificação e de unificação que, dotado de função icônica, se faz vetor de comunhão. Ele interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz compartilhar. Um time congrega valores, ideias e emoções comuns, estabelecendo-se como vínculo, como cimento social que liga, que une numa mesma atmosfera. A relação de um torcedor com seu o time não é apenas de cunho individual, necessário e prático, mas também e principalmente comunitário, afetivo, imaginário e simbólico. Assim, a paixão pelo clube do coração ultrapassa a objetividade, servindo de cimento, reforçando o sentimento de pertença e favorecendo uma nova relação com o ambiente social.

5.2- ZOEIRA

Gosto de zuar o outro quando o nosso time tá por cima. [Entrevista 3]

Você sempre vai encontrar uma pessoa do time que perdeu contra o seu, sempre vai jogar uma gracinha, vai zombar, vai brincar, normal... [Entrevista 6]

Ninguém gosta de escutar zombaria do seu time, ninguém gosta... [Entrevista 6]

A zombaria e o escárnio são características marcadamente dionisíacas que se destacam claramente no discurso analisado. Diante do inimigo derrotado, o torcedor vitorioso se põe, de maneira intencional, irônica e maliciosa, a debochar da condição do outro por meio do riso, das palavras, das atitudes e dos gestos. O objetivo de tal zombaria é levar ao ridículo, expor ao desdém e menosprezar os torcedores inimigos e os sentimentos que estes nutrem pelo time adversário.

Em *As Bacantes* (Eurípedes, 1988) Dionísio, o Estrangeiro, ao ser desafiado por Penteu, o rei de Tebas, zomba com palavras das ameaças de seu adversário. Ao ser confrontado por Penteu, que tenta aprisioná-lo, debocha da força do rei de Tebas com ilusões até levá-lo a fadiga. Por fim, antes de guiá-lo a morte pelas mãos de sua própria mãe, tira-lhe o juízo e leva-o ao ridículo fazendo-o atravessar a cidade sob seu governo vestido de mulher.

Depois de suas truculentas ameaças, quero torná-lo ridículo aos olhos dos tebanos, quando ele atravessar a cidade parecendo uma mulher. Irei vestir Penteu, com o traje que ele levará ao Hades, morto pelas mãos de sua mãe. Ele irá conhecer Dionísio, filhos de Zeus, que é um deus, terrível no poder, mas gentilíssimo para com a humanidade (Eurípedes, 1988, p. 86).

Ao escarnecer do outro, Dionísio se engrandece perante ele. De forma humilhante, faz vigorar sua superioridade sobre seus adversários. O espírito dionisíaco não se contenta em apenas vencer, ele gosta de zombar de seus inimigos. Daí que o gosto pela zombaria revela mais uma faceta do comportamento dionisíaco que emerge no ato de torcer por um time. Quando vitorioso, o torcedor se faz valer de sua superioridade para zombar do outro. Em geral, esta zombaria se dá dentro do espírito lúdico do futebol. Porém, como podemos observar em casos empíricos, muitas vezes a humilhação promovida pelo deboche e pelo escárnio do outro pode ser tão intensamente sentida que acaba por escapar da esfera lúdica e descambar para violência. O que demonstra o terrível e imprevisível poder de Dionísio e de suas armas.

CAPÍTULO 9

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber o efeito de composição que está no próprio princípio de um grupo é, segundo Maffesoli (1998, p.72) um verdadeiro trabalho intelectual que exige do pesquisador uma busca do estilo que opera na ordem do conhecimento. É necessário, nesse sentido, se ter uma “visão orgânica do mundo”, para a qual “cada fragmento, por mais específico que seja, contém, *in nuce*, a totalidade em conjunto”. Tudo isso caracteriza um tipo de relação social que descansa sobre o reconhecimento de si e do(s) outro(s) a partir da correspondência e da consideração da diversidade e da unicidade.

Um modo privilegiado de se perceber a organicidade de um grupo é através da análise dos mitos que animam este grupo. Isto porque, como diz Maffesoli (1998), o mito é, em geral, uma variação em torno de um tema conhecido, uma construção composta de redundâncias, de repetições, de duplicatas. Nele, cada um dos seus elementos é específico, mantendo sua originalidade, mas também entra em conjunção para integrar uma construção orgânica que é causa e efeito da comunidade que lhe suporta. No mito, as fronteiras entre os diversos elementos são mantidas ao mesmo tempo em que resulta uma singular organicidade que restitui às suas peças e fragmentos uma unidade coletiva.

Nietzsche (2007, p.133) afirma ser o mito “a imagem concentrada do mundo”, e que sem ele “toda cultura perde sua força natural sadia e criadora”. Para este autor, um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural:

Todas as forças da fantasia e do sonho apolítico são salvas de seu vaguear ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas” (Nietzsche, 2007, p. 133).

É nesse sentido que Maffesoli (2005) afirma que à imagem de Dioniso o orgiasmo social é essencialmente plural e sua análise remete a uma diversidade de

quadros que, cada qual a sua maneira e sob ângulos diferentes, retomam sempre algumas das principais características dessa forma. O mistério dionisíaco é uma manifestação típica de um sentido coletivo realizado, que se caracteriza pela perda do indivíduo num sujeito coletivo. Contrário a um *eu* ativo, construtor de uma história em marcha, o *eu* se dilui em uma entidade confusional, na qual o indivíduo não se acha mais petrificado num mesmo estado e função determinada, nem obedece mudo a obrigatoriedade de ser isso ou aquilo. Assim, o individualismo e o social se perdem num confusional societal indefinido.

No interior de um conjunto orgânico, em que a comunidade é primordial, Maffesoli (2005) acredita ser cada vez mais necessário reconhecer que a existência social se dá, acima de tudo, de forma teatral. Nesse quadro, cada cena da vida política, cotidiana ou dos espetáculos propriamente ditos, por mais insignificante e séria que seja, é no fim das contas importante³⁶. O que preside de maneira não-consciente a elaboração dessa ordem cênica é o sentimento de participação e correspondência em uma representação geral.

A excitação dionisíaca vivenciada nos anfiteatros do espetáculo futebolístico é capaz de comunicar a toda uma multidão a aptidão artística de ver-se envolto por uma hoste de diferentes espíritos com a qual ela, multidão, sabe que é interiormente uma coisa só. Toda multidão sente-se assim enfeitiçada, da mesma forma que o coro de ditirâmbicos descritos por Nietzsche (2007, p.57):

O coro ditirâmico é um coro de transformados, para quem o passado civil, a posição social estão inteiramente esquecidos; tornaram-se os servidores intemporais de seu deus, vivendo fora do tempo e fora de todas as esferas sociais.

Os estádios de futebol são assim enormes palcos na qual se representa a tragédia futebolística. Sua arquitetura, caracterizada pela fusão geométrica do círculo e do quadrilátero, que simboliza, segundo Chevalier e Gheerbrant (2008), a imagem dinâmica de uma relação entre o celeste transcendente ao qual o homem aspira e o terrestre imanente onde ele se situa, evoca uma idéia de movimento, de mudança de ordem ou de nível. Tal aspiração a um mundo superior, que participa mais de perto da divindade, é a própria aspiração do herói, aquele que triunfa sobre as tendências inferiores de sua natureza.

³⁶ Como diz Maffesoli (2005, p.14): “na teatralidade, nada é importante, porque tudo é importante.”

Os atores dessa grande tragédia são os jogadores, que, quanto mais íntimos da bola, a esfera perfeita, mais íntimos são dos próprios deuses. Os grandes jogadores são assim verdadeiros heróis no sentido mais profundo da palavra, isto é, seres que compartilham das duas naturezas, terrestre e divina. Seus feitos dão prova de que são seres 'iluminados' e por isso devem ser imortalizados. Os jogadores são, nesse sentido, aqueles que, agindo no espaço terrestre, evocam, via inspiração, a manifestação do divino.

Assim como na *Gigantomaquia*, a disputa inexorável entre os deuses e os gigantes que se tornou um símbolo e um modelo para os conflitos entre helenos e bárbaros, os torcedores de hoje projetam seus anseios de comungarem com divino em seus heróis do século XI, presenciando 'ao vivo' suas proezas com a bola. Os estádios de futebol são, nesse sentido, espaços de transcendência imanente, na qual o povo, de maneira profana, comunga com o divino social.

Os jogadores, estes heróis que manifestam a presença divina nos estádios, exercem uma função icônica e se fazem vetores de comunhão entre os torcedores. Mas esta não é uma relação de mão única, e sim dupla, na qual os torcedores, ou melhor, os *espect-atores*, através da manifestação de Dionísio, divindade arbustiva, símbolo panteísta do eixo do mundo em torno do qual se organiza o mundo, aquele que reestabelece a união entre o céu e a terra, inspiram a seus heróis com seus gritos e danças. É a excitação dos ânimos até o grau dionisiaco que faz com que os jogadores, quando entram em campo, não sejam vistos apenas como trabalhadores uniformizados correndo atrás de seus próprios interesses, mas como verdadeiros heróis da bola lutando uma batalha épica.

A participação feminina nos estádios de futebol, como foi possível observar na análise do discurso, não escapa a esta lógica a respeito da qual estas considerações finais vêm dissertando. O mito dionisiaco em suas diversas manifestações parece dar organicidade aos variados sentidos revelados pela presente pesquisa. A figura de Dionísio integra uma unidade coletiva que, sem negar a originalidade dos diversos elementos, é causa e efeito da comunidade que lhe suporta.

Para se dar conta da presença feminina nos estádios de futebol, o comportamento feminino pode ser ilustrativamente comparado ao de Calipatira, a filha de Diágoras de Rodes, que, para assistir aos jogos olímpicos, espaços então proibidos às mulheres sob o risco de serem lançadas do alto das rochas escarpadas

do monte Tipéon, se travestiu em um treinador masculino e entrou no estádio. Porém, quando seu filho, Pisídoro, venceu a competição, Calipatira pulou o recinto reservado aos treinadores e lançou-se à arena sem se dar conta de que, em tal ato impulsivo, deixou suas roupas caírem ao chão revelando aos olhos de todos os presentes que se tratava de uma mulher.

De modo semelhante, o discurso analisado revela em alguns sentidos como 'medo', 'confusão', 'domínio' e 'preconceito' que são as mulheres quem, em geral, ainda que não sejam proibidas de frequentarem os estádios, precisam se adaptar as condições impostas por estes espaços, e não o contrário. Se Calipatira corria o risco de ser lançada do alto de um monte, elas correm o risco de serem agredidas, seja através de um simples xingamento ou mesmo de uma violência física. Nesse sentido, as mulheres, ainda que para entrarem nos estádios não tenham que se travestirem de homens, precisam se cercar de certos cuidados, como, por exemplo, irem aos estádios em grupo. O que, se voltarmos ao sentido de 'grupo' revelado pela marca 'Gente', pode ser interpretado como uma forma de se travestir de grupo. Ou seja, cada uma destas mulheres, ao se unirem ao grupo, abandona sua individualidade e passa a representar um papel que só tem valor enquanto pertencente ao grupo. Se travestem, nesse sentido, não de homens, mas de grupo. Participando de um conjunto orgânico que transcende o indivíduo, estas mulheres põem suas máscaras e assim se integram numa variedade de cenas e situações que só adquirem valor quando representadas em conjunto.

Acontece que Calipatira, no calor da emoção da vitória de seu filho, abandonou completamente seu disfarce e se revelou a todos como quem realmente era. Assim também, ao vivenciarem a paixão de torcer por seu time, estas mulheres se despem inconscientemente de toda e qualquer roupa ou máscara e se entregam ao êxtase dionisíaco expondo sua mais profunda intimidade carregada de uma inocente sinceridade.

Portanto, no interior dos estádios de futebol, as mulheres se mostram a todos como aquilo que são, mulheres, sem, no entanto, serem excluídas ou renegadas pelo conjunto. Mas, pelo contrário, são aceitas como um membro do grupo, que, por mais heterogêneo que possa ser, não perde jamais sua organicidade fundada num erotismo orgíaco. Estas mulheres são, tanto quanto os outros ali presentes, torcedoras apaixonadas por um time em um espaço de confraternização democrático e confusional, entregue a imprevisibilidade e aberto a manifestações

anímicas de todos os tipos. E se, em algum momento elas ainda se sentem vítimas de preconceito ou oprimidas por uma maioria masculina, este sentimento logo é superado pela harmonia apaixonada de torcer.

REFERÊNCIAS

- ANTOUN, H. **Digital Trash e a Cultura do Consumo na Cibercultura**. Palestra no Simpósio Nacional ESPM, 2006. Disponível em: <
<http://www.canalcontemporaneo.art.br/cursosese seminarios/archives/001040.html>>. Acesso em: 21 jul. 2008.
- ALMEIDA, R. de S. **A construção da imagem social da atleta de futebol feminino**. Dissertação (Mestrado) - Uerj, Rio de Janeiro, 2001.
- ARNT, H. Uma leitura simbólica do futebol. **Revista Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n. 3-4, p. 29-36, 1996.
- AUGRAS, M. **Psicologia e cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.
- BINELLO, G. et al. Mujeres y fútbol: ¿territorio conquistado o a conquistar? In: ALABARCES, P. (Org.). **Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad em América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.33-53.
- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BOURDIEU, P. **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAILLOIS, R. **Los Juegos Y Los Hombres: la máscara y el vértigo**. México: Fondo da Cultura Económica, 1994.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências sociais e humanas**. São Paulo: Cortez, 2000.
- CORTEZ, P. H. P.; CORTEZ, J. A. A.; SIMÕES, A. C. Mulher e exercício físico. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e o esporte: Mitos e verdades**. Porto Alegre: Manole, 2003, p.193-206.
- COSTA, A. da S. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: LOVISARO, M.; CONSUELO, L. **Futebol e sociedade: um olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005, p.13-26.
- COSTA, L. P. da; TAKAHASHI, G. M. **Fundamentos do Esporte para Todos**. Brasília: DED/MEC/MOBRAI, 1983.
- DAMATTA, R. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982, p.19-42.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EURÍPEDES. **Medeia; As Bacantes; As Troianas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

FARIA JÚNIOR, A. G. de. Futebol, Questões de Gênero e Co-educação: Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Revista Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n.2, p.17-39, 1995.

FERREIRA, N. T. e COSTA, V. L. de M. Ciências humanas e imaginário social, um recorte sobre as atividades corporais. In: FERREIRA, N. T. e COSTA, V. L. de M. (Orgs.). **Esporte, jogo e imaginário social**. Rio de Janeiro, Shape: 2003, p.17-36.

FIEP. **Manifesto mundial da educação física**: FIEP-2000. Foz do Iguaçu: Kaygangue, 2000.

FIFA. **The uniqueness of the FIFA world cup**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/en/marketing/index.html>>. Acesso em 04 ago. 2005.

FLORES, L. F. B. N. Futebol, os jogos – 1º turno. **Revista Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n.1, p.13-22, 1995.

FLORES, L. F. B. N. Na zona do agrião. Algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, R. et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p.43-57.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FREITAS, M. Do amor grego à paixão nacional: masculinidade homoeroticidade no futebol brasileiro. **Revista Digital Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 8, n. 55, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd55/paixao1.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUERRA, I. O território como espaço de ação coletiva: paradoxos e possibilidades do 'jogo estratégico de atores' no planejamento territorial em Portugal. In: SANTOS, B. de S. (Org.) **Democratizar a Democracia**: os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p.341-372.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: perspectiva, 1980.

ISSAEV, B. **La masculinización de la mujer**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1971.

KNIJNIK, J. D. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história, São Paulo: Mackenzie, 2003.

KNIJNIK, J. D.; SOUZA, J. S. S. de. Diferentes e Desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira, In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004, p.191-212.

LEONCINI, M. P. **Entendendo o negócio futebol**: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br>>. Acesso em 10 ago. 2005.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, M. **A sombra de Dioniso**. São Paulo: Zouk, 2005.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, M. Os Imaginários do Social. **Revista Psicologia e Práticas Sociais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 5-13, maio 1993.

MELO, J. M. de. **Folkcomunicação na era digital**. In: V Bienal Iberoamericana de Comunicación, 2005. Disponível em: <http://www.marquesdemelo.pro.br/textos/textos_recentes/txt_rec_03.htm>. Acesso em: 23 jun. 2009.

MIRA Y LOPEZ, E. **Futebol e Psicologia**. Lisboa: Gráfica Imperial, 1975.

MONTEIRO, L. M. A violência da torcida organizada no futebol. **Revista Práxis da Educação Física e dos Desportos**, Rio de Janeiro, v.1, p. 47-59, 1998.

MORIN, E. **Cultura de Massas no Século XX**: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MOURA, E. L. O Futebol como área reservada masculina, In: DAOLIO, J. (Org.) **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005, p.131-147.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, p. 73-86, jan. 2005.

MOURÃO, L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas, In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte**: mitos e verdades. Porto Alegre: Manole, 2003. p.123-154.

MURAD, M. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURAD, M. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos da sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

MURAD, M. **Todo esse lance que rola**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Schwarcz, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais**: o Brasil. I Seminário de Estudos em Análise de Discurso, UFRGS, 2003. Disponível em: <http://spider.ufrgs.br/discurso/evento/conf_04/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 11 set. 2007.

PEREIRA, V. A. **Afetividades, sensorialidades e linguagens midiáticas na cultura digital trash**. Simpósio Nacional ESPM, 2006. Disponível em: <<http://www.canalcontemporaneo.art.br/cursosese seminarios/archives/001040.html>>. Acesso em: 21 jul. 2008.

RAMOS, L.; VALENTE, L. **A bela na partida**. Disponível em: <http://www.portalesportivo.com.br/index.php?site=21&modulo=eva_conteudo&co_co_d=33688>. Acesso em: 15 ago. 2009.

RETONDAR, J. M. **A produção imaginária de jogadores compulsivos**: a poética do espaço do jogo. São Paulo: Vetor, 2004.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadores a protagonistas. **Revista Movimento**, ano V, n. 11, p.50-56, 1999/2.

SALLES, J. G. do C.; SILVA, M. C. de P.; COSTA, M. de M. A mulher e o futebol: significados históricos. In: VOTRE, S. (Org.) **A representação social da mulher na Educação Física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996, p.79-94.

SANTOS, C. L. A.; SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M.. A mulher muçulmana e as práticas esportivas: uma aproximação possível. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004, p. 153-172.

SIMÕES, A. C. O universo das mulheres nas práticas sociais e esportivas. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004, p. 23-46.

SIMÕES, A. C.; CONCEIÇÃO, P. F. M.; NERY, M. A. da C.. Mulher, esporte, sexo e hipocrisia. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004, p. 61-86.

SOUZA, M. A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu**, n.6-7, p.109-152, 1996. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/31102009090806alvesesouza.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TOLEDO, L. H. de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TOLEDO, L. H. de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados, 1996.

TUBINO, M.; TUBINO, F. M.; GARRIDO, F. A. C. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

TUBINO, M. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TUBINO, M. **Esporte e cultura física**. São Paulo: IBRASA, 1992.

UNESCO. **Carta internacional de educação física e esporte**. In: Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. 20 reunião, Paris, 21 nov. 1978. Disponível em: <<http://www.efmuzambinho.org.br/manifesto/carta68.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2007.

VIANA, M. E. **A linguagem dos chats desafia os newbies**. Publicado em 2000. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/15755203/A-Linguagem-dos-Chats-Desafia-os-Newbies>>. Acesso em: 15 ago. 2008.

VOGEL, A. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional. In: DaMATTa, R.; FLORES, L. F. B. N. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p.75-115.

ANEXOS

ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista 1

P: Sua idade?

R: 33 anos.

P: Mora em que bairro?

R: Flamengo.

P: Torce para algum time de futebol?

R: Sim.

P: Qual?

R: Fluminense.

P: Sabe o hino do clube?

R: Um pedacinho, uma pequena estrofezinha.

P: Qual é? Canta pra mim?

R: “Sou tricolor do coração, sou do time tantas vezes campeão” Só sei isso...

P: E... no estádio existem músicas lá...você sabe algumas dessas músicas?

R: Não... não, pelo menos assim, no momento não estou lembrando de nenhuma.

P: É...e músicas, quando você vai ao estádio, com palavrão você canta também?

R: Ah! Canto sim... dependendo do palavrão né...alguns palavrões pode ser que eu deixe de falar, dependendo.

P: E no dia-a-dia, você fala palavrão?

R: Não.

P: E você conhece nomes dos jogadores, técnicos, presidente do fluminense?

R: Ah! Só conheço dos jogadores, os mais famosos né...esses que estão mais em destaque eu sei o nome.

P: E como é que você define sua relação com o time?

R: Olha, com o time do fluminense, está mais relacionado ao meu relacionamento com o meu namorado, que eu passei a torcer, mas devido a... a ele mesmo né, que torce por este time, mas assim...é paixão pelo time.

P: E...você já foi a estádios né, e a primeira vez foi com quem e...que tipo de jogo você evitaria ir ou iria em qualquer jogo?

R: Não, eu não iria em qualquer jogo, é...por exemplo eu não iria em times de torcidas muito grandes e rivais aqui no Rio de Janeiro, tipo Flamengo e Vasco, Flamengo e Botafogo, ou então mesmo que fosse o Flamengo e um outro time de São Paulo por exemplo o Corinthians eu não iria.

P: E não iria em jogos grandes por quê?

R: Medo, medo... de briga, de confusão, como a gente vê o tempo todo aí na televisão principalmente né, a gente sabe que tem muita confusão, que as pessoas não tem postura e partem pra violência, então, não vou por medo.

P: E o quê você acha das torcidas organizadas?

R: Eu acho o máximo, eu acho o máximo as pessoas né torcerem em prol de um único objetivo, que vibra, canta, brinca, ri, chora, se emociona, acho muito interessante. Eu...gosto da torcida organizada, só não sei se participaria de alguma, né...por medo.

P: O quê você acha da idéia de uma torcida organizada só feminina?

R: Eu acho uma maravilha né, tá um monte de mulher torcendo junto, cantando, brincando, vibrando, eu acho... eu acho bacana.

P: E indo ao estádio você evitaria algum tipo de roupa?

R: Sim, evitaria sim, de repente roupas que são mais sensuais, roupas decotadas, saia, por exemplo, não só porque é saia, mas porque saia é desconfortável, você tem que sentar em uma determinada posição, você não fica a vontade né, então eu procuraria ir com roupas que eu pudesse ficar a vontade.

P: E o quê te motiva ir ao estádio?

R: O que me motiva é ver o fluminense jogar né, ...e é uma das melhores sensações de emoção aqui no Rio de Janeiro.

P: E o que te marca quando você vai ao estádio?

R: A torcida...ah! ver a torcida, torcendo, vibrando, cantando, se emocionando... muito bonito, é bom demais de ver.

P: E você xinga os árbitros, jogadores?

R: Ah! Se tiver que xingar, eu xingo, dentro do meu vocabulário, né, naquilo que eu considero uma palavra de xingamento, 'não sei nem se existe essa palavra' mas... eu xingaria, sim.

P: E como é que você vê os homens lá no estádio?

R: Ah...não tenho um olhar específico assim não, não tenho um olhar crítico sobre os homens, normal...torcida masculina, homens e mulheres juntos torcendo, não percebo, não vejo com outros olhos.

P: E como é que você vê as mulheres no estádio?

R: Assim...a princípio, a primeira vez que eu vi, eu fiquei assim achando meio que estranho, né, uma mulher torcendo, gritando, xingando, falando palavrões pesados mesmo, então eu acho ... eu achei meio estranho, né, a impressão que eu tinha é que elas fossem mais comportadas, né, mais quietinhas, mais na delas, mas elas estão torcendo, vibrando, xingando tanto quanto os homens.

P: E como é que você se vê naquele espaço?

R: Eu vibro, torço, me emociono, estou ali com o meu namorado, vendo o povo todo se emocionando e torcendo ... me sinto a vontade ao ponto de sentir que aquele espaço também é meu.

P: E...como você acha que os homens a veem no estádio ali, como é que os homens veem as mulheres no estádio?

R: Acho que...hoje em dia eles já veem as mulheres com outros olhos, não tanto como antigamente que era...que existia um preconceito muito maior, todo machismo, mas hoje eu acho que elas já são mais bem vista né, eu acredito que no momento que a mulherada começa a dar opinião, começa a falar demais, talvez eles pensem assim... “pô o que é que essas mulheres entendem de futebol pra tá dando pitaco, pra dar uma de técnica e coisa e tal”, né, então talvez eles não aceitem muito a nossa opinião no momento ali da partida, se a gente for fazer algum comentário eles não vão levar em consideração, eu acho que eles não levariam em consideração por achar que as mulheres não entendem de futebol. Mas eu acho que os homens aceitam as mulheres lá, eu acho que eles gostam de tá com a namorada, de tá com a mulher, com a esposa, com a filha, com a amiga, eu acho esse relacionamento saudável.

P: E quando você está em uma rodinha só de homens e aí você fala que costuma ir ao estádio. Qual é a reação desses homens?

R: Olha ... eu acho que eles veem com bons olhos, né, acho que não rola nenhum tipo de preconceito não, acredito que não.

P: E você estando em uma rodinha só com mulheres, mulheres que não vão ao estádio e quando você fala que vai ao estádio, qual é a reação delas?

R: Olha, eu acho que de repente, dependendo, por exemplo, se as pessoas que eu for falar não torcerem pro Fluminense, eu acho que elas iriam criticar “ah..ir ao estádio pra ver o fluminense jogar” ou coisa e tal, eu acho que elas fariam alguma coisa ou então “ah você tem coragem?” porque todo mundo tem essa visão de violência, de que jogo é violento, principalmente as pessoas que eu convivo na faculdade, com algumas eu até comento e tem aquela sensação assim de espanto “ah! você tem coragem de ir?” Mas...mais por conta da violência mesmo.

P: E como é que você se sente indo a um local que até então era só masculino?

R: Me sinto privilegiada, né, pelas mulheres de terem conquistado este espaço, né, de saber que o estádio de futebol não é lugar só de homens, que a mulher pode chegar, que pode assistir, que isso é uma paixão nacional, né... é uma diversão, é um entretenimento, então... eu acho maneiro que as mulheres estão adentrando neste espaço que antes era só de homens, né...abaixo preconceitos!

P: E o que acha de homens que dizem que mulheres não devem ir ao estádio por ser um local masculino?

R: Ah! Eu acho que eles não passam de preconceituosos, de machistas, né ... infelizmente ainda existem homens assim, que determina que “ah! Isso é lugar pra mulher, isso é lugar para homens, mulher não pode isso, homens não podem naquilo” então eu acho que hoje em dia as coisas são...é.... bem diferente, esses preconceitos já caíram por terra, então eles são uns machistas, uns bananas (risos).

P: E que acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

R: Olha...eu acho que é a opinião de cada um, né ... alguns homens podem ter essa opinião de dizer que determinadas mulheres não entendem de futebol, assim como determinados homens também não entendem de futebol. A questão de conhecimento não está ligado ao sexo, ao sexo da pessoa, se homem, se mulher, algumas coisas eles tem mais afinidades, a gente....como é que se diz... eu...sei que a maioria dos homens entende mais de futebol, mas tanto homem quanto a mulher, se tiver interesse por uma determinada coisa ele vai correr atrás...é só questão de se informar.

P: E o que é que tem no jogo de futebol que você não entende e gostaria de entender?

R: É... as questões de impedimento, eu ainda acho muito complexas, não entendo e gostaria de entender, pênalti eu já sei o que é, algumas faltas eu sei...mas o mais difícil pra mim ainda é a questão de impedimento, quando o bandeirinha vai lá e levanta, eu acho ainda complicado, eu ainda não consegui entender.

Entrevista 2

P: Idade?

R: 18 anos.

P: Mora em qual bairro?

R: Cosmo.

P: Torce por algum time de futebol?

R: Botafogo.

5) Sabe o hino do clube?

R: A metade dele (risos) é... ih meu deus!!! Calma aí... poxa.. O meu pai... é tricolor, fica botando o hino direto lá em casa, ai fica matutando na minha cabeça.

P: E porque você se tornou botafoguense e não igual ao seu pai que é tricolor?

R: Por causa dos amigos, desde os 10 anos de idade, amigos da rua...

P: Sabe as músicas cantadas no estádio, lembra alguma do Botafogo?

R: E ninguém cala esse nosso amor e é por isso

P: Se tivesse que cantar.. música com palavrão você cantaria?

R: Ah! Depende do momento né (risos), acho que eu cantaria.

P: No dia-a-dia você fala palavrão ou não?

R: Não! Não costumo.

P: Nome dos jogadores, técnico, presidente;

R: Não todos, mas... eu conheço Vitor Simões, Reinaldo, é ô ...Renan, tem o Castilho, tem... ah! Agora fugiu (risos). O técnico é o Nei Franco

P: E o presidente do time?

R: Ah! Não...(risos)

P: Como define a sua relação com o time;

R: Ah! Paixão

P: Quais estádios de futebol você já foi?

R: Já fui por várias vezes no Maracanã e por várias vezes no Engenhão.

P: Com que idade foi pela primeira vez? Com quem?

R: 12 anos, com amigos também.

P: Com que frequência vai ao estádio?

R: Ah! Geralmente quando... dependendo muito da torcida oposta, por exemplo, em jogo contra flamengo eu não vou, porque é muita confusão, em final também.

P: Que tipo de jogo (contra pequenos, grandes, finais, jogos sem muito público);

R: Já fui em uma final, com o Rezende, eu fui entendeu, porque foi um jogo *ligth*, quando é com o Flamengo a torcida fica muito agressiva, aí sai muita pancadaria, então não tem como, mas geralmente quando o jogo é *ligth* aqui no Engenhão ou no Maracanã eu costumo tá sempre indo.

P: Vai acompanhada de quem?

R: Hoje em dia eu vou com o meu namorado que ele é botafoguense também (risos) tive a sorte! (risos) e ainda com os amigos.

P:: Homens e mulheres?

R: Amigos homens e mulheres.

P: Da sua idade?

R: Na minha faixa etária, mais ou menos assim entre 18 até 25 anos.

P:: Quantos?

R: Na faixa de uns 10 a 12 entre homens e mulheres.

P: Aonde encontra essas pessoas antes de ir ao estádio?

R: Geralmente a gente se encontra na localidade onde a gente mora, porque os amigos com os quais eu ia sempre, mora perto, inclusive tem até uma amiga minha aqui na faculdade que ela é botafoguense também e ela mora perto da minha casa.

P: Antes do jogo para em algum lugar?

R: Não, a gente sai de casa uma 3 horas antes, aí quando chega antes do Maracanã a gente sempre para em um barzinho, aí quando tiver faltando uns 5 minutos para começar o jogo a gente começa ir para o estádio.

P: Barzinho para tomar cerveja?

R: Para tomar uma cervejinha, se bem que eu não bebo, mas eu vou e acompanho com refrigerante (risos).

P: Esse bar é na redondeza do estádio?

R: Na redondeza do estádio

P: Tem outras mulheres também nesses bares além de vocês?

R: Tem muitas mulheres, tem!

V: Se sente bem ali no ambiente?

R: A vontade (risos)

P: Fica em qual lugar do estádio (arquibancada, cadeiras, torcida do time, organizada, ponto neutro); no estádio prefere ficar perto de outras mulheres?

R: Geralmente a gente vai mais para as cadeiras, na cadeira porque, aliás... nem todos os amigos assim... torcem para o Botafogo, vamos botar assim que de 12 uns 5 torcem para o Botafogo, então para ficar todo mundo junto e não ficar em torcidas separadas a gente geralmente fica na cadeira.

P: Agora que você tem ido com o seu namorado, você fica na torcida do time, fica na torcida organizada?

R: Não, torcida organizada, não! Mas depende, foi o que eu falei, depende do jogo, quando o jogo é muito a torcida é muito para brigar, aí a gente fica na cadeira, agora quando tá tranquilo, aí a gente vai para arquibancada.

P: E porque torcida organizada, não?

R: Ah! Porque torcida organizada tem muito negócio de rivalidade, entendeu... sai muita confusão, geralmente eles marcam lugar para poder brigar, porque hoje em dia eles... tão ... tudo é briga, então por isso que a gente não opta muito pela torcida organizada.

P: E no estádio, você prefere ficar perto de mulheres ou tanto faz, ou nem liga para essa questão?

R: Nem ligo para essas coisas... o negocio é se divertir lá e torcer.

P: O que acha das torcidas organizadas?

R: Bom, é assim, nas torcidas organizadas é permitida a entrada de mulheres, tudo bem as mulheres podem entrar, mas eu acho que nem todas que vão aos estádios de futebol vão no intuito de arrumar confusão, no intuito de brigar, elas vão mais para se divertir, entendeu... e geralmente com uma torcida organizada seria legal se fosse assim, pra junção, pra cantar o hino do clube, para inventar musiquinha e isso seria legal.

P: E o que você acha de torcida organizada só de mulheres?

R: Ah! Seria ótimo, show de bola (risos)

P: Por que uma torcida só de mulheres seria melhor?

R: Não... porque é aquele negocio, homem tem aquele preconceito "ah! Mulher só serve hoje em dia para ficar na beira do fogão", mas na verdade não é isso que tá acontecendo, essas mulheres estão invadindo o mercado de trabalho,

tão invadindo tudo, elas estão se sentindo livres para fazer o que der vontade, então para mostrar para os homens também que as mulheres não são pra trás, entendeu... elas podem ficar também.

P: Quando vai ao estádio você evita algum tipo de roupa?

R: Saia, saia e vestido, porque geralmente a gente quer pular, quer...então o melhor é um shortinho e a camisa do time.

P: E decote, usa tranquilamente?

R: Não gosto, não sou muito chegada a decote.

P: Evita?

R: Evito

P: Você evita pro dia-a-dia ou evitaria ir ao estádio com decote?

R: Nos dois, o estádio também porque você vai ao estádio, ainda mais que você tá acompanhada só de amigos, assim os caras já mais abusados, já acha que tem direito de chegar ... de querer botar a mão, então é melhor evitar.

P: No estádio, o que te desagrada?

R: Desagrada assim... hoje em dia tá bem legal, né, os policiais tá tomando conta direitinho, proibiram a entrada de cerveja, agora então, tá uma coisa bem legal, não tenho do que reclamar.

P: No estádio há algo que a deixa constrangida;

R: Também não, né ... na entrada nós somos revistadas por mulheres também, então....

P: Já passou por alguma situação constrangedora;

R: Ah! Já teve uma vez que...mas tem um tempo já, que um homem me revistou entendeu, eu fiquei meia coagida, meia... bem sem graça, fiquei meia assim...

P: Alguma sugestão para o estádio?

R: Bem, olhando assim, acho que pra sugerir aí, acho que tá tudo bem dividido, bem legal assim sabe, tá uma coisa bem interessante de você sentar, curtir, temos telões lá, pra você assistir o jogo também quando vai.... quando você não consegue ver direito, você olha rapidamente para o telão assim você consegue, tá uma coisa bem legal entendeu, não tem o que tirar nem por.

P: O que a motiva a ir ao estádio;

R: O que motiva? A torcida e ver o futebol de perto, que eu me amarro em futebol, gosto! (risos)

P: E por que torcida, o que tem na torcida?

R: A torcida é animada, bota o time pra cima, a torcida grita, a torcida faz festa, é uma coisa bem interessante.

P: O que te marca quando vai ao estádio?

R: O que marca??? Ah! Cada vez que eu vou ao estádio é uma coisa diferente, é um momento de alegria diferente, então são coisas assim que ... a cada estádio vamos dizer que é uma caixinha de surpresa, é uma novidade, entendeu?!

P: Você xinga os jogadores, o técnico o árbitro?

R: Ah! Nesse caso sim... (risos)

P: Ai me diga, o que é que tu falas?

R: Geralmente quando perde um gol na cara do gol, assim sabe... pertinho.... “seu viado... eu não acredito que você perdeu isso, seu burro...” (risos) essas coisas assim... entendeu... quando um perde um lance na frente do gol, aí perde um pouco da paciência, aí começa, um começa xingando do lado e você se empolga e vai junto também.

P: E o árbitro você xinga também?

R: Ah! Quando o árbitro tá errado coitado! Ainda bem que ele não escuta.

P: Como você vê os homens no estádio;

R: Ah! Eles são bem soltos, né ... a boca então é pior que qualquer outra coisa, até quando faz gol tá saindo milhões de palavrões ali, mas já acostumei já.

P: Mas assim...alem dos palavrões que eles falam, assim...mais alguma coisa te marca?

R: Não, acho que isso só, tirando a fato dos palavrões e deles arrumarem confusão um com outro assim muito rápido por causa de qualquer coisa, o resto tranquilo.

P: Já presenciou alguma briga?

R: Ah! Várias vezes, mesmo na saída do Maracanã, a gente sai assim, e às vezes tá briga de torcida assim a gente ter que sair rápido.

P: Como você vê as outras mulheres no estádio?

R: Como eu vejo as outras mulheres??? Ah! do mesmo jeito que eu, assim... tão lá para se divertir, zuar, pra torcer pelo time, legal.

P: Tu vê assim que as mulheres vão lá realmente pra torcer?

R: Vão, choram, gritam, é uma loucura! Elas vão pra torcer mesmo!

P: Como você se vê nesse espaço? É um ambiente que os homens estão lá de uma maneira geral, gritam, xingam, brigam entre si.

R: Na maioria das vezes eu nem dou atenção para eles, quero lá me divertir, fazer o meu e depois ir embora entendeu, mas olhando assim... mas eles que se entendam, e se o negocio pegar, ficar difícil, eu vou embora, entendeu.

P: Você se sente um peixe fora d'água naquele espaço ou não? Integrada?

R: Integrada literalmente.

P: Você iria sozinha ao estádio?

R: Ah! Sozinha não...

P: Por que você não iria sozinha?

R: Ah! Porque é legal você está com os amigos, né .. você chegar lá brincar, zuar entendeu... agora...sozinha... Eu poderia ir sim, com outras mulheres, poderia sim, tranquilo, mas sozinha ...

P: Como você acha que os homens a vê nos estádios;

R: Ah! Aquela dali deve ser um moleque (risos) ou então... pô aquela garota lá é maneira, ela gosta, ela se interessa, é... eu acho, hoje em dia não... assim... tem a parte do preconceito, mas eles até acostumaram, já até acostumaram já de ver as mulheres já e os homens mesmos já chegam, assim... amigos meus já chegam batendo no meu portão "... vamos pro Maracanã hoje? Vambora" (risos) ... entendeu, eles já chegam avisando.

P: Como você acha que os homens a vê quando você diz que frequenta estádios?

R: "Ô, tu vai? Pô, legal! Vamos marcar pra ir comigo também" (risos)

P: Como você acha que as mulheres a vê nos estádios;

R: As mulheres que não estão acostumadas a ir?

P: Não, não, mulheres que vão ao estádio também. O que você acha que elas pensam de você?

R: Eu acho que a mesma coisa que elas estão sentindo lá, ela fala, "ela deve estar sentindo... a mesma coisa ... se divertindo".

P: E essas mulheres que não frequentam o estádio, quando você diz que vai ao estádio de futebol, o quê que elas acham disso?

R: "Você é maluca de ir no estádio futebol! Credo! Coisa chata... vê um monte de homens correndo atrás da bola" Geralmente elas falam meio assim, mas eu nem dou importância, eu gosto!

P: Geralmente você vai já com um grupo de amigos, vai com seu namorado. Quando a gente vai com os amigos a gente conversa com os nossos amigos. Mas de um modo geral, você conversa ou conversaria, por exemplo, com desconhecidos lá?

R: Eh! Já fizemos isso várias vezes, conversar ... aí tá o nosso grupo de amigos aqui, tem um outro ali, daqui a pouco a gente vai ver tá todo mundo junto e sai do estádio e vai todo mundo pro mesmo bar ainda, comemorar, brincar. (risos)

P: E o papo é sobre futebol, tem mais alguma coisa, o que vocês conversam? Como é que se desenrola essa situação de falar com desconhecido?

R: Na maioria das vezes quando tá se falando com desconhecido, no início é sempre o futebol, né ... é que a gente tá vivenciando ali no momento. Mas depois que a gente, como eu falei... que a gente vai pro bar, assim... já começa o papo: “pô mora onde? Pô é mesmo?” assim... essas coisas assim entendeu, aí já pergunta aonde mora, o que faz... entendeu.

P: E quando o seu time ganha você é... é você brinca com os que perderam e demais pessoas que torcem pelo time perdedor?

R: É lógico (risos) brinco, zoo muito.... (risos)

P: E quando seu time perde, zoam de você, como é que você age?

R: Ah! Eu invento uma desculpa que meu time perdeu por causa daquilo (risos).

P: Depois do jogo, quando você sai do estádio, você costuma ir direto pra casa?

R: Não, na maioria das vezes a gente sai pra outros lugares.

P: Você sente que aquele espaço, o estádio, é só de homens, é um espaço masculino?

R: Não! É espaço pra todos eu acho o homem muito machista, assim... muito preconceituoso em relação as mulheres, vai dizer que só os homens tem direito de se divertir também! Tudo bem que tem várias outras formas de se divertir, não só no estádio, mas tem mulheres que gostam do futebol, que gostam de futsal.

V: Você acha que eles são preconceituosos?

R: Preconceituosos, machistas (risos)

P: O que acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

R: Acho que eles estão muito errados! Tem mulheres que entendem muito de futebol, que tá mais por dentro de que muitos homens. Eu acho que eles estão super

errados, é uma forma de se defender entendeu... vê que as mulheres tão entrando, então eles nunca querem perder a moral, tá sempre em cima, então eles jogam isso como artifício que as mulheres só vão porque querem se intrometer no meio dos homens, entendeu... nunca admitem que as mulheres tão chegando com tudo.

P: E você entende de futebol...algumas questões básicas?

R: Ah! O básico...

P: O que você gostaria de entender mais, que de repente você ainda não entendi?

R: É... .. as posições dos jogadores, assim... em relação a... Ah! Como é que eu posso dizer... que eles ficam assim... trocam muito de time entendeu... eles trocam muito de time, não tem um tempo determinado, tem esse negócio de contrato, pra mim eu acho que não precisava disso, entrou ali, jogou ali, ficou ali, você entendeu... (risos)

P: Mas assim... um pênalti você sabe o que é? E um impedimento?

R: Sei... hahahaha... sei.... eu já grito... “ Ô juiz foi impedimento aí...juiz tá vendo não!”

P: Confunde campeonato, sabe quando é uma Copa do Brasil ou um campeonato carioca?

R: Na maioria das vezes eu sempre sei, porque assim, eu costumo ler jornal, entendeu ... então tô mais por dentro, aí tem internet também que a gente pode dar uma procurada as vezes, então... tô sempre por dentro.

P: Legal! Mas alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

R: Huum... Queria dizer que os homens eles tem que deixar de ser preconceituosos e que todas as mulheres têm o direito de assistir sim, o jogo no estádio.

Entrevista 3

P: Qual a sua idade?

R: 29.

P: Mora em que bairro?

R: Piedade.

P: Torce para algum time de futebol?

R: Vasco da Gama.

P: Sabe o hino do Vasco?

R: Sei.

P: Canta

R: “Vamos todos cantar de coração, a cruz de malta é o meu pendão” ...todo?

P: Não. Está bom.

P: No estádio eles falam, cantam algumas musiquinhas, né? Você conhece alguma que cantam no estádio?

R: Tem... seu Januário, o caldeirão, tem arerê...

P: Como é que é o arerê? “arerê”... Como é que é?

R: Deixa eu lembrar...ah eu não lembro direito... eu sabia ela toda, agora não to lembrando.

P: E quando tem música com palavrão, você fala, canta junto?

R: Depende do momento, se for no momento...acabou de fazer um gol e começa aquela música...você vai no embalo, mas geralmente assim, cantar por cantar não canto.

P: E você, no dia-a-dia você fala palavrão?

R: Depende do momento ... não continuamente, mas as vezes não tem como.

P: Você sabe o nome dos jogadores do Vasco, do presidente do clube?

R: Roberto Dinamite. Eu acompanhei bastante tempo há um tempo atrás, eu sabia nome do time inteiro, foi a época do Juninho, Felipe, sabia o time completo, hoje, não to assim...agora esse ano por exemplo não acompanhei muito, mas sabia bastante.

P: E coisas de futebol assim, você sabe o que é um impedimento?

R: Sei claro...

P: Já foi ao estádio, né?

R: Já ...várias vezes ... Maracanã, São Januário, Engenhão ...

P: Se você tivesse que definir qual a sua relação com o Vasco da Gama, como é que você definiria?

R: Eu sou vascaína, gosto, adoro meu time, defendo com unhas e dentes, já fui muito mais fanática, de torcida, de ficar correndo atrás em volta do estádio antes do jogo começar, de brigar...de chorar quando meu time perdia. Hoje a gente vai amadurecendo vai vendo assim ... que tem certas coisas que tem que controlar, né... então, né... hoje é lógico, uma zoação a gente não gosta muito, gosto de zoar o outro quando o nosso time tá por cima, mas...já fui muito fanática, hoje eu sou vascaína de coração, amo, tenho camisa, várias coisas do meu time, almofadinha ... o que eu vejo legal, eu compro.

P: E com que idade você foi a primeira vez? Com quem?

R: Ah! Uns 12 anos, sempre fui com o meu padrinho, com meu padrinho e meus primos e às vezes alguns amigos.

P: E hoje em dia, com que frequência você vai?

R: Vou sempre que tem um jogo assim mais tranquilo, evito ir em Vasco e Flamengo, não vou de jeito nenhum, mas vou muito a Botafogo, contra o Fluminense, as vezes quando são...é campeonato brasileiro, esses times mais tranquilos.

P: E por que você evita ir em alguns desses jogos mencionados?

R: Por causa de violência mesmo, briga, tumulto ...

P: E hoje em dia você quando vai, vai acompanhada de quem?

R: As mesmas pessoas, geralmente o meu padrinho, que ele também é fanático, minhas primas também vão, às vezes amigas.

P: E onde você encontra eles antes de ir para o estádio?

R: Geralmente em casa mesmo, a gente sai de casa e vamos juntos.

P: E antes do jogo, vocês para em algum lugar ou vão direto pro estádio?

R: Direto pro estádio.

P: E lá no estádio vocês ficam em algum local específico ... na arquibancada, na cadeira

R: Arquibancada sempre (risos).

P: Mas em torcida organizadas ou fora?

R: Não... fora da torcida organizada próximo, mas não na torcida, próximo mas ou menos ali pelo meio do campo, né, sempre que possível.

P: E você procura ver onde que vai sentar... 'ah...vou sentar perto de outras mulheres' ou senta em qualquer lugar?

R: Não, não...sento em qualquer lugar.

P: E o que é que você acha das torcidas organizadas?

R: Eu acho que a torcida organizada é fundamental, assim... pela dedicação deles ao time, mas... hoje esse lance da violência, de briga e certa forma a gente sabe que tem alguns que se infiltram nas torcidas mesmo com essa intenção, mas acho que é a torcida que anima, a torcida organizada que anima e puxa a torcida na dentro do estádio, acho que é fundamental

P: Existem algumas torcidas organizadas femininas, só de mulheres, o que você acha disso?

R: Eu acho legal, como eu falei, hoje eu não to tão ligada como eu era, mas com certeza na época se tivesse eu estaria, entendeu...porque eu gostava mesmo e fazia parte da jovem, mas se tivesse com certeza eu estaria.

P: E quando você vai ao estádio você evita algum tipo de roupa?

R: Ah ... não vou de saia nem de shortinho curto, geralmente vou de bermuda ou short, um shortinho mais comprido.

P: E por quê?

R: Por questão de comodismo, que você senta e levanta, senta e levanta, então você não tá muito concentrada em ficar se ajeitando, em modos, então é mais prático.

P: E no estádio, o que te desagrada?

R: Cara...aquele lance dos outros tarem tacando latinha, tá tacando lixo nos outros na saída desagrada e as vezes a falta de organização na saída, geralmente eu sempre saio um pouquinho antes, uns 5 minutos, dependendo do jogo, geralmente eu sempre saio um pouquinho antes justamente por causa desse tumulto na hora da saída.

P: E um estádio tem alguma coisa que a deixa constrangida?

R: Nunca passei por nenhum constrangimento, não.

P: E o que te motiva a ir ao estádio?

R: Torcer pelo meu time, ver o jogo, eu gosto de futebol em si, gosto muito, então torcer pelo meu time em si... é... o que mais me motiva.

P: E o que te marca quando você vai ao estádio?

R: Ah! Gool, né... a hora do gol é sempre aquela coisa, né, a torcida né, é uma explosão de alegria.

P: E você xinga os jogadores, o técnico?

R: É claro! Todo mundo, principalmente quando o time não tá indo bem das pernas... “É seu filha da puta... tira esse cara daí...”

P: E como é que você vê os homens no estádio? O comportamento deles, o modo de agir...?

R: Assim... pelo que eu percebo no estádio acho, é o lugar que eles estão mais envolvidos realmente no futebol, acho que ali a atenção é toda no que tá acontecendo no jogo, não vejo...sim, pode até rolar... uma paquera e etc...mas acho que esse não é fundamento deles, vai mesmo pelo time, pelo jogo, pelo que eu percebo das vezes que eu fui, sempre que estive no estádio.

P: E como é que você vê as outras mulheres no estádio?

R: É... tem mulheres que vai para assistir o jogo, tem mulher que vai para acompanhar o namorado, o marido, mas também tem mulher que vai também sabendo que ali é um lugar que tem muito homem, vai na intenção da paquera.

P: E como é que você se vê nesse espaço?

R: Como assim, em relação...

P: Como é que você se vê ali, naquele espaço que tem muito homem, mas que tem também outras mulheres atualmente... como é que você se vê ali?

R: Eu me sinto super bem, nem um pouco constrangida, vou ali pra poder ver o jogo mesmo, torcer, pular, xingar quando tiver que xingar, a gente acaba na hora do gol falando com quem tá ao lado e a gente nem conhece, nesse sentido, me sinto super bem.

P: E quando você fala com esse alguém que nem conhece, é...sobre o quê?

R: É sobre o jogo, sobre um gol, sobre um lance que o juiz não marcou, sobre um lance errado que o jogador fez, geralmente são nessas ocasiões, né?

P: Como é que os homens vêem as mulheres ali no estádio, qual é a tua opinião?

R: Ah! Eu acredito que até, como normal seja em qualquer lugar, o homem vai sempre... uma mulher bonita, uma mulher que seja interessante, provavelmente ele vai olhar e se a mulher der oportunidade é lógico que o cara chega, mas isso em qualquer lugar, mas... acho que depende do comportamento de cada um, entendeu... não vejo também assim... os homens indo naquela pretensão de tá com alguém, de arrumar alguém.

P: E quando você está em uma rodinha com homens e diz que vai ao estádio ... o que você acha que esses homens acham de você?

R: Ah! Depende da cabeça do homem, né tem homem que acha que mulher... lugar de estádio de futebol não é lugar de mulher, né... mas... sinceramente o que eles pensam...

P: E o que você acha desses homens que acham que lugar de mulher não é no estádio?

R: Retrógrados... simplesmente retrógrados... é que, é aquele lance também, do não quer, porque não gostaria que a sua mulher estivesse ali, mas você olha a mulher que tá ali, entendeu...

P: E quando você tá em uma rodinha com mulheres e você diz que frequenta estádio, o que você acha que elas falam ou falaria, o que você acha? Mulheres lógico, que não frequentam estádios.

R: Ah! Sim...é...com certeza acha que você tá ali por causa.. “ah! Vai ali porque tem um monte de homem, vai pra poder pegar alguém, paquerar”... muitas mulheres pensam isso, quem não frequenta, que não tá ali no meio.

P: E quando acaba o jogo, você vai embora ou vai para algum local?

R: Não... é geralmente a gente vai embora e para em um local, em uma lanchonete ou alguma coisa assim...mas longe... primeiro o que a gente faz é sair dali, sair do local

P: Por causa...

R: Por causa do tumulto, violência, briga.

P: Como é que você se sente indo ao estádio, uma coisa masculina, sendo torcedora de um time indo ao local que a maioria é homem?

R: Ah! Eu me sinto super bem, eu nem ligo, tô nem... naquele momento ali eu encarno homem também (risos) porque a gente xinga, a gente briga, é o esporte, o time, a paixão.

P: O quê você acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

R: Um bando de idiota, um bando de idiota, que hoje em dia a gente entende sim... e cada vez mais as mulheres não confundem o juiz, não perguntam quem é aquele homem de preto que tá ali no meio do campo, sabe muito bem quem é e acho que o esporte hoje em dia já tomou bastante conta da vida das pessoas em sim por menos que você sabia, você conheça do esporte, alguma coisa você sabe, então acho assim, já mudou bastante então a gente conhece as regras, então lugar de mulher é no campo de futebol, sim!

Entrevista 4

P: Sua idade?

R: 20 anos.

P: Mora em que bairro?

R: Penha.

P: Torce para qual time de futebol?

R: Fluminense.

P: Sabe o hino do clube?

R: Sei... "Sou tricolor do coração, sou do time tantas vezes campeão"

P: Agora e aquelas músicas de destaques, você sabe alguma que a torcida canta?

R: "O Fred vai te pegar..."

P: E algumas das músicas, elas tem palavrão, você canta?

R: Palavrão... não.

P: Não?

R: Eu paro até de cantar na hora do palavrão.

P: Agora, você sabe o nome dos jogadores do fluminense?

R: A maioria.

P: Do técnico?

R: Cuca.

P: Do presidente do clube?

R: Eu sei o nome, mas não sei bem quem é.

P: E por que você torce pelo fluminense?

R: Porque meu pai é tricolor... meu pai sempre foi tricolor, mais aí quando eu comecei a namorar, meu namorado ia muito, aí eu comecei gostar, eu já era tricolor mas só de falar, mas quando eu comecei a ir para o estádio eu comecei a empolgar, gostar....

P: E ele era fluminense também?

R: É.

P: Além do Maracanã já foi em algum outro estádio?

R: Já... no São Januário, Engenhão...

P: E com que idade você foi a primeira vez?

R: Ah! Foi com uns 17 anos.

P: E com quem você foi primeiro?

R: Com o João Victor, meu namorado.

P: E agora quando você costuma ir ao estádio assim?

R: Sei lá... a maioria das vezes quando tem jogo e se eu não tiver alguma coisa pra fazer, aí eu vou ao jogo

P: Que tipo de jogo você vai, só quando é jogo contra time grande ou contra time pequeno, decisão?

R: Vou em todos.

P: Vai em todos? Qualquer... pode ter o estádio cheio, estádio vazio?

R: Pode, time pequeno, time grande.

P: Geralmente você vai acompanhada de quem? Você falou que era com o seu namorado. Mais alguém?

R: Meu pai, meus irmãos ..

P: Vão todos juntos?

R: Vai.

P: Mais alguém?

R: Os primos do meu namorado, amigos...

P: E aí vai um galirão...

R: Vai todo mundo junto.

P: Quantas pessoas?

R: Ah! Na Libertadores foi...sei lá... umas 15, 20.

P: É...você já foi sozinha a um jogo?

R: Já, já fui.

P: E por que você foi sozinha?

R: Não...eu queria assistir um jogo, aí eu fui sozinha.

P: E era qual jogo?

R: Foi contra o Goiás

P: Agora no Brasileirão?

R: Foi, mas foi no ano passado

P: E como é que foi a experiência?

R: Foi legal... (risos)

P: E fez amizade lá dentro?

R: Não...fiquei quietinha.

P: E quando você vai ao jogo, vai direto ao estádio, se reúne em algum local, para em algum local?

R: Depende, às vezes a gente vai... tá um pouco atrasado vai direto pro jogo, para o estádio e as vezes a gente para antes, aí bebe um refrigerante, fica conversando antes de entrar.

P: Antes de entrar... e depois do jogo?

R: Aí... se ganha a gente comemora, se não a gente nem fala porque perdeu o time.

P: Mas comemora em algum local específico?

R: É ... um barzinho ou restaurante.

P: Perto do estádio ou já mais aqui na Penha?

R: Depende, às vezes perto do estádio, as vezes na Penha.

P: E quando você vai ao estádio, você fica aonde, na arquibancada, na cadeira, perto da torcida organizada?

R: Já fiquei na branca, na verde, nas cadeiras...

P: E qual foi melhor pra você?

R: Depende, tem jogo que eu prefiro ficar na branca, que fica sentadinha, concentrada. Tem jogo que eu prefiro ficar na torcida gritando, me esbarrando.

P: Quando foi sozinha, você procurou ficar perto de outras mulheres, você pensou nisso?

R: Não... eu fiquei no lugar melhor para assistir o jogo

P: Independente de ter mulheres ou só ter homens, você pensou no lugar?

R: É, no lugar.

P: E o que você acha das torcidas organizadas?

R: Ah... eu acho legal, partindo que elas não agriam outras pessoas, a zoação, a brincadeira sempre tem, né, entre amigos e entre pessoas que não se conhecem, eu acho legal até, né... se você ganhar é bom por que... você pode mostrar que você ganhou, só que quando isso fere outras pessoas eu não acho legal.

P: Você tem essa imagem das torcidas organizadas que elas são violentas?

R: Algumas, algum tempo atrás era mais, hoje é menos.

P: Você já viu alguma torcida organizada feminina?

R: Já, o fluminense tem.

P: O Flu Mulher, né... (risos).

R: É.

P: O quê que você acha disso?

R: Ah... eu acho legal, são respeitadas, é bem legal. Tem espaço... cada torcida organizada tem um lugar, né, aí tem o lugarzinho delas lá, ... tem roupinha...

P: O que você acha de uma torcida só de mulheres?

R: Porque normalmente você se agrupa, se junta com pessoas que tem a mesma característica que você, aí um fato comum seria ser mulheres, né... tem as torcidas sei lá... de quem bebe, aí seria das mulheres, um grupo com uma coisa em comum, só que ser mulheres.

P: Quando você vai ao estádio, você evita algum tipo de roupa?

R: Não sei, como assim... em que sentido?

P: Você iria de saia?

R: Não, saia não.

P: Algum tipo de roupa?

R: Não, só calça, short.

P: Quando vai se vestir você pensa nisso, vou pro estádio...

R: É, pra não chamar muito atenção...

P: E no estádio, o que te desagrada?

R: Ah depende... algumas vezes uma.... até na hora de comprar os ingressos, às vezes é chato, com os convites, tá, mas no estádio mesmo...

P: Lá dentro, alguma coisa.

R: Não

P: E alguma coisa lá dentro te deixa constrangida?

R: Não.

P: Já passou por alguma situação constrangedora?

R: Não, constrangedora não, já vi um rapaz apanhando.

P: E ele apanhou por quê?

R: Ah... ele deve ter feito alguma besteira.

P: E o que te motiva a ir ao estádio?

R: Ah! O time... gostar do time, por ele, é legal!

P: E alguma coisa assim, te marca quando você vai pro estádio?

R: Ah! Ganhar o jogo é legal.

P: E você xinga os jogadores quando eles fazem alguma besteira, não jogam bem?

R: Não.

P: E quando o árbitro erra?

R: Só às vezes.

P: Com palavrão ou sem palavrão?

R: Não, de "burro".

P: No dia-a-dia você não fala palavrão não?

R: Não.

P: Vem cá e como é que você vê os homens no estádio?

R: Como pessoas... torcedores...

P: E como é que você vê as outras mulheres no estádio?

R: Como torcedoras.

P: E você, como é que você se vê ali naquele espaço?

R: Ah! Como torcedora.

P: Agora... como é que você acha que os homens te veem no estádio?

“Ah...aquela garota ali, ta no estádio o que ela está querendo?”

R: Olha na maioria das vezes como torcedora.

P: Se você está em uma roda de homens aí você diz que costuma ir no estádio. O que você acha que eles pensam disso?

R: Ah... eles vão te testar, pra saber se é torcedora mesmo, pra ver se você sabe o time, se conhece o hino, se vai curtir, vai acompanhar alguém, o que vai fazer, entendeu.... se sabe o jogador, qual foi a ultima conquista, disputou o quê...

P: Se eles fazem esse tipo de pergunta pra você, talvez eles estejam pensando que vá por outro motivo. E que motivo você acha que eles possam estar pensando?

R: Ah! Sei lá... de dar mole pra eles...(risos)

P: E quando está em uma rodinha de mulheres, de amigas e aí você fala a mesma coisa que costuma ir ao estádio e aí como é que você acha que elas te veem?

R: Ah! Na faculdade as meninas gostam, elas acham *mó* legal, que eu falo dos jogadores, que eu sei assim um pouco, né... das coisas que tá disputando do que não tá disputando. Algumas até tem vontade de ir, porque eu falo que é *mó* legal, que se interessa a ir.

P: E elas não vão por quê?

R: Não sei talvez por falta de companhia, por falta de incentivo.

P: Agora né, você conversa com desconhecido?

R: Olha.... as vezes, sim.

P: E sobre o quê?

R: Sobre o time.

P: Se o seu time ganha, você zomba do time que perdeu?

R: Claro.

P: E agora, quando o Fluminense perde, o pessoal vem zombar, né? E aí, como é que você se sente?

R: Olha... eu vou tentando discutir, mas tem hora que não dá...aí eu fico calada, mas eles me zoam e eu zoou eles.

P: Agora, embora isso esteja mudando, lá no estádio de futebol a grande maioria ainda continua sendo homem... e como é que você se sente... você vai no estádio de repente a grande maioria homem, você ali mulher naquele meio, como é que você se sente nisso?

R: Ah... me sinto normal... um pouco cautelosa por serem homens, né... tem um jeitinho meio agressivo às vezes, mas me sinto normal.

P: Se um homem falar que lugar de mulher não é em estádio, que lá é lugar de homem... o que você faria?

R: Primeiro eu vou saber por que que ele tá falando isso, porque normalmente... tipo, como a gente tava conversando, que trabalho também não era coisa de mulher e cozinha não é lugar de homem e as coisas foram mudando e vou explicar meu ponto de vista.

P: E que você acha desses homens que falam isso...“mulher não deve ir ao estádio” ?

R: Ah! Machistas.

P: Agora e em relação ao futebol em si, o que você acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

R: Ah... mas a gente pode saber sim, pode aprender sim, é só estudar né, qualquer assunto que você se dedicar e estudar você pode saber e é capaz de discutir sobre.

P: E por que você acha que as mulheres agora estão indo ao estádio de futebol?

R: Não sei, porque foi aberto, foi uma conquista, porque elas indo para o estádio não é mais como estarem indo para azarar alguém, vão pra realmente torcer, não fica mais retraída mediante a um comentário, das coisas que podem falar, isso é normal, se tornou normal

P: Você tem amigas que vai ao estádio?

R: Tenho.

P: De outros times?

R: É... flamenguistas...

P: E aí elas, elas falam sobre as mesmas coisas que vão ao estádio por causa do time, pra torcer?

R: Sim, por gostar mesmo de torcer, algumas conhecem até mais do que eu sobre futebol.

Entrevista 5

P: Idade?

R: 36 anos.

P: Mora em que bairro.

R: Vila Isabel.

P: Torce para algum time de futebol?

P: Apaixonada pelo flamengo.

P: Sabe o hino do flamengo?

R: Não todo.

P: Canta pra mim...

R: “Uma vez flamengo, sempre flamengo, flamengo sempre eu hei de ser, é o maior prazer, vê-lo brilhar, seja na terra, seja no mar... vencer, vencer, vencer...uma vez flamengo, flamengo até morrer”

P: Lá no estádio tem músicas fora o hino que eles cantam. Você sabe alguma dessas musicas?

R: Agora você me pegou...de cabeça assim...não.

P: E quando tem essas musicas com palavrão, você canta?

R: Não.

P: No dia-a-dia você fala palavrão?

R: Não.

P: Você sabe o nome dos jogadores do time, do técnico, é do presidente do flamengo?

R: Eu sei que a atual presidente é a Patrícia, não é... a Patrícia, né, que foi eleita agora a pouco tempo... é ...Patrícia Amorim... o grande craque agora do Flamengo é o Adriano, o Imperador, e o

P: E como é que você define sua relação com o seu time?

R: De paixão.

P: Que estádios que você já foi?

R: Maracanã.

P: Apenas Maracanã?

R: É... só vou no Maracanã.

P: Por que você não vai a outros estádios?

R: O Maracanã é mais perto da minha casa, é mais tranquilo, me sinto mais segura, mas...nada contra aos outros estádios, mas é por isso mesmo.

P: Com que idade você foi pela primeira vez no estádio?

R: Ah... acho que com uns 12 anos.

P: E com quem?

R: Com meu tio, também flamenguista.

P: E quando você vai ao Maracanã, que tipo de jogo você vai ver? Contra time pequeno, contra time grande, em finais, jogos com muito público, sem muito público, como é que você escolhe isso aí?

R: Ah... depende... depende muito de quando é o jogo, e qual o dia, o horário, então assim depende muito, mas geralmente em campeonato sempre... decisão sempre... não abro mão disso, e também já fui assistir o Flamengo jogar contra times pequenos, mas depende de como eu falei... dos horários dos jogos, enfim...

P: E vai acompanhada de quem?

R: Ah... da minha família... os doentes flamenguistas, né (risos), sempre vou muito com o meu cunhado, com meu primo, com meu sobrinho...sempre...

P: E onde você encontra eles antes de ir pros jogos?

R: A concentração é lá na casa da minha irmã, lá na Professor Gabizo, que aí a gente vai andando, fica mais a vontade.

P: Certo... e vocês param em algum local ou vão direto ao estádio?

R: Ah... a gente faz uma esquentinha ali no Bar do Chico's.

P: E o que é esquentinha?

R: Ah...tomar um... beber alguma coisa...geralmente a gente encontra com outras pessoas também, geralmente sempre tem amigos ou outro que vai no jogo, então a gente sempre marca nesse bar que é perto do Maracanã.

P: E lá no estádio, você fica aonde... perto da torcida organizada, longe... ponto neutro?

R: Ah... eu... a gente não fica na torcida organizada, tenho... as pessoas ficam preocupadas, não por confusão, nada disso, mas é por causa do tumulto entendeu, eu gosto mais de ficar por incrível que pareça lá embaixo, nas cadeiras azuis, que fica bem perto do gramado.

P: E quando vai sentar na cadeira em si, você pensa, você olha onde vai sentar, se perto de outras mulheres ou perto de homens, lugar mais vazio, como é que você escolhe o local em si?

R: O lugar depende... depende da quantidade de pessoas que tá comigo, até mesmo que tem que ter cadeira pra todo mundo poder sentar, mas aí

depende...geralmente...ah...geralmente não escolho muito não, depende de onde tem lugar.

P: E lá... existe torcida organizada... só feminina?

R: Não vi não.

P: Não... e o que você acha dessa idéia?

R: Ah... eu acho ótimo, eu faria parte tranquilamente (risos).

P: E por quê?

R: Ah... acho que ia ter um toque especial, diferente, acho um toque feminino sempre é valido, acho que ia ser sempre bem aceito também.

P: Mas... o que é um toque feminino?

R: Ah... que no Maracanã por exemplo os homens eles levam muito feixe de luz, né, muita bomba, é... então eu acho que as mulheres talvez até ia inovar, poderia usar assim umas faixas, é o estilo de roupa né, tirar o uniforme tradicional porque geralmente só se usa aquelas camisas de time, então uma coisa mais delicada, tipo uma blusa mais transada né, com... porque dificilmente, por exemplo, os homens eles usam é... agora é moda né, a gente coloca, manda gravar o nome do cara atrás, mas nas mulheres não tem, eu já reparei isso, que são raras as meninas que gravam o apelido ou o nome atrás, eu acho que também, isso seria legal, eu to pensando em fazer isso pra mim.

P: E você evita quando vai ao estádio, algum tipo de roupa?

R: Short curto, eu acho que não é legal.

P: E por quê?

R: Ah porque 90% é homem, né, e por mais que você esteja acompanhada é bom evitar, porque é um caldeirão, né... aquilo ali ferve e de repente você escuta uma gracinha que você não quer ouvir, não é legal, então acho que uma bermuda meia coxa, uma *leg*, eu acho que é mais tranquilo.

P: E no estádio, o que te desagrada?

R: A confusão, o tumulto pra entrar no estádio, sempre essa confusão.

P: E já passou por alguma situação constrangedora?

R: Nunca, eu não.

P: Conhece algum caso de alguma garota que tenha passado por alguma situação constrangedora?

R: Não, conheço não.

P: E o que te motiva a ir ao estádio?

R: Ver o meu time ser campeão (risos).

P: E o que te marca quando você vai ao estádio?

R: O que me marca...em que sentido mais ou menos?

P: Alguma coisa que seja marcante assim quando você vai ao estádio?

R: Ah eu acho que é a vibração, né, porque tá todo mundo pensando na mesma coisa de vibrar, de torcer, e além do que é o momento que você distrai, por incrível que pareça você esquece que tem o mundo ali fora, você dá uma relaxada e... e vibração mesmo.

P: E você xinga os jogadores, técnicos e arbitro?

R: Bom... não, palavrão né... mas de vez em quando dá vontade de entrar no campo e... mas também jamais faria isso (risos).

P: O quê que você não entende do futebol e gostaria de entende... no jogo em si?

R: As regras mas.... entendo tipo assim... quando tá impedindo, quando é um pênalti, porque o carrinho não pode dar, né... em alguns casos até expulsão mesmo, cartão vermelho, quando o juiz percebe que é maldade, mas... tem coisas que, por exemplo, eu não sei, né... na hora às vezes o bandeirinha faz um gesto que eu nem sei o que significa, então eu acho que é mais as regras mesmo.

P: E como é que os homens ali no estádio?

R: Fissurados, fissurados, tem homem que nem pisca.

P: E por que isso, como é que você define isso aí?

R: Ah... bom, eu acho que é paixão pelo time né, é... sempre de ganhar, às vezes acontece uma coisa por mais que os jogadores teja errado, eles não aceitam, acho que... o juiz diz que não tá certo, então aquela coisa assim... a obsessão né...

P: E como é que você vê as outras mulheres no estádio? Aquelas mulheres que estão lá no estádio?

R: Ah.. eu acho maior barato, acho legal, a grande maioria vai acompanhada dos namorados, né, muitas delas não são nem daquele time, mas acompanham os namorados e curtem juntos, vibram é... eu acho muito legal.

P: E como é que você se vê naquele espaço de domínio masculino?

R: Ah...eu me sinto assim... super protegida (risos) tô brincando... Eu digo isso que, como eu não vou sozinha, só vou com pessoas da minha família, pessoas que eu tenho confiança entendeu, eu fico muito tranquila e adoro... ah...é muito

bom...muito bom... você olha aquele Maracanã lotado, um monte de gente falando as mesmas coisas, com as mesmas intenções... é muito bom!

P: E como é que você acha que os homens a veem no estádio?

R: Ah... mais uma menina, mais uma mulher que tá ali, tranquilo...

P: Mas que está ali com que intuito, na visão deles?

R: Ah, mais uma torcedora feminina, eu acho que eles... eu acho legal isso... a maioria respeita.

P: Quando você está em uma rodinha de homens e você fala que costuma frequentar estádio, o que esses homens dizem?

R: Ah...acham muito legal, dão a maior força, às vezes uns até combinam da gente ir no próximo jogo, o pessoal...eles encaram de uma maneira legal isso.

P: E quando você está em uma rodinha só de mulheres e você fala que frequenta estádio, o que elas falam?

R: As que não vão ficam loucas pra ir, fala... “ai...vamos marcar pra ir na próxima vez...vou também...como é que é” ...primeira pergunta básica que todas elas fazem é... como é o banheiro, se dá pra ir...(risos) é porque, né, banheiro assim... mas por incrível que pareça o banheiro tá organizado, dessa vez agora... Maracanã lotado... tinha até uma pessoa dentro, organizando, as pessoas.. tão com um pouco mais de consciência.

P: E você no estádio, você conversa com desconhecidos?

R: Ah sim...claro...falo “oiiii...tá gostando do jogo? Ah..o que você acha hem?” (risos)

P: E mas sobre o quê assim?

R: Não... sobre o jogo em si, tá é...às vezes nem pergunto o nome da pessoa, às vezes a pessoa tá assim perto de você... “você viu aquele lance? Você acha que tava certo o juiz? Ah eu não acho não!” sempre tem aquele debate... parece que...acho que todo mundo quer ser técnico um pouco né

P: E quando o seu time perde e o pessoal vem zombar de você, como é que você se sente?

R: Ah...eu não gosto não (risos) eu acho horrível...

P: Mas você zomba as pessoas quando o seu time ganha?

R: Ah não... acho que quando a gente ganha não precisa sacanear os outros, né, porque só ganhar já diz tudo, mas se alguém vem falar “ah seu time é isso... eu só falo seu time é aquilo também” tá pensando o quê?... é tipo aquela guerra, aquela rixa, né?

P: O que você acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

R: A grande maioria... eu até concordo com eles, porque tem muita gente que vai ao Maracanã, muita mulher como eu te disse, que acompanha namorado e às vezes pra agradar, porque as vezes nem é daquele time e não entende realmente e as vezes abre a boca... eu mesma, eu apesar de gostar de jogo, as vezes eu não vou ao Maracanã, mas eu assisto pela televisão entendeu, porque é legal isso, acho que você tem que acompanhar, eu gosto mesmo de futebol, pena que eu não entendo mais... mas a grande maioria dos homens está certo quando eles dizem que as mulheres não entendem muito de futebol

P: E o que você acha de homens que dizem que mulher não deve ir ao estádio, por ser um lugar de homens lá?

R: Machistas, bobo, machistas bobo, bobo, acho que hoje em dia não tem essa.

P: E...como é que você se sente participando de uma cultura que era até então masculina e sendo torcedora de um time, como é que você se sente ali no meio dos homens?

R: Ah.. eu acho que é legal, porque as mulheres tão conquistando um pouquinho mais, mais um espaço né, tão masculino quanto os estádios, e a... volto a dizer...que acho que a frequência das mulheres, ela tem um toque realmente especial entendeu, você vê que dificilmente ali na parte de confusão, dificilmente você ver que quem ta acompanhado se envolve em uma briga, então eu acho que isso também é um ponto a favor, eu acho legal isso.

Entrevista 6

P: Sua idade?

R: 27 anos.

P: Mora em que bairro?

R: São Cristóvão.

P: Qual é o seu time?

R: Vasco da Gama.

P: Sabe o hino do Vasco?

R: Sei algumas partes, ele inteiro, inteiro não.

P: Canta pra mim.

R: “Vamos todos cantar de coração, a cruz do malta é o meu pendão, tu tem o nome de heróico português...”

P: Agora, chega no estádio assim, as torcidas tem umas músicas próprias né?

R: Isso

P: Sabe algumas daquelas que cantam em estádio?

R: Eu sei...acho que sei duas, eu sei uma que é assim “a força jovem em movimento pra libertar...” alguma coisa... o resto eu esqueci... “a força jovem” ... pra falar a verdade eu sei mais até do flamengo do que do Vasco, que vou no clube, vou mais no jogo do Flamengo pra acompanhar meu namorado.

P: Ah! canta aí a do Flamengo então...

R: “Tu és time de tradição, força, raça e paixão, ô meu mengo”

P: Agora...do Vasco que você se lembre ou do Flamengo que você vai com o seu namorado, você lembra assim de alguma que tenha palavrão?

R: Ah! Tem várias, mas pra eu cantar agora, acho que eu não lembro não, mas tem várias, várias.

P: Agora...e no dia-a-dia assim você fala palavrão?

R: Não, muito difícil.

P: E lá no estádio você fala palavrão?

R: Não, até que lá não.

P: Mas se tivesse a música com palavrão, você cantaria?

R: Você acaba... saindo... vai junto na animação

P: Você conhece nome de jogadores, de técnico, de presidente...?

R: Conheço...alguns...alguns jogadores.

P: E de técnico, presidente do clube?

R: Presidente não, presidente é mais difícil, agora técnico sim.

P: E se eu pedisse para você definir sua relação com o Vasco da Gama, como é que você iria definir isso?

R: Hum...uma definição...deixa eu ver...pode ser em uma palavra?

P: Como você quiser.

R: Pera aí....deixa eu pensar... é como se fosse uma paixão, né... a gente tem uma paixão pelo time de futebol, não sabe explicar como, mas é um...a gente gosta muito, é como se fosse uma paixão, é aquela coisa assim...meio louca né, que paixão é aquela coisa arrebatadora, que você vai...entendeu... acho que é mais ou menos por aí...

P: E com que idade você foi à primeira vez no estádio e com quem?

R: Eu fui com o meu irmão...em um jogo Vasco e Botafogo e eu devia ter uns... 16, 17 anos.

P: Certo... teu irmão é...?

R: É Vascaíno doente.

P: E tu é vascaína por quê?

R: Porque meus pais...porque meus pais são, acho que vem de família, acho que vem um pouquinho de família, né?

P: E você já foi a estádio de futebol, né!

R: Já...várias vezes.

P: E quando é que tu vai a estádio assim... com que frequência, o que te anima a ir a jogo?

R: Atualmente eu tenho ido para acompanhar meu namorado, como eu já falei entendeu, então... assim... a frequência seria quando tem jogo aqui no Rio, é... complicado falar de frequência porque tem os campeonatos né, eu andei indo muito por causa do campeonato brasileiro, tipo...toda vez que tinha um jogo aqui no Rio.

P: E agora... você vai só quando é jogo contra time pequeno, com pouca torcida ou quando é jogo contra time grande, que o estádio vai estar cheio, quando tem pouco público, muito público ou isso aí tanto faz?

R: Tanto faz não... quando é assim...depende, quando...ser for um jogo tipo Flamengo e Vasco ou algum time aqui do Rio, eu não gosto de ir, porque a torcida fica equilibrada ai pode ter confusão, essas coisas, né... agora...quando é jogo de uma torcida só aí eu prefiro, que aí eu me sinto mais segura entendeu, que aí é difícil ter briga entre eles, acontece...mas é mais difícil

P: Além do seu namorado, vai mais alguém contigo?

R: Não, geralmente vamos nós dois e às vezes vai algum amigo dele, só foi um casal uma vez, um casal de amigos nossos, já fui duas vezes com casal de amigos nossos.

P: E quando vocês foram, aonde vocês se encontraram?

R: Isso...geralmente ali na estátua do Belini, ali é o ponto de encontro de todo mundo, né (risos)?

P: E você quando vai ao estádio ali, vocês vão direto ao estádio ou param em algum lugar antes?

R: Vamos direto, vamos direto, a gente já entra logo, não fica ali fora.

P: Lá no estádio que lugar que vocês ficam.. na arquibancada, na torcida organizada?

R: Bem no meio da torcida que eu detesto, mas eu fico naquela urubuzada.

P: E por que vocês ficam nesse local?

R: Por causa dele. Ele não é integrante da urubuzada, mas quer ir porque é mais emocionante, dá mais emoção, mais vibração, geralmente às músicas quando começam assim... quem começa a puxar são as pessoas da torcida organizada, entendeu...

P: E aí...quando vocês vão sentar lá, você escolhe o local onde sentar, você assim prefere ficar onde tem mulheres perto ou isso você nem olha e vê duas cadeiras vazias e pega e senta, como é que se dá nisso?

R: Eu, eu prefiro sentar em lugares que não estejam tão cheios, quando a gente vai, geralmente a gente fica lá no meio da torcida organizada, não costumo olhar se tem mulher perto não, entendeu... na hora de sentar, mas depois que eu tô localizada, geralmente eu olho pra ver como é que tá o ambiente em volta (risos) entendeu, mas procurar onde mulher não, depois que a gente senta é que eu olho pra ver como é que tá, entendeu?

P: E o que você acha das torcidas organizadas?

R: Eu acho que tem o seu lado positivo e o seu lado negativo, né? O lado positivo é que realmente é um trabalho bonito, que eles organizam tudo, no ultimo jogo do Flamengo eles levaram, fizeram uma festa muito bonita, deu tudo certo...agora...às vezes, a parte ruim é a parte quando eles marcam briga, porque isso acontece muito entendeu, a parte da violência em si, essa é a parte ruim, mas a questão deles se organizarem isso é uma coisa muito legal, né?

P: E quando você vai ao estádio, existe torcida organizada feminina?

R: Eu particularmente nunca vi, eu sei que existe, já ouvi falar, mas eu nunca vi.

P: E o que você acha dessa idéia de torcida organizada só de mulheres?

R: Eu acho até interessante entendeu, eu acho até... é... interessante, né... basta saber, assim...como é que... eu queria saber como é que é feito isso entendeu, tá...só mulheres que podem participar? Como é que isso funciona? Eu não sei entendeu, eu acho até legal, uma proposta diferente né

P: E se fosse só mulheres que poderiam participar, o que você acharia?

R: Ah...eu acho meio excludente, assim...eu não acho legal, porque as mulheres falam tanto que querem... ah que querem também agora tá frequentando os estádios junto com os homens, então pra que uma torcida só de mulheres, tem que ser mista.

P: E quando tu vai ao estádio, você evita algum tipo de roupa?

R: Ah! Com certeza, saia nem pensar...

P: Por quê?

R: Porque é um lugar onde a maioria é... são do sexo masculino, os homens né... então...pode acontecer entendeu, de...não sei... acho que acaba chamando atenção entendeu, acho que a mulher tem de se preservar em um ambiente que sabe que só vai ter...vários homens, que vão... antes do estádio geralmente eles bebem, evitar confusão, eu procuro evitar confusão entendeu, então botar uma bermudinha mais comprida, entendeu?

P: E lá no estádio, o que te desagrada quando você chega ao estádio?

R: O que me desagrada... a primeira coisa é se tiver alguma confusão, se tiver uma briga logo na entrada, pronto... já vou querer voltar pra casa, não vou

querer nem entrar, chegar na porta e tiver uma briga... foram poucas vezes que eu não presenciei nenhuma briga, assim... é... mais o que... cigarro também, o cheiro de cigarro também, essas coisas que mais assim...briga entendeu, que o resto é normal, desde o momento que você vai para o estádio, você sabe que vai ouvir gritaria, vai ouvir palavrão, entendeu, então se você não quer você não sai nem de casa, entendeu?

P: E o quê deixa você assim constrangida no estádio?

R: Essa parte do palavrão, sabia...apesar da gente falar que tá lá no meio, a gente acaba falando alguma coisa...mas, eu acho assim...não é nem o palavrão da música, às vezes quando tem algum cara atrás nervoso, aí começa xingar no seu ouvido, isso é horrível entendeu, eles não tão nem aí se tiver mulher do lado, atrás, na frente, eles vão xingar mesmo...que ali é como se fosse um ambiente deles, agora que as mulheres estão começando a participarem mais, então lá eles acham que é ambiente deles, então eles vão falar mesmo e não tem nenhum tipo de respeito nesse sentido, entendeu?

P: E você já passou por alguma situação constrangedora?

R: Não assim não, assim...que eu me sentisse mal, não

P: E alguma sugestão que você poderia dar pro estádio, para as mulheres poderem ir com mais tranquilidade, com mais calma?

R: Deixa eu pensar...alguma sugestão...eu acho que hoje em dia as mulheres tão assim frequentando mais, né... acho que devia ter um pouco mais de... assim... organização nessa questão de venda de ingressos e na parte na hora da entrada também, de policiamento para que as mulheres se sentissem mais seguras até se quisessem levar uma criança que hoje em dia assim...a gente até ver crianças nos estádios, né... mas tem muita gente que não vai, porque acha perigoso, que vai sair uma briga...então acho que seria isso mesmo, organizar mais a questão da venda de ingresso, da entrada, da saída, do policiamento, a questão da segurança mesmo.

P: E o que te motiva a ir a um estádio?

R: A festa...eu acho a festa muito bonita, assim...a paixão que as pessoas têm, às vezes até desmedida, às vezes até demais né... eu acho que as vezes até as pessoas extrapolam os limites, mas eu acho legal, assim fica todo mundo

envolvido em um objetivo comum, em um bem comum entende, eu acho legal, eu acho isso bonito.

P: E o que te marca quando você vai ao estádio?

R: O que mais me marca??? Acho que é essa organização mesmo, quando eles começam cantar aquelas músicas bonitas, todo mundo junto, quando eles organizam alguma coisa, a festa em si...

P: E você xinga os jogadores lá?

R: Não costumo xingar não, eu acho engraçado as pessoas xingando, que as pessoas nessa hora elas perdem completamente o senso, xingam de tudo quanto é nome, pode até...o arbitro, pode até ta certo, mas têm que favorecer o time deles entendeu, eles vão xingar e falar que o arbitro está errado.

P: E como é que você vê os homens no estádio?

R: Completamente fora de si, né... eles ficam fora de si...

P: Fora de si?

R: Se transformam completamente é uma coisa que... sinceramente...eu acho que as pessoas que são tímidas lá dentro se soltam é...

P: E como é que você vê as outras mulheres no estádio?

R: Engraçado, as mulheres têm aquelas que...as que como eu que vai assim acompanhar, né, que ficam mais quietinhas e tal, que até vibram e torcem, e tem aquelas completamente fanáticas ali, né, que estão ali, que cantam juntas, que parecem que realmente fazem parte da torcida, que quase enfartam também junto com os homens lá, né, tem esses dois tipos, acho que agora tem, tem aquela mulher que vai mais assim que nem para acompanhar e a outra que vai mesmo realmente pra...tem aquela paixão...assim louca,

P: E como é que você se vê nesse espaço?

R: Eu vou pra acompanhar, para assistir, eu gosto de futebol, de ver o futebol, entendeu... eu não sou aquela coisa... aquela torcedora fanática não, nunca fui.

P: E como é que você acha que os homens te vêem no estádio?

R: Eu acho que hoje em dia eles estão vendo mais com mais naturalidade, eles já sabem, já passa despercebido, entendeu... eu acho sinceramente que até perceber que quando eles estão lá, pode até passar uma menina bonita que eles não vão olhar do jeito do que se eles estivessem na rua, é engraçado, mas eu já

percebi isso, uma vez eu tava prestando atenção nisso, tem mulheres bonitas que vão no futebol e você não vê, eu particularmente nunca vi eles olhando, mexendo, assim muito como mexeria como se tivesse na rua, assim...eu acho que a atenção ali está focada mais no futebol, entendeu?

P: E quando você está em uma rodinha de homens e fala que frequenta estádios, como você acha que esses homens vêem você?

R: Normal, sabe às vezes quando eu falo assim que vou e tal, eles nunca falam assim nada discriminando, normal, que eles já tão começando a tratar com naturalidade mesmo, assim...como se fosse normal mesmo, como é, né...

P: As mulheres que vão ao estádio como é que você acha que elas te vêem e as mulheres que não vão ao estádio?

R: As que vão, acham legal... “pô...é mesmo, você foi no jogo” agora as que não vão... “pó...ta maluca...vai ter confusão...você vai apanhar” entendeu...é assim... quem vai, quem vai ta normal, entendeu, agora quem não vai já acha que vai sair uma confusão, que eu não vou saber me defender, entendeu... essas coisas assim...

P: E no estádio ali, você já conversou com desconhecidos?

R: Ah... isso é normal, pessoa do lado sempre fala, né: “pó tu não viu não...não sei o quê...”. Normal as pessoas assim do mesmo time, que tá do seu lado é como se fosse assim parente, conversa normal, assim normal, normal... é muito engraçado essa parte também.

P: E o assunto?.

R: O futebol.

P: Gira em torno do jogo em si?

R: Sempre o assunto é o futebol.

P: Quando o teu time você zomba o pessoal, os torcedores dos outros times?

R: Sempre zoo, mas sempre rola uma gracinha sabe...assim normal entendeu...assim, mas eu acho que eu nunca...assim xinguei, assim...mas sempre até que...que assim mesmo fora do estádio, fora você sempre vai encontrar uma pessoa do time que perdeu contra o seu, sempre vai jogar uma gracinha, vai zombar, vai brincar, normal...

P: E o inverso ali, quando teu time perde, o pessoal te zomba, como é que você se sente?

R: Eu não gosto né, vou levar na brincadeira, não vou falar que não to gostando, que aí mesmo que eles vão cair em cima, mas ninguém gosta de escutar zombaria do seu time, ninguém gosta...

P: E quando acaba o jogo o que vocês fazem?

R: Geralmente nos vamos direto pra casa.

P: Não pára em algum lugar...?

R: Não, não... não porque eu moro ali perto e a gente vai pra casa direto para evitar confusão até mesmo na rua entendeu

P: Agora de uma forma geral, ir ao estádio é uma cultura masculina... e você sendo torcedora de um time e indo ao estádio, como é que você se sente?

R: Como eu já falei entendeu, assim...as coisas vão mudando com o passar do tempo, o que era antigamente, não era aceito pela sociedade, já passa a ser aceito, entendeu... já passa até ser bem visto, as pessoas até, você pode até ver na televisão quando passa assim a câmera aí mostra a mulher e sempre tem um comentário entendeu “ah a torcida feminina...olha as crianças” sempre tem, antigamente acho que você nem via, entendeu... as pessoas já viam com outros olhos, hoje em dia já tá entrando na parte da normalidade mesmo, as pessoas já tão deixando passar batido, assim...como pode se dizer

P: E o que você dos homens que dizem que mulher não deve ir ao estádio?

R: Completamente ultrapassados, não estão acompanhando o tempo, não estão acompanhando as coisas que estão ao seu redor, ultrapassados, machistas, preconceituosos, tudo isso e mais um pouco...(risos)

P: E o quê você acha de homens que dizem que mulher não entende de futebol?

R: Ma...(risos)... na verdade tem algumas que não entendem mesmo, né (risos)... mas aí eu não acho assim meio termo entendeu, porque realmente a gente vai mesmo pra assistir, existem mulheres que entendem muito e hoje em dia tá aumentando mais, mas veja bem...algumas coisas assim não entendem, às vezes fala alguma besteira, aí já acho mais normal, não acho assim nada demais não.

P: Faz parte do aprendizado...

R: Eu acho que faz parte com certeza, porque assim... conforme as mulheres vão começar a aprender mais e tal, já vão aprender o porquê que tá impedido,

quando que vai bater, porque que tá batendo o escanteio entendeu, as mulheres vão aprendendo com o passar do tempo, acho que até hoje em dia elas já sabem mais que sabia ontem, com certeza entendeu, mas o homem fala assim... “você não tá entendendo, não entende” eu acho assim.. mais normal entendeu, mas falar assim que não pode ir eu já acho demais.

P: E o quê que você não entende do futebol em si, do jogo...?

R: Ah...até que eu acho que eu entendo bastante coisa entendeu, mas assim... não no jogo em si, eu procuro assim entender um pouco é essa questão de fanatismo das pessoas entendeu, nas questões de regras e tal pra mim, entendeu... é um pouco mais tranquilo entendeu, já aprendi um pouquinho, entendeu... agora também tem mulheres que não sabem nada, mas eu já sei mais ou menos.

P: E esse aprendizado, por que ele está acontecendo?

R: Justamente é assim...acho que é a questão cultural né, hoje em dia as mulheres estão frequentando mais os estádios, estão se interessando mais por futebol, estão é...normal entendeu, que elas começam entender mais sobre isso, porque se ela tá ali presente, ela vai querer saber que campeonato é aquele, que tipo de ... como é que ele é, se é eliminatória, se é rodízio entendeu, como é que faz pra ganhar os pontos, como é que faz pra chegar até a final entendeu, se não ela vai ficar só lá..ah tá...assistindo o jogo, acabou? não... quero saber o que vai levar ali adiante, entendeu... e... acabou o jogo e aí... ganhou um ponto? Não ganhou? Empatou? Ganhou ponto...não ganhou ponto nenhum, como é que tá a classificação, a tabela...? Se não... não tem objetivo, entendeu?

Entrevista 7

P: Qual a sua idade?

R: 27.

P: Mora em que bairro?

R: Piedade.

P: Torce pra algum time de futebol?

R: Flamengo.

P: Sabe o hino do Flamengo?

R: Todo (risos).

P: Fala aí só um pedacinho pra mim...

R: “Uma vez Flamengo...sempre Flamengo, Flamengo sempre eu hei de ser”

P: Você já foi a estádio de futebol?

R: Sempre...

P: Quais?

R: Maracanã, já fui ver o Flamengo jogar lá em Minas, no Mineirão.

P: Fora o hino em si, existe as músicas que se cantam nos estádios, você sabe alguma delas?

R: Sei, sei... é...ai...agora não lembro...acho que tô nervosa... (risos)

P: Se a música tiver palavrão, você canta?

R: É o que mais tem né... é o que mais tem, infelizmente

P: E você, mas você canta?

R: Canto...canto... (risos), na empolgação da... de levantar o público mesmo, a gente acaba cantando.

P: E no dia-a-dia você fala palavrão?

R: Dificilmente, até mesmo porque o meu convívio de nível de trabalho não me faz eu.... só quando me tiram do sério mesmo (risos).

P: E você sabe nome de jogadores?

R: Sei.

P: Nome de técnico?

R: Sei.

P: Do presidente do clube?

R: Sei, nome do técnico eu só vou me lembrar de.... Leo Moura, Adriano... (risos).

P: Se eu perguntasse pra você definir a sua relação com o Flamengo, como é que você poderia definir?

R: É uma relação de amor, sofrimento, de paixão e de dedicação.

P: E como que idade você foi à primeira vez no estádio?

R: Aos 13 anos.

P: E com quem?

R: Foi com o meu tio que é também Flamenguista, foi me levar no estádio pra assistir e aí virou desde os 13 essa loucura que eu tenho.

P: E com que frequencia você vai ao estádio?

R: Olha... praticamente em todos os jogos do Flamengo no Maracanã, quando eu vejo que a minha loucura é maior aí eu viajo, vou pra fora.

P: Algum tipo de jogo que você vai, contra time pequeno, contra time grande, finais, o jogo... ?

R: Em finais eu tô em todas, todas...todas que...

P: Mesmo sendo final carioca, Flamengo e Vasco?

R: Mesmo sendo Flamengo e Vasco, Flamengo e Botafogo, fui ao final Flamengo e Botafogo, fui agora na... praticamente final Flamengo e Grêmio, onde a gente foi hexa campeão.

P: E costuma ir acompanhada de quem?

R: Sempre dos meus amigos de trabalho, com a torcida também, já fiz parte da Torcida Jovem do Flamengo, só que como eu tava dizendo na outra, a outra questão né... é muita violência, então eu acabei me afastando e me dedicando somente mesmo ao Flamengo e não em si a torcida organizada.

P: E esses amigos que você tem ido ultimamente, são homens e mulheres ou...

R: Mais homens, mais homens, as mulheres tem um pouco mais medo de ir ao estádio de futebol.

P: Por que você acha assim que elas tem medo?

R: Da violência em si, tem muita gente que passa por muitas coisas pra entrar no Maracanã ou em outros estádios, é gás de pimenta, é cavalo em cima de você, é empurra empurra, é roubo, isso aí é a verdade do... que não é mostrado em si na televisão

P: E por que acontece isso?

R: São vândalos, que não são torcedores, entendeu... que eu não classifico isso como torcedores, porque acho que torcedores mesmo vão pra ver o espetáculo do futebol dentro do campo e não pra fazer o que eles fazem na rua e até mesmo nas arquibancadas.

P: E onde você encontra essas pessoas pra ir ao estádio?

R: Eu sempre pego meu ônibus e encontro com o pessoal no Bar da Torcida que é um pouquinho antes do Maracanã, a gente se reúne...

P: Se reúne em frente?

R: A gente se reúne em frente do Maracanã e entra todo mundo junto.

P: E aí bebe uma cerveja antes?

R: Não...eu não bebo, mas meus amigos bebem e agora com esse negócio de alguns metros do estádio não poder beber, eles sempre bebem um pouquinho antes pra não ter que levar nada.

P: Outras garotas que vão, elas ficam lá no bar, também bebem?

R: Ficam, tem duas que estou incentivando a ir mais vezes agora, e também bebem, né... elas bebem juntos com os meninos, mas elas ainda tem um pouco de receio, não são igual a mim não.

P: E você fica em lugar no estádio, na arquibancada...?

R: Sempre na arquibancada...

P: Mas perto da torcida organizada ou em um ponto neutro?

R: Perto da torcida organizada, não dentro, porque dentro tem aquela cobrança toda de cantar o hino sempre, de cantar as músicas que a torcida faz né, pra... até mesmo pra ridicularizar os outros times, aí tem que tocar a bateria, tem os problemas da bandeira, então eu fico em pouquinho mais afastada mais quase perto.

P: Certo... e você quando vai sentar, você olha assim algum local mais específico, ah...não...tem outras...tem mais mulheres aqui ou alguma coisa assim?

R: Não, não tenho, até mesmo porque na arquibancada não tem como sentar, se você sentar você é esmagado, então... quem quer sentar vai sempre de cadeira e a única vez que a gente, única oportunidade que a gente tem pra sentar é no intervalo de um tempo pro outro, mas não me ligo em relação a esse negócio se tem mais mulher ou... eu vou mesmo e nem penso na... nessas coisinhas.

P: E no Flamengo tem alguma torcida organizada feminina que você saiba?

R: Tem....tem, tem.

P: O que você acha da idéia?

R: É legal... é legal, mas a maioria é assim, é mais em comunidade de orkut, é mais em festas, mas quando se junta mesmo pra... “ah vamos na final do Flamengo e vasco?” tem muitas que tem medo, o medo prevalece a elas e elas acabam não indo, aí é mais um torcida fora, fora do Maracanã, fora elas existem, dentro não.

P: E quando você vai ao estádio, você evita algum tipo de roupa?

R: Short muito curto, mas não evito blusa do time, vou com a minha blusa mesmo, gosto, e só mesmo o short, porque é... 90% é homem, então a gente fica com um pouco de receio é... e até porque a gente não tá indo ali pra chamar atenção, a gente tá indo ali pra torcer pelo nosso time.

P: E no estádio, o que te desagradar?

R: As brigas, as brigas, as correrias, a falta de educação de alguns dentro do... dentro da própria torcida, que generaliza assim... o uso de drogas, então você tá do lado e isso te incomoda, até mesmo porque você não faz uso disso, essas coisas me incomodam.

P: Você já passou por alguma situação constrangedora?

R: Já...ja, já na entrada... de ser revistada de forma inesperada, imprensada na parede pelos cavalos, né, é...eu tenho muito medo e quando eu fui ao Mineirão, que eu fui com a Torcida Jovem dentro do ônibus, a gente passou por circunstâncias assim... meias... constrangedoras, tivemos que sair da cidade escoltados, tomamos bala de borracha, então foi um pouco complicado essa situação.

P: Tem alguma sugestão pros estádios, pra acolher melhor... principalmente as mulheres?

R: A sugestão é... uma entrada de repente é... de mulheres, de mães com crianças, que tem mães que levam crianças que querem prestigiar o estádio, querem prestigiar o time, enfim...essas coisas...eu acho que até mesmo pra deficientes que é muito complicado, pra pessoas idosas, eu acho que... por mais que já tenha uma entrada que é reservada a isso, eu acho que deveria ter mais fiscalização, que as pessoas abusam..

P: E o que te motiva a ir ao estádio?

R: O amor pelo meu time (risos)

P: E o que te marca quando você vai ao estádio?

R: Ver o meu Flamengo vencer (risos), a cada jogo é uma emoção diferente.

P: E você xinga os jogadores, técnico, arbitro?

R: Xiiingo... xingo, xingo, fico olhando todos os lances, não sou daquelas que só vai por achar uma diversão, presto bastante atenção mesmo.

P: E como é que você vê os homens no estádio?

R: Como eu vejo... Um bando de vândalos (risos), que xingam muito mais do que eu e... pessoas mais apaixonadas pelo time mesmo, acho que isso.

P: E como é que você as outras mulheres no estádio?

R: Igual a mim... eu sei assim...doidas pelo time e...tem que ter, tem que ter muito amor ao time, para poder passar por isso tudo que eu te falei, antes de entrar no Maracanã, acho que só quem tem amor realmente ao time hoje em dia.

P: Eu acho que você já me respondeu, mas...como é que você se vê nesse espaço?

R: Ah...apaixonada (risos) me vejo muito feliz, uma adrenalina única, que só quem tá dentro de um estádio mesmo com mais de 100 mil pessoas torcendo pelo mesmo... mesmo incentivo, a mesma vontade, acho que isso..

P: Como é que você acha que esses homens a veem olham ali naquele espaço?

R: Olha... quando homem vê mulher no estádio, acha aquilo meio estranho, né... hoje em dia tá até melhor, mas assim...quando um homem olha assim pra mim, me vê torcendo, me vê gritando, me vê cantando até mesmo os hinos do Flamengo e tal, eles olham de uma forma diferente, olham até meio engraçado, assim... eu tive uma experiência dessa onde o menino falou assim “que que você tá fazendo aqui...uma menininha e tal...” que eu tava de short e blusa do Flamengo e eu falei assim “oh...tô na mesma... no mesmo barco que você tá...torcendo pelo Flamengo” e ele “ah...mas você não entende nada não” não... e aí eu fui e mostrei que eu entendia e ele acabou gostando e ficando do meu lado e torcendo junto comigo.

P: E o que você acha quando chega um homem e fala “ah...mulher não entende de futebol” ?

R: Ah, eu acho isso preconceito, hoje em dia tá bem mais avançado, hoje em dia a mulherada quer participar junto, até mesmo pra ficar mais perto dos homens, ou dos seus maridos ou namorados, acho que a mulher busca muito a sua independência, agora... eu vejo que tem muitas indo sem homens mesmo ao maracanã ou a outros estádios, que passa na... passa na televisão, eu acho legal.

P: E o que você acha dos homens que dizem que mulher não deve ir aos estádios?

R: Uma idiotice, uma burrice, porque não existe mais isso hoje em dia, o estádio tá aí, tanto pra homem quanto pra mulher, crianças hoje frequentam, famílias, eu acho super legal, interessante isso.

P: E como é que você se sente nesse ambiente ali que está todo mundo xingando, gritando...

R: Ah...eu tento assim, eu sei que tudo isso acontece né, até mesmo do meu lado, a gente não pode tampar o sol com a peneira, mas eu tento evitar o máximo, eu até mesmo é...chamo às vezes a atenção quando eu vejo do meu lado certas coisas que eu não aprovo, mas infelizmente tem pessoas que... como eu falei, que eu acredito que essas pessoas que fazem isso não são torcedores entendeu, são vândalos, até mesmo teve...passou na Globo, né a briga deles no Leme, dando paulada um no outro, eu acho que aquilo ali não é torcedor, eu acho que aquilo ali são vândalos, são pessoas que infelizmente não teriam nem que entrar dentro dos estádios, teria que ser proibidos... que aquilo ali é... é um espetáculo e é um espetáculo pra todo mundo ver (risos) e eu adoro...(risos)

P: E o que você não conhece ainda de futebol, do jogo em si, que você gostaria de conhecer mais?

R: É... as regras do futebol, assim...eu não conheço muito, até sinto falta disso realmente, porque só torço mesmo quando a bola entra e eu vejo que é gol aí eu grito, ou então quando é pênalti (risos). Eu fiz educação física, mas o lance do futebol na prática mesmo assim, as regras e tal direitinho eu não aprendi, dei prioridade a outros esportes, mas eu sinto falta, sinto falta porque eu tenho que ficar prestando muita atenção e as vezes o árbitro levanta a bandeira e eu não sei o que ele tá marcando, principalmente em impedimento até mesmo porque é difícil, né?

P: E você já deu um exemplo aqui, mas...você conversa com desconhecidos?

R: Converso...adoro, adoro conversar com desconhecidos

P: E sobre o que?

R: Sobre o futebol, até mesmo fiz recentemente várias amizades no Maracanã que nós trocamos telefone e aí tamos nos conhecendo, né... criando novas amizades, mas a gente no Maracanã... a gente conversa sobre o futebol, fora do Maracanã a gente conversa do dia-a-dia, do trabalho, de sair pra jantar, de sair

pra balada, e é isso... adoro fazer novas amizades, sou comunicativa pra caramba, pra caramba...

P: E depois do jogo, o que vocês fazem?

R: Sempre quando o Flamengo ganha né, vence, a gente vai pro barzinho, tem um bar lá na tijuca "o Buxixo" onde todo mundo se reúne e vai todo mundo pra lá, quando o Flamengo perde, eu volto correndo pra minha casa, triste...(risos)

P: Você está em uma rodinha com mulheres, mulheres que não vão ao estádio e você fala que vai ao estádio, o que elas acha disso?

R: Isso é o que mais acontece, principalmente no meu trabalho, nós somos no meu trabalho, um grupo de 10 mulheres onde todas queriam ir e ninguém vai, aí quando eu chego lá no dia seguinte com a blusa e tal ou elas veem fotos minha, que eu tenho fotos no orkut, dos...dos estádios, elas falam... "Olha...você é maluca...você vai pra esse negócio, onde tem briga e tal"... é porque a imprensa também passa muito dessas coisas, né... elas não passam só o lado bom, elas passam o lado ruim também e elas ficam com medo, mas eu tento incentivar a elas irem, espero que um dia todas vão junto comigo (risos)

P: Tu acha que hoje em dia o maior empecilho é a violência?

R: A violência e também o preconceito

P: Preconceito?

R: É... da parte dos homens, a maioria tem namorada e é casado e tem muitos homens que por incrível que pareça não gostam de futebol, aí a mulher acaba também não indo muito

P: E quando o teu time ganha você zomba de outras...?

R: Ah... muiiito (risos) muito mesmo.

P: E quando o Flamengo perde, zombam de você, o que você sente?

R: Eu não gosto, eu não gosto, já fico irritada, a minha mãe é vascaína, né, e lá em casa a gente tem esse lema assim... que se o Vasco vencer, beleza, ela comemora pra ela e fica quietinha, se o Flamengo vencer eu também sei comemorar na calma, mas se o meu time perde, ela sabe que não pode comentar nada, porque eu fico muito irritada, mas quando o time ganha desses times assim...que eu não gosto e eu sei que tenho amigos que aguenta brincadeira, aí eu brinco, mas tem pessoas que não aceitam brincadeira.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)